

APRESENTAÇÃO

A pessoa ou grupo, se constitui a partir daquilo que conserva dos numerosos dons vitais, culturais e espirituais recebidos dos antepassados. A memória, quando exercida no horizonte da fé, torna-se entrega e abandono à Palavra que alimenta a vida, ao amor que a perpassa, à verdade que a ilumina e, os dons, passam a ser considerados expressão da generosidade e da gratuidade de Deus. Ao fazer memória da história da congregação, não apenas se recorda os eventos do passado, mas torna-se presente um dinamismo vital que a faz caminhar e inspira um futuro impregnado de esperança, porque a *memória é órgão do futuro* (s. Agostinho).

Neste primeiro volume da história das *irmãs missionárias de São Carlos, Scalabrinianas*, que abrange o período de 1895-1934, irmã Lize Maria Signor dedica-se pacientemente em colocar de forma atraente e documentada, o caminho histórico da congregação mscs e o faz sob diversos aspectos: social, econômico, político, cultural, eclesial e religioso. Constata-se o seu empenho em buscar os elementos para construir a nossa história e mostrar como a existência da congregação das irmãs mscs, é caminho histórico missionário de serviço evangélico aos migrantes, que se torna encarnação das palavras de Jesus Cristo: *Era peregrino e me acolhestes* (Mt 25, 35).

Com a diligência que lhe é própria, Ir Lize busca os dados nas fontes históricas congregacionais e registra com sabedoria a vida e a missão das irmãs mscs nos primórdios do instituto scalabriniano feminino. Esta publicação acontece no Ano Scalabriniano, quando a família scalabriniana celebra o centenário de morte do fundador, bem-aventurado João Batista Scalabrini (1905-2005) e a congregação mscs completa 110 anos de fundação. No decorrer desses anos, percebe-se a presença amorosa e providencial de Deus Pai, que acompanha e conduz a evolução da congregação, na qual *evidencia-se a potencialidade do carisma que sustenta a sua continuidade no tempo*.

Os elementos que emergem desta obra iluminam de forma particular a vida e a missão congregacional em seu fazer-se *migrante com os migrantes*. A experiência, a perseverança e a audácia que marcaram a vida de nossas irmãs que fizeram história até 1934, encorajam e impulsionam a missionária scalabriniana a buscar, hoje, formas criativas de fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo e de atuação do carisma scalabriniano. O olhar retrospectivo motiva a agradecer, a contemplar, a retomar-se, reavivando o diálogo entre carisma e realidade e abrindo-se aos novos e pertinentes desafios do fenômeno migratório, os quais se constituem em novos *areópagos* para a missão eclesial.

A certeza de que a congregação esteve sempre nos planos de Deus, amada e querida por Ele, leva a agradecer-Lo por ter inspirado e conduzido os caminhos do fundador João Batista Scalabrini e dos co-fundadores, madre Assunta Marchetti e pe. José Marchetti. A continuidade da existência da congregação na igreja é um sinal do amor e da misericórdia de Deus em favor de seus filhos dispersos nos caminhos do mundo. A Ele, uno e trino, suplicamos a sua proteção amorosa sobre todos os que conosco partilham o

carisma scalabriniano. E com Maria, a Mãe peregrina com todos os migrantes, elevamos um cântico de ação de graças pelas maravilhas que o Senhor realizou em nossa história.

Irmã Maria do Rosário Onzi, mscs
Superiora Geral

INTRODUÇÃO

Este escrito, primeiro de três volumes, demonstra porque no século XIX entre inúmeras novas fundações de institutos de vida religiosa, distintos nas formas e solidários na ação apostólica, inclui-se a congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas. E como ela se desenvolveu no Brasil nas primeiras décadas do século XX.

A fundação da congregação mscs e de outras instituições voltadas à causa da migração italiana que na época atingia cifras elevadas e abria à igreja novo e amplo campo pastoral resultou da inserção, nesse contexto, de João Batista Scalabrini, bispo de Piacenza. A abertura à dimensão social da fé, o ideal transformador que movia o bispo e sua visão do fato migratório no tempo traduziram-se em uma obra que continua a se revelar profecia autêntica também na atualidade.

A respeito do instituto scalabriniano feminino que tem como co-fundadores os irmãos, padre José Marchetti e madre Assunta Marchetti, há uma pergunta provocativa que é preocupação primeira deste estudo e a questão principal posta à sua evolução histórica: a congregação mscs mantém-se no tempo uma resposta profética ao projeto sócio-pastoral de João Batista Scalabrini? O caráter carismático do projeto scalabriniano está nos seu apelo e encarna na história da igreja e da humanidade o evangelho de Mateus 25,35 à luz do qual a presente investigação se norteia.

Objetivo é averiguar a orientação pastoral seguida pelo instituto scalabriniano feminino e a resposta concreta da irmã mscs, a fim de identificar os critérios de suas opções apostólicas e os pontos de convergências com o modelo proposto pelo projeto eclesial, bem como conhecer a efetiva contribuição da congregação e favorecer renovadas respostas no campo pastoral que é a razão de sua existência.

Em base à teologia da vida consagrada e ao magistério da igreja que orientam as famílias religiosas a se manterem fiéis à inspiração primeira do instituto, ressaltando a exigência de contínua adequação da atividade pastoral aos apelos hodiernos do carisma de origem, julgamos necessário conhecer a evolução histórica da congregação mscs em mais de cem anos de presença pastoral e as responsabilidades que derivam hoje de sua missão na igreja e no mundo.

A retomada de anterior estudo da história da congregação scalabriniana feminina propõe uma hipótese básica: a conjuntura que caracterizou a fase de transição do século XIX para o século XX, em particular o contexto da Itália e Brasil, foi fator determinante no surgimento do instituto como necessidade de complementar o projeto sócio-pastoral de Scalabrini em território brasileiro onde, na itinerância apostólica junto a imigrantes italianos estabelecidos em São Paulo e no Rio Grande Sul configurou-se a fisionomia da irmã mscs e onde, entre 1895 e 1934 a congregação expandiu-se e consolidou-se, desenvolvendo adequada atividade pastoral em sintonia com a igreja local e interagindo diante dos desafios próprios da sociedade da época. Apenas

algumas opções pastorais desse período distanciaram-se da intenção original e tiveram menos expressão como obra scalabriniana.

Para comprovar a hipótese organizamos os primeiros quarenta anos da história da congregação em três partes, cada uma desenvolvida em três unidades na primeira das quais abordamos aspectos da conjuntura mundial característicos do espaço de tempo em estudo, tendo em vista enquadrar a evolução histórica do instituto num contexto mais amplo, dando destaque às situações de mobilidade humana decorrentes do mesmo contexto porque constituem a matéria prioritária na opção apostólica salabriniana e o campo pastoral onde a irmã mscs realiza sua intransferível missão.

Na parte I analisamos o período 1895-1907 que assinala a fase inicial do processo de fundação do instituto, as circunstâncias em que a irmã de São Carlos viveu a missionariedade e plasmou sua identidade religiosa-pastoral, bem como os pontos de convergência com o projeto scalabriniano e com o modelo eclesial de então. A congregação mscs iniciou sua trajetória apostólica no orfanato Cristóvão Colombo em São Paulo, Brasil, quando o país ainda vivia a passagem do regime imperial para o regime republicano que inclui a separação da igreja e estado, fato que teve reflexos nas relações entre classe política e clero. Os missionários estrangeiros por sua vez, além dos problemas criados pela nova realidade, enfrentaram dificuldades no interno de igrejas locais em razão dos diferentes modos de entender o fato migratório e o processo de integração do imigrante.

Aparte 2 atém-se aos anos 1907-1920 respectivamente, início de reorganização interna do instituto depois de separada inúmeras vicissitudes e celebração do 25º aniversário de fundação da congregação. Reorganizado, o instituto viveu um tempo de relativa expansão missionária, contribuindo de maneira significativa na promoção e integração de imigrantes italianos e seus descendentes estabelecidos em território brasileiro.

Como as anteriores a parte 3, que compreende o período 1920-1934, desenvolve-se em tríplice abordagem: o contexto internacional no entre guerras; uma nova crise interna que motivou a intervenção da Sé Apostólica no instituto; a resposta religiosa-pastoral da irmã em quarenta de presença no Brasil e a consolidação do instituto, declarado direito pontifício em janeiro de 1934.

Este escrito de caráter narrativo-cronológico resulta sobretudo de pesquisa de arquivo. Dada a organização do instituto, então centralizada, a opção principal foi seu arquivo geral. Ajudaram também outros registros de presença da irmã mscs no orfanato Cristóvão Colombo e algumas fragmentadas informações contidas em livro tombo, bem como obras de história utilizadas na elaboração das sínteses conjunturais e pesquisas sobre o movimento migratório no tempo. Dos anos de intervenção da Sé Apostólica na congregação mscs resultaram importantes documentos obtidos junto ao arquivo do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes.

Temos bem presente que este escrito deixa ainda muitas páginas em branco. Preencher essas lacunas, em especial aquelas relativas à trajetória histórica de ação pastoral da irmã mscs, possibilita avaliar melhor os modos de expressão do instituto no tempo e abre novos caminhos ao potencial

transformador do carisma scalabriniano, sempre capaz de prospectar desdobramentos ricos de futuro.

PARTE 1 – 1895-1907

PROCESSO DE FUNDAÇÃO
DA CONGREGAÇÃO
FISIONOMIA DA IRMÃ MSCS

Processo de fundação da congregação Fisionomia da irmã mscs

Esta primeira parte da história da congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo situa-se entre os anos de 1895-1907 e compreende três unidades: elementos conjunturais que caracterizam o período; iniciativa da fundação do instituto como exigência de complementaridade de projeto sócio-pastoral de d. João Batista Scalabrini, bispo Piacenza e destinado à assistência e promoção de emigrados italianos nas Américas; configuração da identidade da irmã missionária scalabriniana.

O estudo parte de antecedentes da fundação e aborda aspectos ligados ao quadro econômico, às mudanças políticas, ao processo cultural e às transformações sociais de um contexto a que se mantinha atento o Bispo de Piacenza. Da combinação de fatores conjunturais resultaram fatos novos, entre eles o êxodo italiano que motivou a fundação das instituições scalabrinianas. Finalidade das fundações era o serviço evangélico junto aos migrantes italianos que a partir da segunda metade do século XIX dirigiam-se em massa para as Américas.

O ato de fundação da congregação das irmãs missionárias de São Carlos ocorreu a 25 de outubro de 1895 em Piacenza, na Itália. João Batista Scalabrini, que havia fundado em 1887 a congregação dos padres missionários de São Carlos e instituído em 1889 a associação de patronato São Rafael, foi o fundador do instituto feminino, *fonte da vocação e do espírito comum com seu carisma pessoal*, determinando-lhe a finalidade, o espírito e o modo de vida. Padre José Marchetti, associado à obra de Scalabrini, *teve papel ativo importante na organização e instituição material da nova fundação*, imprimindo-lhe também uma peculiar marca¹. O missionário e sua irmã, madre Assunta Marchetti, que *salvaguardou o carisma das origens* quando crises ameaçaram a continuidade do instituto, foram os *co-fundadores efetivos* da congregação scalabriniana feminina².

Ao instituto scalabriniano feminino foi confiada, no início, a missão de complementar a ação sócio-pastoral desenvolvida pelos padres missionários de São Carlos juntos aos imigrantes italianos estabelecidos no Brasil. Logo, às centenas, meninas e meninos órfãos foram acolhidos pelas irmãs mscs no orfanato Cristóvão Colombo fundado por padre José Marchetti, em São Paulo.

Neste período, heróico no dia a dia vivido entre vicissitudes, conflitos e incertezas, comuns na história de institutos religiosos, configurou-se a fisionomia da irmã mscs. Cedo as irmãs missionárias de São Carlos entenderam o significado de sua identidade. Desafiadas, a preservaram com denodo próprio das conquistas conscientes o que, além do testemunho

¹ LOZANO, Juan. M. Lettera a Lice Maria Signor. Chicago, 2-2-1985 (AGSS = Archivio Generale Suore Scalabriniane 1.4.4.).

² ANTONELLI, Francesco. Fondatore e Confondatori delle suore scalabriniane per i migranti o missionarie di san Carlo borromeo. Roma, 2000 (AGSS 1.12.2)

evangélico pessoal e coletivo, possibilitou a continuidade dinâmica de um carisma concedido à igreja em benefício da sociedade humana.

1.1 ASPECTOS CONJUNTURAIS DO PERÍODO DE FUNDAÇÃO DO INSTITUTO

1.1.1 Quadro econômico

O processo de fundação da congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas, coincidiu em linhas gerais com a transição do século XIX para o século XX. Neste período a Europa detinha o domínio econômico no contexto mundial, porém a conjuntura delineava-se outra, menos favorável às pretensões do velho continente. Para compreender essa mudança é necessário retroceder no tempo e situá-la em sua ligação com precedentes realidades.

Na época do feudalismo, que vigorou durante a Idade Média a terra significava prestígio e riqueza. Pouco a pouco os remanescentes do regime foram liquidados. A Idade Moderna, período histórico que mal começava no tempo de São Carlos Borromeo, passou a considerar velho tudo o que se relacionava com o regime feudal. O modo de enriquecer foi posto em discussão e isso configurava já a transição do feudalismo para o pré-capitalismo:

Quando a riqueza está quase toda em mãos dos grandes proprietários, quando a principal fortuna é a terra, aqueles que não a possuem sobram nos quadros nacionais, vegetando, pobres e sem função, nos instáveis núcleos urbanos. Eles é que constituem as grandes correntes humanas que emigram da Europa e vão tentar a sorte além, de onde voltam ricos³.

É evidente a repetição em outros contextos históricos, de aspectos da realidade acima descrita. Por ora interessa observar que, no campo econômico, logo começaria a predominar o capital resultante do comércio e a afirmar-se a atividade manufatureira. Os bens móveis passariam a se impor sobre os bens imóveis.

A partir do século XVI desenvolveram-se princípios adotaram-se medidas de caráter econômico, visando a obtenção de metais preciosos como forma de riqueza. O conjunto de princípios e práticas adotadas constituiu o mercantilismo, nome que derivou de valorização maior da atividade mercantil, considerada fator principal de acumulação de ouro e prata, agora fundamento da riqueza e do poder. A chamada revolução comercial consistiu na intensificação da troca de mercadorias, mas incluiu também a pilhagem, a escravidão e as conquistas territoriais. A posse de colônias adquiriu particular importância na época do mercantilismo:

A colônia existe para servir à metrópole; cabe-lhe apenas fornecer matéria prima para que a metrópole a aproveite e elabore. É uma divisão internacional do trabalho que se sanciona: cabe aos nativos plantar, extrair riquezas do solo ou sub-solo; a metrópole, constituída por povo superior, deve

³ IGLÉSIAS, Francisco. História e ideologia. 2. Ed. São Paulo, Perspectiva, 1981. P. 67-8.

*aproveitar as matérias recebidas, elaborando-as como melhor lhe parecer*⁴

Ao mercantilismo, que impôs o sistema colonial, ligou-se a formação da burguesia. A nova classe social, em que se distinguem comerciantes, fabricantes e financistas, tornou-se dona do capital. Os modos desenvolvidos pela burguesia para acumular capital foram a concentração dos meios de produção e do dinheiro obtido mediante atividade comercial, agrícola, manufatureira e mesmo através do contrabando e do tráfico de escravos. A acumulação de capital e a liberação de mão-de-obra foram pré-condições da revolução industrial. Ocorrida a partir do século XVIII, no decorrer do qual desgastara-se o mercantilismo, a revolução industrial significou a concretização do modo de produção capitalista. A mecanização das indústrias teve início na Inglaterra. Só em meados do século XIX o processo atingiria outros países.

Desde a invenção da máquina a vapor, que marcou o começo do industrialismo, a revolução industrial evoluiu muito, tendo passado por várias fases. A primeira processou-se entre 1760 e 1870; a segunda entre 1870 e 1945; a terceira fase, iniciada em 1945, coincide com o acelerado incremento do *diferencial de produtividade* entre países desenvolvidos do norte e países subdesenvolvidos do sul⁵. O fenômeno, acentuado nos últimos decênios, tende a manter cada vez mais elevada a produtividade per capita no norte, em relação ao sul. Parafraseando com Helió Jaguaribe pode-se dizer que o diferencial de produtividade norte-sul inexistia no tempo de São Carlos Borromeo, mas já se configurava na época do mercantilismo e se avolumava no tempo de João Batista Scalabrini.

O quadro econômico internacional, quando da fundação da congregação MSCS, caracterizava-se pelo crescimento da atividade industrial que, então, já atingia a França, Alemanha, Estados Unidos e o Japão. Entre 1889 e 1910 também a Itália passou a viver um período de maior desenvolvimento econômico ativando, inclusive, seu processo de industrialização.

O campo econômico foi atingido de modo particular pela utilização da eletricidade e do petróleo como novas fontes de energia. A conversão do ferro em aço favoreceu a construção civil, possibilitou a multiplicação de ferrovias e a inovação nos transportes e nas comunicações em geral. De modo simultâneo ocorreu o aumento da produção industrial e da produtividade, a divisão técnica do trabalho e a progressiva concentração de empresas. Foi, em síntese, a indústria que *modelou a economia do século, imprimindo-lhe características novas e impondo, direta ou indiretamente, mudanças em todos os sentidos*⁶.

⁴ Ibid., p. 67.

⁵ JAGUARIBE, Helió. Novo cenário internacional. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1986. P. 365.

⁶ IGLÉSIAS, Francisco. História e Ideologia, op. cit., p.74.

1.1.2 Mudanças políticas

As transformações decorrentes da revolução industrial, de modo direto ou indireto, incluem as de ordem política. Para conhecê-las há que se retornar, ainda que em breve síntese às mudanças ocorridas na Europa em nível de infra-estrutura econômica a partir da Idade Média e que determinam mudanças na superestrutura política da Idade Moderna e Contemporânea.

Condições ambientais favoráveis somadas ao movimento das cruzadas, expedições de cristãos à Palestina e que pretendiam expulsar os muçulmanos da terra de Jesus e dos lugares por ele percorrido, haviam proporcionado à sociedade européia desde fins do século XI um tempo de prosperidade comercial que beneficiou, sobretudo, os comerciantes de cidades italianas entre as quais Veneza, de modo especial. O estímulo vindo desse comércio bem sucedido, o interesse pelos metais preciosos, a necessidade de fazer frente a posterior período de depressão, o patrocínio dos empreendimentos marítimos de parte de monarcas necessitados de recursos para a formação do estado nacional moderno, foram fatores importantes da expansão marítima ocorrida nos séculos XV e XVI.

A formação do estado nacional moderno, na verdade, exigiu recursos humanos e financeiros para os quais contribuiu a burguesia, interessada nas vantagens de uma aliança com as monarquias. É o que a estrutura do feudalismo medieval, com numerosas alfândegas e variedade de moedas, com diversificada legislação, dificultava a atividade comercial a que se ligava a burguesia. Assim que a descentralização, característica do regime feudal em que rei não exercia o poder, foi substituída pela centralização política e territorial. Do feudo auto-suficiente em que a terra constituía a principal fonte de riqueza, agrário em sua essência e submisso ao senhor feudal, aos poucos passou-se para o estado nacional moderno. Alemanha e Itália constituíram exceções nessa evolução política, permanecendo fracionada em estados menores, até realizarem sua unificação na segunda metade do século XIX.

O processo de centralização do poder dos reis e unificação territorial evoluiu em muitos estados para a monarquia absoluta que caracterizou a Idade Moderna, como vimos, tempo de transição do feudalismo para o capitalismo. O absolutismo foi condicionado, na prática, pelo contexto sócio-econômico da época. O fato de o monarca pertencer à nobreza, de origem feudal, limitou a aliança entre monarquia e burguesia.

A ordem feudal-absolutista na qual coexistiam relações feudais e relações capitalista, constituiu o chamado antigo regime, contestado por sucessivas revoluções liberais iniciadas no último quartel do século XVIII e que se estenderam até meados do século XIX, com reflexos também na América Latina. Foram as colônias inglesas da América que deram início e esse processo político revolucionário que teve a Revolução Francesa, 1789-1799, a sua expressão maior.

As revoluções liberais representam, em nível político, o que a revolução industrial significou no campo econômico. Enquanto o liberalismo econômico pregava o direito à propriedade individual, o liberalismo político defendia a representatividade e os governos constitucionais. Através das revoluções liberais a burguesia conquistou o poder político a que aspirava e pôs fim ao antigo regime. O congresso de Viena, 1814-1815, pretendeu restaurar o antigo regime. A santa aliança, feita em nome da religião pelos monarcas da Prússia, Rússia e Áustria foi também uma tentativa de deter o avanço dos movimentos liberais. Inglaterra e França reforçaram, depois, o bloco da santa aliança que autorizava até a intervenção armada onde ocorressem revoltas de cunho liberal e nacionalista.

Em um século rico de ideias novas, liberalismo e democracia defenderam os interesses sócio-econômicos e as aspirações políticas da burguesia. Os princípios do liberalismo aplicados à nação originaram o nacionalismo, outra ideia que se impôs no tempo de Scalabrini. Com o advento do socialismo a burguesia, preocupada em manter suas conquistas no campo sócio-econômico, favoreceu a política das nacionalidades. A ideia de nação corporificou-se no século XIX, levando Alemanha e Itália à unificação política entre 1833 e 1970. João Batista Scalabrini tinha 30 anos de idade quando a Itália completou sua unificação política. Madre Assunta Marchetti, ao invés, nascida em agosto de 1871, viveu desde o berço a nova realidade política de seu País.

O contexto da fundação dos institutos scalabrinianos caracterizou-se ainda pela expansão imperialista. A colonização foi seu instrumento. Para a política colonial, intervencionista ao extremo, o bem estar do povo contava. O que mais importava era o lucro, a riqueza do estado. Da época do mercantilismo à primeira guerra mundial, 1914-18, onze países tornaram-se potência coloniais: Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha, Itália, Rússia, Estados Unidos e Japão.

O imperialismo se explica pela ligação da política como o universo das finanças e com as forças militares. Ainda que contestada por intelectuais e mesmo por estadistas e economistas, a política de aquisição de colônias ampliou-se. Nos dois últimos decênios do século XIX e iniciou do século XX multiplicaram-se anexações, acordos e conquistas, na ânsia crescente de dominação política pelas grandes potências de então. Apesar da intensa mobilização a maioria das pessoas sequer suspeitava na deflagração de uma guerra mundial, mas a mente vigilante de Scalabrini intuiu a fragilidade daquele contexto que logo faria desmoronar a aparente segurança e tanta certeza de paz duradoura.

1.1.3 Processo cultural

O desenvolvimento cultural tem estreita vinculação com o processo econômico e com o político ainda que seja quase sempre *determinado por sua própria dinâmica, cujo ritmo tende a ser bem mais*

*lento que o de outros processos*⁷. A realidade cultural oitocentista, analisada desde seus antecedentes ou considerada em seu envolver no tempo, revela um acelerado progresso da ciência e da técnica e permite ao mesmo tempo identificar *um enorme acervo de valores privados de credibilidade, sem que tenham surgido alternativas com validade universal, capazes de restaurar o sentido da vida*⁸.

Quando a congregação mscs iniciou sua trajetória histórica em fins do século XIX, um acúmulo de inventos e de realizações surpreendia de modo especial a sociedade europeia, dando a muitos a sensação de plenitude. Nesse clima João Batista Scalabrini observou sem ilusões, a par do desenvolvimento, também *sinistros indícios de uma procela* e alertou quanto à necessidade de uma nova ética, aberta *ao bem e à verdade*, para reverter a situação e tornar o final de século *um plácido acaso, prenúncio de uma aurora mais serena e tranquila*⁹.

O fato de as transformações em nível de infra-estrutura econômica-social provocarem mudanças na superestrutura política e ideológica faz retornar à Idade Moderna e buscar no humanismo as raízes do progresso e da crise de valores no tempo de Scalabrini.

O movimento humanista rompeu com os padrões culturais do período medieval e constituiu parte de amplo e complexo processo, explicável a partir de mudanças circunstanciais históricas. O humanismo significou a passagem de uma visão de mundo teocêntrica, característica da Idade Média, para uma visão antropocêntrica. O espírito de associação foi substituído pelo individualismo. A mudança na estrutura do pensamento levou o homem da Idade Moderna a optar pelo caminho da descoberta e da explicação científica dos fenômenos e das leis próprias da natureza e do universo. A revelação divina deixou de ser considerada a fonte do conhecimento. Não seria mais a fé a guiar os homens, mas a razão.

Expressão maior do humanismo foi o Renascimento com suas manifestações artísticas, com diversificada produção literária e filosófica, com descobertas científicas que transformaram a civilização europeia. Entre as tantas novidades da época da Renascença, a percepção da natureza e o universo em constante movimento teve consequências profundas na evolução histórica da humanidade. Superada a noção de universo como realidade estática, também a imobilidade das instituições e os princípios com base na tradição passaram a ser contestados.

Produto desse ambiente foi a Reforma, iniciada por Lutero. A ela a igreja católica respondeu com a Contra-Reforma que teve no concílio de Trento, 1545-1563, uma oportuna realização e em São Carlos

⁷ JAGUARIBE, HELIO. Novo Cenário internacional, op. Cit. P. 14.

⁸ Ibid., p. 15.

⁹ SCALABRINI, Giovanni B. Il socialismo e l'azione Del clero. Piacenza, 14-4-1899. In: Scritti, op. Cit., v. 12, p. 346. Scritti é o acervo dos escritos de Giovanni Battista Scalabrini, editados ou inéditos, reunidos em 14 volumes sob a responsabilidade do então arquivista geral da congregação dos padres missionários de São Carlos – scalabrinianos, Mario Francescani. Os escritos editados foram reproduzidos, fotocopiando os originais impressos. Os inéditos foram transcritos de documentos de arquivos. A obra foi realizada em Roma no ano de 1980.

Borromeo, o inspirado protagonista. Entre 1565 e 1584, desde Milão onde residia, Carlos Borromeo foi enérgico e incansável fator da reforma católica. Na época, além de São Carlos, outros santos e novas ordens religiosas como a dos jesuítas facilitaram à igreja católica a necessária renovação, realizada segundo o espírito do concílio de Trento.

Outro importante precedente do processo cultural característico do século foi o iluminismo de caráter intelectual originado da revolução científica e de correntes filosóficas do século XVII. Os fundamentos da ideologia liberal burguesa e a preparação do caminho revolucionário que pôs fim ao antigo regime são obra de pensadores iluministas do século XVIII. Tem-se, então, que por *razões econômicas e políticas, amplia-se o movimento de ideias de superação dos sistemas antigos; o racionalismo postula a liberdade*¹⁰.

Chegada a Idade Contemporânea o progresso tecnológico impõe-se, cresce o ritmo do desenvolvimento *de modo que em um ano se verificam mais mudanças que em decênios ou séculos anteriores*. As novas descobertas, a importância maior dada à química, o uso da ciência na produção industrial, a inovação nos transportes, a exploração de novas terras, o conhecimento mais detalhado do planeta marcam o século XIX. O colonialismo, por outro lado gera subordinação, até mesmo no campo do pensamento. Em nível de ideologia a Europa *traduz esses interesses expansionistas numa racionalização do comportamento*. A estruturação da sociedade em classes justifica o domínio de um estado sobre o outro, considerado inferior. Nesse momento do processo cultural o *evolucionismo fornece as pretensões europeias à superioridade. O continente criara padrões culturais que considera os mais altos*¹¹.

Em meio a preconceito de superioridade de cultura e de raça a sociedade ocidental vê crescer e consolidar-se o capitalismo, fato que contribui para o surgimento de novas ideias no decorrer do oitocentos. O liberalismo, ideologia predominante no século XIX expressa as aspirações da burguesia. A classe burguesa apoia-se na democracia, que garante os direitos naturais do indivíduo, incluído o direito à propriedade privada. O socialismo, outra ideologia produzida no século XIX, propõe uma profunda transformação da sociedade. O proletariado, que aspira a uma sociedade igualitária, apoia-se nas ideias socialistas.

Acima de liberalismo e socialismo, ideologias que se opõem, o catolicismo social expressa o empenho da igreja católica em buscar no ensinamento cristão soluções para os problemas sociais originados do capitalismo. O socialismo cristão fortaleceu-se com a publicação em 1891, da *Rerum Novarum* de Leão XIII, encíclica em que é exposta a doutrina social da igreja católica e com a qual identificou-se o pensamento e a obra sócio-pastoral de João Batista Scalabrini. Sobre a *Rerum Novarum* o Bispo de Peacenza faria algumas considerações pessoais, como se pode constatar no opúsculo, *Il socialismo e l' azione*

¹⁰ IGLÉSIAS, Francisco. História e ideologia, op. Cit., p. 69.

¹¹ Ibid., p. 73-102.

Del clero, de abril de 1899. Leão XIII, o *papa dos trabalhadores*, era um homem culto, de visão ampla, que ilustrou com seus ensinamentos a relação entre igreja e cultura e estimulou os católicos a uma ativa participação política, social e cultural.

Apesar das conquistas sociais e da reconhecida autoridade moral dos pontífices e de outros líderes que honraram a família humana com sua concepção de vida e de mundo, a despeito da revolução intelectual dos séculos precedentes e do apogeu da ciência que caracterizou o período 1830-1914, a transição de século somou a esse fenomenal desenvolvimento produzido pelo espírito humano, a degradação do ideal de liberdade e democracia. Entre 1894 e 1914, tempo em que se enquadram os dois primeiros decênios da história mscs, a Europa ocidental chegou a desfrutar de excepcional propriedade. Era a *belle époque*, que iludiu a tantos e fez imaginar um mundo harmonizado, de segurança plena, precedido já pela claridade que o novo século projetava. O processo cultural, porém, não conseguiu transcender o humanismo e mostrou-se incapaz de envolver a totalidade das aspirações humanas. Nesse momento histórico faltou a muitos uma leitura de fé do significado mais profundo das conquistas do homem e a convicção de que o conceito de civilização tem muito a ver com o modo de relação dos homens e dos povos entre si. Não calaram sua voz os mais atentos, aqueles que deram seu contributo para uma efetiva transformação da sociedade humana. Entre esses, João Batista Scalabrini. No ano de 1901, em discurso proferido em Nova York por ocasião da viagem que fez aos Estados Unidos, ainda que enaltecendo os avanços de seu tempo, Scalabrini acentuou o objetivo mais alto do caminho da humanidade:

*enquanto o mundo se agita ofuscado pelo seu progresso, enquanto o homem se vangloria de suas conquistas sobre a matéria e como patrão comanda à natureza, desentranhando o solo, subjugado o ráio, confundindo as águas dos oceanos com o talho dos istmos, suprimindo as distâncias; enquanto os povos sucumbem, ressurgem e se renovam; enquanto as raças se mesclam, se disseminam e se confundem; através do ruído de nossas máquinas, para além atividade febril, de todas essas obras gigantescas e não sem elas, vai maturando aqui em baixo uma obra bem mais vasta, bem mais nobre, bem mais sublime: a união em Deus, por Jesus Cristo, de todos os homens de boa vontade...*¹².

1.1.4 Transformações sociais

No decorrer do século XX antigas e novas correntes de pensamento buscaram a construção de um novo tipo de civilização. Liberalismo, socialismo, marxismo, comunismo fizeram acreditar na transformação da sociedade pondo Deus de lado, mas a união dos homens entre si, a paz e a solidariedade não se sustentam sem a união dos homens em Deus.

Uma análise retrospectiva do mundo ocidental mostra que a renovação no campo cultural, obra dos humanistas, precedida de amplo quadro de mudanças econômico-políticas e de consequente transformação no tecido social do ocidente. Pouco favoreceu as massas.

¹² SCALABRINI, Giovanni B. Discorso al Catholic Club di New York, 15-10-1901. In: Scritti, op. cit., v. 2, p. 234.

Apesar de sua posição antropocêntrica, voltada para a glorificação do homem, o movimento humanista abriu limitadas possibilidades de melhorar a qualidade de vida da maioria das pessoas.

Do ponto de vista jurídico, durante a Idade Moderna a sociedade europeia manteve-se dividida em classes: clero, nobreza, povo. Entre o povo, pouco a pouco, afirmou-se a burguesia como classe empreendedora, alterando a composição da sociedade ocidental.

A lenta ascensão da burguesia resultou da expansão do comércio que, de local, tornou-se nacional e depois internacional. Com a ampliação do mercado, entre o produtor e o consumidor começou a se impor o intermediário, voltado para a atividade comercial. A revolução comercial substituiu a economia um tanto estática da Idade Média pelo capitalismo dinâmico de comerciantes, armadores e banqueiros. No início, como vimos, foi em cidades italianas que mais cresceu o número de burgueses bem sucedidos no comércio. A partir das grandes navegações marítimas contaram-se entre os burgueses, comerciantes, depois manufatureiros e financistas. Os novos grupos, voltados para o trabalho e preocupados com o lucro, tornaram-se donos dos meios de produção, acumularam capital, derrubaram o antigo regime.

A acumulação de capital pela burguesia foi ampla, tendo se processado no setor mercantil e, com importância maior, nos setores agrícola e industrial. Capital e trabalho tornaram-se elementos fundamentais na implantação do sistema capitalista.

A afirmação do capitalismo e o fortalecimento da burguesia resultaram, sobretudo, da revolução industrial que foi precedida pela revolução agrícola, com a qual teve profunda ligação. O capitalismo afirmou-se nos centros urbanos, onde surgiu a indústria fabril e no campo, onde ocorreu grande inovação nos métodos e técnicas de criação de gado e de cultivo da terra.

A transformação no setor agrícola iniciou na Inglaterra e passou depois à Europa continental. Intenção era aumentar a produtividade do solo, tendo em vista lucros maiores. A época foi de grande interesse pelos produtos agrícolas industrializáveis, o que as mudanças na área rural.

Em sua dimensão social revolução agrícola significou o fim da comunidade aldeã, característica da Idade Média, em que o cultivo da terra era feito por grupos, seguindo um sistema que impedia a iniciativa individual.

Ainda no século XVI iniciara na Inglaterra o cercamento dos campos em áreas destinadas às pastagens para a criação de ovinos, visando a produção de lã. No século XVIII o cercamento teve um renovado impulso, agora com o objetivo de alargar as áreas de cultivo de cereais. Muitos proprietários rurais ampliaram as terras sob seu controle mediante a supressão de terrenos comunais e a expulsão dos arrendatários.

O cercamento dos campos mudou a estrutura da propriedade, possibilitou à burguesia e classes elevadas da sociedade o controle da

terra comprada ou herdada, determinou a desapropriação dos camponeses arrendatários de lotes, provocou o êxodo rural. Forçados a abandonar a terra os camponeses passaram a integrar o proletariado das indústrias em formação.

Em alguns países da Europa ocidental a revolução liberal burguesa chegou a criar um campesinato com direito a terras antes pertencentes aos senhores. Na Europa oriental, ao invés, o camponês viu-se livre da servidão, mas não chegou à propriedade da terra, que continuou em poder de nobres e da burguesia.

Enquanto em terras americanas, no decorrer do século XIX, persistiu o escravismo, na Europa o trabalho servil, característica do sistema feudal, foi aos poucos substituído pelo trabalho assalariado, originando a classe proletária. O proletariado congregou antigos camponeses e artesãos de centros urbanos, estes ligados às corporações de ofício que faliram com a concorrência da indústria manufatureira. A partir da revolução industrial a estrutura social passou a ter na burguesia e no proletariado suas classes básicas. O proletariado, porém, continuou dependente, não dispondo nem de terra, nem de meios e instrumentos de produção.

Assim que, à revolução industrial liga-se a chamada questão social, resume a problemática que envolveu o proletariado, a começar pelas péssimas condições dos locais de trabalho, os baixos salários, as jornadas com carga horária de até 18 horas e sem direito à férias, a falta de garantia na doença, invalidez e velhice. Em tal situação intensificou-se a luta de classe.

Aspecto também importante a considerar em campo social na transição do século XIX para o século XX foi o aumento demográfico. Na Europa a população cresceu de 180 milhões para 460 milhões em cerca de um século. Esse crescimento sem precedente deve-se, em boa parte, aos efeitos da revolução comercial e da revolução agrícola que proporcionaram às populações uma alimentação mais farta e variada; às conquistas da ciência médica e à multiplicação de hospitais infantis e de maternidades; ao progresso decorrente da revolução industrial que possibilitou melhor qualidade de vida. Outra consequência da revolução industrial, relacionada com o aumento demográfico, foi a crescente urbanização. Motivada em parte pelos atrativos da vida urbana e pela mecanização da lavoura, a urbanização acentuou-se na Alemanha e na Inglaterra, crescendo depois num ritmo mais lento em outros países.

Em uma época de inventos e de profundas e contínuas transformações a vida do homem assumiu uma complexidade antes ignorada, abrindo-se a novos ideais de cunho social que, por sua vez, estimularam ambições, originaram divergências, provocaram tensões e conflitos, mas também produziram positivos avanços. O abandono dos campos, a urbanização, o aumento populacional, as migrações internas e internacionais foram, com a luta de classe, aspectos sociais característicos do tempo de Scalabrini, frente aos quais o bispo de Piacenza comportou-se como pastor atento e capaz de iniciativas adequadas à nova realidade.

1.1.5 Realidade ita-brasileira no contexto oitocentista

O breve estudo da evolução histórica do mundo ocidental mostra como cada época tem sua peculiaridade, ainda que as sociedades apresentem ritmos e formas diferenciadas de desenvolvimento. A substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado, por exemplo, intensificou-se no Brasil somente a partir da segunda metade do século XIX, ao passo que nos países do ocidente da Europa a escravidão como tal quase não existia desde a Idade Média. O interesse brasileiro pela mão-de-obra assalariada coincidiu com a intensificação do movimento migratório de europeus, sobretudo entre 1870 e 1914, que se dirigiam em maior número para os Estados Unidos, Canadá, Argentina e Brasil. O fato que, tem a ver com a fundação da congregação das irmãs missionárias de São Carlos, scalabrinianas, leva a identificar elementos específicos do contexto oitocentista de Itália e Brasil, respectivamente, país da origem e do desenvolvimento-consolidação do instituto scalabriniano feminino.

Ente os aspectos que afloram no estudo da realidade de fins do século XIX e inícios do século XX salienta-se o desenvolvimento econômico, em especial entre 1889 e 1910, período em que o País passou a dinamizar seu processo de industrialização. É significativo o fato de o movimento de unificação italiana ter partido do norte, área de crescente industrialização, alastrando-se depois pela inteira Península.

A história política da Itália no contexto europeu da Idade Moderna constitui, como a da Alemanha, uma exceção. A Península manteve-se alheia à formação do estado nacional moderno, processo que envolveu, então, a maioria das nações da Europa. Ao invés de optar pela centralização política e pela unificação territorial, até meados do século XIX a Itália permaneceu fracionada em sete estados menores: reino do Piemonte-Sardenha, ao norte; estados Pontifícios ao centro; reino das Duas Sicílias, ao sul; região da Lombardia-Veneza em poder da Áustria; grão ducado da Toscana, ducado de Parma-Piacenza, ducado de Modena, governados por Hasbsburgos.

Na formação do reino da Itália, burguesia e aristocracia uniram-se em nome do nacionalismo, ideia que caracterizou o cenário político europeu a partir de 1848 e que *se converteu num movimento ativo em prol da grandeza nacional e do direito de cada povo unido por laços culturais e éticos a decidir dos seus próprios destinos*. Na Península italiana, há alguns anos, patriotas sonhavam com o *risorgimento*, entendido como a *ressurreição do espírito italiano que restauraria a nação na posição de domínio glorioso que havia desfrutado na antiguidade e durante a renascença*¹³. Para atingir essa meta, toda a Península devia constituir um único estado.

Havia três tendências visando a unificação italiana: neoguelfista, sob a liderança de Vincenzo Gioberti, que propunha uma confederação de estados, cabendo a direção superior ao papa; manorquista, inspirada

¹³ BURNS, Edward. M História da civilização ocidental. Porto alegre, globo, 1974. P. 711-34.

nos escritos de Cesare Balbo e Massimo d' Azeglio, que pretendia formar um estado unitário governado pela casa de Savoia, reinante no Piemonte; republicana, alternativa defendida por Giuseppe Mazzini, destacado representante das forças liberais na Itália. Prevaleceu a tendência dos monarquistas constitucionais. O Piemonte tornou-se centro propagador de idéias liberais-nacionalistas.

Em 1849 Carlos Alberto, rei do Piemonte, tentou expulsar os austríacos da região Lombardia-Veneza. Vencido abdicou em favor de seu filho, Vitorio Emanuel II. A derrota, em parte, foi consequência de ser ainda incipiente o capitalismo na Itália, o que reduzia o potencial das forças revolucionárias.

A tentativa de 1849 fez ver aos italianos que para concretizar a unificação política, além da união sob o Piemonte, tornava-se indispensável também a ajuda de uma potência externa. Convicto de que esse era o caminho, o conde Camille Benso de Cavour, executor principal do projeto de unificação italiana, fez um acordo com Napoleão III da França, potência na época. Em troca do apoio a França receberia do Piemonte, Nice e Savoia. O Piemonte, por sua vez, anexaria o território Lombardo-Veneziano. Provocada a Áustria, a guerra iniciou em 1859. As vitórias de Magenta e Solferino, na Lombardia, significaram a anexação desta ao Piemonte. João Batista Scalabrini, nascido em Fino Monasco, noroeste da Lombardia, tinha então 20 anos de idade.

Logo depois, Napoleão III deixou de dar apoio ao Piemonte. Cavour precisou completar por outras vias a unificação da Itália. De sua obstinada vontade e da ação revolucionária de Giuseppe Garibaldi resultaram outras anexações que tornaram possível a proclamação do reino da Itália, fato ocorrido em Turim a 18 de fevereiro de 1861. Implantava-se também na Itália uma sociedade capitalista liberal.

Em 1865 a capital foi transferida de Turim para Florença. A transferência da capital para Roma ocorreu em 1871, ano em que nasceu madre Assunta Marchetti. O Quirinal passou a ser a residência do rei da Itália. Em épocas sucessivas, outras áreas da Itália atual foram anexadas ao seu território. O papa Pio IX e sucessores manifestaram-se contrários à perda dos estados Pontifícios. A questão romana ficou resolvida somente em 1929 quando, através da concordata de São João de Latrão, Mussolini, Vitorio Emanuel III e Pio XI firmaram um acordo que criou o estado do Vaticano.

Quando a congregação mscs foi fundada em 1895 a Itália, unificada há 34 anos, tinha quase tudo por fazer. O Reino vivia um período de dupla transição, da antiga para nova situação, em nível nacional e internacional. Em nível interno estava sendo formada a nação italiana, um processo do qual deviam ser protagonista também as massas. A rigor, o Reino continuava dividido e era ainda frágil o sentimento nacional. O próprio império romano, em apogeu no tempo de Cristo, fora formado sem a necessária homogeneização das culturas da Península. Na Idade Média aprofundaram-se os regionalismos que Roma havia reprimido. Feita a unificação sem que houvesse uma expressiva participação das massas, era normal que se mantivessem as

divisões internas. Persistiam na Península idiomas, moedas, exércitos e legislação diferentes. O conflito igreja e estado italiano permanecia sem perspectiva de solução. Entre o povo muitos ressentimentos e até rancor.

Com imensos sacrifícios a Itália conseguira equilibrar as finanças, mas a população em geral continuava privada de serviços públicos essenciais como escolas, estradas, hospitais. A Península somava cerca de 30 milhões de habitantes dos quais, em torno de 20 milhões eram camponeses mal alimentados, sujeitos a epidemias como a cólera e a malária, que provocavam até 400 mil mortos ao ano. A esse quadro somou-se a emigração em massa.

A passagem da sociedade rural para a sociedade urbana produziu o grande êxodo italiano, aliás, fato ocorrido em outros países da Europa no século XIX. A emigração italiana *colheu o País de surpresa. Ninguém estava preparado: nem o governo nem o parlamento, nem a igreja, nem os partidos*. A Península, que em outras épocas havia exportado para toda a Europa *artistas e construtores*, no tempo de Scalabrini e de padre José Marchetti *exporta os seus pobres*¹⁴. As dimensões do êxodo italiano foram surpreendente:

*Uma história da Itália que ignore a emigração é uma história errada. Para conhecer como cresceu o País, para compreender como se desenvolveu o capitalismo italiano, é indispensável lembrar que milhões de camponeses foram expulsos de suas terras e outros milhões de trabalhadores preferiram escolher espontaneamente, com frequência como sinal de protesto, uma nova pátria*¹⁵.

A partir da segunda metade do século XIX também o Brasil foi escolhido por milhares de italianos como sua pátria de adoção. Mudanças sócio-econômicas e político-culturais ocorridas no País sul-americano durante esse período explicam a grande imigração italiana no contexto brasileiro de então. A imperatriz Teresa Cristina de Bourbon, filha de Francisco, rei das Duas Sicílias e de Maria Isabel, infanta Espanha, nascida em Nápoles no ano de 1822. Incentivou a imigração italiana no Brasil, país que ela muito amou. Teresa Cristina casara com d. Pedro II, imperador do Brasil, no ano de 1843.

Na época, em razão de pressões externas, processava-se no Brasil a extinção do tráfico e fortalecia-se o movimento pela abolição da escravatura. De modo simultâneo debilitava-se a influencia da aristocracia agrária, dona de escravos, proprietária de latifúndios canavieiros do nordeste e de cafezais no vale do Paraíba do Sul. O poder econômico passou às mãos da burguesia cafeeira do oeste paulista, ligada ao desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil. À burguesia interessava o trabalho assalariado e a imigração estrangeira. Essa classe, emergente no País, passou a orientar a política imigratória brasileira, que abriu amplo espaço ao excedente populacional italiano. Dessa forma, a emigração como alternativa de solução de problemas sócio-econômicos italianos veio ao encontro dos interesses da burguesia do café e favorece ainda o projeto de colonização de áreas devolutas de

¹⁴ VILLA, Deliso. Storia dimenticata. Romano d'Ezzelino (VI), Ed. ADVE, 1991. P. 38-45.

¹⁵ Ibid., p. 47.

algumas províncias brasileiras. Dona do poder econômica, logo a burguesia brasileira passou a deter o poder político, apoiado a república, do mesmo modo com a aristocracia agrária havia sustentado a monarquia no Brasil. A adesão à causa republicana de parte do exército e das camadas médias urbanas, à causa republicana de parte do exército e das camadas médias urbanas, bem como um conflito surgido entre igreja e impérios, também influenciaram na mudança política que em 1889 instituiu a república no Brasil.

Nesse processo de mudanças ocorrido no País nos últimos decênios do século XIX pesou a formação de uma consciência nacional, repudiando a escravidão, tornou impossível deter o movimento abolicionista. Por outro lado, a preferência pela mão-de-obra europeia em substituição ao trabalho escravo, tem sido interpretada como tendência racista, defensora da superioridade da força de trabalho ariana. Certo é que, europeizado, o Brasil importou cultura e preconceitos. Já o ideal federalista, que fez do País uma república, foi importado dos Estados-Unidos. Com o novo regime o Brasil continuou na condição de dependência externa, tanto econômico quanto cultural.

O regime republicano manteve o projeto imigratório que possibilitou a entrada de milhares de italianos no País. Os imigrantes que se estabeleceram nas fazendas de café transformadas em empresas e aqueles que ocuparam áreas onde o objetivo era a colonização, sofreram discriminação social e privações de toda a sorte, inclusive de caráter religioso. Liga-se a essa realidade a presença no Brasil dos missionários e das missionárias de São Carlos, scalabrinianas.

1.2 Fundação da congregação das Irmãs missionárias de São Carlos, Scalabrianas

1.2.1 Projeto sócio-pastoral de João Batista Scalabrini

A história humana registra em todos os tempos, junto a outros aspectos conjunturais, o suceder-se de migrações e de fatos ligados à mobilidade humana, diversificada nas situações e expressiva nas estatísticas. Ao traçar seu projeto apostólico de serviços aos migrantes italianos e ao complementá-lo com novas e mais amplas iniciativas, João Batista Scalabrini revelou absoluta convicção quanto à universalidade e permanência do fato migratório no tempo.

Ainda que não dispondo sempre de dados estatísticos, em base a estudos arqueológicos e mapas linguísticos é possível identificar no tempo-espaço importantes migrações que remontam a milênios antes de Cristo. São exemplo, a intensa movimentação de arianos, do Irã à Índia, Grécia, Itália; as repetidas incursões de bárbaros ao delta do Nilo; as invasões da Canaã e Síria; as ondas de refugiados hititas; as peregrinações hebraicas; os movimentos de refugiados jônios e eólios expulsos da Grécia europeia; as migrações de etruscos, colonizadores da ilha de Elba e área litorânea continental próxima; a experiência colonizadora dos fenícios, fundando entre outras cidades, Cartago; as migrações maciças organizadas por povos helênicos, seguindo rotas marítimas e pelo interior, em busca de terras cultiváveis.

Significado especial, como leitura positiva do fato migratório, teve a helenização decorrente das conquistas de Alexandre da Macedônia. O grande conquistador *reconheceu e admirou* o modo de governar dos persas cujo império, conquistado por ele no ano de 323 a C., era constituído de numerosas nações que mantinham sua própria identidade cultural, como testemunharam também os judeus. Ao propor o casamento de oficiais seus com mulheres persas, Alexandre concretizou um pouco o ideal de *fraternidade das raças humanas*, mesmo que tais uniões não se tenham mantido¹⁶.

Em épocas posteriores tiveram enormes importâncias as migrações de povos bárbaros para áreas do decadente império romano que, por sua vez, realizara também vasta e consistente colonização no antigo continente; o deslocamento de mongóis para a Rússia; as *guerras santas*, com a conseqüente islamização do Oriente Médio e norte da África e com a invasão da península ibérica, onde os islamitas transplantaram elementos da cultura árabe que ali se consolidaram.

Nos tempo moderno, da descoberta da América à Revolução Francesa, impôs-se a expansão luso-espanhola, inglesa, holandesa e francesa, entre outras. As migrações da Idade Moderna incluíram intenso tráfico de africanos para as Américas. Foi um tempo de gradual europeização do planeta.

¹⁶ TONYBEE, Arnold J. Helenismo, história de uma civilização. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. p. 118-32.

No presente estudo têm significado especial as situações de mobilidade humana que marcaram os séculos XIX e XX. No século XIX a Europa, que detinha a hegemonia política e econômica sobre o resto do mundo, enviou aos países mais pobres engenheiros, geólogos, agrônomos, veterinários, operários qualificados. Foram, porém, as migrações em massa, determinadas pela desocupação de mão-de-obra não qualificada resultado, por sua vez, do desenvolvimento industrial e tecnológico, que motivaram as iniciativas pastorais específicas de João Batista Scalabrini.

Entre 1815 e 1914 milhões de europeus estabeleceram-se nas Américas e foi expressivo também o número dos que se fixaram em algumas regiões da África e na Oceania. Revelantes, ainda, foram as migrações europeias continentais ocorridas no mesmo período.

O total de imigrantes que se estabeleceram nos Estados Unidos no decorrer da segunda metade do século XIX somou cerca de 17 milhões dos quais mais de 15 milhões eram europeus provenientes da Alemanha, Irlanda, Grã-Bretanha, Itália, Áustria-Hungria, Rússia e Polônia. No mesmo período o Canadá acolheu mais de 2 milhões de europeus, a maioria anglo-saxões. Para a Argentina e o Brasil dirigiram-se, em maior número, migrantes provenientes da Europa meridional e oriental, em particular espanhóis, italianos, portugueses, russos, poloneses. Nos dois países latino-americanos a imigração intensificou-se a partir 1870. Ainda na segunda metade do século XIX Austrália e Nova Zelândia acolheram 1 milhão de imigrantes, quase todos britânicos. O movimento migratório transoceânico atingiu cifras excepcionais no decorrer do decênio 1880-1890. Inclui-se nesse quadro, na mesma época, o intenso movimento migratório de asiático, sobretudo da Índia, China e Japão, que se estabeleceram em maior número nos Estados Unidos, Brasil, Argentina e na Oceania.

Mesmo que não espelhem a totalidade da migração os dados acima mostram a sua abrangência. Para a grande maioria dos imigrantes de todos os tempos e de todas as proveniências têm sido muitos os desafios enfrentados e foi em geral de incontestável importância o papel desempenhado por eles nas diversas regiões onde se estabeleceram. Este escrito de Jean Roche dá uma ideia das diferentes dimensões do fenômeno migratório no século XIX.

O desajustamento mais completo depois de uma viagem de quarenta e cinco semanas, ao tempo da navegação à vela, a luta pela vida contra os índios e contra a mata virgem, a existência bucólica de Robinsons de terra firme, sob as palmeiras dos trópicos, a conquista de vastas áreas onde os pioneiros fazem surgir as colheitas, as povoações, as fábricas e as cidades, a aventura aureolada pelo esplendor de um novo Eldorado, o resumo épico da História da humanidade, tudo isso representa a colonização alemã no sul do Brasil, no começo-comêço do século, XIX¹⁷.

Formatado: Fonte: Itálico

Na época, os países da Europa estavam como que possuídos pela febre da colonização, sentiam-se pouco à vontade nos seus antigos limites, buscavam alargar a esfera de suas influências,

Formatado: Fonte: Itálico

Formatado: Fonte: Itálico

Formatado: Fonte: Itálico

¹⁷ ROCHE, Jean. A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre, globo, 1969. p. 1-2. Original francês: La Colonisation Allemande et le Rio Grande do sul, 1962. Tradução de Emery Ruas.

ocupando pacificamente ou conquistando com ferro e com fogo os mundos inexplorados e bárbaros, para verter neles o excedente de sua população e de sua produtividade industrial¹⁸. Mesmo que tenha chegado tarde, como a Alemanha, à partilha do mundo, a Itália participou dessa política:

Pensou na antiga Cartago, mas foi antecipada pela conquista francesa. Para fazer frente a esse adversário e a outros, teve que se aliar à Alemanha e à Áustria. Tem os olhos na África do norte, consegue em 1870 a Eritrêia, depois a Somália. Faz guerra de conquista na Abissínia, em 1896, com derrota. A Tripolitânia e a Líbia ficaram para o século XX. Eram aquisições de pequeno ou nulo proveito, mais afirmativa do anseio de poder político que eficiente negócio¹⁹.

— No pensar de João Batista Sacalabrini o fato de a Itália, que fora *durante séculos rainha dos mares*, não possuir colônias em áreas de imigração significava para os imigrantes italianos, de alguma forma, uma *condição inferior* em relação aos imigrantes de países que as possuíam:

O inglês, o francês, o espanhol, o português que emigra, abandonando a terra natal, cruzando os mares, sabe que encontra uma praia, uma ilha, um continente onde será protegido e julgado pelas leis de seu país, onde se fala a sua língua materna, onde drapeja a mesma bandeira, que talvez defendeu no campo de batalha, onde edifica altares a mesma religião que desde a infância lhe sorriu...²⁰

Ao fazer da mobilidade humana a sua matéria, nos escritos e na ação, Scalabrini abordou em profundidade o tema, relacionou causas e consequências do fenômeno migratório, alertou quanto aos males, riscos e possibilidades das migrações humanas, compreendeu suas dimensões, manifestou-se convicto da continuidade do fato migratório no tempo. Mas, quem era João Batista Scalabrini?

Na vida de Scalabrini, zelo pastoral e sensibilidade para o social coincidiram sempre. Diante das mudanças profundas ocorridas na Itália ele se manteve atento, trabalhando de modo coerente o seu tempo. O futuro o *apóstolo dos migrantes* nasceu em Fino Mornasco, a dez quilômetros de Como, noroeste da Lombardia, a 8 de julho de 1839. Sua família era de sólidos princípios cristãos. A Península italiana ainda não havia realizado a unidade política, mas João Batista viveu a infância em ambiente já caracterizado por uma crescente aspiração de independência, com tentativas de libertação do domínio austríaco e fortalecimento da ideia de unificação territorial. Tinha 10 anos de idade quando Carlos Alberto, rei do Piemonte, tentou sem êxito esperado, expulsar os austríacos do território da Lombardia-Veneza. No decênio 1849-1959 a Península continuou a luta pela formação do estado nacional unitário. Antes que Scalabrini completasse 22 anos de idade foi proclamado, em Turim, o reino da Itália. A mudança política, as vitórias e os conflitos, inclusive a fuga do Papa Pio IX para Gaeta, no reino de Nápoles e o confisco de bens da igreja, teria reflexos no futuro da então jovem geração italiana.

¹⁸ SCALABRINI, Giovanni B. L'emigrazione italiana in America. Piacenza, 1887. In: Scritti, op. cit., v. 1, p. 27.

¹⁹ IGLÉSIAS, Francisco. História e ideologia, op. Cit., p. 81.

²⁰ SCALABRINI, Gioanni B. L'emigrazione italiana in America. In: Scritti, op. cit., v. p. 33-4.

No ano de 1852 João Batista Scalabrini passou a frequentar o Liceu Volta, em Como. Cinco anos depois, em 1857, ingressou no seminário de Santo Abondio, na mesma cidade, tendo completado ali os estudos filosóficos. A seguir ingressou no seminário maior onde concluiu os estudos teológicos. No dia 30 de maio de 1863 foi ordenado sacerdote. Nos anos sucessivos foi professor e reitor do seminário menor de Como. O período inclui-se entre os mais críticos da história italiana. Em 1870 foi nomeado pároco na periferia do Como. Na época, a industrialização atingia o norte da Itália. No âmbito de sua paróquia chamou-lhe atenção a problemática operária que não o deixou indiferente. Bispo de Piacenza, 1876-1905, época de intensificação maior do êxodo de europeus para as Américas, voltou-se com particular solicitude para a realidade migratória italiana e mundial. Seu pensamento, traduzido em ação, produziu obras pastorais duradouras.

As considerações de Scalabrini relativas à mobilidade humana resultaram de reflexão e pesquisas feitas por ele, a fim de *recolher os dados estatísticos e os fatos que serviram de base ao texto* de sua autoria, *A emigração italiana na América*. Nos contatos feitos, *nas conversas familiares, Scalabrini constatou uma grande confusão de ideias sobre o assunto até mesmo entre jornalistas e pessoas dedicadas à atividade pública*. O estudo levou-o a deter-se em aspectos que julgou oportunos, uma vez que o objetivo do opúsculo não era impedir a emigração, que ele considerava *um sagrado direito humano, mas ajudá-la, iluminá-la, guiá-la mediante a ação e o aconselhamento, a fim de que a mesma reverta em vantagem para os emigrantes e em honra para a Itália*. Assim que, segundo Scalabrini,

*as ideias de pátria e de nacionalidade não se apagam além Oceano, mas se fortalecem pelo contato contínuo com mestres, religiosos e sacerdotes, que têm em comum com os colonos os santos afetos para com Deus, para com a igreja e para com a pátria*²¹.

Ao denunciar a orientação seguida pela política emigratória italiana e os abusos ligados à emigração clandestina, o bispo observa:

*Quanto teria sido mais humano, mais civilizado, mais patriótico, mas conforme aos deveres das classes dirigentes e, sobretudo, mais cristão, o aconselhar, o endereçar e prevenir aqueles infelizes contra os perigos que os aguardavam no longo e doloroso caminho do exílio*²².

Um dos mais significativos escritos de Scalabrini sobre a mobilidade humana é o texto elaborado para o XVI Congresso Católico Italiano de Ferrara, realizado no ano de 1899 e do qual o bispo de Piacenza participou como conferencista. Transcrevemos parte da conferência que mostra o positivo da migração no interno das nações e nas relações destas entre si:

O mundo físico, como o mundo humano submetem-se a essa força misteriosa que move e mescla, sem destruir, os elementos da vida, que transporta os organismos nascidos em um determinado lugar e os semeia pelo espaço, transformando-os e aperfeiçoando-os de modo a renovar a cada instante o milagre da criação. Emigram as sementes nas asas dos ventos, emigram as plantas de continente a continente,

²¹ Ibid., p. 25-36.

²² Ibid., p. 27.

levadas pelas correntes das águas, emigram os pássaros e os animais e, mais que todos, emigra o homem, ora em forma coletiva, ora em forma isolada, mas sempre instrumento daquela Providência que preside os destinos humanos e os guia, também através catástrofes, para a meta última, que é o aperfeiçoamento do homem sobre a terra e a glória de Deus nos céus.

Isto nos diz a revelação divina, isto nos ensinam a história e a biologia moderna, e é somente atingindo a esta tríplice fonte de verdade que poderemos deduzir as leis reguladoras do fenômeno migratório e estabelecer os preceitos de sabedoria prática que o devem disciplinar em toda a sua rica variedade de formas.

Eles nos dizem que a emigração é um direito natural e inalienável, que é uma válvula de segurança que estabelece o equilíbrio entre a riqueza e o poder produtivo de um povo, que é fonte de bem-estar para quem parte e para quem fica, aliviando o solo da super-população e valorizando a mão-de-obra de quem fica, que pode, enfim, ser um bem ou um mal individual ou nacional, dependendo do modo e das condições de como se realiza, mas que é quase sempre um bem humano, porquanto abre novos caminhos ao comércio, facilita a difusão das descobertas da ciência e das indústrias, funde e aperfeiçoa as civilizações e alarga o conceito de pátria para além dos confins materiais, tomando o mundo a pátria do homem...²³

— Para João Batista Scalabrini, que defendia a *liberdade de emigrar*, mas que denuncia com veemência a *liberdade de fazer emigrar*, cabia ao estado remover as causas da emigração em massa, ampliar o mercado de trabalho e, para tanto, se fosse o caso, favorecer a migração interna. Quanto à migração externa o estado, segundo o Bispo, a devia tutelar através de uma legislação adequada e mediante acordos internacionais que possibilitassem ao país, sem conquistas bélicas, campo para o desenvolvimento de colônias, não dependentes do ponto de vista político e onde os imigrantes pudessem manter laços com a pátria e preservar, com os valores culturais próprios, a fé herdada de seus antepassados. Aos homens e mulheres de seu tempo Scalabrini propunha reforçar os laços de solidariedade com os conacionais emigrados. Para ele, religião e pátria são *dois grandes amores inseridos pela mão de Deus no coração da humanidade*. Em base a essa certeza, desaprovou a tentativa feita nos Estados Unidos, de americanizar imigrantes de várias nações europeias. Só um povo, afirmou Scalabrini em uma conferência em Turim, *soube resistir à violenta tentativa de assimilação e foi aquele que tinha escrito sobre a sua bandeira: a nossa igreja, a nossa escola, a nossa língua*²⁴.

Em João Batista Scalabrini. Pensamento e ação formam uma eloquente unidade. Original na interpretação do fenômeno migratório, ele seria também audacioso nas iniciativas em favor dos migrantes. Antes de referir os passos concretos do projeto sócio-pastoral de Scalabrini é importante retornar às suas reminiscências, aquelas contidas nas primeiras páginas do opúsculo já citado, *A emigração italiana na América* e que, em nosso entender, contém a razão profunda, o germe da obra scalabriniana em campo migratório. Uma cena presenciada por ele em Milão, envolvendo emigrantes italianos de partida para a América, desenvolveu no ânimo do Bispo de Piacenza

²³ SCALABRINI, Giovanni B. L'emigrazione degli operai italiani. Conferenza al XVI Congresso Cattolico Italiano di Ferrara, 1899. In: Scritti, op. Cit., v. 2, p. 153-4.

²⁴ SCALABRINI, Giovanni B. L'Italia all'estero. Conferenza tenuta nel recinto della Esposizione di Arte Sacra in Torino, 1898. In: Scritti, op. Cit., v. 2, p. 135-44.

uma inquietação interior dinâmica, em que a lembrança do fato associou-se a uma permanente atenção à realidade migratória de seu País:

Em Milão, há alguns anos, fui expectador de uma cena que deixou em meu ânimo uma impressão de profunda tristeza.

De passagem pela estação vi a ampla sala, os pórticos laterais e a praça contígua invadidos por três ou quatro centenas de indivíduos vestidos pobremente, divididos em grupos diversos. Em suas faces bronzeadas pelo sol, marcadas por rugas precoces costuma imprimir, transparecia o tumulto dos afetos que agitavam naquele momento o seu coração. Eram velhos encurvados pela idade e pelas fadigas, homens na plena maturidade, mulheres que traziam após si ou carregavam ao colo suas crianças, adolescentes e jovens todos irmanados em um só pensamento, todos endereçados a uma meta comum.

Eram emigrantes. Pertenciam às várias províncias da Alta Itália e aguardavam com ansiedade que a 'vaporiera' os levassem ao litoral do Mediterrâneo e de lá às distantes Américas, onde esperavam encontrar sorte menos adversa e terras menos ingratas aos seus suores.

Partiam, aqueles pobrezinhos, alguns chamados por parentes que os haviam precedido no êxodo voluntário, outros sem saber precisamente para onde seriam levados, atraídos por aquele forte instinto que faz migrar os pássaros. iam para a América, onde havia, ou ouviram repetir tantas vezes, trabalho bem remunerado para quem tivesse braços vigorosos e boa vontade.

Não sem lágrimas eles tinham dado adeus à aldeia natal, à qual os ligavam tantas doces lembranças; mas sem lamento dispunham-se a abandonar a pátria, já que eles não a conheciam senão sob duas formas odiosas, o recrutamento e o exator, e porque, para o deserdado a pátria é a terra que lhe dá o pão e lá longe, longe, esperavam encontrar o pão, menos escasso, se não menos suado.

Parti comovido. Uma onda de pensamentos tristes amarguram-me o coração. Quem sabe que acúmulo de desgraças e de privações, pensei, lhes faz parecer doce um passo tão doloroso!... Quantos desenganos, quantas novas dores lhes prepara o incerto futuro? Quantos sairão vitoriosos na luta existência? Quantos sucumbiram em meio aos tumultos das cidades ou no silêncio das planícies desabitadas? Quantos, ainda que encontrando o pão do corpo, sentirão falta daquele da alma, não menos necessário que o primeiro, e deixarão sucumbir em uma vida dota material, a fé de seus pais?

Desde aquele dia a mente reportou-me com frequência para aqueles infelizes e aquela cena me lembra sempre uma outra, não menos desoladora, não presenciada, mas possível de entrever nas cartas dos amigos e nos relatos de viajantes. Eu os vejo, aqueles infelizes, desembarcados em terra estrangeira, em meio a um povo que fala uma língua que eles não entendem, vítimas fáceis de especulação desumanas: vejo-os banhar como os seu suores e com suas lágrimas um sulco ingrato, uma terra que exala miasmas pestilentas: alquebrados pelas fadigas, consumidos pela febre, suspirar em vão pelo céu da pátria distante e pela antiga miséria do casebre nativo e sucumbir, finalmente, sem que a saudade de seus caros os console, sem que a palavra da fé lhes mostre o prêmio que Deus prometeu aos bons e ais desventurados. E aqueles que na rude luta pela existência triunfam, ei-los, ai de mim, lá no isolamento, esquecer por completo toda noção sobrenatural, todo o preceito de moral cristã e perder sempre mais o sentimento religioso, não alimentado pelas práticas de piedade e deixar que os instintos brutais tomem o lugar das aspirações mais elevadas.

Diante de tão lamentável estado de coisas tenho-me feito com frequência a pergunta: como poder remediar isso? E todas as vezes que me acontece de ler nos jornais alguma circular governativa que coloca as autoridades e o público de sobreaviso contra as astúcias de certos especuladores, os quais fazem verdadeiros saques de escravos brancos a fim de os impelir, cegos instrumentos de ávidas cobiças, para longe da terra natal com a ilusão de fáceis e abundantes ganhos; e quanto, de cartas de amigos ou de relatos de viagens, observo que os párias dos emigrantes são

os italianos, que os serviços mais vis, se é que pode existir vileza no trabalho, são feitos por eles, que os mais abandonados e, portanto, os menos respeitados, são os nossos conacionais, que milhares e milhares de irmãos nossos vivem quase sem defesa da pátria distante, objeto de prepotência muitas vezes impune, sem o conforto de uma palavra amiga, então, confesso-o, o rubor sobe-me ao rosto, sinto-me humilhado na minha qualidade de sacerdote e de italiano e me pergunto de novo: como ajudá-los?

Também há poucos dias um distinto jovem viajante trouxe-me a saudade de vários familiares dos montes 'piacentinos' acompanhados às margens do Orenoco: Diga ao nosso Bispo que lembramos sempre os seus conselhos, que reze por nós e que nos mande um padre, porque aqui se vive e se morre como animais.

Aquela saudação dos filhos distantes soou-me como reprimenda e a pergunta que me havia posto com frequência manifestou-se nestas observações que agora publico e que escrevi, assim, como o coração as vinha ditando.

Chamo sobre as mesmas a atenção do clero italiano, dos leigos católicos e de todos os homens de boa vontade, uma vez que a caridade, verdadeira trégua de Deus, não conhece partido e o Sangue de Jesus Cristo a todos irmana em uma fé e em uma esperança e nos faz devedores a todos²⁵.

A partir da experiência vivida por Scalabrini em Milão uma inspiração tomou forma, tornou-se projeto sócio-pastoral que se completou de modo gradativo como resposta a uma tríplice preocupação, relativa à sorte dos migrantes: a perda da fé, consequência da falta de formação religiosa; anulação do sentimento de nacionalidade, resultado da falta de estímulos; risco de ruína econômica, porque os migrantes eram com frequência vítima da especulação. É interessante acentuar que a religião, para a maioria dos italianos, constituía o suporte de sua identidade cultural. Decidido a oferecer uma sólida contribuição, capaz de possibilitar aos migrantes melhores condições de vida, tratamento mais humano e a preservação de seus valores culturais, Scalabrini passou a traduzir em obras o seu pensamento.

Em carta de 16 de fevereiro de 1887 o Bispo de Piacenza apresentava ao cardeal Simeoni, prefeito da congregação de Propaganda Fide, o esboço de um projeto destinado a ajudar os italianos emigrantes nas Américas²⁶. Ao papa Leão XIII, em carta em 13 de junho do mesmo ano, Scalabrini comunicava: a ideia de acorrer em auxílio aos emigrados está madura²⁷.

Quatro anos depois, em sua primeira conferência sobre emigração, proferida em Roma, S. Andrea della Valle, João Batista Scalabrini afirmou: *confiando em Deus e na sua Providência, ousei tentar alguma coisa*. Naquela circunstância, descreveu assim o seu projeto, então constituído de duas sociedades, a congregação dos missionários de São Carlos, fundada em 1887 e a associação de patronato São Rafael, fundada em 1889:

... uma composta de sacerdotes, a outra de leigos; uma religiosa, a outra civil; duas sociedades que ajudam e se completam mutuamente. É a primeira uma

Formatado: Fonte: Itálico

²⁵ SCALABRINI, Giovanni B. L'emigrazione italiana in America. In: Scritti, op. cit., v. 1, p. 19-22.

Formatado: Italiano (Itália)

²⁶ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera AL cardinale Giovanni Simeoni. Piacenza, 16-2-1887. In: Scritti, op. cit., v. 1, p. 5.

Formatado: Italiano (Itália)

²⁷ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera a Leone XIII. Piacenza, 13-6-1887. In: Scritti, op. Cit., v. 1, p. 72.

Formatado: Italiano (Itália)

congregação de missionários, que visa principalmente ao seu bem-estar espiritual dos nossos emigrantes, a segunda principalmente ao seu bem-estar material. Aquela atinge seu objetivo fundando igrejas, escolas, orfanatos, hospitais por meio de sacerdotes unidos como em uma família, com votos religiosos de castidade, de obediência e de pobreza, prontos a voar para onde são enviados, apóstolos, mestres, médicos, enfermeiros, segundo a necessidade. Esta, dissuadindo da emigração quando cogitada, vigiando a obra dos agentes para que não ultrapasse os limites da legalidade, aconselhando os emigrantes e orientando-os a uma boa meta quando não conseguem outra coisa²⁸.

A necessidade exigiu logo depois a fundação de uma congregação religiosa que complementou o projeto sócio-pastoral de João Batista Scalabrini.

1.2.2 Exigência de complementariedade.

Até aqui examinamos o quadro conjuntural que caracterizou a época de João Batista Scalabrini, mostramos a frequência das migrações na história humana para destacar a visão do bispo Piacenza e as motivações de sua intervenção em campo migratório, como resposta à particular situação histórica de seu tempo. Da gradativa atuação de João Batista em favor dos migrantes originou-se um projeto pastoral traduzido em serviço da igreja e para o mundo. A experiência de Scalabrini seria transmitida a homens e mulheres, chamados a manter vivo seu carisma, dando-lhe perene visibilidade através de efetiva presença no âmbito da mobilidade humana. Sem perder de vista a obra scalabriniana como um todo, abordamos a seguir os antecedentes que levaram à fundação, desenvolvimento e conseqüente configuração da fisionomia própria da congregação mscs.

A gênese da nova fundação começou a se delinear nas entrelinhas de escritos do Bispo de Piacenza e a iniciativa concretizou-se à medida em que se impôs nova alternativa de resposta sócio-pastoral à problemática migratória de fins do século XIX.

Um escrito de João batista Scalabrini, de 11 de janeiro de 1887, entre outros reunidos em dois volumes que tratam das migrações e das obras por ele fundadas em benefício dos migrantes, expressa a sua disposição de iniciar, ainda que em minimíssimas proporções, um serviço que tivesse por objetivo a assistência espiritual aos migrantes italianos em terras americanas, a fim de lhes garantir um futuro mais digno e cristão²⁹. A determinação de começar uma obra supõe a intenção de completá-la a seu tempo.

O projeto de uma associação de sacerdotes voltada para o bem-estar espiritual dos migrantes italianos era, na intenção de Scalabrini, apenas o começo de uma obra que deveria ser ampliada. Em carta a padre Francesco Zaboglio, seu ex-aluno do seminário de Como e primeiro colaborador, Scalabrini comunicava, ainda no início de 1887: o

²⁸▲ SCALABRINI, Giovanni B. Prima conferenza sull' emigrazione. Roma, S. Andrea della Valle, 8-2-1891. In: Scritti, op. cit., v. 1, p. 301-2.

²⁹▲ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera al cardinale G. Simeoni. Piacenza, 11-1-1887. In: Scritti, op. cit., v. 1, p. 3.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

*Papa abençoa nosso projeto e incentiva-me a estendê-lo amplamente*³⁰. O papa era Leão XIII, o pontífice da Rerum Novarum.

Formatado: Fonte: Itálico

Complementaridade e ampliação, de fato caracterizam a obra scalabriniana. Dois anos depois da fundação da congregação dos missionários de são Carlos, como vimos, Scalabrini fundou a associação de patronato são Rafael, que tinha por objetivo o bem-estar material dos migrantes. De acordo com o bispo, as duas fundações deviam se ajudar e completar mutuamente. A proposta pastoral que Scalabrini enviara ao cardeal Simeoni, em fevereiro de 1887, representava para o bispo apenas a possibilidade de *projetar uma luz sobre como e onde providenciar a ação apostólica e de preparar o caminho para outros missionários*, conforme a inspiração de Deus e segundo aquilo que o tempo, a reflexão e a experiência ensinasse³¹.

Formatado: Fonte: Itálico

Formatado: Fonte: Itálico

Desde que Scalabrini confiou à congregação dos missionários de são Carlos a fundação de igrejas. Escolas, orfanatos e hospitais destinados a proporcionar a milhares de imigrantes e a seus descendentes melhores qualidade de vida e um futuro mais digno, tornava-se indispensável ampliar o quadro de colaboradores do projeto apostólico há pouco iniciado. Dadas as dimensões do empreendimento, cedo a experiência passaria a exigir nova complementação, tendo como indicador a necessidade da presença pastoral feminina no cotidiano da missão scalabriniana.

Enquanto João Batista Scalabrini se empenhava em assegurar uma estrutura e em dar mais solidez às duas nascentes associações, a dos missionários de são Carlos e a são Rafael, ainda muito limitadas em recursos, tanto humanos como materiais, seus sacerdotes insistiam na urgência de contar com a colaboração de religiosas nas igrejas, escolas, orfanatos e hospitais fundados em benefícios dos migrantes em países de intensa imigração. A certeza em que a realização mais do projeto sócio-pastoral de Scalabrini dependia do contributo de uma congregação feminina, que atuasse de modo paralelo à congregação masculina, não significou a imediata fundação de novo instituto. Mesmo que a iniciativa tenha sido adiada por alguns anos, a necessidade foi sempre admitida por Scalabrini e pelos missionários de são Carlos que buscaram antes outras alternativas para supri-la.

Primeira tentativa foi solicitar a colaboração de madre Francisca Xavier Cabrini, fundadora da congregação das missionárias do Sagrado Coração de Jesus. Madre Cabrini havia optado pelo oriente como endereço preferencial da atividade apostólica da congregação, que ela fundara em 1880. Graças à providência de Deus, através de Scalabrini preocupado com a situação dos migrantes estabelecidos nas Américas e em razão também da insistência dos sacerdotes que ele enviara a New York em meados de 1888, a ação apostólica da nascente congregação das missionárias do Sagrado Coração de Jesus teve no ocidente seu

³⁰ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera a P. Francesco Zaboglio. Piacenza, 5-2-1887. In: Scritti, op. Cit., v. 1, p. 4.

Formatado: Italiano (Itália)

³¹ SCALABRINI, Giovanni B. Progetto di una associazione allo scopo di provvedere ai bisogni spirituali degli italiani emigrati nelle Americhe. Piacenza, 16-2-1887. In: Scritti, op. Cit., v. 1, p. 8-9.

Formatado: Italiano (Itália)

primeiro grande impulso. A 19 de março de 1889, em discurso proferido na circunstância da entrega do crucifixo à madre Francisca e companheira que partiram para a América. Scalabrini fez algumas considerações sobre o papel da mulher na igreja e na sociedade:

... a obra dos sacerdotes não seria preenchida sem a vossa obra, ó veneráveis irmãs. Existem iniciativas nas quais somente vós podeis obter êxito. Deus infundiu no coração da mulher um atrativo todo particular, pelo qual exerce um poder misterioso sobre as mentes e sobre os corações. Confio, portanto, que correspondereis à graça de Deus, que vos chama em terra distante a uma sublime missão, de religião e de civismo³².

Em sua chegada aos Estados Unidos as religiosas encontraram milhares de italianos, adultos e crianças, que viviam marginalizados e para muitos dos quais as missionárias de tornaram irmãs e mães dedicadas. Nos primeiros anos de presença nos Estados Unidos as missionárias [do Sagrado Coração de Jesus fundaram escolas femininas e creches](#), assumiram a direção de um orfanato e de um hospital fundados pelos missionários em New York.

Passados dez anos daquele envio de março de 1889, Scalabrini mantinha a mesma convicção quanto à importância da cooperação de religiosas ao seu projeto, mas reconhecia que a ação pastoral das missionárias do Sagrado Coração de Jesus não se identificou de ~~nede modo~~ pleno com a missão scalabriniana. Em relato de 1900 o bispo fez esta apreciação a respeito: *eu lhes abri as portas da América onde fazem muitíssimo bem, mas não é o bem a que se propõe a nossa congregação³³.*

Formatado: Fonte: 12 pt

Na segunda tentativa de resposta à necessidade de complementar seu projeto pastoral mediante participação feminina, Scalabrini apelou para as filhas de sant' Ana, uma fundação de Rosa Gatorno, também contemporânea do bispo de Piacenza. As filhas de sant' Ana assumiram o hospital Cristóvão Colombo fundado pelo scalabriniano, padre Felice Morelli, em New York. A casa de saúde oferecia assistência gratuita aos migrantes italianos e em razão de seu caráter beneficente, dependia de recursos obtidos da caridade pública. Dessa tarefa deviam se ocupar as religiosas. A incompatibilidade entre as constituições da congregação das filhas de sant' Ana e a prática da coleta de esmolas não permitida pelo direito próprio, impediu a continuidade do serviço prestado pelas religiosas no Cristóvão Colombo. A própria fundadora, Rosa Gatorno, decidiu retirar suas irmãs em meados de 1891, poucos meses depois de terem assumido o hospital, sendo substituídas pelas missionárias de madre Francisca Xavier Cabrini.

Apesar dos contratempos, a presença scalabriniana difundia-se com rapidez incomum. No ano de 1891 os missionários de são Carlos nos Estados Unidos já estavam presentes em New York, New Haven, Providence, Boston, [Bufalo](#), Pittsburg, Cincinnati, Nova Orleans, Kansas,

³² SCALABRINI, Giovanni B. Appunti del discorso Allá Madre Cabrini e 6 compagne nella consegna del Ceocifisso, 19-3-1889. In: Scritti, op. Cit., v. 1 p. 235.

Formatado: Italiano (Itália)

³³ SCALABRINI, Giovanni B. Relazione dell' opera dei Missionari di S. Carlo per gli emigrati italiani. 10-8-1900. In: Scritti, op. Cit., v. 2, p. 182.

Formatado: Italiano (Itália)

city. Em New York, os scalabrinianos estabelecidos em três missões, haviam fundado escolas paroquiais, um orfanato, o hospital Cristóvão Colombo, a sociedade São Rafael e o Barge Office, um serviço de imigração instalado junto ao porto, com a finalidade de prestar assistência aos italianos ali chegados. Nas demais cidades fundaram igrejas e capelas. Em Boston instituíram inclusive uma escola industrial. As obras realizadas também depois de 1891 pelos missionários de São Carlos em favor dos imigrantes foram muitas e não apenas nos Estados Unidos.

No relatório enviado à congregação de Propaganda Fide em meados de 1900, Scalabrini afirma que se não foi feito tudo pelos imigrantes, com certeza fez-se muito por eles. No mesmo relatório o bispo diz que, a princípio, preferiu a América de Norte, preocupado com o protestantismo e porque lhe pareciam maiores as necessidades ali, mas teve cuidado de sempre enviar expedições missionárias quer à América do Norte onde os imigrantes se concentravam em massa nas cidades, quer à América do Sul, em especial no Brasil, onde eles viviam em pequenos grupos, isolados *em territórios imensos*. Ainda no relatório de 1900, ao destacar a importância da ação desenvolvida por religiosas junto aos imigrantes, Scalabrini reafirma a convicção expressa em 1889: *a obra dos missionários seria incompleta, sobretudo na América do Sul, sem ajuda de irmãs*: E acrescenta: *solicitei-as, por isso, a várias congregações já existentes, mas nada consegui*³⁴.

A distância entre os anos de 1887 e 1900, respectivamente, da fundação da congregação dos missionários de São Carlos e do relatório sobre a obra scalabriniana enviado pelo Bispo de Piacenza à congregação de Propaganda Fide, permitiu uma avaliação ampla das atividades apostólicas até então desenvolvidas em benefício dos imigrantes italianos nas Américas, incluída a participação feminina, tema deste estudo. A necessidade da atuação de religiosas junto aos irmãos em situação de mobilidade levou à alternativas que, embora sem o êxito esperado e à parte o indiscutível bem realizado, favoreceram mais clara consciência da importância de um instituto com identidade própria que complementasse o projeto sócio-pastoral scalabriniano.

Duas abordagens de Scalabrini sobre a ideia de uma fundação feminina, ligado à sua obra, têm um significado especial porque indicam alguns aspectos que, segundo ele, deviam caracterizar as missionárias scalabrinianas em sua vida-ação junto aos migrantes. Uma integra o relatório de 1900, a outra, que a precedeu no tempo, consta em carta do Bispo a padre Pietro Colbachini, missionário no Brasil e datada de 15 de fevereiro de 1899. Na carta, após considerações e comunicações Scalabrini expõe o motivo particular da mesma:

Agora submeto ao vosso parecer uma coisa importante e *sobre a qual vos peço dedicar toda a vossa mais séria atenção*.

Falou-me muitas vezes da necessidade de ter Irmãs nossas, dependentes dos nossos Padres: alguns deles me escreveram, mostrando-se convictos de que elas fariam grande bem. Não se trata de fundar conventos; mas como se usa, com imensa

³⁴ Ibid., p. 180-2.

vantagem, em todas as dioceses da França, as Irmãs deveriam viver em uma pequena casa própria, três ou quatro juntas e dar algumas aulas, dedicar-se às nossas igrejas, manter em ordem os pertences dos missionários, catequizar as meninas, assistir os enfermos, também a domicílio, onde pode ser feito sem perigo, etc...

Um certo número de almas boas se me ofereceu para tanto e esperam ansiosas para entrar no noviciado que deveria ser regularíssimo.

Mais eu estou muito titubeante, embora em razão de algumas circunstâncias, que diria providenciais, parece-me que Deus quer me impor também esta cruz, mais pesada de tantas outras.

Rezai, pensai, refleti e depois manifestai-me vosso parecer a respeito. Escrevi sobre isso também a P. Vicentini e a outros, os mais maduros e sérios³⁵.

No relatório de 1900 à Propaganda Fide, ao informar sobre a colaboração prestada por irmãs, depois de outras afirmações que já referimos, Scalabrini retoma o conteúdo da carta que enviara a padre Colbachini no ano anterior:

Nós precisávamos de irmãs semelhantes àquelas espalhadas nas dioceses da França, as quais se adaptam a viver também quatro apenas e sem pretensões lecionam em escolas elementares: ensinam o catecismo e, onde é possível, assistem os doentes com todas aquelas precauções que a prudência e a experiência sugerem. Ainda que os missionários insistissem e fizessem violência ao meu coração para terem semelhantes irmãs, eu sempre me opus, sentindo uma extrema repugnância em pôr mãos a esta nova obra.

A seguir, no mesmo documento, Scalabrini informa a congregação de Propaganda Fide sobre as Apóstolas do Sagrado Coração, um instituto ainda em fase de experiências:

Mas, há alguns anos, um acúmulo de circunstâncias providenciais fizeram-me conhecer que é este o querer de Deus, e agora temos as Apóstolas do Sagrado Coração, destinadas também elas à assistência dos emigrados, especialmente na América. Em breve, após dois anos de prova, partirão doze: seis, antes de meados deste mês, para São Paulo; as outras seis, em fins de setembro, para Curitiba. Outras partirão sucessivamente pois que, em pouco tempo, tivemos mais de cem pedidos. Tudo isto no momento se faz como experiência. Se Deus abençoar, como espero, também esta empresa, no tempo oportuno mandar-se-ão as regras a essa S. congregação³⁶.

Situaremos a seguir entre dois momentos, o de 1887 e o de 1900, circunstâncias providenciais próprias da ação de Deus, a partir das quais configurou-se a fisionomia da congregação scalabriniana feminina, como nova forma de presença eclesial junto a numerosos migrantes, colaborando para concretizar a profética mediação: *onde está o povo, aí está a igreja, porque a igreja é a mãe, a amiga, a protetora do povo e por ele terá sempre uma palavra, um sorriso, uma bênção³⁷.*

1.2.3 Padre José Marchetti

Quando, em meados de 1900, Scalabrini enviou à Propaganda Fide relatório sobre a obra missionária de São Carlos para os emigrados,

³⁵ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera a P. P. Colbachini. Piacenza, 15-2-1899. In: Scritti, op. cit., v. 2, p. 151-2.

³⁶ SCALABRINI, Giovanni B. Relazione dell' opera dei Missionari di S. Carlo per gli emigrati italiano. In: Scritti, op. Cit., v. 2, p. 181-2.

³⁷ SCALABRINI, Giovanni B. L' emigrazione italiano in America. In: Scritti, op. Cit., v. 1, p. 66.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

já, há quase cinco anos, uma pequena comunidade de missionária oferecia à igreja e à sociedade de São Paulo, no Brasil, a contribuição de sua atividade pastoral, de que se honravam tanto quanto do nome com o qual se identificavam: irmãs missionárias de São Carlos. Instrumento da nova fundação foi padre José Marchetti. A circunstância que levou à nascente congregação inclui-se entre aquelas consideradas providenciais por João Batista Scalabrini. Igual a momentos bíblicos, ainda que em dimensão de microistória, uma criança em um contexto de êxodo, acolhida por um missionário de exceção, está na origem da congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas, conforme narra o próprio Scalabrini:

A bordo do navio em que viajava um missionário, padre José Marchetti (então professor do seminário de Lucca) morria uma jovem esposa, deixando um orfãozinho lactante e o marido só, no desespero. O Missionário, para acalmar aquele desolado, que ameaçava jogar-se ao mar, prometeu-lhe assumir os cuidados do menino e como prometeu, o fez. Chegou ao Rio de Janeiro, carregando ao colo aquela inocente criaturinha e apresentou-se com ela ao exímio conde Pio de Savoia, na época cônsul geral naquela cidade. Ele não pôde dar ao jovem Missionário senão palavras de encorajamento, mas foi o bastante para que esse, batendo de porta em porta chegasse, enfim, a deixar o pobre orfãozinho aos cuidados do porteiro de uma casa religiosa. Desde aquele momento, a ideia de fundar em São Paulo (onde havia chegado) um orfanato para os filhos de italianos dominou-lhe a mente e, com ingentes sacrifícios, conseguiu fundá-lo de fato. Conta agora seis anos de vida com 200 orfãozinhos e um mártir que reza por eles no céu, pois as grandes fadigas sustentadas custaram a vida ao piedoso e zelante Missionário Esteja em paz a sua alma, maturada para o céu aos trintas anos³⁸

Em mais oportunidades Scalabrini manifesta seu apreço à obra dos missionários de São Carlos em São Paulo, destacando o orfanato Cristóvão Colombo, ideado e concretizado nessa cidade por padre José Marchetti, entre 1894 e 1895. O nome foi dado à fundação numa época em que se respirava ainda o clima festivo da celebração do IV centenário da descoberta da América, protagonizada por Cristóvão Colombo, nascido em Gênova, Itália. Também a casa mãe da congregação dos missionários de São Carlos, localizada em Piacenza, recebera essa denominação. O termo, colombinas, com o qual padre Marchetti identificaria as futuras irmãs de São Carlos derivou da denominação dada à casa mãe de Piacenza, cidade onde passou a ser usual entre o povo chamar de colombinos os missionários de São Carlos. O fato de padre Marchetti dar ao orfanato por ele fundado em São Paulo o nome de Cristóvão Colombo e, em especial, de identificar como colombinas as missionárias destinadas a ali atuarem, demonstra a articulação de sua iniciativa com o projeto scalabriniano.

O episódio da criança órfã, posta na origem do orfanato e da congregação mscs, brotou de uma realidade concreta, produzida em determinado momento histórico. Numa época em que muitas crianças ficavam órfãs em terra estranha, a originalidade da ocorrência está na providencial mediação de padre José Marchetti, um missionário que naquela circunstância ousou sonhar. Apoiado na fé e impelido pelo amor

³⁸ SCALABRINI, Giovanni B. Relazione dell' opera dei Missionari di S. Carlos per gli emigrati italiani. In: Scritti, op. Cit., v. 2, p. 181-2.

aos seus semelhantes, minimizou obstáculos, removeu barreiras, empenhou a vida e corporificou um sonho.

Padre José Marchetti tinha 25 anos de idade quando, em 1894, empreendeu sua primeira viagem ao Brasil. O missionário nasceu em Lombrici, fração de Camaiole, Lucca, no dia 3 de outubro de 1869. Segundo filho de Angelo de Antonio Marchetti e de Carolina de Giovanni Domenico Ghilarducci, José teve dez irmãos entre os quais, Assunta Marchetti.

Em Lombrici, próximo a igreja românica de São Brás, construção do século XII, funcionava um moinho que foi, durante anos, o meio de subsistência da família Marchetti. Quando José tinha cerca de 10 anos de idade, a família deixou Lombrici e estabeleceu-se junto ao moinho de propriedade do marquês Giovanni Battista Mansi. *Il molino della Fabbrica*, nova residência dos Marchetti, era na época a última casa da paróquia de Santa Maria Assunta, igreja colegiada de Camaiole³⁹.

José Marchetti freqüentou a escola do cônego Nicolao Santucci de Camaiole e, aos 12 anos, foi admitido como aluno externo no seminário de São Miguel em Foro, Lucca. No ano de 1884, graça também à ajuda do marquês Giovanni Mansi, pôde entrar no seminário diocesano de Lucca. Durante todo o período de sua formação distinguiu-se pelo bom caráter, tenacidade e inteligência incomuns, que resultaram em excelente aproveitamento. Foi ordenado sacerdote a 3 de abril de 1892 e nomeado ecônomo espiritual de Compignano, uma aldeia de montanha com cerca de duzentos habitantes. Aluno brilhante, logo seria nomeado também professor de francês e de matemática no seminário de Lucca.

Ao que se presume, uma conferência sobre emigração italiana proferida por João Batista Scalabrini em Lucca na primavera em 1892, a realidade emigratória circundante, a experiência vivida juntos aos montanhenses de Compignano, metade dos quais emigrou para o Brasil, foram fatores que contribuíram para a decisão de Marchetti, de associar-se à obra scalabriniana.

Em setembro de 1894 padre José Marchetti acompanhou os emigrantes de Compignano até o porto de Gênova. Admitido por Scalabrini na qualidade de missionário externo, nesse mesmo ano, entre outubro e novembro empreendeu sua primeira viagem ao Brasil. Em carta a Scalabrini o arcebispo de Lucca, d. Niccola, observou pouco tempo depois:

*Após ter feito o sacrifício do sacerdote Marchetti, alegre-me que ele faça o bem na missão que lhe foi confiada por V. Excia. Revma... Ele, todavia, é muito jovem, mas sob a alta direção de V. Excia. Poderá certamente, cheio de zelo, cooperar com proveito à saúde das almas*⁴⁰.

³⁹ MARCHETTI, Franco. Vita e opere di padre Giuseppe Marchetti, da Camaiole, e La sua morte prematura. In: Nuovi Orizzonti, Camaiole, Anno X, n. 1, marzo 1983, p. 3.

⁴⁰ GHILARDI, NICCOLA. Lettera a G. B. Scalabrini. Lucca, 26 dicembre 1894. In: Alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti, cs. Roma, 1993, p. 11 (Collana Centenario – Laura Bondi, 3).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Certo de sua vocação e impelido pelo zelo missionário, padre José Marchetti empreendeu segunda viagem ao Brasil, que foi decisiva em sua vida. O sonho de fundar em São Paulo um orfanato para filhos de imigrantes italianos passou a fazer parte do ideal maior que perseguia, disposto a pagar qualquer preço para concretizá-lo. Em pouco dias de presença em São Paulo Marchetti agendou uma incrível atividade:

...encaminhou a construção do orfanato, organizou um comitê de senhoras, presidido pela esposa do Cônsul, consulesa de Brichanteau, proferiu conferências, exerceu regularmente seu ministério. O quadro ambiental lhe é estranho, diverso é o clima, a cultura é outra, mas seu estado de espírito, o jeito vivaz e a caridade cristã tornam menores todos os obstáculos⁴¹.

Padre José Marchetti, que viveu na própria família a experiência de perder o pai e que tinha irmãos menores em condições de órfãos, empenhou-se com entusiasmo raro na construção do orfanato Cristóvão Colombo. Em carta a Scalabrini, de 31 de janeiro de 1895, relatou:

Escrevo-lhe debaixo de chuva, não posso expressar-me como gostaria, com certeza me desculpará. Molha-se tudo.

Excia. Revma.

Já saberá através de padre Maldotto alguma coisa de mim: agora termino de dizer-lhe tudo. Prostro-me, pois, e de joelho imploro a S. Bênção ao meu Superior e peço-lhe que me ouça.

*Digo-lhe, portanto, que o ambiente no qual devo desempenhar minha ação é difícilimo; e devo-o à Providência se consegui alcançar as boas graças do Bispo de São Paulo. Eu lhe falei da minha missão, ouviu-me, interessou-se e se tivesse vinte missionários não seriam muitos para as mais urgentes necessidades. A ideia (...) do orfanato agradou a todos, ao Bispo, ao Cônsul, etc. O Bispo deu-me um local para a construção, muito adequado e de grande valor. Fica sobre uma colina, na extremidade da cidade de São Paulo. É apropriado para a casa, para um lindo jardim, para tudo. Deo gratias! Mesmo como o havia sonhado. Mais, deu-me todo o patrimônio de uma capela com casa, ali no mesmo lugar, para a residência de um missionário que oriente toda a obra e que serve muitíssimo bem de alojamento aos missionários. É uma beleza! Deus queria o orfanato; vejo-o, sinto-o, conheço-o. Deo gratias! Organizei um comitê de senhoras, nomeei presidente a esposa do Cônsul, a condessa Brichanteau, faço conferências ao comitê e choram quando descrevo certos quadros!! E o dinheiro não me falta. Eu vou às portas, peço, trabalho, prego, confesso, exorto, mas estou só. A messe é imensa. Se a visse! Os muros crescem, em dois meses, espero, estará completa a estrutura. A Providência, afinal, quis coroar minhas esperanças, os meus votos, talvez também os seus. Emigrantes! Órfãos! Tudo providenciado. As o pobres debilitados, os pobres italianos doentes, abandonados, lá nas fazendas! Deo gratias! Providenciado também para eles. Aqui em São Paulo haviam construído, ou melhor, quase concluído um hospital italiano; era coisa de congressos, de Tribuna, de maçonaria, mas nunca terminava. Era necessária a cruz. A cruz a carreguei eu. O Cônsul italiano suplicou-me para aceitar a supremacia, a vigilância sobre a obra, deu-me o consentimento para colocar ali as irmãs. Eis um novo ninho para minhas colombinas de Jesus! Deo gratias! Tenho de prontas a fazerem o noviciado; quando tiver aberto o orfanato, as colombinas mais robustas irão servir Jesus doente. Na mesma casa haverá o noviciado...*⁴²

⁴¹ SIGNOR, LICE m. João Battista Scalabrini e a migração italiana: Um projeto sócio-pastoral. Porto Alegre, Pallotti, 1986. P. 163.

⁴² MARCHETTI, Giuseppe. Letta a G. B. Scalabrini. S. Paulo, 31 gennaio 1895. In: alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti, op. cit., p. 23-4.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Como se pode constatar, à medida em que tomava conhecimento da problemática migratória local, padre Marchetti buscava soluções e alargava a ação missionária. Do mesmo modo que Scalabrini, também Marchetti considerava indispensável a colaboração feminina para completar a obra dos padres junto aos migrantes. A iniciativa do missionário, nesse sentido, foi determinante no surgimento da congregação das irmãs missionária de São Carlos Borromeo, scalabrinianas.

Bem antes de 25 de outubro de 1895, data da fundação da congregação mscs e apenas iniciada a construção do orfanato Cristóvão Colombo, Marchetti vê órfãos tornarem-se irmãs; indica à família scalabriniana uma prospectiva missionária universal; reserva para si um programa intenso:

*...muitas das órfãs tornar-se-ão irmãs, Jesus será bentito. Iremos a Minas, iremos ao Rio, a Santa Catarina, no interior do Brasil, à Argentina, por toda a parte! Deo gratias! A messe é grande. Mande missionários. Em Santos já está tudo pronto, ótimo, se não, mande alguém. Dois mil ou três mil emigrantes, lá naqueles barracos, sofrem. Em Santos são trinta mil habitantes, só têm um padre e ele fuma!! Agora vão ao Rio, prepararei a ilha das Flores...*⁴³

Em março de 1895 Marchetti, que aguardava ansioso carta de Scalabrini, revelava-se perplexo com o próprio sucesso e escrevia ao Bispo: *Vês-se que V.Excia. reza, sinto mesmo que em minha cabeça não estou eu, mas está o desígnio de Deus, que se serve de mim sem que me dê conta.* Preocupava-o, todavia, a situação dos órfãos, dos abandonados, dos não assistidos. O prédio do futuro orfanato do Ipiranga ainda estava em fase de acabamento e já Marchetti encaminhava a construção de novo edifício, em Vila Prudente, para abrigar meninas órfãs. O Missionário sonhava, sobretudo, preservar os menores da delinquência e da prostituição:

*Parece-me que se conseguirá isso com os institutos que já fundei. Entre as meninas surgirão costureiras, mestras que irão depois pelas colônias ensinar, educar, etc. e surgirão também irmãs que assistirão os nossos doentes, etc... Entre os meninos surgirão artistas, professores, missionários, leigos, etc, etc, que irão assistir os colonos, instruí-los...*⁴⁴

Em outras cartas enviadas do Brasil a Scalabrini, escritas entre março de 1895 e outubro de 1896, Marchetti demonstrou progressivo conhecimento da realidade e muita pressa nas iniciativas; respeito ao seu superior e arrojo nas propostas de ação que lhe apresentava; identificação com a obra de scalabriniana e dinâmica fidelidade à missão assumida; ousadia em seu sonho e disposição de realizá-lo e ampliá-lo a qualquer preço; consciência de seus limites e confiança absoluta na Providência; permanente ação de graças e plenitude no dom de si a Deus e aos irmãos.

⁴³ Ibid., p. 24.

⁴⁴ MARCHETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. S. Paulo, 10-3-1895. In: Alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti, op. cit., p. 27-8.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

1.2.4 De Camaiore a Piacenza

Examinamos até aqui, antecedentes remotos e próximos da fundação da congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas. Um quadro conjuntural complexo, característico do século XIX, provocara transformações profundas com reflexos maiores na sociedade ocidental. Fenômeno expressivo desse contexto foi a emigração em massa de italianos para as Américas, ocorrida a partir da segunda metade do oitocentos. Decidido a dar aos migrantes assistência espiritual e material João Batista Scalabrini fundou, com essa finalidade, duas associações, uma de sacerdotes, outra de leigos. Desde o início, Scalabrini e seus missionários constataram a necessidade da colaboração de religiosas para completar a obra junto aos migrantes. Pressionado pelas circunstâncias e subordinado a Scalabrini, padre José Marchetti interveio, convicto de que era indispensável uma nova fundação. Sua iniciativa de reunir em Camaiore o primeiro grupo de missionárias e acompanhá-las à Piacenza, onde se realizou tocante cerimônia de envio, incorpora-se ao processo fundacional da congregação scalabriniana feminina.

O papel desempenhado por Marchetti foi determinante na origem do grupo pioneiro de irmãs mscs. Em Camaiore, uma pequena cidade da província de Lucca na privilegiada Toscana, região da Itália Central rica de história e de belezas naturais, padre José Marchetti começou preparar as pioneiras para a missão no Brasil. Quem percorre os poucos quilômetros de estrada provincial que liga a cidade de Lucca a Camaiore pode admirar o alternar-se de belíssimos panoramas:

...ladeando o caminho, os campos cultivados em terraço, ciprestes e oliveiras recobrimo outeiros; embaixo o vale, alongando até o mar da Ligúria, no Tirreno, a beleza da área; à frente, a alameda de tílias que dá acesso à sede comunal; muito próximo, os contrafortes dos Apuanos de onde procedem as torrentes que movimentaram durante século as indispensáveis e disputadas azenhas⁴⁵.

Nessa inconfundível passagem, nasceram e cresceram José e Assunta Marchetti. O mesmo livro de batizado S, 1867-1883, da igreja colegiada de Santa Maria Assunta, na sede da comuna, que à página 45, número 208, registra o batismo de Marchetti, João Maria Jerônimo José Atílio, filho de Angelo de Antonio do primeiro moinho, e de Carolina de Giovanni Domenico Ghilarducci, de legítimo matrimônio, nascido a 3 de outubro de 1869, contém em sua página 75, número 191, este registro:

Dia 16 de agosto de 1871

*Marchetti, Maria Assunta Caterina, filha de Angelo de Antonio de Lombrici, e de Carolina de Giovanni Domenico Ghilarducci de Viareggio, de legítimo matrimônio, nascida dia 15 às onze horas, tendo sido batizada no dia acima pelo Sr. Cura Domenico Giannucchini. Padrinho, Antonio Ghilarducci, madrinha, Caterina Ghilarducci...*⁴⁶

José e Assunta Marchetti tinham respectivamente, cerca de 10 e 8 anos de idade quando, em fins de 1879 a família, como se disse,

⁴⁵ SIGNOR, Lice M. João Batista Scalabrini e a migração italiana: Um projeto sócio-pastoral, op. Cit. P. 160.

⁴⁶ BATTEZZATI dal 1867 al 1883. In: Archivio Parrocchiale della chiesa di Maria Assunta. Camaiore, Lucca.

deixou Lombrici para se estabelecer junto a outro moinho que padre Franco Marchetti, sobrinho neto de padre José e madre Assunta, identificava como sendo *Il Molino della Fabbrica*, localizado no limite com Capezzano, outra fração de Camaiore. Segundo o mesmo padre Franco, os Marchetti nunca moraram em Capezzano.

Nesse novo endereço, Assunta preenchia seu cotidiano com destreza, era o braço direito da mãe e ajudava o pai em atividades ligada ao moinho. A condição de filha mais velha, os numerosos irmãos menores, a saúde frágil da mãe, as dificuldades econômicas, a responsabilidade desde cedo partilhada em família, prepararam Assunta para a missão que Deus lhe reservava.

À medida em que os anos passavam a jovem Assunta sentia crescer a aspiração de se tornar carmelita. Manifestada a intenção, o pai consentiu, mas a saúde precária da mãe fez adiar a realização do sonho. Quando a situação permitiu a partida, a morte do pai ocorrida em 1893, exigiu-lhe nova espera.

Enquanto Assunta aguardava o tempo favorável para seguir a vocação a que aspirava, seu irmão José, já sacerdote em missão, no Brasil, mantinha Scalabrini informado sobre suas atividades, de modo especial em São Paulo: acompanhava a construção do orfanato Cristóvão Colombo; peregrinava pelas fazendas onde exercia com zelo extraordinário seu ministério sacerdotal junto aos migrantes; minimizava as dificuldades, que eram muitas; fazia contato com autoridades, colaboradores, imprensa; planejava novas viagens; recrutava e preparava novos membros, tendo em vista a missão scalabriniana em sua globalidade; mais que um simples executor de ordens, comportava-se como um missionário criativo na ação pastoral; tudo o que realizava e pretendia realizar comunicava-o a Scalabrini, seu superior, com respeito, entusiasmo e leveza. A obra que citamos, *Alguns escritos inéditos para evocar e aprofundar a figura de padre José Marchetti, cs*, preciosa em seu conteúdo, é fundamental para conhecer melhor o heróico missionário e facilitar a compreensão do processo de fundação da congregação mscs, que teve em Camaiore e Piacenza o seu itinerário inicial.

Particular importância para a história da congregação scalabriniana feminina tem a carta de padre Marchetti a Scalabrini, de 4 de abril de 1895, da qual transcrevemos alguns aspectos abordados pelo missionário e que manifestam seu pensamento a respeito das futuras irmãs, por ele identificadas como nossas colombinas:

Deo gratias! Estou tratando de colocar nossas colombinas também no hospital Umberto I, que abrirão em breve. Lá serão internados os emigrantes doentes. Por que as nossas colombinas não deverão assumir os cuidados deles? Assim a nossa missão será cumprida. Recebe os emigrantes, embraca-os, acompanha-os na travessia, acolhe os órfãos, tem um sorriso e um conforto para os doentes, os conduz ao trabalho, torna a visitá-los, enxuga-lhes as lágrimas e os reconduz à terra natal. Deo gratias!⁴⁷

⁴⁷ MARCHETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. S. Paulo, 4-4-1895. In: *Alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti*, op. cit., p. 37.

Chama atenção nesse parágrafo da carta de Marchetti a sintonia com o pensamento de João Batista Scalabrini quanto ao aspecto da complementaridade, de que tratamos. Igual a Scalabrini no início, o Missionário pensa a futura congregação feminina como um ramo da congregação scalabriniana masculina. Em outro parágrafo da mesma carta, Marchetti refere-se as colombinas e, embora a cautela, expressa otimista certeza de que a nova fundação corresponde ao querer divino:

*...por enquanto serão damas de caridade, quando tiverem dado prova poderão, de fato, formar uma congregação; são muito necessárias e sinto que Jesus as quer para afastar um mal na imigração, que os padres não poderiam remover*⁴⁸.

A afirmação de Marchetti reporta àquela de Scalabrini, de março de 1889, quando da entrega do crucifixo a Francisca Xavier Cabrini e companheiras e sugere uma comparação entre esses dois textos e outros já transcritos, que documentam quanto era por eles considerada necessária a fundação scalabriniana feminina.

Foi a constatação da necessidade de ajuda de um instituto feminino, identificado com a projeto sócio-pastoral de João Batista Scalabrini, que motivou a iniciativa de padre José Marchetti, de reunir o primeiro grupo de missionárias da futura congregação das irmãs de São Carlos Borromeo, scalabrinianas. É ainda na carta de 4 de abril de 1895 que padre Marchetti comunica a Scalabrini, com sua expectativa, uma previsão e os primeiros passos do nascente instituto:

*Partirá na expedição de julho, minha Mãe, com as irmãs e duas noviças que estão em Florença para se exercitarem no espírito de sacrifício e de amor a Deus; duas estão aqui e assim termos 7 ou 8. Deo gratias! Pensaremos na veste. Que alegria será para mim quando poderei ter comigo 8 missionários e 8 missionárias! Meu Deus, fazei chegar depressa esse tempo para alegrar o vosso servo!*⁴⁹

As pioneiras da congregação mscs, entre elas Assunta Marchetti, deixaram Camaione em outubro e não em julho, como previa padre Marchetti. O retorno do Missionário à Itália e sua presença em Camaione teve como finalidade organizar o pequeno grupo de missionárias ao qual seria confiada a direção do orfanato Cristóvão Colombo, em São Paulo. No dia 23 de outubro de 1895 as candidatas recrutadas por Marchetti, trajando o hábito de postulantes, dirigiram-se à Piacenza onde chegaram na tarde desse mesmo dia.

As quatro missionárias foram hospedadas no instituto para surdo-mudas existentes em Piacenza. No dia seguinte, 24 de outubro, acompanhadas de d. Domenico Costa, de padre Eugenio Benedetti e de padre José Marchetti, foram apresentada a Scalabrini, que as encorajou e as abençoou. Dia 25 aconteceria o ato de fundação da congregação scalabriniana feminina. A história desse momento foi preservada em um escrito de padre Eugenio Benedetti, pároco de Capezzano.

Primeiro cronista da história da congregação mscs, padre Eugenio narrou para l'Esare, jornal de Lucca, a despedida de Marchetti e das missionárias que partiram para o Brasil. L'Esare publicou a crônica em

⁴⁸ IBID., p. 38.

⁴⁹ Ibid., p. 38.

sua edição de 30 de outubro de 1895, da qual obtivemos cópia junto à biblioteca de Lucca no ano de 1981.

Padre Eugenio Benedetti relata que antes de deixar Camaiore padre José Marchetti quis celebrar um ofício fúnebre pela alma de seu pai. Durante a cerimônia, que comoveu a população local, o Missionário dirigiu a palavra à superiora da expedição que, *por singular desígnio da Providência divina, era sua mãe*. Faziam parte do pequeno grupo.

Formatado: Italiano (Itália)

Carolina Marchetti, superiora, Assunta Marchetti, Maria Franceschini e Angela Larini. As duas últimas foram educadoras pelo mesmo Marchetti no espírito apostólico, quando ele era ecônomo de Compignano e haviam terminado de se preparar nos mosteiros de Florença⁵⁰.

Brevi cenni, documento escrito por Giuseppe Zioni, refere a finalidade do encontro das pioneiras com Scalabrini, em Piacenza, nos dias 24 e 25 de outubro de 1895:

...depositar nas mãos daquele ilustre Prelado, qual protetor e fundador de sua nova congregação, os seus votos, as suas aspirações e usufruir dos seus sábios conselhos, lúcidos ensinamentos a fim de preservarem em sua vocação e para a consecução do fim prefixado na alta missão de proteger e educar cristãmente os abandonados e os pobres orfãos⁵¹.

João Batista Scalabrini assumiria a iniciativa de padre José Marchetti, até porque a mesma coincidia com a finalidade de seu projeto sócio-pastoral. Desta forma, os carismas pessoais de madre Assunta e companheiras, bem como das irmãs mscs de todos os tempos, passariam a dar nova visibilidade ao carisma scalabriniano.

1.2.5 Ato de fundação do instituto

Desde o início, o caminho apostólico da congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo descortinou-se amplo e sinuoso. Deixar Camaiore foi para as pioneiras a primeira etapa de um percurso que se tornaria heroico. Em sua passagem por Piacenza, no outono de 1895, as então *servas dos órfãos e dos abandonados no exterior* protagonizaram um fato memorável na história da congregação scalabriniana feminina. O 25 de outubro de 1895 foi começo de uma experiência que se prolongou no tempo. A falta de elementos formais, que caracterizou o ato fundacional, não impediu que o experimento iniciado permanecesse vivo e superasse a prova. A gradativa regularização, todavia, ocorreu através de um processo lento e em diversos momentos, penoso. Essa dimensão de cruz, por outro lado, resultou em fecundidade espiritual que enriqueceu o nascente instituto e a igreja.

⁵⁰ BENEDETTI, E. Partenza di D. Marchetti. In: L'Esare, Lucca, 30 ottobre 1895. Anno IX, n. 249, p. 1, 3c.

⁵¹ BREVI CENNI sulla fondazione e lo sviluppo della congregazione delle suore missionarie di s. Carlo, anteriormente denominate "ancelle degli orfani e dei derelitti all' estero". 1931. P. 2 (AGSS 1.4.4). BREVI CENNI é um registro histórico e contém memórias confiáveis, em especial de madre Assunta Marchetti. O documento foi apresentado à congregação consistorial no ano de 1931. Giuseppe Zioni, autor do escrito, casou com Marietta Marchetti, irmã de madre Assunta e de padre José Marchetti. Giuseppe e Marietta são os pais de d. Vicente Ângelo José Marchetti Zioni, arcebispo emérito de Botucatu, estado de São Paulo, Brasil.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Dada sua importância para a história da congregação mscs transcrevemos a narrativa de padre Eugenio Benedetti, testemunha daqueles momentos de outubro, em Piacenza:

Eu mesmo embarquei na viatura e os acompanhei até Piacenza. Lá me esperavam emoções verdadeiramente novas. Vi Marchetti abraçado a d. Scalabrini, parecendo-me um São Francisco de Sales, abraçando um seu dileto apóstolo. Aqueles dois corações cheios de ardor, entendiam-se falando a linguagem dos apóstolos; o significado da conversa deduzia-se das lágrimas que brilhavam nos olhos...

Ao mesmo tempo, do instituto das surdo-mudas onde se haviam hospedado, as novas servas dos órfãos e dos abandonados eram conduzidas ao palácio episcopal. A acolhida foi aquela feita por um santo sequioso da glória de Deus. Falou durante muito tempo com a Superiora, assegurando-lhe que o instituto de seu filho, com a obra delas seria a providência e a salvação daquelas distantes populações. Terminada a reunião, confirmou e aumentou as faculdades de Marchetti e convidou para o dia seguinte, às 7 horas, na capela privada episcopal, para a emissão dos votos. Às 7 horas em ponto estavam todos na capela. O Bispo paramenta-se para o s. sacrifício. O Missionário e as missionárias recolhem-se profunda contemplação até que o mestre de cerimônias entoa o confiteor. Então o zeloso Bispo, voltando-se para o Santíssimo nas mãos diz: Ecce Agnus Dei e depois silencia. Nosso padre José prostra-se, então, diante do Santíssimo e, comovido, diz em voz clara mais ou menos estas palavras: Eu, José Marchetti, chamado à honra do apostolado católico, diante do Deus onipotente aqui presente sob as espécies eucarísticas, faço voto perpétuo de castidade, obediência e pobreza. Ó Jesus, abençoai-me e fazei que estes votos que vós me haveis inspirado sejam minha força na vida, o meu conforto na morte e a minha coroa na eternidade. O bispo distribui a comunhão às servas e termina a missa. Põe depois a preciosa mitra, benze os crucifixos e a seguir faz um breve discurso às missionárias. Uma delas, também com voz comovida, diz em nome de todas: ainda que indignas, nós, Carolina Marchetti, Assunta Marchetti, Maria Franceschini e Angela Larini, chamada por Divina Providência à honra do apostolado católico, juramos fidelidade ao nosso Esposo celeste, fazemos votos ad tempus de castidade, obediência e pobreza. E vós, ó Jesus, aqui presente vivo e verdadeiro, imortal e glorioso, fazei que estes votos sejam a nossa força em vida, o nosso conforto na morte, a nossa coroa no céu. Amém. O Bispo, comovido até às lágrimas, benze os crucifixos e voltando-se diz: 'Eis o vosso companheiro indivisível nas apostólicas excursões, o conforto, a força e a vossa salvação'; e o coloca ao pescoço das novas esposas. Depois aceita a promessa de obediência, abençoa chorando, dá um volume da vida de Perboyre para exemplo, um abraço, um beijo a Marchetti e a cerimônia está concluída. Toma-se uma refeição no palácio episcopal, embarca-se na viatura e já para o trem. O júbilo que irrompia do coração faz brotar dos lábios um sorriso celeste, desaparecem os perigos, entusiasma-se os passageiros. Uma jovem senhora pede para ser agregada às servas dos órfãos e dos abandonados, um pároco anseia por consumir a vida no novo apostolado, a estrela do mar os guia; entre o ruído da locomotiva ecoa mais forte o grito de viva Maria. Com esse brado de contentamento chega-se a Gênova. Uma multidão de emigrantes alegra-se pela ótima companhia. Logo exultarão os órfãos, exultarão os abandonados lá pelas plagas imensas do Brasil⁵².

Em Memórias sobre a fundação da congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, de Ettore Martini, redigidas em base a depoimentos de irmãs mais antigas, de modo especial o de irmã Carmela Tomedi, consta que na inesquecível *paterna despedida* Scalabrini disse às quatro pioneiras: *Ide confiantes, filhas, mandar-vos-ei depois outras coirmãs e vós retornarei para formar-vos e consolidar-vos no espírito religioso*⁵³.

⁵² BENEDETTI, Eugenio. Partenza di D. Marchetti. In: L'Esare, op. Cit, Lucca, 30 Ottobre 1895. p. 1, 3c.

⁵³ MARTINI, Ettore. Memorie sulla fondazione della congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo – Scalabriniane (AGSS 1.4.4).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Além da cerimônia de Benedetti e de Memórias, de Martini, também Brevi Cenni, obra escrita por José Zioni em base, sobretudo, ao testemunho fidedigno de madre Assunta Marchetti, contribuiu para preservar a memória daquele histórico início:

Padre Marchetti obteve de d. Scalabrini a faculdade de receber a renovação dos votos pronunciados por aquelas irmãs, por outros seis meses e, ao término desses, por um ano inteiro. Devia ainda compilar o estatuto com as regras a serem observadas por aquela neo-congregação, extraindo-as das constituições das irmãs da Visitação...⁵⁴

O caráter privado da profissão religiosa das quatro primeiras irmãs, as constituições ainda não compiladas, o noviciado por fazer, as circunstâncias, enfim, que envolveram a fundação da congregação scalabriniana feminina evidenciam a condição de experimento da mesma, conforme previra Marchetti: *por enquanto serão damas de caridade, quando tiverem dado prova poderão, de fato, formar uma congregação*⁵⁵.

O novo instituto, que iniciava a sua trajetória sem cumprir os procedimentos canônicos da época, oferecia às primeiras irmãs a provisoriedade de quase tudo, até do próprio nome que as identificavam. Consciente do caráter experimental de sua instituição as pioneiras entenderam que a continuidade da obra, incluída a eventual mudança do nome, deveria ser uma conquista condicionada à superação de provas. Inacabada, a nascente família religiosa assumiu a missão como elemento essencial e, seguindo a dinâmica do evangelho, as missionárias traduziram o seguimento de Jesus Cristo em presença pastoral inserida num contexto migratório, dedicando-se naqueles primórdios de modo pleno ao serviço dos irmãos em mobilidade, à caminho do Brasil.

⁵⁴ BREVI CENNI, op. Cit., p. 3.

⁵⁵ MARCHETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. S. Paulo, 4-4-1895. In: alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti, op. cit., p. 38.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

1.3. Fisionomia da irmã mscs

1.3.1 Primícias pastorais na travessia Gênova-Santos

Fortalecidas pela intensa celebração de 25 de outubro de 1895 e tendo impressa na mente a profética afirmação do fundador, João Batista Scalabrini, de que a obra delas seria a providência e a salvação de populações distantes, as missionárias scalabrinianas acompanhadas do co-fundador, padre José Marchetti, fizeram-se ao largo no sentido pleno da palavra. Chegar ao porto de embarque, deixar a terra natal para ir ao encontro de órfãos e de abandonados em terra estranhas significava atingir um bom nível da prova exigida. Já em alto mar, no espaço pastoral aberto durante a travessia Gênova-Santos e depois em São Paulo, a verificação da aprendizagem favorecida pela força do carisma chegou a indicadores ainda mais altos. O curso dos acontecimentos que fizeram a história da congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas, não seria sempre linear, mas a bênção daquele início permaneceria no tempo. A fisionomia da irmã mscs, cedo plasmada na itinerância apostólica junto aos irmãos em mobilidade, legitimaria o instituto scalabriniano feminino, assegurando-lhe continuidade, expansão e consolidação.

Na tarde de 27 de outubro de 1895, padre José Marchetti e as pioneiras scalabrinianas embarcaram no *Fortunata Raggio*, que deixou nesse dia o porto de Gênova com destino ao Brasil. Entre o berço da nascente congregação e a primeira missão a que eram enviadas as novas missionárias havia o Atlântico. A travessia foi para elas estágio-primícia. *Bendita a missão sobre o Oceano*, escreveu Marchetti alguns meses antes⁵⁶. Depois de três semanas de viagens, a 17 de novembro, chegaram à Ilha Grande que na época era porta de entrada dos migrantes no Brasil. Ilha Grande, no litoral do Rio de Janeiro, foi nesse dia cenário de um novo momento especial para padre Marchetti e para as quatro missionárias scalabrinianas:

*Tendo participado da S. Missa celebrada por padre Marchetti, que distribui a primeira comunhão a 83 crianças preparadas durante a longa travessia do oceano, como também a outros devotos que quiseram participar da S. Missa Para render graças ao Senhor que os havia protegido naquela longa e perigosa viagem, as quatro irmãs, com humildade, mas felizes, receberam o véu monástico que fora bento por d. Scalabrini, em substituição àquele de seda...*⁵⁷

Retomada a viagem, Chegaram a Santos na manhã de 20 de novembro de 1895. Na tarde desse dia já estavam no Ipiranga, em São Paulo, capital, tendo-se hospedado na casa da senhora Paradisa Giorgi, sua compatriota, que os acolheu com satisfação. Nos dois dias

⁵⁶ MARCHETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. S. Paulo, 29-3-1895. In: alcuni scritti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti, op. cit., p. 32.

⁵⁷ BREVI CENNI, op. Cit., p. 4.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

seguintes foram hóspedes das irmãs de são José, que trabalhavam na Santa Casa de Misericórdia, de são Paulo.

No dia 22 de novembro as missionárias participaram da missa celebrada em sufrágio da alma de d. Luigi Lasagna, bispo da congregação salesiana, morto em acidente ferroviário com apenas 45 anos de idade. O ato religioso foi celebrado na igreja do Sagrado Coração. D. Lasagna, 1850-1895, que foi o fundador da obra salesiana no Uruguai, Brasil e no Paraguai, promoveu o progresso e a paz, e através de sua correspondência, deixou valiosas informações sobre a realidade social, cultural e política desses três países da América do Sul.

Em seguida as missionárias, então servas dos órfãos e dos abandonados no exterior, foram apresentadas a d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, bispo da diocese e mais tarde arcebispo do Rio de Janeiro e primeiro cardeal da América Latina.

Os dois compromissos agendados merecem uma tríplice consideração: o comparecimento à cerimônia religiosa revela abertura à realidade circundante, o que antecipa um modo de ser presença pastoral participativa, benéfica e evangelizadora. O encontro com d. Joaquim Arcoverde, ainda que breve, demonstra disposição de desenvolver uma ação apostólica em harmonia com a orientação do ordinário do lugar e integrada à pastoral diocesana. Por sua vez, comparecer em grupo àquela cerimônia e assim apresentar-se ao Bispo diocesano denota coesão interna, condição essencial para êxito apostólico.

Depois de terem sido hóspedes por dois dias junto às irmãs de são José as pioneiras retornaram ao Ipiranga e estabeleceram-se em uma casa antiga, de propriedade do dr. José Vicente de Azevedo, permanecendo nesse local por cerca de um mês. O imóvel ficava próximo ao atual Museu Paulista.

Ao constatar que a construção do orfanato já estava bem encaminhada, passaram a residir no prédio ainda em fase de acabamento. Brevi Canni registra esse importante evento:

No dia da Imaculada concepção, 8 de dezembro, todas as irmãs foram visitar o orfanato e compreenderam que havia chegado o momento de assumir a direção; desde então passaram a cuidar daqueles poucos orfãozinhos que a exuberante caridade do padre Marchetti já havia recolhido e ali reunido e protegido⁵⁸.

Em uma prestação de contas referente às despesas com a construção do orfanato, datada de 12 de janeiro de 1896, padre Marchetti escreveu:

No dia 8 de dezembro de 1895 foi inaugurado este primeiro orfanato, sendo confiado a partir desse dia à superiora das servas dos órfãos e dos abandonados no exterior, revda. senhora Carolina Marchetti, mãe do fundador e fundadora cooperadora⁵⁹.

Poucos dias depois de inaugurado o orfanato, a 12 de dezembro de 1895, Marchetti escreveu a Scalabrini, informando-o sobre a repercussão do fato e sobre a boa acolhida à nova congregação, de

⁵⁸ Ibid., p. 5.

⁵⁹ IBID., p. 6.

parte das autoridades locais, civis e religiosas. Na mesma carta solicitava ao Fundador o envio de documentação, autorizando e especificando duas atribuições na missão, também em relação às servas a aos futuros missionários. Padre José pedia a Scalabrini, inclusive, a *ratificação-aprovação da congregação nascente com a obrigação dos votos semestrais antes, depois anuais, depois perpétuos*. O Co-fundador justificava o pedido, prevenindo que a falta de documentação poderia criar dificuldades e causar aborrecimentos⁶⁰.

Um mês após, a 12 de janeiro de 1896, padre José Marchetti já com a saúde abalada, ansiava por notícias de seu Superior e voltava a insistir na documentação:

*Não tenho documento para apresentar, nem por mim, nem pelas servas! Não tenho cartas que autorizem minhas faculdades, seja em relação a mim mesmo como missionário apostólico de São Carlos, seja em relação às servas. Por caridade, mande-os logo, mas logo mesmo...*⁶¹

Em carta a Scalabrini, de 13 de janeiro, Marchetti voltava a lamentar a falta de correspondência: *Que amargura, porém, não poder ter uma carta de meu Superior! E tenho tanta necessidade dela! Se o Bispo me chama, que lhe apresento?*⁶² A 17 de março de 1896, enfim, Marchetti pôde escrever a Scalabrini:

*Deo gratias! Como me lamentava sem motivo! Foi desleixo postal e que desleixo! Agora, porém, recebi a carta e estou mesmo contente, como também o Bispo. É desnecessário que eu continue a dizer a V. Excia. Que nossas coisas vão bem, porque sabe que a empresa é de Deus e, portanto, vai...*⁶³

Pena que o arquivo histórico da congregação mscs não esteja de posse, nem mesmo de cópia, da preciosa documentação enviada por João Batista Scalabrini a padre José Marchetti entre fins de 1895 e inícios de 1896. Para este caso como para outros, é importante persistir na investigação porque fica sempre a possibilidade de localizar documentos históricos perdidos, independente do motivo que ocasionou o extravio.

Sobre os primeiros passos da caminhada pastoral do instituto em São Paulo, sabemos através de padre Marchetti e de algumas outras fontes, que as irmãs acolhiam com solicitude os pequenos órfãos que o missionário lhes trazia em número cada vez maior. Essas primícias no desenvolvimento histórico da nascente congregação caracterizaram-se por uma dinâmica fidelidade ao carisma de fundação. Junto à intensa atividade apostólica, levada além do limite de suas energias físicas, padre José Marchetti deu sequência ao processo formativo das pioneiras. Com palavras e com testemunho ainda mais eloquente, o

⁶⁰ MARCHETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. Ypiranga, 12-12-1895. In: Alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti, op. cit., p. 49.

⁶¹ MARCHETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. S. Paulo, 12-1-1896. In: Alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti, op. cit., p. 54.

⁶² MARCHETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. Brodoscki, 31-1-1896. In: Alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti, op. cit., p. 59.

⁶³ MARCHETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. Ypiranga, 17-3-1896. In: Alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti, op. cit., p. 61.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Missionário continuou a modelar no primeiro grupo de irmãs scalabrinianas a inspiração primigênia.

1.3.2 Orfanato Cristóvão Colombo, São Paulo

Iniciada como experiência, a congregação das irmãs de São Carlos seria reconhecida como instituto de direito pontifício cerca de quatro décadas mais tarde. Entre o momento de Piacenza-Gênova de outubro de 1895 e o do reconhecimento pontifício ocorrido em janeiro de 1934 interpôs-se um caminho que, além de demorado foi difícil, embora fecundo do ponto de vista pastoral. Retornar a esses primórdios implica em necessidade de conhecer um pouco mais a história do orfanato Cristóvão Colombo de São Paulo ao qual, como vimos, liga-se a origem do instituto scalabriniano feminino e boa parte dos fatos de sua evolução histórica.

A idéia de construir em São Paulo um orfanato para filhos de imigrantes italianos, sabemos, foi de padre José Marchetti motivada, sobretudo, pela morte de uma jovem mãe deixando um filho pequeno e o esposo no desespero, episódio ocorrido durante a travessia e que comoveu o missionário e o levou à iniciativa. Na concretização da idéia padre Marchetti contou com a colaboração do jesuíta, padre André Bigioni, que facilitou o contato do missionário com o conde José Vicente de Azevedo. O Conde logo apoiou a idéia do orfanato e ofereceu ao Missionário, além do terreno localizado no Ipiranga, uma pequena capela dedicada a São José e mais 50 mil tijolos, tornando-se o grande benemérito da obra. No dia 15 de fevereiro de 1895 foi lançada a pedra fundamental do orfanato Cristóvão Colombo, inaugurado 10 meses depois, a 8 de dezembro, passando a funcionar com duas seções, a masculina e a feminina.

Antes que fosse concluído o prédio do Ipiranga, padre José Marchetti encaminhou a construção de um segundo, em Vila Prudente, num terreno doado pela senhora Maria do Carmo Cypariza Rodrigues e pelos irmãos Falchi.

A construção de toda a obra contou sempre com a providência de Deus e também com a colaboração de tantas outras pessoas. Padre Marchetti organizou inclusive, um comitê plurinacional, constituído de senhoras italianas, brasileiras, alemãs, portuguesas e espanholas, encarregado de concluir o prédio destinado a abrigar meninas órfãs. Em carta a Scalabrini, de 10 de março de 1895, o Missionário informava-o os custos dos dois edifícios: *O das meninas custará cerca de sessenta contos (150.000 liras). O dos meninos, trezentos contos (750.000). Completava Marchetti:*

Eh! E que é tanto para a Providência de Deus? Eu não desanimo. No fim das contas, os homens trabalham e eu não tenho outra coisa a fazer senão rezar, confessar, pregar e ir de porta em porta pedir. De quem me dá dinheiro recebo

dinheiro, de quem me oferece humilhações, recebo humilhações; são boas também essas. Mas, os recursos vêm e os muros crescem...⁶⁴

Enquanto os muros subiam, padre Marchetti providenciava já o sustento dos órfãos a manutenção da obra. Com essa finalidade promoveu uma ampla participação, que envolvia os governos brasileiro, italiano, alemão, espanhol e português, entendendo ser melhor acolher os órfãos de imigrantes de todas as nacionalidades. Era plano seu instruir em todas as colônias um cooperar da obra, tendo em vista garantir o pão aos órfãos e, no mesmo tempo, estreitar as relações entre os colonos e os missionários. Pretendia ainda obter todos os meses dos comerciantes da área urbana, pão, café, carne e, desta forma, assegurar também o contato deles com os missionários. Para as garotas e os juvenzinhos, Marchetti previa alternativas de trabalho e de ganho na confecção de roupas e na fabricação de calçados, de móveis e objetos artísticos. Determinado a facilitar uma qualificada formação aos órfãos, elaborou o programa, *Orphelinato de Arte e Officios Chistovam Colombo*, que transcrevemos abaixo na ortografia original e que consideramos importante, quer pelo modelo proposto, quer pelos elementos históricos nele contido:

ORPHELINATO DE ARTES E OFFICIOS

“CHRISTOVAM COLOMBO”

Secção dos Meninos na “Villa Prudente de Moraes” e das Meninas no “Ypiranga”.

O abaixo assignado Missionario Apostolico para os Emigrantes, enviado pela congregação “Christovam Colombo” vem promover em S. Paulo a fundação do Orphelinato que tem de educar e fazer bons operários e bons cidadãos dos orphãos dos infelizes emigrantes que sobre o mar, ou nas colônias tenham fallecido, deixando aos desamparo os seus filhos menores. Diante do espectáculo compungente que apresentam essas creanças e que suscitam perante a Europa sentimentos generosos, esperamos que será bem acolhido deste povo o seguinte

PROGRAMMA:

O Orphelinato será estabelecido segundo as bases e modelos de outros estabelecimentos congêneres, e na sua construcção juntará a facilidade da vigilancia para o trabalho e para a moral com o confortavel e as precauções da hygiene. Em proporção dos recursos, começará por partes sob o norma da planta geral e vigorará com os seguintes estatutos:

I.

1. Os fundos da instituição proveniente das dádivas, ofertas e auxilios de toda a especie serão publicados mensalmente o primeiro anno e depois annualmente em folheto para a distribuição, com as parcelas distinctas das doações, etc., etc., nome dos offerentes e relação das despesas e movimento.

⁶⁴ MARCHETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. S. Paulo, 10-3-1895. In: Alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti, op. cit., p. 28.

2. Todos os fundos de caixa sempre serão empregados para maior desenvolvimento da instituição do logar.

II.

3. O Orphelinato será dividido em duas secções, a do sexo masculino e a do sexo feminino; a dos meninos a se construir na Villa Prudente de Moraes e das meninas no Ypiranga.

4. Os Orphãos serão admitidos de qualquer idades; as creanças menores de 6 anos ficarão recolhidas uma secção separada junta com a secção das meninas e aos cuidados das mesmas Directoras da dita secção.

5. Aos meninos será ministrado o ensino das primeiras letras e o das Artes e Officios segundo a indole e a disposição dos educandos, se contractando para tal fim habeis mestres e profissionaes.

6. Os meninos uma vez recolhidos não poderão ser entregues senão a parentes ou pessoas munidos de competente autorisação assim querendo os orphãos. Chegados a idade competente a Direcção enviará todos os esforços pela boa collocação dos recolhidos.

7. Os meninos que depois de dez annos de idade, tiverem nove annos de permanência no Orphelinato, receberão na sua sahida um bahú com dous ternos de roupa de cesemira, tres de algodão com a competente roupa branca e accessorios, caixa de ferramenta, livros do officio e 500\$000 em dinheiro, tudo complessivamente na importância de 1:500\$000 rs.

III.

8. A secção das meninas estará entregue a Irmans e Damas de Caridade da mesma congregação, sob a direcção de uma superiora. O Director só se incumbirá dos officios religiosos e da administração exterior e temporal.

9. As orphas será ministrada a intrucção necessária a vida pratica no fim de se formar boas artistas, boas pessoas de serviço e boas donas de casa e mães de familia.

10. As differentes direcções dos trabalhos manuaes serão contractadas com Mestras e Directoras que offerecerem maiores vantagens.

11. A collocação das meninas adultas estará exclusivamente a cargo de um conselho de Damas de Caridades presidido pela Superiora que armonizará as exigencias da idade com a vontade e disposições das meninas.

12. As meninas que estiverem dos dez até 17 annos de idade no Orphelinato receberão enxoval e dote na importancia de 1:500\$000 rs.

IV.

13. Não serão recusados orphãos de outras procedencias assim como os que não sendo orphãos, mas argados á vagabundagem forem remetidos pelas autoridades competentes.

14. Os edificios serão franqueados a toda honra ás autoridades e aos visitantes nos dias e horas estabelecidas.

São Paulo, 10 de Março de 1895.

Prof. PADRE JOSÉ MARCHETTI,

Sup. Dos Missionarios da congregação

“Chistoovam Colombo” no Brasil

Em meados de junho de 1895, enquanto aguardava a presença em São Paulo de um missionário que o substituísse durante sua viagem à Itália, por alguns instantes Marchetti questionou-se: *Não sei o que terei feito criando esses orfanatos uma vez que, embora me console a consciência e a unanimidade da opinião pública, aflijo-me amargamente porque ainda não ouvi a voz do meu venerado Superior...* Enquanto isso, sem nunca esmorecer, durante sua permanência no Brasil padre Marchetti formava convicções a respeito do melhor modo de realizar a missão scalabriniana no país. Em base à sua experiência o Missionário sugeriu caminhos pastorais e o fez com a consciência de precursor: *A Providencia, diante do crucifixo- já que consulto a Ele não tendo presente o meu Superior – inspirou-me estas reflexões e deu-me a coragem de abrir o caminho;o resultado foi até maior do que as expectativas*⁶⁵. Em sua correspondência com Scalabrini, Marchetti insistia na necessidade de os missionários scalabrinianos, igual aos de outras congregações, procederem *como um corpo compacto e hierarquicamente organizados*. Escrevia o Missionário: *existimos para fazer o bem verdadeiro às almas e isso acontece somente através das missões e não com disputas entre agentes*⁶⁶.

A ação sócio-pastoral de padre Marchetti foi de extraordinária importância no conjunto da obra scalabriniana, realizada junto aos migrantes italianos. O orfanato, sobretudo, conquistou a simpatia da população em geral e de autoridades, pela urgência da iniciativa e pela qualidade do serviço nele prestado. Na data de sua inauguração, a 8 de dezembro de 1895, o Cristóvão Colombo do Ipiranga admitiu os primeiros 20 órfãos, número que foi aumentando de modo gradativo. Em março de 1896 eram 50. A morte de padre Marchetti, em dezembro de 1896, interrompeu a construção do orfanato de Vila Prudente. Sua inauguração só ocorreu a 5 de agosto de 1904, fato que contou com a presença de João Batista Scalabrini, então em visita às missões scalabrinianas no Brasil. Até essa data o estabelecimento do Ipiranga manteve-se organizado em duas seções, a masculina e a feminina. Em agosto de 1904 quando foi inaugurado o prédio de Vila Prudente, as crianças acolhidas nas duas casas somavam 242. Até esse ano, 802 menores já haviam passado pelo orfanato, recebendo aconchego humano, estudo, uma profissão, formação, enfim, para uma vida digna e cristã. Quando do seu jubileu de ouro, em 1945, o orfanato Cristóvão Colombo totalizaria 4654 matrículas. Na história do orfanato houve anos de maior movimento, como entre 1918 e 1919 quando a *espanhola* atingiu São Paulo e durante a fase do *tenentismo*, movimento revolucionário de 1924-1925. Entre 8 de dezembro de 1895 e 8 de dezembro de 1970, 7173 crianças foram acolhidas no Cristóvão Colombo de São Paulo.

⁶⁵ MARCETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. S. Paulo, 14-6-1895. In: *Alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti*, op. cit., p. 45-7.

⁶⁶ MARCETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. Brodoscki, 31-1-1896. In: *Alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti*, op. cit., p. 59.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Uma carta de Scalabrini a Pio X, de 22 de julho de 1904, confirma dados acima e contém outras informações sobre a atividade dos missionários de São Carlos em São Paulo, em particular no orfanato Cristóvão Colombo.

*Há nesta diocese mais de 2000 fazendas que os missionários de São Carlos percorrem indefesos, como verdadeiros apóstolos, com a maior frequência possível, mas com certeza não mais de uma vez por ano, ainda que sejam 12. Porém, é necessário que lhes aumente o número, também para prover melhor a assistência dessas importantes obras de caridade, criadas por eles há uma dezena de anos. Os órfãos italianos terminavam todos de modo inominável. Os primeiros missionários aqui enviados reconheceram logo a necessidade de um orfanato italiano: puderam-se corajosamente à obra e Deus veio em seu auxílio. São já 802 os garotinhos recolhidos, instruídos e colocados, com uma profissão em mãos; e são 242 as crianças no momento, aqui separadas em dois prédios grandes e bem situados fora da cidade e que estudam, rezam, aprendem uma profissão aqui em casa e se preparam para serem bons cristãos. Vivem de esmolas que os missionários recolhem em suas contínuas excursões apostólicas. O que mais me surpreende é que não tem maiores dívidas. É Deus que vê e providencia*⁶⁷.

A carta de Scalabrini ao papa Pio X não faz referência específica ao grupo de irmãs missionárias presentes no Orfanato desde o início de suas atividades, em dezembro de 1895. Sabe-se, por outros depoimentos e porque é fácil compreender, quanto significava essa presença, sobretudo para as crianças acolhidas no aconchego do Cristóvão Colombo. Inúmeros testemunhos escritos, antigos e recentes, comprovam a importância da presença feminina no desenvolvimento de atividades pastorais integrantes do projeto de Scalabrini, realizadas na comum vocação-missão scalabriniana. Entre outros, destacamos o de padre Domenico Vicentini em carta ao Bispo de Piacenza, de março 1896. Padre Vicentini, missionário scalabriniano, foi categórico no avaliar o desempenho das pioneiras junto aos órfãos em São Paulo: *sem elas, com certeza, não se faria nada por esses pequenos*⁶⁸. Afirmar que sem as missionárias *não se faria nada* pelos órfãos pode até ser exagero, mas é justo reconhecer que, tais condições, a obra dos sacerdotes não teria o êxito esperado sem a colaboração efetiva das irmãs mscs.

Para avaliar em o significado da ação sócio-pastoral da irmã mscs no Cristóvão Colombo é preciso deter-se nos pormenores de ocorrências, comuns ou não, registradas no cotidiano das casas do Ipiranga e de Vila Prudente. Mais que uma descrição histórica da presença das missionárias scalabrinianas, essa trajetória histórica merece uma contemplação profunda. As crianças maiores levantavam cedo, eram acompanhadas à toaleta, rezavam, depois tomavam café; em bom número frequentavam a escola e retornavam para o almoço; após um período de recreio recolhiam-se para as tarefas escolares e para outras atividades formativas, conforme estabelecia a programação que era abrangente, envolvendo os aspectos humano, religioso, cívico e profissional. Um ano depois de iniciar suas atividades o Cristóvão

⁶⁷ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera al papa Pio X. S. Paulo (Brasil), 22-7-1904. In: Scritti, op. Cit., v. 2, p. 385 (Minuta).

⁶⁸ VICENTINI, Domenico. Lettera a Giovanni Battista Scalabrini. S. Paulo, 25-3-1896 (AGS – Archivio Generale Scalabriniano 396/1).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Colombo abrigava 180 menores, o que intensificou o trabalho, quer de Marchetti, quer da ainda pequena comunidade das servas.

Entre tantos por quem zelar, cada menino e cada menina era o pupilo e a pupila de padre José Marchetti que contava com a colaboração diuturna, de igual solicitude, das missionárias da primeira hora. Além da execução do programa elaborado em março de 1895, o Missionário queria que os órfãos tivessem outras oportunidades, como a de integrar uma banda cujos instrumentos mandou buscar em Verona, Itália, ou a de aprender um hino que cantariam em esperada visita de Scalabrini ao orfanato. Quando esta ocorreu, em 1904, Marchetti já havia falecido há quase oito anos. Ainda assim, centenas de menores acolhidos, cuidados, educados e vestidos nem sempre à marinheiro como se vê em fotos, ali estavam para confirmar a importância e a atualidade da instituição fundada pelo Missionário scalabriniano em São Paulo.

1.3.3 Identidade religiosa-apostólica da irmã mscs

O orfanato Cristóvão Colombo de São Paulo foi durante dezessete anos, 1895-1912, o único espaço pastoral da congregação das irmãs missionárias de São Carlos. As primeiras irmãs mscs tiveram ali pasmada boa parte de sua identidade religiosa-apostólica, viveram desafios que, superados pela força da fé, consolidaram uma original pertença ao instituto scalabriniano feminino.

Estabelecidas antes no âmbito do orfanato do Ipiranga e depois também em Vila Prudente, as servas centralizaram junto aos órfãos e os abandonados a sua atividade diárias. No início, conforme vimos, Carolina Marchetti assumiu a direção interna do Cristóvão Colombo e era a superiora da comunidade de irmãs. Assunta Marchetti foi designada ecônoma da casa. Angela Larini e enfermeira e Maria Franceschini ficou responsável pela formação das futuras servas dos órfãos e dos abandonados no exterior.

Em carta de 26 de abril de 1896, Carolina Marchetti informava João Batista Scalabrini sobre a primeira renovação dos votos das quatro missionárias, comunicava-lhe a grave doença de irmã Maria Franceschini, falava do andamento da comunidade das servas. Irmã Carolina dizia que em geral tudo prosseguia bem, mas sentia falta da celebração eucarística quando padre José Marchetti circulava pelas fazendas onde desempenhava sua missão junto aos imigrantes. Na carta Carolina Marchetti identifica-se como *filha* e pedia a Scalabrini que abençoasse *as suas servas e as futuras*. Sobre a cerimônia de renovação dos votos escreveu:

Este dia foi solene para nós, ainda que tenha transcorrido deixando-nos todos sobre a cruz. Como passaram rápidos os primeiros seis meses! Com certeza passarão céleres também os outros, por isso nos apressamos a unirmo-nos novamente a Jesus, nosso dulcíssimo esposo. A circunstância, porém, não foi de todo propícia: a nossa

*caríssima irmã Maria do Santíssimo Sacramento está doente, acamada e talvez não mais se recupere*⁶⁹.

Irmã Maria do Santíssimo Sacramento – Maria Franceschini – que deixara a Itália já com a saúde abalada, acometida de tuberculose, viveu ainda cinco anos. Faleceu dia 21 de abril de 1901, aos 28 anos de idade. O zelo e o sentido do dever caracterizaram sua vida, que foi breve. Irmã Angela Larini, que assistiu nos primeiros anos da doença com heroica dedicação, ao que tudo indica contraiu a moléstia, vindo a falecer a 14 de novembro de 1899, com apenas 24 anos de idade.

A morte das duas servas dos órfãos e dos abandonados no exterior havia sido precedida pelo *martírio* de padre José Marchetti, Cartas enviadas pelo Missionários a Scalabrini desde dezembro de 1895 revelam, ao que se presume, intuição da morte próxima. A 12 de dezembro de 1895 confessava que sentia diminuir a força física e pedia a Scalabrini o envio de outro missionário, pelo menos para não ter de caminhar à noite, depois de um dia de trabalho, a fim de celebrar a eucaristia no Orfanato. Manifestava ao seu Superior ter desejado muitas vezes o martírio de sangue, mas que seria feliz se fosse agraciado com o martírio das fadigas apostólicas. Um mês depois, a 12 de janeiro de 1896, em nova carta a Scalabrini escrevia que naqueles dias tinham meditado sobre a morte; que comparara a um cavalo porque as pernas não mais correspondiam ao pensamento e aos anseios do coração; que familiares seus, inclusive a irmã, haviam contraído tifo e que sua mãe, mesmo muito apreensiva e sofrendo, não esmorecia em sua elevada missão. Em março de 1896 assegurava a Scalabrini que tudo prosseguia bem; que as oficinas começavam a funcionar; que fora fundada a casa para os retiros permanentes, com o noviciado das irmãs. Nessas e nas demais cartas, a linguagem confirmava uma fé inabalável, esperança viva, caridade ilimitada, zelo apostólico sem medida. Em horas passadas no Orfanato, os órfãos e os abandonados, as servas e as pessoas a ele ligadas podiam contar com sua constante abnegação. Doente, padre Marchetti continuava a missão pelas fazendas e na cidade. Em cada carta renovava o pedido de ajuda e repetia o seu incessante *Deo gratias!*

Nessa dinâmica fidelidade ao carisma scalabriniano, padre José Marchetti viveu com extraordinária intensidade o compromisso religioso-apostólico assumido e cumpriu de modo pleno o seu papel de co-fundador das irmãs mscs, tendo contribuído para modelar no mesmo espírito a fisionomia do novo instituto feminino.

Em seu caminho ascético-espiritual padre Marchetti acrescentou aos votos de castidade, pobreza e obediência o quarto, *ser sempre vítima do próximo por amor a Deus* e ainda um quinto voto, *não perder mais de um quarto de hora em vão*. Com o voto de caridade Marchetti comprometeu-se em tudo antepor o próximo: aos prazeres, à saúde, à própria vida⁷⁰. Antepondo o próximo à sua saúde e à sua vida o

⁶⁹ MARCHETTI, Carolina. Lettera a G. B. Scalabrini. S. Paulo, 26-4-1896 (AGS 103/3).

⁷⁰ FRANCESCO, Mario. Como um relâmpago – Padre José Marchetti (1860-1896). Passo Fundo, Tipografia Imperial, 1972. p. 44. Tradução de Maria Luiza Trombetta.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Missionário contraiu o tifo, que o vitimou. Morreu a 14 de dezembro de 1896, assim que chegou a São Paulo padre Natale Pigato, a ajuda que Marchetti tanto havia esperado.

A morte de padre José Marchetti abalou o orfanato Cristóvão Colombo. Sucedeu-lhe, em caráter provisório, padre Natale Pigato. As servas passaram a viver um tempo de incertezas e dificuldades maiores. Em março de 1897 por designação de Scalabrini padre Faustino Consoni, missionário no Paraná há dois anos, assumiria o Orfanato de São Paulo, favorecendo sobretudo a continuidade da obra.

No início de 1897 Carolina Marchetti deixou o Orfanato, retornando a Camaioire. Cartas escritas por ela no decorrer desse ano, endereçadas a Scalabrini e a padre Consoni, revelam a dupla pressão sofrida pela Superiora das servas após a morte de padre José Marchetti. De um lado a família, que em 1895 havia resistido à proposta de padre José de emigrar para o Brasil, agora, *desgostosa, quer retornar à Itália, quer abandonar a terra inospitaleira*. A própria Carolina o afirmava em carta a Scalabrini, de 12 de fevereiro de 1897, comunicando-lhe a decisão de deixar o orfanato Cristóvão Colombo e o instituto das servas. Escreveu ainda Carolina Marchetti:

Deus, que conhece meu coração, me perdoará e me abençoará em meio a minha família ainda jovem. Irmã Assunta continuará a prestar seu serviço neste instituto e nós todos rezaremos para que ele prospere e que os sacrifícios de meu filho venham a ser abençoados por tantos pequenos órfãos⁷¹.

De outra parte, como escreveu a mesma Carolina em carta a padre Consoni datada de 10 de agosto de 1897, padre Pigato e Teofilo também a pressionaram para que deixasse o Orfanato. Carolina Marchetti, porém, partiu esperançosa de poder voltar e abraçar os órfãos que tanto amava.

De Camaioire, no decorrer de 1897, com insistência Carolina Marchetti solicitou a Scalabrini permissão para retornar ao Brasil e se estabelecer no Cristóvão Colombo, senão como irmã, na condição de simples servente, decidida a colaborar ainda na obra de seu filho. Em suas cartas ela repetiu, mais de uma vez, que padre José antes de morrer recomendara-lhe muito levasse adiante a obra iniciada em 1895. Em agosto de 1900 Scalabrini autorizava sua entrada ao noviciado, se assim ela o quisesse. Tal não aconteceu. Carolina Marchetti que retornara ao Brasil em fins de 1897, veio a falecer em fevereiro de 1927, aos 77 anos de idade. Em carta à sua irmã Elvira, madre Assunta comunicou-lhe que a veneranda mãe morreu como morrem os santos.

A decisão de Assunta Marchetti de permanecer no Cristóvão Colombo, comunicada por sua mãe Carolina Marchetti a Scalabrini na carta de 12 de fevereiro de 1897, não significou apenas a estabilidade do orfanato, mas assegurou a continuidade da nascente congregação ainda em fase de experiência e em perigo de extinção. Com sabedoria Madre Assunta apropriou-se do papel que lhe foi confiado, de *co-fundadora efetiva* do instituto scalabriniano feminino, tornando-se

⁷¹ MARCHETTI, Carolina. Lettera a G. B. Scalabrini. Ypiranga, São Paulo, 12-2-1897 (AGS 103/3).

instrumento de sua permanência no tempo. A necessidade de encarnar na igreja e na sociedade humana o evangelho de Mateus 25, 35, *eu era migrante e me acolheste em tua casa*, superou os obstáculos possibilitando a continuidade e o desenvolvimento da congregação mscs.

Em fins do século XIX também a congregação scalabriniana masculina, fundada em 1887, ainda não havia adquirido a necessária solidez, que permitisse sustentar sem maiores dificuldades a nascente instituição feminina, pensada no início como ramo da instituição masculina. As Regras compiladas por Marchetti conforme determinação de Scalabrini e que não chegaram a ser aprovadas previam, com efeito, um único superior geral a quem cabia nomear a madre superiora da congregação das servas, enquanto não fosse possível às irmãs convocar o capítulo geral. As Regras estabeleciam uma radical dependência do superior provincial quanto à administração dos bens e determinavam que a madre superiora das servas governaria o instituto feminino sob obediência dos legítimos superiores, no espírito das constituições aprovadas pelo superior geral. Em 1900 Scalabrini dirá que após ter ouvido o parecer de pessoas experientes no assunto entendera ser melhor manter autônomas as duas congregações. Padre Domenico Vicentini, superior geral da congregação dos missionários de São Carlos depois da morte de João Batista Scalabrini defendeu, desde o início, a autonomia para as irmãs mscs.

À parte as diferentes posições, em seus primeiros anos a congregação scalabriniana feminina manteve-se dependente da congregação masculina, como se pode constatar também em documentos preservados, em particular na correspondência de padre José Marchetti e de padre Faustino Consoni com João Batista Scalabrini.

A 9 de março de 1897, quatro dias após ter assumido a direção de Cristóvão Colombo, padre Faustino Consoni escreveu a Scalabrini uma carta na qual deixava claro que para ele o instituto feminino, ainda em processo de fundação, era necessário à complementação da obra scalabriniana junto dos migrantes. Observa a importância de *sistematizar as irmãs* e solicitava-lhe a aprovação das regras escritas por Marchetti, propondo-se imprimi-las depois da tipografia do Orfanato. Na mesma carta relacionava nomes de algumas jovens intencionadas a entrarem na congregação e comunicava a Scalabrini que falara com d. Joaquim de Albuquerque Cavalcanti a respeito das servas. O Bispo de São Paulo perguntara-lhe o que faziam *aquelas mulheres* no Orfanato, tendo a pergunta causado algum embaraço ao Missionário Consoni, enfim, manifestava a Scalabrini o desejo de que, na identificação das servas, constasse: *fundadas por S.Excia. d. Scalabrini, bispo de Piacenza, para os órfãos e os abandonados italianos no exterior*⁷². A 12 de abril, sempre em 1897, Scalabrini respondeu a padre Consoni:

⁷² CONSONI, Faustino. Lettera a G. B. Scalabrini. São Paulo, 9-3-1897 (AGS 496/3).

Quanto às irmãs, havia um regulamento aprovado ad experimentum: se não o encontrardes, escrevei-me logo. Quisemos começar com os votos temporários: veremos o que Deus vai querer. Por enquanto recebei também as jovens das quais me escrevestes, mas ficai atento que sejam tal qual devem ser. Padre Vicentini seria um egrégio diretor das irmãs.

Com caridade e prudência dispensai todos os intrusos na casa. Dos parentes de padre Marchetti, aos quais, nada se deve, não podem permanecer senão duas irmãs, a irmã e a prima, se não erro. Foi o único desgosto que aquele santo Missionário me causou, chamando a si os parentes, quando eu de nada sabia. Mas Deus lhe terá com certeza perdoado o erro e o terá coroado logo como mártir de caridade. Ele, do céu, proteja a sua obra⁷³.

Ainda que a carta de Scalabrini a Consoni, de 12 de abril de 1897, não contenha a totalidade da resposta esperada ela traz, todavia, uma essencial abertura à nova fundação: *veremos o que Deus vai querer. Por enquanto recebei também as jovens das quais me escrevestes, mais ficai atento que sejam tal qual devem ser.* Deus queria a congregação scalabriniana feminina e o manifestava também confirmando pioneiras e chamando novas vocações.

A 24 de outubro de 1897, então dia de são Rafael Arcânjo, na capela do orfanato Cristóvão Colombo, dedicada a são José, após um tríduo de preparação que inclui pregação e exercícios espirituais, emitiram os votos perpétuos simples de castidade, pobreza e obediência, segundo as Regras de são Carlos, cinco irmãs: Assunta Marchetti, Maria Franceschini do Santíssimo Sacramento, Angela Larini, Maria Bassi e Camilla Dal Ri.. Padre Faustino Consoni, por delegação de Scalabrini recebeu os votos das irmãs. Em Brevi Cenni, consta a fórmula da profissão religiosa adotada na ocasião pelas *servas dos órfãos da congregação de são Carlos*. As irmãs Maria Bassi e Camilla Dal Ri, tirolesas, haviam sido admitidas como postulantes pelo padre José Marchetti. Mais de trinta anos depois, aquele 24 de outubro de 1897 seria lembrado como dia de ação de graças ao Senhor e de grande contentamento para as servas. O crescimento numérico da congregação scalabriniana feminino, porém, era lento ao contrário do Orfanato que se desenvolvia, exigindo dedicação máxima do ainda reduzido grupo de missionárias mscs.

As cinco irmãs que professaram a 24 de outubro de 1897 acreditavam ter, como elas mesmas diriam três anos depois, um caminho mais tranquilo pela frente a partir de então. Irmã Assunta Marchetti foi nomeada superiora da comunidade religiosa. O espírito que as animava traduzia-se em edificante dedicação ao Cristóvão Colombo, obras que elas viram crescer e povoar de pequenos órfãos e abandonados a quem acolhiam, convictas de que esse era o projeto de Deus a respeito de cada uma. Nos primeiros anos a ação missionárias das irmãs orientou-se pelas Regras que Marchetti escrevera e que foram preservadas como documento e como vivência pelas pioneiras. O trabalho, todavia, aumentava no orfanato e as fadigas em excesso abalavam a saúde das irmãs. Em carta a Scalabrini, de maio de 1900,

⁷³ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera a P. Faustino Consoni. Piacenza, 12-4-1897 (AGS 3023/3).

padre Faustino Consoni mostrava-se preocupado como os sacrifícios imensos que as servas faziam para levar adiante a obra.

O caminho histórico das irmãs missionárias scalabriniana que em carta a João Batista Scalabrini, de 28 de dezembro de 1900 denominar-se-iam *Irmãs de Caridade da Congregação de São Carlos, de Piacenza*, continuaria marcado por sucessivos contratemplos. A congregação, que foi considerada no início um ramo da congregação scalabriniana masculina, somaria às vicissitudes do quinquênio de 1895-1900 e ao trabalho inaudito na transição de século, outras desafiadoras incertezas, incluída a ameaça de descaracterização do instituto.

São Carlos Borromeo fora indicado por João Batista Scalabrini como patrono da congregação scalabriniana masculina ainda em 1892. Não sabemos se as primeiras irmãs mscs chegaram a conhecer as motivações que haviam levado o Fundador a confiar seus missionários à proteção de São Carlos. É certo, porém, que o nome *irmãs de São Carlos* de que muito se honravam, tornou-se para elas um elemento importante da própria identidade, um bem a preservar.

Em razão de sua relevância transcrevemos aqui os sentimentos expressos por João Batista Scalabrini quando, 15 de março de 1892, três anos antes da fundação da congregação scalabriniana feminina, comunicou aos seus missionários a decisão de confiá-los à proteção de São Carlos Borromeo:

É chegado o momento, ó meus caros, de colocar de modo definitivo a nossa congregação sob a proteção de um santo cujo nome, conforme o desejo que mais vezes me manifestastes, sirva para distingui-la e lhe seja como que o estandarte, o seu emblema.

Depois de ter rezado ao Senhor nessa intenção e ter invocado as luzes do Espírito Santo, apresentou-se-me à mente, mais radiosa e mais suave do que nunca a figura do grande São Carlos. Pareceu-me, quase, ouvir uma voz que me dizia: ei-lo o patrono, o amparo, o modelo para teus filhos!... E desde aquele dia decidi colocar a vós, o vosso futuro e todas as vossas coisas nas suas mãos. Logo, o querido Santo deu-me como que um sinal do seu agrado, possibilitando-me o modo de ter uma igreja dedicada a ele. Será a igreja que vai surgir junto a novo e amplo local que espero, com a ajuda dos bons e também da vossa, poder adquirir em breve.

Honrar-vos-eis, portanto, de chamar-vos de agora em diante, 'Missionário de São Carlos'.

São Carlos! Ele era, como foi dito bem, um daqueles homens de ação que não hesitam, não se dividem, não voltam atrás nunca; que colocam em cada ato toda a força da própria convicção, toda a energia da própria vontade, a integridade do seu caráter; todo o seu ser e triunfam.

São Carlos! Exemplo maravilhoso de uma impávida constância, de generosa paciência, de ardente caridade, de zelo iluminado, infatigável, magnânimo, de todas aquelas virtudes que fazem de um homem um verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo. Ele tem sede de almas. Não deseja senão almas; não pede senão almas; não quer senão almas: 'dá-me almas, repete, tira-me tudo o mais'; com efeito, a fim de ganhar almas para Jesus Cristo, meu Deus, o que não fez, o que não suportou, o que não disse?

São Carlos! É este um nome que o missionário católico não deveria nunca ouvir sem sentir-se inflamado pelo mais nobre e mais vivo entusiasmo, sem sentir-se profundamente comovido. Mas que uma glória da Lombardia, é uma glória da igreja; mais que um luminar para a Itália, é um luminar para o mundo; mais que a honra de um século, é a honra de todas as épocas, de todos os séculos.

*Diletísimos, espelhai-vos nele, recomendai-vos a ele, colocai nele toda a vossa confiança e ficai certos de sua proteção*⁷⁴.

Independente do conhecimento ou não que as missionárias scalabriniana tinham da carta de Scalabrini aos seus missionários e da qual extraímos o texto acima, verdade é que em dois momentos da história do instituto feminino, como se verá, quando lhes for imposta a renúncia à denominação de irmãs de são Carlos elas sentirão ameaçadas a congregação e opor-se-ão com firmeza à mudança. Consideramos essa atitude, que fez do próprio nome uma conquista, um modo de honrá-lo e um indicador da consciência que a irmã mscs tinha de sua identidade.

A primeira inesperada troca de nome aconteceu em 1900. Ao contrário do que as irmãs missionárias de são Carlos haviam previsto no seu horizonte histórico em outubro de 1897, o tempo compreendido entre junho de 1900 e setembro de 1907 foi de tensão interna, como seriam de instabilidade para o pequeno instituto também os anos seguintes.

Em meados de 1900, as sete irmãs que então constituíam a congregação scalabriniana feminina foram surpreendidas por determinações de João Batista Scalabrini que incluíam a troca do nome de que tanto se honravam, de irmãs de são Carlos, pela denominação de irmãs apóstolas do sagrado Coração de Jesus, estranha para elas.

As inesperadas mudanças impostas às irmãs de são Carlos ligam-se a um momento crítico da história da congregação das apóstolas do sagrado Coração de Jesus, fundada por Clelia Merloni em Viareggio, Itália, no ano de 1894. Cinco anos depois da fundação as religiosas desse instituto, ainda sem aprovação diocesana e quase falido por incompetência de um seu administrador, viram-se obrigadas a vender algumas casas e a depender da caridade para sobreviver.

No início de 1899 duas apóstolas do sagrado Coração de Jesus, irmã Nazzarena Viganò e irmã Gioachina Hein foram pedir ajuda também a Scalabrini. O Bispo acolheu o pedido e, ao que se deduz, interpretou como circunstância providencial e como nova manifestação da vontade de Deus, chamando-o a complementar seu projeto sócio-pastoral em benefício dos migrantes. Em carta a Clelia Merloni, de fevereiro de 1899, Scalabrini lhe falou de uma grande obra que intencionava empreender e pediu-lhe orações, enquanto aguardava a hora de Deus,

Dos posteriores passos de João Batista Scalabrini evidencia-se a intenção do bispo de unir irmãs da fundação de 1894, de Clelia Merloni, com as missionárias de são Carlos, experiência iniciada em 1895, formando um só e novo instituto de missionárias para os migrantes.

Chama atenção nessa época, em diferentes documentos já citados como nas cartas a padre Colbachini e a Clelia Merloni, ambas em fevereiro de 1899 e no relatório enviado à congregação de

⁷⁴ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera ai missionari per gl'italiani nelle Americhe. Piacenza, 15-3-1892. In: Scritti, op.cit., v. 1, p. 394-6.

Propaganda Fide em agosto de 1900, a repetida referencia de Scalabrini a *circunstâncias providenciais*, que lhe pareciam se manifestação da vontade de Deus, favorável a uma fundação feminina, que completasse o seu projeto de serviço evangélico junto aos migrantes.

Faz sentido ter presente também a carta de padre Faustino Consoni, de março de 1897, solicitando a Scalabrini a regularização da pequena comunidade das servas. O Bispo, em resposta lacônica mostrou-se aberto à continuidade da fundação de 1895, significando com isso a intenção de realizar a seu tempo, se esse fosse o querer de Deus, a sistematização solicitada por Consoni.

A tentativa de unir irmãs apóstolas às irmãs de são Carlos seria marcada por desencontros entre Scalabrini e Clelia Merloni e tensões entre as irmãs *antigas e as novas*, como se verá e que têm a ver, sobretudo, com a potencialidade dos diferentes carismas a serem preservados.

Ainda no primeiro semestre de 1899, Scalabrini providenciara casa, compilação das regras e demais recursos necessários à formação das irmãs. A casa do noviciado localizava-se em Piacenza na então via Nicolini, 45, em frente ao instituto Cristóvão Colombo, casa mãe da congregação scalabriniana masculina. Para a atividade formativa designou padre Giuseppe Molinari e padre Carlos Molinari e obteve ainda a colaboração de irmã Candida Quadrani, da congregação das filhas de sant'Ana, das quais Scalabrini admirava o espírito aberto, moderno.

Em um primeiro momento, dada a impossibilidade de acolher em Piacenza todas as irmãs apóstolas do sagrado Coração de Jesus disposta a iniciar nova etapa formativa, Scalabrini limitou a 15 o número máximo de admissão. Foram admitidas 12 candidatas. Até fins de 1899 as noviças da casa de formação de Piacenza assinavam-se *missionarias de são Carlos*, como afirma o historiador Mario Francesconi à página 1076 na obra abaixo referenciada.

Depoimentos colhidos por Ettore Martins em obra já citada, os quais não nos foi possível confirmar em outros documentos mais antigos, dizem ter Scalabrini aberto a casa de formação em via Nicolini, 45, ainda em 1898. Ali, entre junho e dezembro desse ano, seis candidatas teriam sido admitidas ao postulante pelo próprio Bispo, em cerimônia realizada na igreja de são Carlos, próxima ao instituto Cristóvão Colombo.

Quanto à tentativa de fusão com as apóstolas, documentos confirmam o ano de 1899 como o do início da experiência. Em fevereiro de 1900 Scalabrini acolheu outras apóstolas, inclusive Clelia Merloni, alojando-as na casa de campo de Castelnuovo Fogliani, que a duquesa Clelia Fogliani Pallavicino deixara à disposição do bispo de Piacenza para veraneio das surdas-mudas do instituto Scalabrini, por ele fundado em 1881. No mês de maio de 1900 seis noviças de Piacenza juntaram-se às de Castelnuovo Fogliani, a fim de se prepararem para a profissão religiosa ali realizada a 12 de junho de 1900 e que *foi para a história, a primeira profissão pública quer as missionárias de são Carlos, quer das*

apóstolas do sagrado Coração. Dos dias antes Scalabrini formalizara a nova fundação, intitulada congregação das irmãs apóstolas do sagrado Coração de Jesus. No documento, João Batista Scalabrini explicitou particular *desejo de prestar homenagem ao divino Redentor na aurora do novo século*⁷⁵.

As constituições da nascente congregação, aprovadas *ad experimentum* por dez anos no dia 10 de junho de 1900 visavam conciliar duas finalidades: uma voltada para o serviço apostólico junto aos migrantes e a outra destinada a propagar a devoção ao sagrado Coração de Jesus. Em outras palavras, mediante a nova fundação assim formalizada, procurou-se integrar compromissos próprios da vida religiosa e apostólica, derivados de dois carismas diversos, um concedido a João Batista Scalabrini e outro à madre Clelia Merloni.

Dessas circunstâncias resultou que, entre 10 de junho de 1900 e 22 de setembro de 1900, as irmãs de São Carlos e as apóstolas do sagrado Coração constituíram uma única instituição. A fusão dos dois institutos causou, desde o início, com o sofrimento e as tensões também uma oportuna resistência à mudança, em particular contra a nova denominação, de *apóstolas do sagrado Coração*, à qual se opuseram com firmeza as missionárias de São Carlos.

As irmãs de São Carlos pressentiam a descaracterização de seu instituto e entenderam ameaçada a própria identidade congregacional assim que chegaram a São Paulo as seis primeiras irmãs apóstolas, em setembro de 1900. Eram elas: Antonietta Fontana, Carmella Tomedi, Agnese Rizzieri, Elisa Peserzini, Assunta Bellini e Maddalena Pampana, todas da congregação de Clelia Merloni. As três primeiras haviam feito o noviciado em Piacenza, tendo frequentes contatos com Scalabrini, enquanto as três últimas o fizeram em Castelnuovo Fogliani, com Clelia Merloni. Quando em setembro de 1900 ocorrer a separação dos dois institutos, Irmã Antonietta Fontana e irmã Carmella Tomedi irão optar pela congregação das irmãs de São Carlos, scalabrinianas.

A situação que se criou com a chegada a São Paulo das seis novas irmãs pode-se deduzir de carta enviada a João Batista Scalabrini pelas irmãs de São Carlos. Mais que tudo, porém, o documento que é síntese dos primeiros anos da história mscs, evidencia a consciência que elas tinham da sua identidade.

A 28 de dezembro de 1900, três dias antes de iniciar o novo século, as irmãs missionárias de São Carlos expressaram em carta enviada a João Batista Scalabrini o que significa para elas a fusão com as irmãs apóstolas do sagrado Coração:

Excelência,

Corre o sexto ano desde que foi fundado na cidade de São Paulo pelo inditoso missionário, padre José Marchetti, o orfanato Cristóvão Colombo, orfanato que, tendo

⁷⁵ FRANCESCO NI, Mario. Giovanni Battista Scalabrini: vescovo di Piacenza e degli emigrati, Roma, Città Nuova, 1985. P. 1081-3. Para outras informações sobre a fusão da congregação das irmãs missionárias de São Carlos com as apóstolas do sagrado Coração de Jesus propomos a leitura da obra de Mario Francesconi, acima citada, p. 1074-93.

alcançado o desenvolvimento e a importância previstos pelo seu milagroso fundador, hoje encontra-se à altura de um serviço que causa admiração e maravilha aos nacionais e aos estrangeiros. As humildes, abaixo assinadas, chamadas a colaborar com seu trabalho em uma obra tão caritativa e importante, atenderam ao apelo e com o consentimento e aprovação de V. Excia., aceitaram o véu e submeteram-se às Regras que lhes foram dadas, antes pelo falecido padre Marchetti e depois feitas renovar pelo seu sucessor, o digno padre Faustino Consoni, denominando-se ao mesmo tempo de irmãs da caridade da congregação de São Carlos, de Piacenza. As suas Regras foram inspiradas naquelas de São Francisco de Sales, por ordem e vontade de V. Excia. E assim aceitas e observadas escrupulosamente pelas humilíssimas irmãs que assinaram este documento.

Em quase seis anos de vida toda dedicada ao bem dos desditosos orfãos e à oração pelos benfeitores e pela salvação de nossas almas, não houve exemplo algum em que uma de nós viesse a desmerecer a estima dos nossos superiores ou tivesse, por um momento apenas, abandonado o campo de trabalho, sempre para nós suave, porque de dever. Uma querida Irma nossa perdeu a vida no árduo cumprimento de seu dever e uma outra, pode-se dizer, perdeu a saúde, mas nunca um lamento, nem uma recriminação, nenhum anseio saiu dos lábios de alguma de nós que pretendesse obter uma mudança ou um melhoramento nas condições de vida. Tudo fizemos e enfrentamos em cumprimento da vontade de Deus. Morto padre Marchetti, por todos chorado, sucedeu-o padre Consoni e nós fomos chamadas a renovar nossos votos e torná-los perpétuos e foi naquela ocasião que se uniram a nós três novas irmãs professoras, depois de terem feito um longo período de provas. Após, parecia que cada coisa prosseguisse seu caminho; foi nomeada superiora a mais humilde das abaixo assinadas e nunca entre nós houve sequer sombra de distinção ou de preferência nas fadigas. Disso podem dar fé os próprios padres Consoni, Simoni e Dotto que tiveram mais tempo para constatar o espírito de que sempre foram animadas dedicação ao bem e à prosperidade do instituto.

Foi em meados do ano que está para findar que ouvimos falar na vinda de coirmãs nossas da Itália e nós recebemos aquela notícia com satisfação, com entusiasmos até, seja porque nos vinha em tempo oportuno um poderoso auxílio e seja porque de tal fato se previa o desenvolvimento progressivo deste Orfanato que nós vimos edificar, crescer, animar, logo povoar e enfim torna-se uma obra digna de ser admirada e reconhecida por todo mundo, depois de ter superado os obstáculos da fome, das privações, da incredulidade humana, das perseguições nativistas, etc., etc., etc..

No mês de setembro próximo passado chegaram as novas irmãs e foi-nos agradável recebê-las e abraçá-las com aquele afeto fraterno que é símbolo da harmonia e do amor cimentados por verdadeiro espírito de sacrifício.

Mas, infelizmente, a nossa alegria foi de breve duração. Soubemos das ordens de V. Excia. Revma., que feriam na mais cara recordação as humildes abaixo assinadas; foi-lhes logo imposta uma outra superiora entre as novas chegadas, demitindo do seu cargo aquela que nunca ambicionou nem desejou a distinção que lhe fora feita. Não pararam aqui dos fatos: é preciso, nos disseram, mudar os velhos votos pelos novos, fazendo novo noviciado e substituir hábitos e Regras. E aqui começam as dolorosas notas.

Excelência!

É com o coração dilacerado pela dor que nos dirigimos à V. Excia. Revma, prostrando-nos aos vossos pés e implorando toda a vossa proteção.

Com qual coragem podemos e devemos nós, depois de seis anos de vida passados na observância das nossas leis e com o nome de que nos honramos e nos gloriamos, isto é, irmãs de São Carlos Borromeo, abandonar e perder a memória de nossas fadigas e as Regras com as quais fomos chamadas a fazer parte da congregação? Com qual espírito de justiça pode-se pretender que nós, admitidas e sustentadas até agora em nosso instituto, renunciemos a todo um passado de amor pelos orfãos e de glória para a nossa congregação?

Com qual lei humana pode-se impor um sacrifício pelo qual, renegando um passado espinhoso, sim, mas abençoado por Deus e pelos homens, devemos enfrentar um futuro no seio de uma família obscura, por nós não solicitada, nem escolhida?

Excelência!

Persistindo nas ordens dadas e continuando a exigir aquilo que nos é referido pelos superiores locais, isto é, a renúncia à congregação de São Carlos, nós não poderemos responder senão abandonando este Asilo para consumir o restante de nossa vida em outras obras de caridade. Mas, será esse um caminho seguro para nós e o nosso futuro poderá deixar tranqüila a consciência de quem quer colocar-nos à mercê do acaso?

Não: a justiça de V. Excia. Revma. Fará vibrar as fibras de seu coração para nos proteger, nos ajudar e deixar que continuemos a consumir nossa vida pelo bem dos orfãos, para conquistarmos com as mais duras fadigas, os mais cruentos sacrifícios, os mais pungentes espinhos, a paz e a glória da vida futura.

Com tal esperança aguardaremos confiantes as disposições de V. Excia. Revma. Que, como Pai e nosso supremo Superior, quererá também nosabençoar⁷⁶.

A carta de 28 de dezembro de 1900 foi assinada pelas seguintes irmãs: Assunta Marchetti, Maria Franceschini, Maria Bassi, Camilla Dal Ri, Maria das Dores, Angelina Meneguzzo e Clarice Baraldini. A postulante Luigia Micheletto também assinou a carta.

Ao conhecer a posição das irmãs de São Carlos Scalabrini, em carta a padre Consoni de 4 de fevereiro de 1901, justificaria a tentativa de unir as duas congregações, dizendo que visara o bem maior das *boas filhas* presentes no Cristóvão Colombo desde o começo, bem como a continuidade do seu instituto.

Desde que chegaram a São Paulo, a 18 de dezembro de 1900, as seis novas irmãs assumiram a direção da seção feminina do orfanato Cristóvão Colombo, no Ipiranga, enquanto as *antigas* irmãs de São Carlos, por determinação de Scalabrini, iniciaram um período formativo, uma espécie de noviciado e continuaram ao mesmo tempo a colaborar nos trabalhos da casa. Irmã Elisa Pederzini foi nomeada superiora da comunidade. Afastada do cargo, irmã Assunta Marchetti, agora na condição de noviça, assumiu o serviço da cozinha. De acordo com o Brevi Cenni, Scalabrini acreditava que a fusão das duas congregações se processaria com facilidade. As tensões, contudo, surgiram logo com evidentes reflexos na rotina do Orfanato, dificultando a ação formativa proposta às irmãs *antigas*. Irmã Maria Bassi, inconformada com as mudanças impostas pediu dispensa dos votos, tendo-lhe sido concedida com manifesto pesar, pelo próprio Scalabrini.

Mesmo em clima pouco favorável, em março de 1901 foram admitidas como postulantes as jovens italianas, Lucia Gorlin e Teresa Mantagnoli. Esta retornava ao postulante, do qual se havia retirado pouco tempo antes por motivo de saúde. Ambas, a 15 de fevereiro de 1903, dadas as circunstâncias, receberam o véu das apóstolas do sagrado Coração de Jesus.

⁷⁶ MARCHETTI, Assunta. Lettera a G. B. Scalabrini. São Paulo, 28-12-1900 (AGS 103/4).

No mês de outubro de 1903, Irmã Elisa Pederzini, superiora da comunidade e diretora da seção feminina do Orfanato do Ipiranga e sua vice, irmã Assunta Bellini, foram chamadas à Itália por Clelia Merloni. Em caráter provisório irmã Camilla Dal Ri foi nomeada substituta de irmã Elisa Pederzini. Incertezas e contrariedades continuaram por vários anos a inquietar o cotidiano das irmãs, mesmo depois da visita de João Batista Scalabrini ao Cristóvão Colombo, realizada em meados de 1904.

Em novembro de 1904 um grupo de apóstolas, inclusive irmã Eliza Pederzini que retornara da Itália, assumiu o hospital Umberto I, de São Paulo, como sonhara padre Marchetti para as *colombinas*. Com a morte de João Batista Scalabrini, a 1º de junho de 1905, as dificuldades entre irmãs apóstolas e irmãs de São Carlos aumentaram, tornando inevitável a separação oficial das duas congregações, o que ocorreu a 22 de setembro de 1907. As apóstolas que estavam no Cristóvão Colombo mudaram-se para o hospital Umberto I.

Doze anos depois da fundação da congregação, as irmãs de São Carlos eram poucas: Assunta Marchetti, Camilla Dal Ri, Angelina Meneguzzo, Clarice Baraldini, Maria das Dores. Às cinco irmãs de São Carlos uniram-se, em 1907, irmã Lucia Gorlin e as irmãs apóstolas, Carmella Tomedi, Antonietta Fontana, Gertrude Toloni.

Em dezembro de 1907 as nove irmãs estabeleceram-se em Vila Prudente, agora seção feminina do orfanato Cristóvão Colombo. Por determinação de d. Duarte Leopoldo e Silva, bispo de São Paulo a quem recorreram, as missionárias renovaram os votos segundo as Regras da congregação das irmãs de São Carlos, realizando a aspiração expressa em carta a Scalabrini, de 28 de dezembro de 1900.

Uma releitura da fusão das duas congregações, mais de cem anos depois, sugere algumas considerações: a tentativa aconteceu quando os estudos teológicos sobre o carisma dos institutos de vida consagrada não haviam sido aprofundados como o foram em reflexão posterior ao concílio Vaticano II, o que pode justificar naquela época a ideia da fusão; mal sucedida, a tentativa mostrou como os carismas, por assim dizer, tutelam a si próprio na força do Espírito que os suscita em vista de uma necessidade na igreja; o desejo expresso por João Batista Scalabrini, de homenagear Jesus Cristo ao formalizar a fusão, o consideramos indicador da importância dada pelo bispo à fundação feminina que agora entendia concretizada como complementação do projeto pastoral por ele idealizado e, ainda em nossos dias, desenvolvido junto aos migrantes de todas as nacionalidades; para as duas congregações femininas, fundadas em fins do século XIX, a experiência da fusão resultou em maior consciência da própria identidade e em privilégio de terem, mesmo que dessa forma homenageado o Redentor na aurora do século XX, no decorrer do qual ambas se desenvolveram, expandiram e consolidaram graças à potencialidade do carisma originário de cada uma.

1.3.4 Modelo pastoral da igreja no Brasil.

Resposta da irmã mscs

Conhecidas as circunstâncias em que as irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas, foram chamadas a viver a sua missionariedade no período compreendido entre 1895 e 1907, resta considerar alguns aspectos ligados à orientação pastoral da igreja no Brasil de então e retomar a resposta religiosa-apostólica do instituto, de modo a identificar pontos de convergência com o projeto scalabriniano e com o modelo proposto pelo projeto eclesial da época.

Desde o início do século XVIII a ação pastoral da igreja no Brasil seguiu as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Era uma pastoral estática e compreendia o ensino da doutrina, a repressão da heresia e a administração dos sacramentos. As constituições,

nos seus cinco livros e 280 títulos, apresentam-nos a imagem de uma sociedade sacral, hierarquizada, caracterizada pelo tridentinismo acentuado, que os povos ibéricos imprimiram ao seu catolicismo. O leigo tem nelas o lugar do eterno incapaz.

A rigor tais constituições, que segundo Jesús Hortal poderíamos chamar de *primeiro código da igreja brasileira*, não continham um plano de pastora, com objetivos concretos a serem atingidos a curto ou médio prazo, o que é compreensível, porque eram outros os tempos⁷⁷. Quando os primeiros missionários scalabrinianos, padres e irmãs, chegaram ao Brasil em fins do século XIX, viram-se diante de um território de dimensões continentais com imenso campo de missão. Os desafios desse contexto, somados às rígidas estruturas das poucas dioceses e das paróquias de tipo urbano, dificultaram sobremaneira a ação pastoral junto aos imigrantes italianos, de modo particular aqueles estabelecidos em cerca de 2.500 fazendas de café existentes no interior do estado de São Paulo.

Em 1889, quando foi proclamada a república, havia no Brasil doze prelazias, seis bispados e apenas um arcebispado o que, de acordo com alguns, teria favorecido a consciência da unidade entre as circunscrições eclesiais do país. Em 1890 o papa Leão XIII criou quatro novas dioceses e erigiu a nova província eclesial do rio de Janeiro. A criação do arcebispo do Rio de Janeiro não extinguiu o título de primaz para a Bahia, reconhecido desde 1780. A nova divisão compreendia duas províncias eclesiais. Uma abrangia a parte setentrional do País e era constituída de Salvador com sete bispados sufragâneos: Belém, São Luís, Fortaleza, Olinda, Goiás e as duas novas dioceses do Amazonas e da Paraíba. A outra, sede metropolitana do rio de Janeiro, passou a ter sete sufragâneas: São Pedro do Rio Grande do Sul, São Paulo, Mariana, Diamantina e Cuiabá, mais duas novas, Niterói e Curitiba.

O episcopado brasileiro começou a se reunir em 1890. Dessas reuniões resultou uma série de documentos coletivos. A primeira pastoral coletiva, dirigida ao clero e aos fiéis do Brasil, tem data de 19 de março de 1890 e seu conteúdo trata da posição da igreja diante do

⁷⁷ HORTAL, Jesús. Instituições eclesiais e evangelização no Brasil. In: Missão da igreja no Brasil. São Paulo, Loyola, 1973. V. Semana de Reflexão Teológica. P. 109-10.

regime republicano instalado no país em novembro do ano anterior. Finalidade das conferências era a coordenação pastoral entendida à moda da época quando, no dizer de Jesús Hortal, se buscava o fortalecimento das estruturas eclesiais existentes mais do que a realização de necessários avanços.

A igreja católica viveu no Brasil a partir desse período um tempo novo ainda que não tenha havido mudança expressiva em seu modelo pastoral. Com o fim do segundo império e o advento da república foi extinto o padroado, tendo sido separados os poderes civil e eclesiástico. Pelo regime de padroado a então Santa Sé concedera direitos e privilégios aos soberanos de Portugal e do Brasil. A constituição do império, outorgada por d. Pedro I a 25 de março de 1824, renovava anteriores disposições sobre a relação igreja e estado. O catolicismo continuou a ser a religião oficial. Os membros do clero eram funcionários públicos do Império. Dos favores e privilégios concedidos resultavam ingerências da em assuntos eclesiásticos. É verdade que do padroado o catolicismo usufruiu algumas vantagens, porém, durante a vigência da união igreja e estado foram maiores as vantagens. Pesavam a interferência do estado em assuntos relativos ao culto e à doutrina religiosa, o servilismo político em vista de favores. Ficava comprometida a liberdade religiosa. A ingerência do estado atingiu de modo particular as ordens religiosas, impedindo o ingresso de novos membros em suas fileiras. A separação igreja e estado precedeu de poucos anos a presença das irmãs missionárias de São Carlos no Brasil.

Quando as quatro irmãs pioneiras chegaram a São Paulo em fins de 1895 já vigorava a constituição brasileira de 1891, que confirmou a separação igreja e estado feita pelo governo provisório republicano a 7 de janeiro de 1890. O padroado havia sido abolido, fora estabelecida a liberdade de culto, laicizado o ensino nas escolas públicas e instituído o casamento civil como sendo a base constitucional da família. Por ocasião dessas mudanças o episcopado brasileiro, através de carta pastoral coletiva, conseguiu impedir que fosse confirmada a supressão dos jesuítas determinada pelo marquês de Pombal no século XVIII.

A separação igreja e estado significou um verdadeiro renascimento para o catolicismo no Brasil. A vida religiosa em geral foi favorecida por notável florescimento de vocações. Na avaliação de d. João Becker, arcebispo de Porto Alegre que acolheria em 1915 as irmãs mscs em sua arquidiocese, com a separação igreja e estado iniciou o período de maior prosperidade da igreja no Brasil⁷⁸.

Nesse contexto eclesial favorável fazia falta, contudo, uma pastoral adequada à realidade vivida no Brasil pelos imigrantes de várias nacionalidades. Ao intuir a urgência da missão junto à numerosa corrente migratória italiana em terras americanas, João Batista Scalabrini entendeu que a resposta mais eficaz e duradoura seria a ação sócio-pastoral radicada na vila consagrada.

⁷⁸ WETZEL, Herbert E. O condicionamento histórico étnico-cultural da igreja no Brasil. In: Missão da igreja no Brasil, op. Cit., p. 46.

A pastoral dos migrantes na percepção de Scalabrini pressupõe duas grandes aspirações do ser humano: religião e pátria. O Bispo considerava a catequese o fundamento da metodologia pastoral, assim que, *para catequizar os imigrantes tornava-se indispensável restabelecer a comunicação com a sociedade civil e com a sociedade eclesial, interrompida pelo fato migratório e pelas condições em que os mesmos imigrantes se encontravam em concreto...* O modo de romper o isolamento e criar comunicação com a nova igreja local seria a presença do missionário capaz de fazer migrante com os migrantes, à exemplo de Jesus Cristo que *se fez homem para salvar os homens*⁷⁹.

Scalabrini deixou a igreja propostas ainda hoje válidas no campo da mobilidade humana. O Bispo propunha uma pastoral específica junto aos migrantes, que possibilitasse aos missionários a necessária liberdade de ação no exercício de seu ministério. Suas iniciativas visavam a promoção integral do imigrante. Em relação ao intenso êxodo de italianos, que tinham na religião católica o suporte de sua identidade cultural, Scalabrini manifestou uma particular preocupação. Finalidade dos institutos por ele fundados era a de manter viva a fé católica no coração dos italianos estabelecidos em outros países e favorecer-lhes o bem-estar físico, moral, intelectual, civil e econômico. Levadas à prática pastoral, suas ideias e iniciativas contribuíram para alimentar a religiosidade em áreas de imigração, confirmar na fé católica os imigrantes italianos e seus descendentes e facilitar-lhes uma progressiva integração em terras de acolhida.

No Brasil padre José Marchetti e depois dele padre Faustino Consoni e outros missionários scalabrinianos enviados ao estado de São Paulo, direcionaram sua atenção para duas prioridades pastorais: os italianos estabelecidos nas fazendas de café disseminadas pelo interior paulista aos quais, em cansativas excursões missionárias davam assistência humano-religiosa, restabelecendo a vital comunicação com suas raízes e favorecendo ao mesmo tempo, a gradativa integração do imigrante na pátria de adoção. A outra prioridade assumida pelos missionários scalabrinianos foi a assistência aos números órfãos e abandonados, para os quais foi construído o orfanato Cristóvão Colombo. Os menores eram mantidos com a ajuda de benfeitores e dos próprios integrantes italianos, como determinara padre José Marchetti desde o início. O missionário relatara em carta a Scalabrini, enviada de São Paulo em março de 1895, um pouco da realidade paulista de então: *o perigo esta por toda parte, mas de modo particular em São Paulo, nas cidades, por causa dos órfãos, dos abandonados e dos marginalizados. Dessa classe pegam as jovencinhas para encher os cafés... Dessa classe saem os vagabundos...* Padre Marchetti sentia a urgência de ocupar-se dessa classe, a fim de reverter tal situação⁸⁰.

⁷⁹ FRANCESCONI, Mario. Giovanni Battista Scalabrini: vescovo di Piacenza e degli emigrati, op. Cit., p. 966-7.

⁸⁰ MARCHETTI, Giuseppe. Lettera a G. B. Scalabrini. S. Paulo, 10-3-1895. In: Alcuni scritti inediti per richiamare ed approfondire la figura di padre Giuseppe Marchetti, op. cit., p. 17.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

O orfanato Cristóvão Colombo, com a colaboração das irmãs mscs, tornou-se instrumento de transformação daquela realidade. Em sua opção de vida cristã as irmãs scalabrinianas concretizaram no Orfanato o modelo proposto pelo Fundador e que continha um tríplice compromisso: busca pessoal da perfeição na sequela de Jesus Cristo, casto, pobre e obediente; vida fraterna em comunidade; serviço evangélico junto aos migrantes.

Inseridas no meio eclesial paulistano as primeiras irmãs mscs passaram a desempenhar sua missão junto aos órfãos e abandonados, acolhidos no Cristóvão Colombo. No âmbito do Orfanato, o ritmo era determinado pelos apelos cotidianos dos menores. As irmãs adaptaram-se ao novo estilo de vida e sem pretensões, conscientes de que existiam para a missão, seguiram um modelo menos ligado às rígidas estruturas conventuais. O nome com o qual no início se identificavam, servas dos órfãos e dos abandonados no exterior, correspondia de modo pleno à fisionomia das pioneiras e à sua visão de igreja como testemunho de Jesus Cristo e serviço evangélico aos irmãos. Nas Regras compiladas por Marchetti, conforme estabelecera Scalabrini, a parte introdutiva continha essa dupla dimensão:

O caráter distintivo das servas dos órfãos e dos abandonados no exterior deve ser o espírito de fé viva, espírito a ser haurido cada dia no amabilíssimo Coração de Jesus... Esforçar-se-ão em forma neste espírito também os órfãos e os abandonados a elas confiados, as jovens e os jovens aos quais prodigalizarão sua obra, a todos aqueles, enfim, que de qualquer modo participarem da obra das servas” Em outra parte o mesmo documento estabelecia que as religiosas do instituto deviam. “ter sempre em mente que se dedicaram à missão para irradiar a boa fragrância de Jesus na classe mais abandonada e por outro lado mais exposta aos perigos da perdição; em vista disso, farão de tudo para aconchegar a si e em suas escola, como externos, aqueles meninos e meninas que por não disporem de meios não podem frequentar as escolas públicas... em uma palavra, as servas devem ter sempre presente que o objetivo de sua missão são os órfãos e os desventurados, especialmente meninas⁸¹.

Formadas nesse espírito as irmãs mscs desempenharam o papel de mães, educadoras, enfermeiras, evangelizadoras, enfim, fazendo-se servas no orfanato Cristóvão Colombo do Ipiranga e de Vila Prudente onde preparavam as refeições, cuidavam da roupa, zelavam pela limpeza e pela ordem da casa. Eram, em especial, solícitas no acolher os menores, vesti-los, curar-lhes as feridas, proporcionando afeto e bem-estar a todos. Ao informar Scalabrini sobre os primeiros passos das servas no Orfanato, Marchetti escreveu: *Minha mãe fez o Bispo de São Paulo ficar admirado com aquele jeito simples, mas prático. Os nossos orfãozinhos lhe querem um bem imenso. As outras servas então bem... Os meninos e as meninas vesti-os à marinheiro⁸².*

Atraídas pelo ideal missionário as servas haviam deixado a pátria, migrantes junto a migrantes, passando a viver com eles em terra estrangeira. Inseridas na vida da igreja no Brasil desenvolveram uma nova forma de presença religiosa-apostólica, caracterizada pelo espírito de serviço na dimensão sócio-pastoral contribuindo na promoção integral

⁸¹ BREVI CENNI, op. cit., p. 6-7.

⁸² MARCHETTI, Giuseppe. Lettera a G. b. Scalabrini. Ypiranga, 12-12-1895. In: alcuni scritti inedit per richiamare la figura di padre Giuseppe Marchetti, op. cit., p. 50.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

de órfão, filhos de imigrantes e de menores abandonados, marginalizados no contexto social paulista. Uma investigação mais aprofundada poderá mostrar outros elementos relativos ao modo das irmãs mscls interagirem diante dos desafios da sociedade paulistana da época, heterogeneia em vários aspectos, hostil às vezes. Sabemos pela carta que enviaram a Scalabrini em fins de 1900, que não lhes foi fácil a vida no início, mas conseguiram superar um a um os sucessivos obstáculos e testemunhar total dedicação ao bem de centenas de órfãos e de menores abandonados.

A ação missionária das irmãs de São Carlos Borromeo, embora em sua ainda minúscula presença em São Paulo no período compreendido entre 1895 e 1907, contribuiu para complementar o projeto evangelizador de João Batista Scalabrini. Atuando em área de imigração italiana o projeto scalabriniano precisou superar dificuldades, não apenas no Brasil. A linha pastoral do Bispo de Piacenza orientava seus missionários a uma real inserção nos diferentes contextos das dioceses às quais eram enviados, prescrevendo-lhes obediência aos respectivos bispos. Scalabrini, contudo, entendia que *a obra do missionário já por si mesma difícil e fatigosa, tornava-se impossível e infrutífera onde ele não tivesse plena liberdade de ação*. Assim que *julgava necessárias paróquias territoriais compostas de imigrantes e independentes como as demais, ou então paróquias nacionais ou pessoais, autônomas em relação aos párocos locais*. Segundo Scalabrini, *somente desde modo se podia atuar uma pastoral que respondesse às exigências dos migrantes, à sua cultura e à sua pobreza*⁸³. Um projeto eclesial de pastoral da mobilidade humana, só concretizado de forma gradual em décadas sucessivas, resultou em boa parte da intuição profética de João Batista Scalabrini.

1.3.5 Visitas pastorais de Scalabrini aos Estados Unidos e ao Brasil

Um aspecto entre outros que situaram João Batista Scalabrini à frente de seu tempo foi sua visão do migratório, daquilo que comporta o ato de emigrar e de imigrar. Em base à cena presenciada em Milão e aos posteriores contatos com realidades migratórias na Itália e no exterior, Scalabrini formou seu pensamento, partilhou certezas e sugeriu um modelo pastoral adequado às peculiaridades das migrações. Ainda que a convergência de ideias no campo da mobilidade humana fosse, e continua a ser, condicionada a fatores diversos a convicção de Scalabrini de que o mundo por desígnio divino caminha para a unificação, levou-o a trabalhar o presente a partir do futuro. A nível de igreja a prática de suas ideias processou-se por etapas, evidenciando-se de maneira mais completa no pontificado de Paulo VI quando, em 1970, o papa instituiu a *Pontifícia Comissão Emigração e Turismo*. Reunimos a seguir passos dessa caminhada pastoral de superação do nacionalismo e abertura à universalização das migrações resultado de permanente

⁸³ FRANCESCO, Mario. Giovanni Battista Scalabrini: vescovo di Piacenza e degli emigrati, op. Cit., p. 968-9.

movimento dos povos que, por sua vez confirma a tendência unificadora da sociedade humana.

Nos anos seguintes à experiência vivida em Milão, Scalabrini manteve-se atento às necessidades espirituais e materiais dos migrantes, não só italianos, mas de todas as necessidades. O Bispo pesquisou e divulgou estudos e estatísticas; manifestou convicções e preocupações; exortou e denunciou; comunicou-se com políticos e com autoridades eclesiais; proferiu conferências e concedeu entrevistas; fez-se presente em locais de embarque e de chegada de migrantes; percorreu a Itália e viajou ao exterior; antecipou-se com iniciativas e propostas que perduram no tempo, como o próprio fato migratório.

Esse vínculo de João Batista Scalabrini com a mobilidade humana permitiu-lhe fazer uma ampla e profunda análise do fenômeno migratório, quer do ponto de vista individual e coletivo, quer político e religioso-pastoral, aspecto esse essencial para a história dos institutos que fundou, do mesmo modo que foi essencial o ser pastor na vida e na obra do bispo de Piacenza.

Conforme já se disse, Scalabrini entendia a migração como providencial em sua globalidade, considerando-se um instrumento de transformação e unificação da sociedade humana. No caso específico da migração italiana em seu tempo, o Bispo deteve-se mais nas consequências do que nas causas do fenômeno; pensou nos milhões de italianos entregues à própria sorte em territórios de imigração, muito mais do que nas perdas que a emigração representava para a Itália. Em sua análise, o Bispo via o êxodo italiano como um bem ou como um mal, dependendo de como se processasse a ato de migrar. Para ele, na Itália da época, em que prevalecia a miséria de grande parte da população, migrar era um bem porque deixar partir o excedente populacional significava, ao mesmo tempo, favorecer àqueles que permaneciam no país e possibilitar aos que partiam melhores condições de vida em outros países. Como norma preconizava: *liberdade de emigrar, mas não de fazer emigrar*. Ainda com palavras suas, a emigração é positiva quando espontânea; é danosa se estimulada:

Boa, se espontânea, sendo uma das grandes leis providenciais que presidem os destinos dos povos e seu progresso econômico e moral; boa, porque é uma válvula de segurança social; porque abre os floridos caminhos da esperança, e algumas vezes da riqueza, aos deserdados; porque civiliza as mentes do povo pelo contato com outras leis e outros costumes; porque leva a luz do evangelho e da civilização cristã entre os bárbaros e idólatras e eleva os destinos humanos, alargando o conceito de pátria, além dos confins materiais e políticos, fazendo pátria do homem, o mundo.

É ruim, se estimulada, porque substitui a real necessidade pela avidez dos ganhos imediatos, ou um mal entendido espírito de aventura; porque despovoando em demasia e sem necessidade o solo pátrio, ao invés de ser um alívio e uma segurança, torna-se um dano e um perigo, criando um maior número de inadaptados e desiludidos...

João Batista Scalabrini denunciou com energia os abusos dos agentes de emigração e com igual firmeza alertou sobre a passividade do estado e a lentidão da política italiana em atuar uma legislação adequada ao fato migratório, que significava para a Itália o *mais consistente fenômeno de natureza social de sua história pós-unitária*. O

grande êxodo italiano, provocado por fatores econômico-sociais internos e externos, teve nas últimas décadas do século XIX e já nos primeiros anos do século XX tornou a Itália o país maior exportador de mão-de-obra a nível mundial⁸⁴.

O período situado entre 1880 e 1901 foi o mais duro da história da migração italiana. A partir de 1901 ocorreram avanços concretos em favor dos migrantes italianos, verificando-se uma gradativa melhora na política emigratória do País. A progressiva mudança que levou o estado italiano a assumir com determinação a tutela do migrante nacional deve-se, em grande parte, à tenaz atuação do Bispo de Piacenza.

A ligação de Scalabrini com a mobilidade humana favoreceu também mais efetiva aproximação da igreja católica à realidade das migrações. Na verdade a igreja hierárquica, do mesmo modo que o estado, retardou sua presença na vida de milhões de italianos em êxodo. O nacionalismo que caracterizava a época e a questão romana que distanciou igreja e estado dificultaram, no início, uma articulada ação político-eclesial em favor dos migrantes. Durante o pontificado de Leão XII, enquanto parlamentares italianos se detinham nos prejuízos das migrações para a economia nacional, o papa sugeria modos de atuação religiosa e social junto aos migrantes, recomendando entre outras iniciativas a fundação de sociedade filantrópica e a criação de paróquias nacionais em áreas de imigração. O apoio dado por Leão XIII à atividade inovadora de João Batista Scalabrini e de seu grande amigo Geremia Bonomelli, bispo de Cremona e fundador da *Obra de assistência aos operários italianos emigrados na Europa e no Levante*, foi decisivo e garantiu solidez à progressiva presença da igreja no âmbito das migrações. Significado particular tiveram, nesse sentido, as visitas do Bispo de Piacenza aos seus missionários e aos italianos estabelecidos em terras americanas.

Movido por incansável zelo apostólico e em base a propósitos pastorais definidos, Scalabrini empreendeu duas viagens à América. Nos anos de 1901 e 1904 visitou, respectivamente, os Estados Unidos e o Brasil, países de intensa imigração e onde os missionários de São Carlos haviam difundido inúmeras obras religioso-sociais junto aos imigrantes italianos, entre elas o orfanato Cristóvão Colombo de São Paulo, primeiro espaço pastoral das irmãs MSCS.

No dia 18 de julho de 1901, incentivado pelo próprio papa Leão XII e com sua bênção e instruções, João Batista Scalabrini embarcou no piróscafo *Liguria*, chegando no dia seguinte a Nápoles. Dia 20 embarcaram com ele centenas de emigrantes napolitanos. Em seu diário de bordo o Bispo deixou importantes registros, tais como a da missa dominical de 21 de julho celebrada na tolda do *Liguria*, com mar tranquilo à vista, presentes *todos os passageiros* da embarcação. Durante toda a travessia, com solicitude de pastor, dedicou boa parte de seu tempo aos emigrantes, companheiros de viagem:

⁸⁴ SCALABRINI, Giovanni B. Il disegno di legge sulla emigrazione italiana. Piacenza, 1888. In: FRANCESCONI, Mario. Giovanni Battista Scalabrini: vescovo di Piacenza e degli emigrati, op. Cit., p. 941.

28 de julho. Manhã esplêndida. Função da primeira comunhão e crisma. Visto trajes empavonados, com báculo e mitra. O altar ergue-se no alto da tolda e estão presentes 1200 pessoas. Pregó antes da missa. Muitos choram. Estamos em meio ao oceano. Celebro com viva emoção. Falo duas outras vezes e a voz é ouvida por todos e em toda a parte. Quando aceno à pátria abandonada, há um suspiro geral; mas aceno então à pátria celeste e todos olham comovidos para o céu... Cada dia, das 16 às 17 horas explico o catecismo a alguns juvenzinhos...⁸⁵

À 1º de agosto chama atenção, entre outros registros, um aspecto relativo à situação da mulher na época, assunto que tem suscitado em nossos dias alguma crítica também à posição de Scalabrini. Em seu diário o Bispo escreveu que no dia anterior confessara muitos homens, mas que as mulheres não podiam usufruir da mesma graça *por falta de local e de confessorário apropriado*⁸⁶. À parte do detalhe, a travessia caracterizou-se pelo cunho pastoral, que foi mantido depois por Scalabrini em todas as visitas feitas às numerosas missões italianas nos Estados Unidos.

O *Liguria* chegou a New York na manhã de 3 de agosto. João Batista Scalabrini permaneceu em território estadunidense durante três meses e dez dias. Na primeira semana deteve-se junto aos seus missionários na paróquia de São Joaquim, tendo-se transferido dia 11 de agosto para a segunda paróquia scalabriniana de New York, dedicada à Senhora de Pompéia. Dia 15 de agosto visitou os italianos de Newark e a seguir, Jersey City, New Haven, Providence, Boston, Winthrop, Utica, Syracuse, Buffalo, Cleveland, Detroit, St. Paul, Kansas City, St. Louis, Cincinnati, Columbus, Washington, Baltimore, Filadélfia, Brooklyn, entre outras, incluída uma breve estada no Canadá. Visitar algumas dessas cidades dos Estados Unidos exigia, então, até vinte ou mais horas de viagem. Os compromissos agendados eram muitos e diversificados.

Daí 9 de outubro, em Washington, João Batista Scalabrini visitou o novo presidente Teodoro Roosevelt que assumiu o governo do País, sucedendo ao presidente Mackinley morto depois de atentado sofrido em Buffalo a 7 de setembro, quando o Bispo de Piacenza se encontrava em Boston. Dia 13 de outubro retornou a New York onde crismou 750 jovens italianos e no dia 15, no *Catholic Club* proferiu em idioma francês o célebre discurso que, em parte, já transcrevemos. A recepção no Brooklyn dia 3 de novembro, mais que outras, extraordinária, assim como a manifestação de fé dos imigrantes italianos de Newark a 11 de novembro que levou o Prefeito da cidade, de religião protestante, a afirmar que se devesse presenciar outra vez igual espetáculo, torna-se-ia católico!

Em toda a parte a programação foi intensa e fatigante: visitas, celebrações, inaugurações, discursos, entrevistas, exercícios espirituais, ordenações sacerdotais. O encontro de Scalabrini com seus missionários, com os imigrantes e com os prelados americanos teve um particular significado eclesial, foi oportuno e fecundo, também porque os

⁸⁵ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera a Camillo Mangot. Piroscavo Liguria, 2-8-1901. In: FRANCESCONI, Mario. Giovanni Battista Scalabrini: vescovo di Piacenza e degli emigrati, op. Cit., p. 1160.

⁸⁶ IBID., p. 1160.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

bispos das dioceses nas quais atuavam os missionários scalabrinianos haviam-se manifestado favoráveis à visita do Bispo de Piacenza.

Preocupação maior de Scalabrini era a preservação da fé católica, professada pelos imigrantes italianos, em um País de maioria protestante. A viagem fez-lhe ver que sua apreensão se justificava nesse aspecto fundamental. Do mesmo modo o Bispo de Piacenza viu confirmadas as difíceis condições a que estavam sujeitos os italianos em confronto com imigrantes de outras nacionalidades. Uma recomendação, repetida em diferentes circunstâncias, foi a de que se instituíssem escolas paroquiais junto aos italianos, como existiam para os católicos irlandeses e alemães. Por outro lado, confortaram e surpreenderam João Batista Scalabrini as louváveis referências acerca do desempenho apostólico de seus missionários e as realidades positivas constatadas por ele no âmbito das missões italianas em território estadunidense.

A permanência de Scalabrini nos Estados Unidos, se dependesse de convites e de apelos, teria sido bem mais prolongada, mas o bispo sentiu a necessidade de retornar. A 12 de novembro despediu-se de seus missionários e duas semanas depois, a 26 de novembro de 1901, desembarcou em Nápoles. No dia 29 foi recebido pelo papa Leão XIII a quem o Bispo fez um amplo relato da viagem. O retorno à Piacenza representou a culminância de sucessivos momentos extraordinários.

Três anos depois, em meados de 1904, João Batista Scalabrini empreendeu segunda grande viagem, desta vez ao Brasil, com breve passagem pela Argentina onde visitou seu irmão Pietro que há vários anos se havia estabelecido nesse país. As condições físicas de Scalabrini já não eram as mesmas de 1901. Em razão disso, familiares e amigos procuraram convencê-lo a desistir, mas incentivado pelo papa Pio X, o Bispo manteve seu propósito, preparou-se para a longa viagem, estudou o idioma português e no dia 13 de junho de 1904 deixou Piacenza. No dia seguinte foi recebido pelo papa Pio X que lhe concedeu as faculdades solicitadas e assumiu com ele, até seu regresso, um duplo compromisso: lembrá-lo todos os dias na celebração eucarística e enviar-lhe cada manhã, às sete horas, uma bênção especial.

Na manhã de 17 de junho Scalabrini embarcou no *Cittá di Genova*, à caminho do Brasil. Como na viagem aos Estados Unidos deixou em seu diário de bordo registros dignos de nota. No domingo, 19 de junho escreveu:

Hoje pode-se dizer que iniciou a nossa missão. A embarcação assemelha-se a um mosteiro. Celebro um meio pontifical e falo comovido, comovendo os 500 passageiros. O evangelho se prestava muito bem. O Mestre divino que instruíra do barco as turbas e eu da tolda, em meio ao mar; o 'duc in altum' de Jesus Cristo sugeria-me nobres pensamentos. Mesmo sem o ser, tornamo-nos eloquentes. Muitas pessoas se achegaram à sagrada mesa. É um espetáculo de paraíso⁸⁷.

O incisivo convite de Jesus Cristo para *um avanço em águas mais profundas*, que resultou em pesca milagrosa e que, renovado com

⁸⁷ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera a Camillo Mango. A bordo della *Cittá di Genova*, 23-6-1904. In: FRANCESCONI, Mario. *Giocanni Battista Scalabrini: vescovo di Piacenza e degli emigrati*, op. Cit., p. 1168.

extrema propriedade pelo papa João Paulo II em 2001 continua a ser hoje tantas vezes repetido, iluminou João Batista Scalabrini em sua segunda travessia do Atlântico e tornou frutuosa também a histórica visita do bispo ao Brasil no ano de 1904⁸⁸.

A viagem marítima prolongou-se por cerca de três semanas, durante as quais foi desenvolvida uma regular atividade pastoral, com instruções diárias aos adultos, jovens e adolescentes inscritos para a primeira comunhão e para a crisma, de que se ocupavam os missionários a bordo. As jovens e as mães também recebiam de religiosas a necessária instrução. Como observou Scalabrini em seu diário, o modo devoto e discreto dessas irmãs, a todos edificava. As celebrações da primeira comunhão e crisma ocorreram em alto mar, na tolda da embarcação, a 29 de junho, 3 e 5 de julho.

No dia 29 de junho, dedicado a São Pedro, chamou atenção de Scalabrini o esmero na preparação do ambiente para a celebração eucarística. Havia bandeiras de todas as nações e em destaque, uma de cor amarela que pareceu ao Bispo ser a da igreja, o que lhe proporcionou particular satisfação, supondo em sua essência uma homenagem a Jesus Cristo. O momento era propício para orar pelo papa e falar da bênção especial enviada cada dia por Pio X a ele e a todos, os passageiros da embarcação. Scalabrini recebia de joelhos em sua cabine a bênção diária do Papa, recomendando suas palavras que suscitavam nele total segurança, não experimentada na viagem aos Estados Unidos⁸⁹.

Durante a segunda travessia houve momentos mais sofridos em razão do mar agitado e do forte mormaço, fatores que dificultaram as celebrações programadas e causaram desconforto a todos. Aconteceram também tensões e brigas que envolveram alguns passageiros, talvez estressados pelas condições da viagem e pelas óbvias preocupações com o futuro que os aguardava em terra estranha.

A 7 de julho de 1904 o *Città di Genova* chegou ao rio de Janeiro. Scalabrini, atento a todos e a tudo, viu-a *belíssima, com seu porto grandioso, único no mundo* e descreveu em poucas palavras a paisagem que se lhe descortinou: *Imagem um braço de mar de cheio de pequenas ilhas e circundado em três frentes por colinas mais ou menos altas, agora, no coração do inverno, todas verdejantes e repletas de casas e palácios...*⁹⁰

Na então capital do País, João Batista Scalabrini encontrou-se o arcebispo do Rio de Janeiro, d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti que o acolheu como a um amigo. No entanto Scalabrini falou-lhe de duas prioridades pastorais: assistência aos imigrantes junto ao

⁸⁸ JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte*, 2001. Cf. n. 1.

⁸⁹ SCALABRINI, Giovanni B. *Il viaggio di mons. Scalabrini in Brasile*. In: *Storia della congregazione scalabriniana: Le prime missioni nel Brasile (1888-1905)*. Roma, Centro Studi Emigrazione, 1973. V.3, cf. p. 265. Collana Sussidi – 4. A cura di P. Mario Francesconi.

⁹⁰ SCALABRINI, Giovanni B. *Lettera a Camillo Mangot. Da bordo, 7-7-1904*. In: *Storia della congregazione scalabriniana: Le prime missioni nel Brasile (1888-1905)*, op. Cit., p. 268.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

porto e uma igreja italiana na cidade, tendo o Arcebispo se manifestado favorável a ambas.

Retomada a viagem marítima, o Bispo chegou a Santos q 8 de julho, dia de seu 65º aniversário, último de sua vida terrena. Dia 9 seguiu de trem para São Paulo, viajando por três horas, em vagão especial que a Companhia S. Paulo Railways pôs à sua disposição. Acolhida na estação do Ipiranga, distante cinco milhas da cidade, teve a presença dos órfãos e das órfãs do Cristóvão Colombo que, da plataforma onde haviam esperado ansiosos o ilustre visitante, o aclamaram com entusiasmo e tornaram ainda mais comovente aquele encontro com João Batista Scalabrini.

Na estação Central aguardavam a chegada do Bispo de Piacenza, d. José de Camargo Barros, bispo de São Paulo; padre Faustino Consoni; o cônsul geral da Itália, conde Gherardo Pio de Savoia, o abade do mosteiro de São Bento, padre Michele Kruze; outras autoridades eclesiásticas e civis, brasileiras e italianas e incontável número de pessoas. Abrilhamaram o histórico momento duas bandas de músicas, a do colégio Salesiano e a do orfanato Cristóvão Colombo, como sonhara padre Marchetti, dirigida pelo maestro Capocchi. Scalabrini, nesse dia, deteve-se algumas horas no mosteiro de São Bento. À tarde, em carruagem especial, foi levado ao orfanato Cristóvão do Ipiranga, sendo recepcionado com indiscutível emoção. O Bispo de São Paulo e o abade do mosteiro de São Bento ofereceram-lhe hospedagem, mas o Bispo de Piacenza preferiu ficar no Ipiranga junto aos seus missionários.

No dia seguinte visitou d. José de Camargo Barros que lhe descreveu a situação da diocese, falou-lhe de sua extensão que lhe descreveu a situação da diocese, falou-lhe de sua extensão que compreendia todo o estado de São Paulo e do elevado número de italianos ali estabelecidos. De sua parte Scalabrini tratou da abertura de uma escola para surdo-mudos, da fundação de duas missões no interior de São Paulo para assistência aos numerosos imigrantes italianos nas fazendas, que eram amais de duas mil e da possibilidade de seus missionários assumirem a paróquia de São Bernardo do Campo. Em breve contato com a cidade e seus arredores, encantou-se a natureza, a vegetação exuberante, as flores e as cores de um inverno muito diferente daquele do norte da Itália.

Desde os primeiros momentos vividos em São Paulo, Scalabrini observou, examinou e compreendeu melhor a importância da obra ali desenvolvida por seus missionários. No Cristóvão Colombo constatou a qualidade da formação dada aos órfãos e abandonados, aprovou o caráter internacional da instituição e chamou-lhe atenção o elevado número dos que já haviam passado pela casa, que somava então mais de 800 jovens.

Muitos deles, reunidos na oportunidade da visita, falaram ao Bispo do que significava para cada um a *santa casa* que os acolheu um dia, facilitando-lhes o rumo digno e cristão dado às suas vidas.

Aspecto menos positivo da visita de Scalabrini foi a especulação de algum órgão da imprensa local, como se comprova em artigo publicado no *Estado de São Paulo*, edição de 16 de julho de 1904 que, em tom polêmico, atribuía objetivos político-nacionalista à viagem do bispo de Piacenza ao Brasil. Entrevistas concedidas por ele a outros periódicos esclareceram a opinião pública, mas a resposta mais eloquente a tais insinuações seria o intenso programa apostólico desenvolvido por João Batista Scalabrini no País. Longe de se intimidar, o Bispo de Piacenza prosseguiu em seu itinerário, intuiu e não calou novas propostas pastorais ligadas, quer à migração italiana, quer aos migrantes de todas as nacionalidades.

Diante da questão romana, conflito que resultara do processo de unificação política da Itália, poderia parecer ousada na época, uma parceria que alinhasse igreja e estado numa programação conjunta em favor dos migrantes italianos. Scalabrini ousou indicar ao seu País esse caminho, que facilitaria também uma esperada reconciliação.

À igreja, com a mesma audácia, o Bispo propôs a instituição de uma *congregação especial* para a assistência religiosa aos migrantes de todas as nacionalidades, à semelhança da então congregação de Propaganda Fide, que investia recursos humanos e dinheiro *na difusão da fé católica entre os infieis*. Scalabrini entendia que sua proposta, inspirada na própria missão da igreja que é a de evangelizar todas as nações, em razão de seu caráter universal chegaria os povos à *Sé Apostólica e faria um bem imenso*. Convicto disso, de São Paulo, enviou a Pio X uma carta na qual, entre outros assuntos tratados, expôs ao papa a ideia que depois traduzia em projeto:

E agora me permito, Beatíssimo Padre, expor-lhe uma ideia minha. Vossa Santidade se propôs o sublime e fecundo programa: Instaurar tudo em Cristo. Agora a igreja, que com a admirável instituição de Propaganda Fide gasta tanto dinheiro e emprega tantos padres na difusão da fé entre os infieis, não fará alguma coisa de semelhante para a conservação da fé entre os emigrados? E falo dos emigrados de todas as nações e de todas as regiões católicas: italianos, alemães, espanhóis, portugueses, canadenses, etc., etc.

Uma congregação especial dedicada a esse problema, o maior do nosso século, resultaria em hora para a Santa Sé Apostólica, aproximar-lhe-ia os povos, como à terna mãe e faria um bem imenso. Nos Estados Unidos da América do Norte as perdas do catolicismo contam-se aos milhões, com certeza mais numerosas que as conversões dos infieis realizadas pelas nossas missões em três séculos e não obstante as aparências, continuam ainda. O protestantismo trabalha ali e trabalha também aqui para perverter as almas. Agora, uma congregação que se colocasse em relação com os bispos dos quais partem e com aqueles junto aos quais chegam os migrantes católicos e se tal não fosse suficiente, com os respectivos governos; que estudasse em cada sua parte o árduo e complexo problema da migração, aproveitando-se para tanto, dos estudos antigos e modernos e, em nome do Santo Padre, tomasse as providências exigidas para o caso, seria uma bênção para o mundo e bastaria para tornar glorioso o vosso pontificado.

Perdoai, Beatíssimo Padre, a minha audácia, audácia de um filho devoto e reconhecido que daria por vós e pela vossa causa o sangue e a vida, e dignai-vos continuar com vossa santa bênção, que recebo cada dia ajoelhado com profunda emoção, para que possa cumprir, com a ajuda divina, as obras para as quais vim e

*desse modo, na solenidade dos Santos, possa encontrar-me em meio ao meu povo caríssimo...*⁹¹

De posterior troca de correspondência entre Scalabrini e o cardeal Raffaele Merry del Val, secretário de estado de Pio X, resultaria o *Memorial sobre a congregação ou comissão 'pró emigrantes católicos'*, elaborado pelo bispo de Piacenza em meio a múltiplas atividades, pouco tempo antes de sua morte. Determinara Merry Del Val, que o projeto de Scalabrini iniciasse sem alarde, seguindo o movimento do grão de mostarda que cresce e se estende a seu tempo⁹². Tal aconteceria, como veremos.

Dois aspectos, entre outros, tornaria significativa a proposta feita pelo Bispo de Piacenza ao papa Pio X: ter contribuído para aproximar a igreja da realidade migratória italiana e mundial e ter indicado à família scalabriniana a dimensão internacional de sua missão na igreja e no mundo. Ciente de que fizera a sua parte, em São Paulo onde se encontrava, Scalabrini deu continuidade ao programa que se havia proposto. Na última semana de julho, hóspede de São Bento, proferiu em português duas palestras, uma aos alunos dos beneditinos e no colégio Salesiano, presentes também autoridades locais. Dias depois, a 30 de julho, já se encontrava no interior do estado de São Paulo, há 250 milhas da capital.

Consta em vários registros a visita do Bispo de Piacenza a muitas fazendas localizadas ao longo da ferrovia. Em uma delas, Santa Gertrudes próximo a Rio Claro, o proprietário conde Eduardo Prates hospedou-o por três dias. No dizer de Scalabrini a fazenda era das melhores. Como bom católico o conde Prates, que era também um benfeitor do orfanato Cristóvão Colombo, mandara construir no âmbito da fazenda uma igreja, local de oração e onde de dois em dois anos, quando da visita dos missionários, a população ali reunida ouvia suas pregações, recebia assistência espiritual e o conforto da religião católica. O contato com a realidade vivida naquele interior possibilitou ao Bispo maior percepção da heroicidade dos seus missionários que por meses e meses circulavam de uma fazenda à outra, cumprindo a missão à que eram enviados.

Durante sua permanência no Ipiranga, o Fundador pregou exercícios espirituais aos padres e às irmãs; permaneceu três dias junto aos beneditinos por ocasião da festa de São Gregório Magno, quando proferiu conferências e presidiu cerimônias alusivas à comemoração; visitou quase todas as casas religiosas da cidade; recebeu inúmeras visitas; acompanhou os trabalhos de conclusão do prédio do orfanato de Vila Prudente e a separação das duas seções do Cristóvão Colombo. A seção feminina, ao contrário do que pensara no início padre José Marchetti, foi transferida para o orfanato de Vila Prudente, permanecendo no Ipiranga a seção masculina.

⁹¹ SCALKABRINI, Giovanni B. Lettera al Papa Pio X. São Paulo, 22-7-1904. In: Scritti, op. Cit., v.2 p. 323-5 (Minuta).

⁹² SCALKABRINI, Giovanni B. Lettera AL Card. R. Merry Del Val. Piacenza, 5-5-1905. In: Scritti, op. cit., v. 2, p. 387.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

No dia 5 de agosto de 1904 João Batista Scalabrini inaugurou o orfanato de Vila Prudente, segundo ele um *estabelecimento magnífico*. O Bispo abençoou a capela e todas as dependências da casa que, sob alguns aspectos, é considerada pelas irmãs mscs como sua casa-mãe. Na capela, dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, Scalabrini presidiu a uma celebração eucarística da qual participaram órfãos, as irmãs, padres e moradores de Vila Prudente. Estavam presentes à cerimônia também membros da família Falchi, doadores do terreno onde foi construído o prédio. Mesmo sem estar concluído o edifício, o orfanato de Vila Prudente iniciou suas atividades a 7 de agosto. Uma *inauguração solene* foi prevista para o dia 8 de dezembro. À pedido de padre Faustino Consoni o papa Pio X enviou para a circunstância sua bênção apostólica, com data de 1º de setembro de 1904:

Aos diletos filhos, os sacerdotes missionários da congregação de São Carlos de Piacenza e aos igualmente diletos benfeitores, que contribuíram na construção do orfanato na Vila Prudente de Moraes, suplicando do Céu em recompensa todas as melhores consolações, como penhor da nossa gratidão e da nossa particular benevolência, com a oferta de nosso pobre óbolo enviamos de coração a Bênção Apostólica.

Do Vaticano, 1º de setembro do ano de 1904⁹³.

Ainda em São Paulo, Scalabrini ocupou-se da reorganização de seu instituto, nomeando inclusive as superiores das irmãs. Importância particular teve a nomeação de padre Faustino Consoni como superior provincial das missões de São Carlos no Brasil, sucedendo a padre Domenico Vicentini que residia no Rio Grande do Sul e exercia essa função desde 1898. Padre Vicentini acompanhou o Bispo durante a visita, retornando depois à Itália onde passou a dirigir a casa-mãe do instituto scalabriniano masculino. No decreto de nomeação de padre Consoni consta, em seu artigo 4º: *compete ao Provincial zelar pela casa das irmãs, a escolhas dos confessores ordinários e extraordinários, dos pregadores para os exercícios espirituais e para o dia do retiro mensal, a direção externa, a fim de que tudo proceda com ordem e caridade⁹⁴.*

Para as irmãs mscs, a presença do Fundador no Cristóvão Colombo onde atuavam há nove anos aconteceu em um período ainda difícil. Em 1904 continuava a vigorar no interior do instituto religioso feminino a tentativa de fusão das irmãs de São Carlos com as apóstolas do sagrado Coração de Jesus. Não sabemos se Scalabrini respondera às irmãs, a carta de 1900. Pelos documentos que conhecemos, o assunto fora por ele abordado em cartas enviadas a padre Faustino Consoni e ao então provincial, padre Vicentini. Um escrito de Ettore Martini afirma que ao se encontrar em São Paulo com a madre Assunta e companheiras o Fundador lhes disse: *não temais, filhas, sereis missionárias de São Carlos*. A afirmação continha uma promessa, mas a morte inesperada de João Batista Scalabrini ocorrida a 1º de junho de

⁹³▲ PIO X – Autografo. Dal Vaticano, 1 Settembre dell'anno 1904. In: Storia della congregazione scalabriniana: Le prime missioni nel Brasile (1888-1905), op. Cit., p. 157-8.

⁹⁴▲ DECRETO DI MONS. G. B. SCALABRINI. S. Paulo (Brasile) 4 agosto 1904. In: Storia della congregazione scalabriniana: Le prime missioni nel Brasile (1888-1905), op. cit., p. 288-9.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

1905 prolongaria por mais tempo a obscura situação vivida pelas irmãs de São Carlos no orfanato Cristóvão Colombo.

Depois de inaugurar o orfanato de Vila Prudente e nomear os superiores dos padres e as superiores das irmãs, Scalabrini considerou concluída a sua missão em São Paulo consciente, porém, da necessidade de reformas. Dia 8 de agosto, comovido, deixou o Ipiranga e viajou para Niterói, estado do Rio de Janeiro. Tencionava visitar também o estado do Espírito Santo, para onde seus missionários haviam retornado no segundo semestre de 1903. Mas cancelou essa viagem e permaneceu em Niterói, hóspede dos salesianos que o cercaram de gentilezas.

Em carta a padre Consoni, de 10 de agosto, o Fundador dizia-se agradecido e já saudoso do Ipiranga. Lembrava o mês feliz que ali passara em meio a múltiplas manifestações de afeto. Recomendava que fosse mantido *o muito de bem que havia* e que, *com prudente caridade*, fossem corrigidos os defeitos dos quais haviam falado, mediante a atuação das reformas e das iniciativas propostas. Enviava *uma bênção especial e muito cordial* ao Provincial e demais padres, abençoava *di gran cuore as irmãs, os mestres, os nossos jovens e as meninas de Vila Prudente, a todos*⁹⁵.

A 11 de agosto partiu do Rio de Janeiro para Curitiba, onde chegou dia 18. O mar agitado, no primeiro dia da viagem, causou desconforto a todos os passageiros. Depois de cinco dias a embarcação chegou ao porto marítimo de Paranaguá. Em mais seis horas de viagem, agora em trem por um caminho íngreme, Scalabrini viu alternarem-se horríveis precipícios e extraordinárias belezas naturais. Admirou o imenso altiplano e as araucárias, que alguém comparou a taças de clorofila que se alçam para o céu, considerando tudo *uma das reservas da Providência*. A acolhida na estação ferroviária de Curitiba teve também a presença de banda e de autoridades civis, militares e eclesásticas do estado do Paraná. Ao contrário do que havia determinado, João Batista Scalabrini pernitoou em Curitiba e no dia seguinte, em retribuição, visitou as autoridades que o haviam recepcionado na véspera. Seguiu depois para Santa Felicidade, distante sete quilômetros de Curitiba, hospedando-se junto aos missionários scalabrinianos que ali habitavam em pequena e modesta casa de madeira.

Santa Felicidade era considerada modelo: *igreja belíssima e ampla; havia irmãs, escolas, frequência aos sacramentos e à palavra de Deus, como nas melhores paróquias da Itália*. Em meio a *indescritíveis demonstrações* o Bispo de Piacenza visitou todas as inúmeras colônias, que tinham cada qual a sua igreja e que haviam sido fundadas pelos primeiros missionários scalabrinianos, *Colbachini, Molinari, Mantese*. Ali Scalabrini experimentou também a irregularidade do clima. Entre os dias 19 a 25 de agosto de 1904 o termômetro marcava 28°, baixando para 8°

⁹⁵ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera a P. Faustino Consoni. Nicteroy, 10 agosto 1904. In: Storia della congregazione scalabriniano: Le prime missioni nel Brasile (1888-1905), op. cit., p. 291-2.

no dia 26, ou seja, uma diferença de 20º, como observou o visitante em carta a Camilo Mangot, de 31 de agosto desse ano⁹⁶.

Em sua passagem pelo Paraná, João Batista Scalabrini preocupou-se também com os índios da região, *descendentes daqueles que os padres jesuítas haviam convertido*. Visitou algumas aldeias, tendo um cacique presenteado o Bispo com duas galhetas de metal que pertenceram aos jesuítas e que Scalabrini doou depois ao papa Pio X. *A visita do servo de Deus a essa tribo agradou muito à mesma e o cacique suplicou ao Servo de Deus que o Grande Padre (o papa) enviasse algum missionário*⁹⁷. Em carta endereçada a d. Duarte Leopoldo e Silva, entre outros assuntos abordados, Scalabrini dizia-se disposto a catequizar os índios do Paraná, conforme desejo que lhe fora expresso pela Santa Sé. Fruto desses contatos seria a presença pastoral scalabriniana em Tibagi no período compreendido entre outubro de 1904 e fins de 1911. D. Duarte, que fora sagrado bispo em Roma no mês de maio de 1904 e que só tomou posse da diocese de Curitiba em outubro desse ano, confiaria a padre Marco Simoni a paróquia de Tibagi, como propusera o Bispo de Piacenza.

Do mesmo modo que no dia de sua chegada ao Paraná também na despedida, Scalabrini ficou hospedado no palácio episcopal, mas sem encontra-se com o novo bispo d. Duarte Leopoldo e Silva. Bispo anterior da diocese de Curitiba, que abrangia os estados do Paraná e de Santa Catarina, foi d. José de Camargo Barros, transferido para São Paulo poucos meses antes da visita de Scalabrini ao Brasil.

O Bispo de Piacenza deixou Curitiba no dia 3 de setembro às seis da manhã e depois de seis horas de viagem, refazendo em descida o trajeto do dia 18 de agosto, chegou ao porto de Paranaguá. Às 15 horas embarcou em um vapor costeiro, o *Santos*, com destino ao porto de Rio Grande. Dia 5 de setembro a embarcação fez breve escala em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Ali também teve ótima acolhida de parte do clero e das autoridades locais. Scalabrini comentou em carta a Camillo Mangot, de 9 de setembro, *a belíssima impressão que lhe causara o Presidente do Estado e registrou a respeito: Bem-aventurados os povos que são dignos de ter semelhantes chefes!*⁹⁸

As sucessivas cartas enviadas por João Batista Scalabrini a Camillo Mangot a partir de setembro de 1904 permitem percorrer o itinerário do bispo de Piacenza no Rio Grande do Sul e conhecer aspectos ambientais e alguns episódios ligados à sua visita em solo gaúcho. Como nas visitas aos outros estados, teve sempre ao seu lado

⁹⁶ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera a Camillo Mangot. S. Felicidade de Curityba, 31 agosto 1904. In: Storia della congregazione scalabriniana: Le prime missioni nel Brasile (1888-1905), op. cit., p. 294-5.

⁹⁷ SPALLAZZI, Carlo. Sommario Del processo di beatificazione Del servo di Dio G. B. Scalabrini (Roma, 1943), p. 27-8. In: Storia della congregazione scalabriniana: Le prime missioni nel Brasile (1888-1905), op. cit., p. 76.

⁹⁸ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera a Camillo Mangot. Dal bastimento – Prudente de Moraes, 9 settembre 1904. In: Storia della congregazione scalabriniana: Le prime missioni nel Brasile (1888-1905), op. cit., p. 297.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

para ajudá-lo e fazer-lhe companhia Carlo Spallazzi, o doméstico que o acompanhara também na viagem aos Estados Unidos. Desde o Paraná viajou com eles padre Marco Simoni.

No dia 7 de setembro, 82º aniversário da independência do Brasil, o *Santos* chegou próximo à cidade de Rio Grande no estado do Rio Grande do Sul. Às 19 horas, já à vista do porto, a embarcação encalhou e assim permaneceu até às 19 horas do dia 8, festa da natividade de Maria. Em Rio Grande o coronel Viana fez-lhe ótima acolhida, honrado com a visita do Bispo de Piacenza e por recomendação prévia que lhe fizera o Bispo de Porto Alegre. Cumprida essa etapa, Scalabrini prosseguiu viagem a bordo do *Prudente de Moraes*, de onde pôde contemplar as margens verdejantes da Lagoa dos Patos. O clima, comparou-o ao da Itália nessa época do ano. Dia 10 de setembro, às 10 horas, chegou a Porto Alegre. Recebeu-o o Vigário Geral e bons católicos que o conduziram ao bispado. O bispo diocesano d. Claudio José Gonçalves Ponce de Leão viajara à Aparecida, a fim de participar das conferências episcopais trienais. Uma representação do governo acompanhada de banda devia comparecer à recepção, porém um forte temporal que se abateu sobre a cidade impediu que fosse realizada a programação prevista. Temeu-se pelo Bispo, mas segundo ele próprio, a Lagoa dos Patos permaneceu quieta e a viagem lacustre foi tranquila.

No dia seguinte Porto Alegre, *entre as belas cidades, belíssima*, realizou uma grande festa com calorosa recepção ao Bispo de Piacenza, da qual participaram autoridades civis e militares, membro do clero e do laicato: houve a presença da banda militar, discursos e brindes durante o almoço que lhe foi oferecido. Scalabrini respondeu em idioma português, o que surpreendeu e causou satisfação a todos. Antes, havia pregado a bom número de seminaristas. Segunda-feira, dia 12, visitou a Santa Casa de Misericórdia e outros estabelecimentos da capital gaúcha.

Terça-feira, 13 de setembro, às seis horas Scalabrini partiu de Porto Alegre em viagem fluvial pelo rio Taquari, à caminho de Encantado. Às 20 horas chegou à Estrela onde pernitoou na casa do pároco, um sacerdote jesuíta. Dia 14 de setembro, agora a cavalo, retornou a viagem para Encantado. Ao longo do percurso Scalabrini foi acompanhado por numerosos grupos de colonos vindo dos diferentes núcleos, a cavalo como ele, e que pouco a pouco tornaram maior a comitiva. Na sede o povo que aguardara o Bispo formando alas, acolheu-o com reverência e respeitoso silêncio. À sua passagem, meninas vestidas de branco o precediam, disseminando em profusão flores daquela primavera histórica.

Durante sua permanência em Encantado, entre tantas outras atividades, Scalabrini crismou cerca de duas mil pessoas. No dia 20 de setembro abençoou, em solene cerimônia, a nova igreja dedicada a São Pedro. Padre Massimo Rinaldi assumira há pouco a direção da missão de Encantado, primeira paróquia scalabriniana no Rio Grande do Sul. Pioneiro da missão foi padre Domenico Vicentini, ali presente desde 1896. Como em outros locais visitados o Bispo observou e descreveu a paisagem, destacou as belezas naturais, a salubridade do clima, a

fertilidade do solo. Manteve-se atento à prática pastoral de seus missionários e às aspirações dos imigrantes e de seus descendentes. Com justificada satisfação constatou que os missionários scalabrinianos eram venerados e, como verdadeiros apóstolos, faziam um bem imenso junto àquelas populações. Cada uma das missões tinha entre 20 e 30 núcleos coloniais, alguns distantes até seis horas a cavalo. No decorrer da semana com periodicidade, de modo alternado, os missionários visitavam os núcleos, pregavam, davam catequese, administravam sacramentos. Aos domingos retornavam à sede.

Em uma descrição de Scalabrini, enviada a Camillo Mangot, o território onde se encontrava estendia-se por três vales formados pelos rios Carrero, Antas e Prata. O vale do rio Carrero compreendia as missões de Encantado, São Lourenço, Figueira de Melo, Santa Teresa, Monte Belo, Monte Veneto, Nova Bassano, São João Batista do Herval, com mais de cem capelas nos núcleos coloniais. Dois dos vales, o do Carrero e o do Prata, constituíam o espaço pastoral dos missionários scalabrinianos no Rio Grande do Sul. Já, o vale do rio das Antas, sempre na descrição de Scalabrini, compreendia Conde d'Eu, Bento Gonçalves, Alfredo Chaves, Antonio Prado e Caxias, e constituía o espaço pastoral dos capuchinhos e dos padres diocesanos.

O Bispo de Piacenza deixou Encantado no dia 22 de setembro e depois de cinco horas a cavalo, chegou a São Lourenço de Vila Boas (Coronel Pilar), que contava com 20 núcleos coloniais, cada um com capela própria e onde atuava padre Giuseppe Pandolfi. Em toda parte a passagem do Bispo era ocasião mais que propícia para celebrações, em especial para administrar o sacramento da confirmação. Em São Lourenço foram crismada mil e quinhentas pessoas, de todas as idades. Em cada visita repetiam-se cenas comoventes: além da acolhida festiva e das celebrações religiosas, as notícias de bispos, sacerdotes e conhecidos dos locais de origem dos imigrantes, reavivavam a saudade da terra natal.

À caminho de Capoeira (Nova Prata), *uma multidão de homens*, a cavalo como ele, acompanharam Scalabrini. Ao longo do percurso arcos de triunfo e o espocar de foguetes solenizaram a passagem do Bispo que teve um *magnífico* ingresso em Conde d'Eu (Garibaldi), sendo acolhido pelos alunos dos irmãos maristas e pelas alunas das irmãs de São José, por uma população imensa, com banda e ao toque festivo dos sinos. Chamou particular atenção de Scalabrini o retrato do papa Pio X afixado em todos os arcos. O agente consular, Luigi Petrocchi, residente em Bento Gonçalves também estava presente à recepção. O Bispo pernitoou no convento dos padres capuchinhos.

Na manhã de 27 de setembro Scalabrini deixou Conde d'Eu e três horas depois chegou a Bento Gonçalves onde foi conduzido em triunfo à igreja e falou à população. Logo, prosseguiu viagem com Carlo e padre Marco em uma *viatura primitiva*, chegando à Alfredo Chaves (Veranópolis), sob chuva torrencial. Como em Conde d'Eu, pernitoou no convento dos capuchinhos. Às 10 horas do dia 28 chegou a Capoeiras, missão scalabriniana que estava sob a direção de padre Antonio

Seganfredo, venerado pela população. Ficou hospedado, com Carlo e padre Marco, em uma casa nova de madeira. A presença do Bispo, que ali se deteve três dias, foi ocasião oportuna para a administração da crisma e para a bênção solene da igreja mesmo que inacabada, *belíssima*, dedicada a São João Batista. Também a igreja de Turvo (Protásio Alves) foi benta de modo solene pelo Bispo de Piacenza em fins de setembro de 1904.

Dia 1º de outubro, de Capoeiras Scalabrini seguiu a cavalo para Nova Bassano. A viagem prolongou-se por quatro horas, um percurso em meio à mata virgem. À meia hora da sede, depois de agradável tempo bom, outra vez a chuva torrencial causou transtorno, impediu a apresentação da banda e tornou menos brilhante a acolhida do povo. A colônia de Nova Bassano era extensa e contava na época 30 núcleos. Fora fundada por padre Pietro Colbachini que ali veio a falecer a 30 de janeiro de 1901. A igreja, obra dele e onde o grande missionário está sepultado, foi benta com solenidade pelo Bispo. Scalabrini a descreveu como uma bonita construção, com três naves, de estilo gótico.

Em Nova Bassano o Fundador teria concluído seu programa, porém, em razão dos apelos de tantos, foi além do previsto. Mesmo que sentisse o peso das intermináveis viagens, impelido pelo zelo apostólico visitou ainda outras colônias, percorrendo caminhos em sua maioria impraticáveis. No dia 5 de outubro retornou à Alfredo Chaves, sendo recebido em triunfo, como em toda parte. Nos dias felizes que passou junto aos pobres capuchinhos de Savoia, visitou várias capelas e administrou quase 5 mil crisma.

A 10 de outubro de 1904, João Batista Scalabrini estava outra vez em Bento Gonçalves de onde, em carta a Camillo Mangot, reconhecia ter sido *verdadeira inspiração* a visita às colônias italianas no Rio Grande do Sul. Na carta o Bispo afirmava ser impossível descrever o entusiasmo da população à sua chegada, manifestava evidentes dificuldades, sentia falta de um jornal, dizia estar *como que fora do mundo!* De Bento Gonçalves enviou aos seus diocesanos uma breve pastoral, celebrativa do 50º aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição.

No dia 16 de outubro, em Conde d'Eu, administrou a crisma e conferiu as ordens menores a alguns capuchinhos. Retornou a seguir a viagem e na manhã do dia 18 celebrou missa no santuário mariano de Caravágio, junto ao qual muitas pessoas haviam passado a noite à espera do ato litúrgico. Scalabrini enalteceu em sua correspondência esse gesto de fé da população local. No mesmo dia 18 chegou a Caxias, *pérolas das colônias italiana*, que quis organizar uma recepção grandiosa ao Bispo de Piacenza. Da Pinheiro Machado até a igreja, na praça Dante, as ruas estavam ornamentadas com arcos, ramos e bandeiras. A colônia cotava já com escolas, igrejas, religiosos e religiosas e alcançara um surpreendente desenvolvimento. Para Scalabrini Caxias, então, parecia ser habitada há um século. *Na grande e 'belíssima' igreja* o Bispo proferiu em português um comovido discurso

e conferiu, dia 18 e nos dias sucessivos a crisma a muitos jovens. Demonstrações imponentes o saudaram na despedida.

A 21 de outubro, depois de 40 dias de intensa atividade pastoral nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, João Batista Scalabrini seguiu para Porto Alegre. Foram mais dois dias de viagem, o primeiro por terra em carroça e o segundo fluvial, através do rio Caí. Em Porto Alegre, onde permaneceu de 23 a 27 de outubro, o Bispo de Piacenza foi acolhido por d. Cláudio José Ponce de Leão com o qual tratou da possibilidade dos missionários de São Carlos assumirem algumas paróquias em sua vasta diocese. Para o dia 24 Scalabrini agendara um discurso aos italianos residentes em Porto Alegre. Da capital gaúcha o Bispo retornou à cidade de Rio Grande onde aguardou a embarcação que o levou a Buenos Aires. Chegou à capital da Argentina dia 9 de novembro para uma breve visita ao irmão Pietro, ali radicado, que não via há 36 anos. Dia 11 de novembro, embarcou no piróscifo *Sardenha*, de regresso à Itália, tendo chegado à Gênova dia 5 de dezembro de 1904. No dia seguinte o Bispo foi acolhido em Piacenza por uma multidão, reunida na catedral para o *Te Deum* de ação de graças. Pio X congratulou com o Bispo pelo bem realizado durante sua visita apostólica à América Latina e enviou-lhe uma medalha de ouro com uma mensagem, solicitando-lhe que fosse à Roma assim que pudesse. João Batista Scalabrini, de sua parte, ao final da visita escrevera de Porto Alegre a Camillo Mangot: *Penso em ter feito um pouco de bem... Qua Deus fecunde a boa semente lançada em meio a contínuos suores!*⁹⁹ Cem anos depois, a celebração da visita apostólica do Bispo de Piacenza ao Brasil, tornou-se eloquente sinal de uma fecundidade que a graça divina tornou perene.

⁹⁹ SCALABRINI, Giovanni B. Lettera a Camillo Mangot. Porto Alegre, 23 ottobre 1904. In: Storia della congregazione scalabriniana: Le prime missioni nel Brasile (1888-1905), op. cit., p. 307.

PARTE 2 – 1907 – 1920

REORGANIZAÇÃO INTERNA E EXPANSÃO DO
INSTITUTO CONTRIBUIÇÃO PASTORAL DA IRMÃ MSCS

Reorganização interna e expansão

Do instituto

Contribuição pastoral da irmã mscs

Na primeira parte deste estudo da história da congregação mscs, que situamos entre os anos de 1895 e 1907, reunimos aspectos conjunturais característicos da transição do século XIX para o século XX, período no qual se enquadra o início do processo de fundação do instituto. Esta visão contextual política, sócio-econômica e cultural de então quer evidenciar a interação da obra scalabriniana com a realidade histórica, a fim de destacar as circunstâncias que levaram à fundação da congregação scalabriniana feminina e focalizar, de modo especial, a fisionomia da irmã mscs.

A visita apostólica de João Batista Scalabrini ao Brasil em 1904 coincidiu com um dos momentos mais críticos da história mscs. A congregação existia há nove anos e ainda estava em processo de fundação. A morte inesperada do Fundador, a 1º de junho de 1905, adiou a solução do problema criado com a tentativa de fusão da congregação mscs com a congregação das apostolas do sagrado Coração de Jesus, prorrogando a fase experimental na evolução histórica do instituto.

A linha de tempo estabelecida para esta segunda parte do primeiro volume da história mscs mantém motivações internas e situa-se entre 1907 e 1920, respectivamente ano da separação das duas congregações e ano celebrativo do 25º aniversário de fundação da congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas. Como na primeira parte, esta segunda orienta-se para um tríptico campo de pesquisa: o contextual, externo e mais amplo; o interno, que aborda a fase de reorganização e expansão missionária do instituto; o essencial em nossa percepção, que investiga a contribuição da irmã mscs à preservação da fé católica e à integração cultural do imigrante no Brasil.

2.1 Contexto histórico no período de Reorganização e início da expansão Do instituto

2.1.1 O mundo no período 1907-01920

Em 1907 a congregação das irmãs missionárias de São Carlos, scalabrinianas, iniciou nova fase de sua história, agora sob a proteção de d. Duarte Leopoldo e Silva, bispo de São Paulo desde abril desse ano. Enquanto em seu pequeno âmbito o instituto scalabriniano feminino começava a se reorganizar a sociedade humana conhecia, ano após ano, um desenvolvimento técnico-econômico e científico incomparável. Para maior compreensão da caminhada da congregação mscs situamos o período em estudo nesse horizonte mais amplo, fazendo memória de alguns aspectos conjunturais vividos pela família humana entre 1907 e 1920.

Na época, fatos novos ligados ao progresso e às mudanças sócio-políticas encadearam-se em um processo histórico que não seguiria de forma linear. As grandes potências, alinhadas em dois blocos instáveis, alheios aos avanços promissores no campo do direito internacional, armaram-se e no seu desatino recorreram a uma guerra sem precedentes.

Peculiaridades honrosas no campo econômico, social, intelectual e político, mas também perigosas contradições distinguem o contexto no qual irrompeu, em 1914, a primeira guerra mundial. Na área econômica estava em curso a segunda revolução industrial que continuou a surpreender o mundo com aperfeiçoamentos técnicos e novas invenções. O extraordinário aumento da produção do aço, utilizado como matéria industrial básica, permitiu estender ferrovias, multiplicar pontes e construções em geral. A conversão da energia mecânica em energia elétrica facilitou mais largo emprego desta na produção industrial. A utilização de equipamentos e processos automáticos favoreceu a produção em massa e criou a divisão do trabalho na fabricação de produtos, sendo positiva sob alguns aspectos a primeira e questionável a segunda. Com efeito, a abundante produção de mercadoria barateou o produto, tornando-o acessível a muitos. Já, a especialização do trabalhador questionada ainda hoje, submete o indivíduo a uma atividade repetitiva, monótona, deixando pouco espaço a criatividade que dignifica o ser humano.

No setor dos transportes terrestres depois de um tempo de domínio das ferrovias, dotadas em alguns países de um serviço qualificado, começou a se difundir o uso do automóvel, de ônibus e de caminhões. O transporte aéreo teria maior expressão a partir de 1920, mas um voo direto de Paris a Londres realizado em 1911 deixou antever o desenvolvimento da aviação para breve. No campo das comunicações a invenção de Guglielmo Marconi, do telegrafo sem fio, abriu caminho

para o desenvolvimento do rádio, do telefone sem fio e da televisão, meios que favoreceram a divulgação de notícias e facilitaram sempre mais a comunicação à distância.

Com a sucessão de inventos surgiu de modo concomitante uma nova forma de organização capitalista, desenvolvendo-se o capital financeiro que, aos poucos, passou a levar vantagem sobre o capital industrial. Desse quadro de transformações econômicas originaram-se mudanças no âmbito social. Conforme vimos na primeira parte deste estudo, um considerável aumento populacional e a crescente urbanização foram dois fenômenos característicos do ocidente e que continuaram nos primeiros anos do século XX. A partir de 1914 o índice de crescimento da população alterou-se. A limitação da migração e a diminuição do índice de natalidade foram causas da mudança.

Na composição da sociedade ocidental a classe burguesa manteve a supremacia. Grandes banqueiros, magnatas da indústria e do comércio constituíam a alta burguesia que já se inclinava para o capital financeiro. Os pequenos comerciantes, industrialistas e os profissionais liberais formavam a pequena burguesia. A classe proletária chegava pouco a pouco a importantes conquistas, inclusive no campo político.

É inegável que a revolução industrial favoreceu toda a sociedade, ainda que a distribuição de seus benefícios tenha sido desigual, aliás, como em nossos dias. Nesse período, em países da Europa ocidental fortaleciam-se os movimentos em favor de reformas sociais que visavam regulamentar o trabalho infantil e o emprego de mulheres nas indústrias; proteger o operário em caso de acidente de trabalho, desemprego ou doença; fixar um salário mínimo para o trabalhador; diminuir a carga horária; instituir pensões para idosos, incluídos os domésticos e os ligados à agricultura. Em alguns países esses movimentos por uma nova legislação social, que eram em parte de inspiração nacionalista-paternalista, obtiveram em tempos diversos efetivos resultados e gradativas conquistas.

Já, a história da América Latina durante as duas primeiras décadas do século XX foi marcada por revoluções como a do México, que pôs fim à longa ditadura de Porfírio Díaz, bem como por sucessivas intervenções militares e econômicas norte-americanas sofridas pela Nicarágua e demais repúblicas centro-americanas, que se prolongaram até períodos mais recentes. Nesse cenário político emergem as massas populares, que terão ativa participação nos movimentos revolucionários latino-americanos.

Ainda que permanecendo agrárias, as economias dos países latino-americanos iniciavam um processo de fabricação de bens de consumo. Em consequência, ocorrerá a formação do proletariado com a emergência do movimento operário, a oposição à política intervencionista dos Estados Unidos e o questionamento quanto à forma como os meios de produção eram explorados.

Uma leitura do contexto 1907- 1920 fica incompleta sem uma referência ao papel fundamental desempenhado pela ciência, em particular a física e a química, no desenvolvimento da indústria. Na

verdade as ciências em geral foram objeto de interesse maior no tempo compreendido entre 1830 e 1914, identificado como o do *apogeu do progresso científico*, se comparado às épocas precedentes¹⁰⁰.

Muitas das descobertas e ideias produzidas pelo espírito humano nesse período tiveram caráter revolucionário, assim que a vasta produção cultural de então foi reconhecida como nova revolução intelectual. Entre as causas de tal acervo estão a própria revolução industrial, a busca de maior conforto e a elevação da qualidade de vida. É significativo que uma das tantas descobertas feitas às vésperas da primeira guerra tenha sido a das vitaminas, essenciais ao crescimento do indivíduo e na prevenção de doenças.

As mudanças econômico-sociais e os avanços científicos tiveram evidentes reflexos no movimento filosófico, literário e artístico da época. Muitas obras produzidas entre 1907 e 1914 descreveram realidades, mas também utopias que revelaram e alimentaram anseios de novas conquistas capazes de eliminar a miséria e os sofrimentos da vida humana mediante o progresso e a utilização da técnica. O realismo literário como protesto contra o sentimentalismo e o romantismo descreveu a vida em base à revelação da ciência e da filosofia.

No campo filosófico quase todos os movimentos do início do século XX foram influenciados pela ciência. É o caso do evolucionista em que se destaca o alemão Ernst Haeckel (1834-1919), autor de *O enigma do universo*. Diante das incertezas da ciência muitos pensadores passaram a seguir novas tendências filosóficas como o pragmatismo, filosofia americana muito difundida, ou o neo-idealismo, escola na qual figura o italiano Benedetto Croce (1866-1952), ou ainda o neo-realismo que admitia os fatos da ciência como única verdade, mesmo que incompleta, desprezando tendências de cunho místico e manifestações de fé.

Também no âmbito artístico surgiram novas formas de expressão nos anos que precederam a guerra de 1914-1918. Na pintura Henri Matisse (1869-1954), ampliou o uso da deformação iniciado por Paul Cézanne (1839-1906), tendência que Pablo Picasso, nascido em 1881 e fundador do cubismo, desenvolveu depois bem mais tarde, quer como reação às ideias tradicionais na conceituação da arte. Fruto desse tempo foi também o futurismo de Filippo Tommaso Marinetti e seguidores que, empolgados com a máquina e as descobertas científicas menosprezavam o clássico, propondo o movimento como matéria principal da arte. A arquitetura viu afirmar-se o funcionalismo, em estilo original também conhecido como arquitetura moderna ou estilo internacional, caracterizado pela simplicidade e adotado hoje em todos os países industrializados.

A música, por sua vez, contou com o realismo de Richard Strauss (1864-1949) e com o impressionismo de Claude Debussy (1862-1918), que em suas produções rejeitou o realismo, preferindo mover-se *num*

¹⁰⁰ BURNS, Edward. M. Historia da civilização ocidental – II, op. cit., p. 792.

mundo fantástico de sonhos e sombras, como afirma Edward Mcnall Burns.

Um olhar sobre o cenário mundial às vésperas da guerra de 1914-1918 mostra que o mesmo apresentava um relativo desenvolvimento no que tange à organização internacional. Nas últimas décadas do século XIX fora criada a União Postal Internacional e a União Telegráfica Internacional. Em 1899 realizara-se a primeira conferência de Haia, durante a qual foi criada a Corte Permanente de Haia que passou a atuar como um tribunal internacional de arbitragem. Do mesmo modo que a primeira também a segunda conferência de Haia, realizada em 1907, formou princípios novos no campo do direito internacional. A corte de Haia, constituída de um corpo de juizes, obteve significativos êxitos até 1914, porem, o progresso alcançado pelo direito internacional mostrou-se incapaz de encontrar respostas adequadas aos desafios da época e assegurar uma paz duradoura à sociedade.

As potências de então procuravam cada qual defender seus interesses nacionais. A Alemanha buscava a expansão para leste; a França entendia necessário deter o progressivo fortalecimento da Alemanha e queria reaver a Alsácia-Lorena e conquistar o Marrocos; a Áustria ambicionava os Balcãs; a Rússia pretendia o controle dos estreitos que ligam o mar Negro ao Mediterrâneo; à Grã-Bretanha interessava manter o status quo, sobretudo garantir a livre comunicação com as disseminadas áreas do império; a Itália alimentava ambições territoriais que incluíam Trípoli em poder da Turquia, o Trieste e o Tirol meridional ainda em poder da Áustria. Além das potências europeias duas outras, o Japão e os Estados Unidos tinham aspirações de grandeza, impelidos como as demais por questões econômicas e por razões de poder. Acordos feitos nesse período entre o governo americano e o império japonês favoreceram ambos, o Japão quanto aos seus interesses na Coreia e os Estados Unidos, que tiveram reconhecidos seus direitos nas Filipinas.

Esse jogo de interesse e rivalidades antigas e recentes envolveram as nações mais poderosas em uma arriscada competição e originaram o estado de anarquia que enraizou a primeira grande guerra. Chama atenção o contraditório dessa realidade em que se colocam lado a lado o progresso econômico, social, intelectual-artístico e uma guerra absurda e selvagem como o foi a de 1914-1918.

Na verdade os anos que precederam o conflito mundial foram tempo de democracia, mas também de um novo imperialismo. A concentração de riquezas, a superprodução orientou as potências capitalistas a uma política anexionista na busca de mercados; acreditou-se na *paz armada*, fruto da corrida armamentista e do militarismo, vistos como forma de manter o equilíbrio e a paz; expandiu-se um nacionalismo e o pan-eslavismo que eram, no fundo, dissimulação das pretensões expansionistas, estes, respectivamente da Alemanha e da Rússia; formaram-se a Tríplice Entente e a Tríplice Aliança que alinharam em dois blocos antagônicos as potências de então;

multiplicaram-se no interior dos mesmos blocos e entre eles, tensões e crises; criaram-se contra-aliança.

Quando o arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do trono da Áustria, foi assassinado a 28 de junho de 1914 a guerra tornou-se inevitável e o sistema de alianças ampliou o conflito. As nações da Tríplice Entende, Inglaterra, França e Rússia, depois Itália e Estados Unidos levaram a melhor, se é que isso pode ser dito de uma guerra. Formavam a Tríplice Aliança, a Áustria, Alemanha e Itália. Esta manteve-se neutra no início da guerra e depois apoio a Tríplice Entende.

A guerra de 1914-1918, foi de trincheiras, mobilizou cerca de 65 000 000 de homens e estima-se que morreram dez milhões de pessoas. Entre outras consequências do conflito figuram incontáveis problemas de caráter social e econômico, o fortalecimento do nacionalismo, a degradação dos ideais democráticos, além da gradual hegemonia dos Estados Unidos e do progressivo declínio da Europa.

Outro fato de históricas consequências ocorrido nesse período foi a revolução russa de 1917, precedida de sucessivas manifestações de descontentamento popular, sobretudo da classe operária mal paga, exigida em excesso e consciente da própria situação. Desde fins do século XIX vinha se acelerando o processo de industrialização da Rússia onde, até 1917, o poder político manteve-se em mãos de um czar. A aristocracia rural constituía a base do regime político que tinha o apoio da igreja ortodoxa. Apesar da forte repressão do czarismo, a insatisfação generalizada envolveu proletariado, camponeses, soldados, marinheiros e elementos da burguesia em um movimento revolucionários que constitui o primeiro desafio concreto posto ao capitalismo. O povo queria pão, optou pela república e exigiu a retirada das tropas russas dos campos de batalha. Com o triunfo da revolução de outubro de 1917 cresceu a oposição interna à participação da Rússia na guerra e o país, de fato, abandonou o conflito mundial.

2.1.2 Igreja e conjuntura mundial

A primeira grande guerra mundial, considerados os fenômenos a ela ligados, suas causas e suas consequências, significou uma *reviravolta* na inteira história da humanidade, incluída a eclesiástica. O conflito *assinalou a explosão das graves crises sociais e espirituais que por muito tempo se foram preparando* e para as quais algumas mentes mais despertas como a de João Batista Scalabrini haviam alertado em tempo. A guerra, por outro lado, *exerceu um influxo envolvente sobre as novas condições políticas, sociais, econômicas, culturais e religioso-eclesiásticas de quase todo mundo*¹⁰¹.

¹⁰¹ BIHLMAYER, kark & TUECHLE, Hermann. História da igreja – Idade Moderna. Volume Terceiro. São Paulo, Paulinas, 1965. v. 3, p. 604.

Um resultado da guerra de 1914-1918 foi, como se disse, a mudança da estrutura do poder internacional. Nos primeiros anos do século XX chegava ao seu apogeu o domínio da Europa sobre o mundo enquanto evidenciava-se gradativa ascendência dos Estados Unidos. Desde fins do século XIX esse País acelerou um processo de expansão econômico-militar sobre a América Latina a começar pelo Caribe e América Central. Na América do Sul a Inglaterra manteve posição hegemônica até os primeiros anos do século XX. Transcorrida a primeira década do novo século a situação alterou-se, tendo cessado ali a predominância britânica. A Inglaterra, envolvida com sérios problemas internos já não conseguia manter o poder sobre a América latina, o que abriu espaço à hegemonia norte-americana. Abalada em seu poderio político, econômico e militar a Europa amargou o próprio declínio, expresso na autodestruição provocada pela guerra de 1914-1918, que inclui a perda de dez milhões de vidas humanas e milhões de feridos, sacrifícios e privações incalculáveis, ódio e ressentimentos, desolação e ruínas que perduraram no tempo.

Mesmo que desde 1915, durante a fase bélica, as potências políticas ocidentais tivessem excluído a Sé Apostólica das negociações de paz e limitado a ação eclesial à assistência espiritual, a igreja católica não podia ficar indiferente àquela dura realidade, em particular à dissolução espiritual e às psicoses coletivas; a decadência moral e a perversão social; ao desmoronar da família e ao afastamento da igreja de grande parte da população; a ausência de autoridade e à degradação da vida pública em razão de disputa partidárias sem visar o bem comum.

Junto às desilusões e à descrença na capacidade da técnica e da razão de responderem de modo adequado aos desafios de então, começou despertar na família humana também um vivo anseio por valores duradouros. Ao papado estava reservada a missão de facilitar a concretização dessa legítima aspiração de tantos.

Dois pontificados têm a ver com o período histórico ora em estudo: o de Pio X e o de Bento XV. Pio X, que em 1903 sucedera a Leão XIII, imprimiu uma orientação religioso-pastoral ao seu pontificado, que se estendeu até 1914. Grande reformador, Pio X lutou contra o modernismo e preocupou-se em preservar íntegra a doutrina cristã; reestruturou a cúria romana; encaminhou providências para revisão nova compilação do direito canônico e para a edição de um texto revisto da vulgata; empenhou-se em melhorar o serviço pastoral, bem como o ensino religioso e a formação do clero; incentivou o aprofundamento dos estudos bíblicos e a fundação de um ateneu pontifício, o Instituto Bíblico, anexo à universidade gregoriana; favoreceu reforma no setor de culto e da liturgia; apoiou iniciativas em favor dos migrantes; estimulou a comunhão frequente das crianças; durante seu pontificado celebraram-se, em diversos países, congressos eucarísticos internacionais.

Quanto ao modernismo, considerado a *síntese de todos os erros modernos*, apareceu no início do século XX na França, Inglaterra, Itália e Alemanha como corrente nacionalista no âmbito da filosofia e da teologia

católica. Os modernistas erigiram a consciência religiosa individual como juiz acima da revelação e da igreja e consideram os dogmas, como meros símbolos mutáveis da verdade religiosa incognoscível em si mesma. Na encíclica *Pascendi dominici gregis*, datada de 8 de setembro de 1907, Pio X expõe de modo sistemático o modernismo condenando-o como vaso coletor de todas as heresias. Em setembro de 1910, o mesmo Pontífice estabeleceu que todos os sacerdotes destinados ao ensino e à cura de almas, bem todos os candidatos ao sacerdócio, antes de receberem as ordens maiores, prestassem um 'juramento antimodernista' especial¹⁰². A luta do papa contra o modernismo obteve êxito esperado. Pio X veio a falecer a 20 de agosto de 1914, justo ao desencadear da guerra que ele a tempo previa.

Ao seu sucessor Bento XV, 1914-1922, coube reger a igreja durante o conflito mundial e no imediato pós guerra. Eleito em setembro de 1914, o novo Pontífice tinha apropriada formação e rica experiência no âmbito da diplomacia e no governo eclesiástico, aspecto de enorme importância para esse momento histórico. No decorrer dos quatro anos de guerra manteve a necessária rigorosa imparcialidade, nem sempre nem sempre compreendida pelos beligerantes das duas partes. Foi infatigável no chamamento à paz e ao mesmo tempo solícito no serviço aos prisioneiros, dispersos, deportados e à população civil atingida pela guerra. Sua incansável ação e suas exortações em favor da paz e da reconciliação entre os povos conferiram ao papado notável ascendência no cenário mundial. No decorrer do seu pontificado Bento XV manteve-se atento ao múnus religioso-pastoral e deu continuidade a iniciativas de Pio X na vida interna da igreja, entre as quais a elaboração do novo código de direito canônico, publicado em 1917.

A assídua atenção religiosa e pastoral de Pio X e de Bento XV teve reflexo na história das igrejas locais em todos os continentes. Superados os particularismos, fortalecido o episcopado universal, afirmou-se a tendência ao centralismo, característica que vinha se acentuando na igreja católica a partir da segunda metade do século XIX. Conforme previra João Batista Scalabrini, a perda do domínio temporal foi um fato providencial na medida em que alargou o poder espiritual do papado e proporcionou à Sé Apostólica autoridade e prestígio que não tinha antes. A nova situação facilitou-lhe superar momentos delicados como a separação igreja e estado ocorrida em alguns países, entre os quais o Brasil no pontificado de Leão XIII, França e Portugal no pontificado de Pio X.

Em relação ao Brasil, ainda único país onde a congregação mscs atuava, algumas deferências e eventos eclesiais tiveram especial significado. Um decreto emanado do Vaticano, de 28 de dezembro de 1903, possibilitou a coroação da imagem de Nossa Senhora Aparecida em cerimônia só realizada a 8 de setembro de 1904. Na oportunidade o Brasil foi posto sob a tutela da Virgem Imaculada. A igreja concede tal

¹⁰² Ibid., p. 578-9.

privilégio somente às imagens que se destacam pelos prodígios operados.

No mês de dezembro de 1905 o mesmo papa Pio X distinguiu o Brasil com o cardinalato, o primeiro da América Latina, conferido a d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, arcebispo do Rio de Janeiro, que fora bispo de São Paulo entre 1894 e 1897 e protetor do orfanato Cristóvão Colombo. Foi ele quem acolheu em sua diocese as primeiras irmãs mscs no ano de 1895.

Dada a qualidade das relações diplomáticas entre o Vaticano e o Brasil, em 1919 a representação brasileira junto a Sé Apostólica foi elevada à categoria de embaixada.

Interesse à história mscs desse período também o fato de a guerra de 1914 – 1918 ter interrompido o fluxo imigratório e impedido o envio de missionários europeus ao Brasil, o que levou a igreja local a buscar novas alternativas em sua atividade pastoral.

Outro fato eclesial relevante para a história da no Brasil nessa época foi a criação de novos arcebispados, o de São Paulo em 1908, e de numerosos bispados, de algumas prelazias e prefeituras apostólicas em atenção também aos locais mais distantes do território brasileiro. Em razão da imensa extensão territorial do Brasil, as reuniões do episcopado nacional que se seguiram à primeira já referida de 1890. São Paulo, realizaram-se observando a divisão do país em províncias eclesiásticas, no início Salvador na Bahia e Rio de Janeiro.

Depois da realização em Roma do Concílio Plenário da América Latina, 1899, completou-se o período de reordenação jurídico-institucional e pastoral com a publicação, em 1915, da Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro. A realização periódica das conferências episcopais das regiões brasileiras foi interrompida, no sul após 1915 e no norte após 1919. Somente cerca de vinte anos mais tarde haveria uma nova reunião, a do Primeiro Concílio Plenário Brasileiro de 1919. Na avaliação de Jesús Hortal faltava à orientação pastoral da época a dimensão social: *a pastoral inspiradora parecia ser mais de conservação do que de conquista; ignorava-se o espírito de serviço aos homens. Hortal reconhece que esses eram defeitos próprios do tempo e que ninguém tem o direito a criticar, com mentalidade atual, as situações do passado*¹⁰³.

Importante será confrontar tal orientação com a prática pastoral desenvolvida pelas irmãs mscs, em São Paulo desde 1895 e a partir de 1915 junto aos imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul.

¹⁰³ HORTAL, Jesús. Instituições eclesiásticas e evangelização no Brasil, op. cit., p. 104.

2.1.3 Mobilidade humana, estatísticas e iniciativas eclesiais

A migração humana, fenômeno constante na história dos povos desde a mais remota antiguidade, alcançou cifras elevadas no decorrer dos dois últimos séculos. O tema tem sempre importância privilegiada e, neste estudo, três motivos lhe dão sentido maior: foi a matéria histórica que deu origem à obra scalabriniana, incluída a congregação mscs; o repetir-se do fato migratório na história da sociedade humana sustenta a continuidade do instituto no tempo; as diferentes situações de mobilidade humana abrem novos horizontes pastorais à missão mscs na igreja, que é peregrina e chamada a atuar em todos os continentes, junto às diversificadas realidades étnico-culturais do planeta. A retomada de movimentos anteriores às duas primeiras décadas do século XX visa mostrar a gradativa intensificação do fenômeno e situar nesse contexto, que foi também de oportuna expansão mscs, as iniciativas da igreja em favor dos migrantes.

Em todas as épocas registraram-se migrações humanas de significado histórico, mas só a partir do século XIX tais movimentos assumiram proporções imponentes. Na Idade Moderna, além do êxodo de escravos africanos para as Américas tiveram importância maior, entre outras, as migrações internacionais de grupos pioneiros, de deportados, de colonizadores, enfim, que se transferiram ou foram transferido da Espanha, Portugal, Inglaterra, França, Holanda, Bélgica para os respectivos territórios coloniais na África, nas Américas e na Ásia.

Desde o início do século XIX foram mais uma vez os fluxos migratórios europeus que povoaram que povoaram extensas áreas das Américas, da África e da Oceânia. Na primeira metade do século cerca de 4 milhões e 500 mil imigrantes provenientes de países da Europa norte-ocidental, Grã-Bretanha, Irlanda e Alemanha, entraram nos Estados Unidos.

Do desenvolvimento industrial e tecnológico, do aumento populacional, do progresso dos meios de transporte em particular o marítimo, característico da segunda metade do século XIX, resultaram novas correntes migratórias, agora também do sul e do leste da Europa com destino aos Estados Unidos, Canadá, Argentina, Brasil, Austrália e Nova Zelândia. Para exemplificar, sempre na segunda metade do século XIX, só nos Estados Unidos entraram 17 milhões de imigrantes, dos quais mais de 15 milhões eram europeus da Irlanda, Grã-Bretanha, Alemanha, Itália, Áustria-Hungria, Rússia e Polônia. No mesmo período fluxos asiáticos provenientes da Índia, China e Japão em maior número, dirigiram-se aos Estados Unidos, Brasil, Antilhas e às ilhas do Haváí. Já na Oceânia, a Austrália e a Nova Zelândia acolheram cerca de 1 milhão de imigrantes, britânicos em sua grande maioria. Na América Latina, sobretudo a partir de 1870, Argentina e Brasil passaram a receber milhões de imigrantes, com prevalência numérica espanhóis e italianos e em menor número portugueses, russos e poloneses. Surpreendentes foram os afluxos intercontinentais no decorrer do decênio 1880 – 1890.

No Brasil estimativas de fins do século XIX mostram que quase um terço da população do estado de São Paulo era constituída de imigrantes italianos enquanto , segunda estatística de 2897, dos 260.000 habitantes da cidade de São Paulo 112.000 eram de nacionalidade italiana. Além de São Paulo outros estados brasileiros acolheram numerosos italianos: Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais e, em menor número, Paraná e Santa Catarina, bem como estado do norte e nordeste do País. Dados de 1900 mostram que havia no Brasil 1.264.000 italianos excluídos os que se haviam naturalizado.

Na história da mobilidade humana, contudo, foi excepcional o movimento verificado no primeiro decênio do século XX. Entre 1901 e 1910 os Estados Unidos receberam mais de 8 milhões de europeus, o que representou o dobro de entradas ocorridas no país durante o decênio 1881-1890.

No quinquênio 1911 – 1915, cerca de 1 milhão e 600 mil estrangeiros entraram no Canadá. As entradas de imigrantes na Argentina e no Brasil atingiram cifras máximas, respectivamente, nos quinquênios 1906-1910 e 1911-1915. Junto os dois países, então metas da migração europeia na América do Sul, acolheram nesse período mais de 5 milhões de europeus, um terço dos quais, italianos¹⁰⁴.

De estatísticas relativas ao Brasil e que mostram o movimento migratório do país no início do século XX destacamos os grupos mais numerosos entrados em São Paulo e no Rio Grande do Sul, estado de atuação pastoral da congregação mscs nessa época. Em São Paulo, conforme dados do CSER, entraram no quinquênio 1905-1909, 35 567 portugueses; 36 595 italianos; 69 682 espanhóis; 825 japoneses; 23 870 alemães e outras nacionalidades. No quinquênio seguinte, 1910-1914, a entrada de portugueses somou 111 491; italianos, 88 692; espanhóis, 108 154; japoneses, 14 465; alemães e outras nacionalidades, 40 096. Entre 1915-1919 entraram em São Paulo 21 191 portugueses; 17 142 italianos; 27 172 espanhóis; 12 649 japoneses; 5 530 alemães e outras nacionalidades.

O Rio Grande do Sul, estado no qual a congregação mscs passou a atuar em 1915, acolheu no quinquênio 1900-1904, 1036 alemães; 2336 italianos; 466 poloneses; 1344 imigrantes de outras nacionalidades. Entre 1905-1909 entraram no território rio-grandense 2 068 alemães; 1 687 italianos; 6 498 poloneses; 2 640 migrantes de outras nacionalidades. No quinquênio 1910-1914 as novas entradas de estrangeiros em solo gaúcho somaram 6491 alemães; 2256 italianos; 17327 poloneses; 5661 imigrantes de outras nacionalidades. É importante ter presente que a imigração no Rio Grande do Sul atingiu cifras bem mais elevadas entre 1875 e 1899¹⁰⁵.

¹⁰⁴ TASSELLO, Graziano G. Lessico migratório. Roma, Centro Studi Emigrazione – CSER, 1987. Cf. p. 107-

11.

¹⁰⁵ DE ROSA, Luigi. L' emigrazione italiana in Brasile: um bilancio. Roma, Centro Studi Emigrazione – CSER, 1987. P. 175-304.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

O extraordinário aumento de fluxo migratório levaria países de imigração a reverem sua política antes favorável à entrada de estrangeiros. Aspectos do fenômeno passaram a ser questionados, em particular pelos Estados Unidos, a partir de 1907. A posterior adoção de normas restritivas, visando controlar e regulamentar a entrada de imigrantes provocaria mudanças significativas no âmbito da mobilidade humana.

Ao mesmo tempo em que países com maior entrada de imigrantes começavam a se interrogar sobre sua política imigratória e passaram a defender aquilo que no seu modo de ver mais convinha aos interesses sócio-econômicos nacionais a igreja, fiel à sua missão universal e convicta da importância de se fazer presente junto aos movimentos sociais da história da humanidade, buscava novas formas de atuação pastoral no campo da mobilidade humana. Como vimos, as altas cifras que caracterizaram o êxodo italiano entre 1880 e 1914, típico período de migração de massa, revelaram em profundidade os contornos do fenômeno.

Ainda no pontificado de Leão XIII, de oportuna intervenção na esfera social movida pela tríplice intenção de promover a justiça social, garantir a dignidade da pessoa e cristianizar a sociedade humana, foi oficializada uma orientação eclesial que seria ampliada pelos seus sucessores a ponto de construir, com o tempo, o que se considera uma doutrina no campo pastoral da mobilidade humana.

Em diversas circunstâncias Scalabrini expressou seu reconhecimento ao papa Leão XII que desde o início apoiou sua obra, favoreceu-a com a liberalidade que caracterizava o pontífice, enriqueceu-a com especiais privilégios, louvou-a segundo o próprio bispo até mais de quanto podia desejar e abençoou-a, facilitando-lhe o caminho eclesial que a consolidou no tempo.

A 15 de novembro de 1887, duas semanas antes da fundação da pia sociedade dos missionários de São Carlos, através do breve *Libenter Anhovimus* o papa Leão XIII aprovou a idéia de um instituto que teria por objetivo a assistência religiosa e o bem-estar dos italianos emigrados, sobretudo na América. O mesmo Leão XIII enviou mais tarde aos bispos americanos a carta *Quam aerumnosa*, publicada a 10 de dezembro de 1888 e elaborada com a colaboração de Scalabrini, em que comunicava a fundação do instituto, recomendando-lhes o apoio à obra iniciada em 1887. Da fidelidade do bispo e de seus seguidores ao carisma recebido, novos passos do projeto frutificariam na igreja, que peregrina na história.

O memorial de Scalabrini enviado à Sé Apostólica a 5 de maio de 1905 resume essa caminhada pastoral no campo da mobilidade humana, as emoções provadas durante a visita aos Estados Unidos e ao Brasil no contato direto com os missionários e com os imigrantes ali radicados. O Bispo constatou in loco a religiosidade que sustentava o trabalho assíduo e duro, a índole pacífica que os orientara a buscar em outras terras uma vida digna para si e para as suas famílias. Confortou-o

a certeza de que seu projeto era necessário e que valia a pena dar-lhe continuidade, ampliá-lo.

Para tanto João Batista Scalabrini propôs a instituição, pela Sé Apostólica, de um organismo central da igreja, *Pro Emigratis Catholicis*, cuja finalidade seria prover à assistência religiosa aos imigrantes, sobretudo nas Américas, a fim de conservar vivo o sentimento cristão e a fé católica no coração dos mesmos.

O organismo seria formado por representantes de diversas nações entre aquelas de mais forte emigração, os quais deviam ser conhecedores do fenômeno migratório e competentes para concretizar o projeto e realizar as suas propostas, que incluíam:

- conservar a fé e a cultura do imigrante;
- garantir nos países de acolhida a presença de sacerdotes e missionários zelosos pelo bem dos imigrantes, que falem ou tenham razoável conhecimento do idioma por eles falados;
- prestar assistência espiritual aos imigrantes de todas as etnias;
- facilitar aos imigrantes uma vida digna de cidadãos e filhos de Deus;
- estudar o fenômeno da mobilidade e manter-se atualizado sobre o movimento migratório católico;
- criar escolas para filhos de imigrantes, de modo a favorecer-lhes a aprendizagem também do idioma do país que os acolhe – missão esta confiada a irmãs;
- criar ao lado da escola um dispensário farmacêutico – confiado a irmãs ou aos sacerdotes;
- preservar os imigrantes do proselitismo das seitas;
- instituir paróquias nacionais ou pessoais;
- favorecer aos imigrantes modo de associação;
- contribuir para a unidade dos povos cristãos e servir de edificação aos não cristãos¹⁰⁶.

Da proposta de Scalabrini originou-se o Serviço Especial da Emigração criado pelo papa Pio X em 1912 e, bem mais tarde, também a Pontifícia comissão para a pastora das migrações e do turismo, instituída pelo papa Paulo VI em 1970.

O Serviço Especial da Emigração, anexo à então sagrada congregação Consistorial foi o primeiro organismo oficial da Sé Apostólica para a assistência espiritual aos migrantes. Outra iniciativa de Pio X foi a instituição de um colégio com a finalidade de preparar sacerdotes para atuarem junto aos migrantes italianos. Situado em Roma, o colégio começou a funcionar depois da primeira grande guerra, 1914-1918, sendo denominado Pontifício Colégio da Emigração. O papa Bento XV, por sua vez, instituiu o *dia nacional do emigrante*,

¹⁰⁶ SCALABRINI, Giovanni B. Memoriale sulla congregazione o commissione "Pro Emigratis Catholicis". In: Scritti, op. cit., v. 2, p. 388.

oportunidade inclusive de coleta para obras católicas de assistência aos migrantes italianos.

2.1.4 Brasil: reflexos conjunturais

Uma breve síntese conjuntural do Brasil, agora nas duas primeiras décadas do século XX, visa a compreensão mais clara das circunstâncias históricas da caminhada do instituto scalabriniano feminino articulada ao contexto da época, com enfoque à realidade sócio-econômica brasileira, de modo a não perder de vista a própria evolução interna do país que constituía o espaço pastoral da congregação, limitado ainda, em razão do reduzido número de irmãs mscs.

Dados históricos extraídos de *Estatísticas do século XX*, do IBGE, oferecem *um retorno amplo ainda que descontínuo* do Brasil, país que iniciou o novo século com uma economia agrário-exportadora e que há pouco saíra de um regime escravista de trabalho, mas que veria consolidar-se de forma gradativa a industrialização e a democracia.

O Brasil dos primeiros anos do século XX compreendia *uma constelação de regiões* com diferentes níveis de desenvolvimento e caracterizava-se, em consequência, por marcada heterogeneidade social, aliás, como nos dias atuais.

Os problemas sócio-econômicos do País, que eram da América Latina em geral, intensificaram-se no início de século passado. Apesar do surto industrial as economias latino-americanas permaneceram agrárias, mantendo-se a propriedade latifundiária que dificultava a sobrevivência dos pequenos produtores rurais. Grandes extensões de terras pertencentes ao estado ou à igreja, terras devolutas, tornaram-se propriedade privada. O confisco de terras que pertenciam às comunidades indígenas também resultou em novos latifundiários. Esse tipo de propriedade implica quase sempre em expulsão dos camponeses do meio rural. Estabelecidos nas cidades tornam-se mão-de-obra disponível e barata, utilizada na indústria.

No âmbito das nações latino-americanas a classe operária começara a se formar a partir de fins do século XIX. Nos primeiros anos do século XX o cone sul foi palco de movimentos de massas trabalhadoras ligadas à indústria, às minas e às ferrovias. Aqui e ali, na Argentina, Uruguai, Chile e no Brasil houve greves gerais, lutas eleitorais e parlamentares, insurreições e atos de terrorismo. Sem generalizar situações o período 1907 – 1920, ora em estudo, foi de agitação operária em que as greves gerais eram reprimidas pelos governos com

extremo rigor. Esse tempo de opressão social que provocou movimentos revolucionários levou, de modo simultâneo, à instalação de ditaduras em alguns países da América Latina. A primeira grande guerra de 1914-1918 e a revolução russa de 1917 contribuíram para criar um clima propício a tais movimentos que, de outra parte, resultaram em avanços quanto às questões sociais.

No Brasil a lei áurea de 1888 aboliu a escravidão, mas deixou sem solução sérios problemas sociais: desemprego e subemprego, analfabetismo e desqualificação profissional, preconceitos e miséria, tornando difícil aos ex-escravos o exercício efetivo da cidadania.

A substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado estimulou a imigração no País. Até a primeira guerra mundial a força de trabalho que atuava na indústria brasileira então emergente era constituída em sua maioria de imigrantes europeus e seus descendentes. O crescimento industrial provocado em boa parte pela grande guerra significaria também o gradativo crescimento numérico de operários brasileiros que passariam depois a predominar no país.

A classe operária concentrava-se em cidades onde se localizavam as fábricas. Mais numerosos eram os italianos em São Paulo e os portugueses no Rio de Janeiro. Com os imigrantes chegaram ao Brasil novas ideologias entre as quais o anarquismo que predominou até 1917 quando passou a ganhar força o socialismo. Nesse ano uma greve geral ocorrida em São Paulo repercutiu em todo o País. O governo reprimiu as manifestações anarquistas. Desde o início do século eram punidos com expulsão do território brasileiro os estrangeiros envolvidos em questões políticas. Mesmo assim houve reações contra a situação, sobretudo por influência de imigrantes italianos e espanhóis. Unidos em defesa de seus interesses mais urgentes organizaram grupos, providenciaram caixas de ajuda mútua e fundaram jornais que levaram à criação de sindicatos, reconhecidos por lei ainda em 1907.

As condições de trabalho de vida dos operários eram na verdade muito duras: jornadas prolongadas de trabalho; baixos salários; ambientes fétidos, escuros, úmidos, superaquecidos; metade da força de trabalho era constituída de menores de 18 anos enquanto que cerca de um terço eram mulheres. A maioria desses operários havia trabalhado antes em fazenda de café. Em São Paulo as condições de moradia também eram péssimas nos cortiços que caracterizavam os bairros operários, como o Brás ou a Moóca. Seria interessante saber se as irmãs mscs que atuavam no Ipiranga e Vila Prudente nessa época tinham algum contato com os imigrantes e seus descendentes estabelecidos nos cortiços de São Paulo.

Em uma sociedade tão desigual como era a brasileira dos primeiros anos do século XX cabe uma breve referência à classe dominante à classe média urbana e à população do meio rural. A aristocracia agrária-exportadora, em especial aquela ligada ao café, continuava a ser a classe dominante. A classe média urbana teve

significativo aumento, sendo formada por funcionários públicos, profissionais liberais, elementos do clero, comerciantes, pequenos industriais e oficiais militares, ainda sem participação ativa no processo político do País. As eleições eram fraudadas mediante mecanismo de manipulação eleitoral. Ao contrário do que ocorria em outros países latino-americanos, não era pela força militar que se mantinha o poder no Brasil, mas eram os fazendeiros de café junto às demais classes rurais que governavam o país e o faziam, é óbvio, em proveito próprio:

*Era como uma pirâmide em cujo ápice se encontrava o presidente da república, vindo logo abaixo o Partido Republicano Paulista e os partidos republicanos estaduais; e a base do arcabouço, o coronel e sua família, amigos, parentes e dependentes, constituindo as famosas oligarquias estaduais, pequenos estados dentro do Estado... Os analfabetos aprendiam às vezes a assinar o nome para poder lançar na urna um voto cujo nome não podiam ler. E se pudesse, seria a mesma coisa...*¹⁰⁷

O Brasil somava no início do século XX cerca de 17 milhões de habitantes. Da população ocupada 52% trabalhava no campo em condições de miséria e de abandono por parte do governo. Analfabeta, vítima de doenças, submetida ao controle dos coronéis, a população rural vivia sem perspectivas de melhora.

As estruturas sociais e econômicas, herança do período colonial, vinham sendo questionadas em toda a América Latina desde fins do século XIX sem, contudo, resultar em expressivas mudanças. No Brasil, em determinadas circunstâncias, as manifestações de revolta das massas rurais diante da opressão de latifundiários tiveram ligações com movimentos de tipo messiânico, mas foram caladas pelas autoridades que se mantinham insensíveis aos dramas da população rural. Exemplo foi o movimento de Canudos contra a estrutura agrária do sertão, ocorrido na Bahia entre 1893 e 1897, liderado por Antonio Conselheiro. Na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, consta este registro da revolta de Canudos: *Eram realmente frágeis aqueles pobres rebelados. Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta. Entretanto, enviamos-lhes esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador: a bala*¹⁰⁸.

Outro movimento messiânico típico ocorreu no planalto catarinense, sul do Brasil, cerca de 15 anos depois de Canudos. Conhecida como revolta do Contestado, 1912-1916, fez milhares de vítimas. Durante a *primeira república velha* que se estendeu de 1889 a 1930, foi notória a incapacidade do governo de dar respostas adequadas às contestações legítimas de populações necessitadas de saúde, de escola, de igrejas, de melhor qualidade de vida.

¹⁰⁷ BASBAUM, Leôncio. História sincera da república. De 1889 a 1930. 4 ed. São Paulo, Alfa-Ômega, 1981. v. 2, p. 189-191. In: HISTÓRIA 2 Ricardo-Adhemar-Flávio, Belo Horizonte, Lê, 1980. v. 2, p. 141.

¹⁰⁸ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903, p. 208. In: *Missão da igreja no Brasil*. Beno Brod. *Os messianismos no Brasil*. p. 122.

Sobre a situação econômica do País. Alguns aspectos merecem registro. Nas primeiras décadas do século XX, além da atividade cafeeira destacou-se a extração e exportação da borracha que provocou alterações importantes na América. Manaus e Belém desenvolveram-se; o êxodo de nordestino dirigiu-se para aquela região. O Acre foi incorporado ao Brasil, que viu crescer sua credibilidade no exterior com o aumento das reservas nacionais em Londres; teve início uma fase de expansão; modernizaram-se os portos e obras públicas na capital, rio de Janeiro.

O período que vai de 1907 a 1920 foi de crescimento econômico para o Brasil, graças ao bom desempenho da economia cafeeira e aos avanços do processo de industrialização do país. Em 1907, 3.258 estabelecimentos industriais garantiam emprego a mais de 150 mil operários, 30% dos quais estavam na fiação e tecelagem de algodão. Havia outras empresas industriais no ramo da madeira, mobiliário, vestuário, calçados, couro, sabão, velas, fósforos, chapéus, fumo. Entre 1907 e 1920 foram criados em torno de 10.000 estabelecimentos industriais, sendo 60% do quinquênio 1915-1919. A época do conflito mundial foi crítica para o desenvolvimento econômico devido ao impulso dado à substituição de importações. A produção ressentiu-se da não disponibilidade de maquinário importado mas, de outra parte, também o surto industrial do Brasil foi reflexo evidente de mudanças conjunturais decorrentes da grande guerra de 1914-1918,

2.1.5 Feminismo, reivindicações e conquistas

Outros reflexos da primeira grande guerra manifestaram-se depois de 1918. O clima de medo e desesperança que se propagou no pós-conflito mundial e a sensação generalizada de que o mundo já não era o mesmo foram fatores que produziam substanciais transformações na sociedade humana. Para alguns a desilusão traduziu-se em tremendo desafio existencial. A crença no racionalismo e no liberalismo, o encantamento diante do progresso em geral, o otimismo que caracterizava os anos que precederam a guerra de 1914-1918, cederam lugar à perplexidade e muitos buscaram nos prazeres da vida a motivação de seu existir. A nível de estrutura mental as mudanças foram profundas. De modo simultâneo ao fortalecimento da hegemonia dos Estados Unidos difundiu-se o estilo de vida americano. As classes altas da Europa ocidental, sobretudo, abandonaram comportamentos tradicionais e optaram pela moda americana. Nesse contexto, ainda que limitado aos centros urbanos maiores, um aspecto começou chamar atenção: em todas as classes sociais a mulher passou a se dar uma nova importância. O feminismo como sistema capaz de gerar um particular interesse recebeu então um decisivo impulso. A inclusão desta abordagem no presente estudo visa provocar uma reflexão sobre o tema; projetar alguma luz quanto a possíveis causas de repetidas dificuldades vividas nesse campo também por irmãs mscs; avaliar, a seu

tempo, a contribuição scalabriniana feminina à causa do movimento junto à mulher migrante.

A questão de gênero, entendida como um modo de *ser no mundo* e sua articulação com o feminismo descrito como *expressão da tomada de consciência das mulheres, de sua condição histórica de ocultamento e opressão, assim como da resistência ativa e organizada para mudar essa situação* adquiriu em nosso tempo notável relevância¹⁰⁹.

O feminismo, considerado em sentido estrito, teve na revolução liberal a sua origem, ligando-se ao contexto da segunda metade do século XIX. A obra de John Stuart Mill, *A sujeição da mulher*, 1869, é tida como o *primeiro manifesto do feminismo* que, em seu árduo processo histórico, somou conquistas a rigor não cumulativas porque nem sempre a história é linear¹¹⁰.

É conhecido o episódio de 8 de março de 1857 quando em uma fábrica têxtil de New York um grupo de mulheres realizou uma greve de protesto contra a jornada diária de 16 horas de trabalho e contra os baixos salários. Na circunstância 129 trabalhadoras morreram queimadas em consequência da reação dos patrões que mandaram atear fogo no prédio. Em homenagem a elas, por proposta apresentada em 1910 na segunda conferência internacional das mulheres, em Copenhague, o 8 de março foi oficializado como *dia internacional da mulher*.

Passados mais de cem anos daquele 8 de março a encíclica *Pacem in terris* do papa João XXIII, publicada a 11 de abril de 1963, identificava o *ingresso da mulher na vida pública* como um dos três grandes sinais dos tempos, junto à gradual ascensão das classes trabalhadoras e dos países do chamado terceiro mundo:

*... o fato por demais conhecido do ingresso da mulher na vida pública, mais acentuado talvez em povo de civilização cristã; mais tardio, mas já em escala considerável, em povos de outras tradições e culturas. Torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana, não sofre mais ser tratada como um objeto ou um instrumento, reivindica direitos e deveres consentâneos com sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social.*¹¹¹

Entre o fato trágico de 8 de março de 1857 e o significativo reconhecimento de João XXIII, o movimento feminista conquistou alguns consistentes espaços, considerados antes domínio masculino. De modo

¹⁰⁹ FREITAS, Maria Carmelita de. Gênero / Teologia feminista: interpelações e perspectivas para a teologia – Relevância do tema. In: Gênero e Teologia, interpelações e perspectivas – SOTER Sociedade de teologia e ciência da religião. São Paulo, Loyola, 2003. p. 17-8.

¹¹⁰ Ibid., p. 19.

¹¹¹ JOÃO XXIII. Carta encíclica *Pacem in terris*, 1963, n. 18.

gradativo, primeiro nos centros urbanos, depois nas periferias e em zonas rurais, as mulheres fizeram-se presentes nessa caminhada em busca de uma participação indiscriminada no âmbito social de seu tempo.

Importantes passos desse percurso foram resultado das profundas modificações produzidas pelo capitalismo que, no século XIX, realizou na Europa e nos Estados Unidos a proletarização, forçando mulheres a procurarem trabalho fora de suas casas. O avanço tecnológico invadiu o espaço doméstico mediante inventos como da máquina de costura, o uso da eletricidade e dos eletrodomésticos, o que liberou de certos afazeres mulheres de classe média muitas das quais, por sua vez, despertaram para novos interesses e buscaram fora de seus lares outras atividades. Nos Estados Unidos houve proliferação de clubes femininos, de caráter cultural no início e depois voltados para causas sociais e políticas.

Sempre nos Estados Unidos, o liberalismo há mais tempo facilitara à elite feminina o acesso ao ensino superior. Em 1865 fora fundada a primeira universidade para mulheres. Estas, pouco depois puderam frequentar também universidades masculinas. A qualificação obtida assegurou à mulher a possibilidade de atuar entre os profissionais liberais.

Já na América Latina, mesmo tendo alguns países alcançado um relativo desenvolvimento capitalista e sendo ali atuante o liberalismo em nível ideológico, o feminismo teve tardias manifestações. Nas primeiras décadas do século XX a mulher latino-americana em geral ainda não participava da vida política. Cabia-lhe ser esposa, mãe, *rainha do lar*, como se dizia. Na realidade ela não tinha poder de decidir nem mesmo quanto à educação dos filhos. A mulher que trabalhava fora de casa para ajudar no sustento da família recebia salários inferiores aos dos homens, fato aliás, que se repete em nossos dias.

Um impulso maior, que tornou mais abrangente o movimento de emancipação da mulher, ocorreu a partir da primeira guerra mundial. Naquela circunstância milhares de mulheres norte-americanas acompanharam de perto o conflito, atuando junto às tropas como enfermeiras, ou desenvolvendo outras atividades de apoio. Na Europa, em todas as classes sociais a mulher conquistou certa independência ao substituir os homens nas fábricas, nos escritório e nos campos.

Depois da guerra, nos maiores centros urbanos europeus muitas mulheres autorizaram-se a frequentar salões e bares, a fumar em público e sair sozinhas, a vestir-se com certa liberdade e usar cabelos curtos, a abandonar, enfim, antigas convenções e restrições sociais, o que significou uma ruptura brusca para os padrões da época.

Em concomitância criaram-se organismos em defesa dos direitos da mulher e em vista de maior participação feminina na vida social, cultura, política e sindical. A Aliança internacional Joana d'Arc, organização que surgira na Inglaterra em 1911 como movimento feminista católico, constituiu por muitos anos o único *porta voz* das aspirações da mulher. Em 1918 surgiu a União

internacional de ligas católicas femininas e em 1922, o Movimento da juventude feminina. A participação da mulher na Ação Católica foi, segundo alguns, a proposta pastoral de maior expressão eclesial na primeira metade do século XX. O espaço aberto ao feminino na igreja católica, porém, continuou limitado.

Em países como o Brasil onde a Irmã mscs atuava, existia entre 1907-1920 e existe hoje, marcada dominação sobre a população feminina, independente de idade, raça, classe social ou opção de vida. A história mscs mostra reflexos dessa realidade também no cotidiano da congregação scalabriniana feminina.

O feminismo como movimento de caráter ideológico, que se propõe combater a discriminação e o estado de subordinação imposto à mulher, manifestara-se na sociedade brasileira mediante iniciativas favoráveis à abolição da escravatura e ao ideal republicano e, em época posterior, através de reivindicação relativas aos direitos trabalhistas, ao direito à educação e ao voto feminino.

No ano de 1910 Deolinda Dalho fundou o Partido Feminino e organizou no Rio de Janeiro uma passeata da qual participou reduzido grupo, cerca de 100 mulheres apenas, mas com importante reivindicação: o direito ao voto, que só seria conquistado a 24 de fevereiro de 1932. Outra iniciativa, agora de Bertha Lutz, foi a criação da *Federação brasileira pelo progresso feminino*, que deu maior impulso à campanha pelo voto feminino no País.

Desde o início do século XX, junto às lutas pelo direito ao voto, mulheres do Brasil reivindicavam a redução da jornada de trabalho, direitos ligados à maternidade, equiparação salarial, fim do horário noturno de trabalho para mulheres e crianças. As primeiras greves em São Paulo foram iniciativa de tecelãs e costureiras inconformadas com as condições que lhes eram impostas.

A década de 1920 no Brasil, como veremos, foi rica de movimentos de mudanças, incluída mais expressiva participação da mulher na vida nacional. Sem aventurar qualquer resposta ou julgamento, em base a uma hipótese, procurar-se-à em outro momento identificar alguma forma de participação da irmã mscs no movimento feminino brasileiro no contexto paulistano e em área de colonização italiana no Rio Grande do Sul.

De modo geral as conquistas do movimento feminista avançam em países mais desenvolvidos, para uma lúcida compreensão da essencialidade de valores tais como: a capacidade de trabalho em equipe, em contraposição ao individualismo; o poder de persuasão e diálogo em lugar do autoritarismo; a cooperação ao invés de fútil competição. À medida em que essa nova percepção se impõe, toda a sociedade é enriquecida e a humanidade caminha para a plenitude do ser.

2.2 Reorganização interna e pertença

ao instituto scalabriniano feminino

2.2.1 Reorganização da congregação scalabriniana feminina

Ao se concluir o primeiro decênio do século XX havia indícios de importantes acontecimentos históricos, na verdade já em curso, porém não perceptíveis à primeira vista pela maioria das pessoas. A política anexionista voltada de preferência para a África e Ásia estava por atingir seu apogeu enquanto as nações poderosas encaminhavam-se para a deflagração mundial que teria imprevisíveis consequências em todos os âmbitos da sociedade humana. A igreja católica, centralizada e conservadora mas consciente da essencialidade da sua missão espiritual, reinterpretava sua prática pastoral e procurava adequar-se aos tempos modernos, orientando clero e povo para uma religiosidade menos tradicional, mais autêntica. Por sua vez, a conjuntura internacional diversificava situações de mobilidade humana e universalizava o fenômeno migratório. Na América, os Estados Unidos despontavam como potência capitalista, ao mesmo tempo em que movimentos revolucionários ocorridos em nações latino-americanas reagiam contra a estrutura sócio-econômica herdada do período colonial. No Brasil continuava o predomínio das oligarquias apoiadas nos coronéis e, como em outros países da América Latina, a produção industrial ganhava significado. Nesse contexto, em que o mundo se transformava também a congregação mscs, pequeníssima ainda, começava a superar o estado de imobilização a que contingências adversas a haviam sujeitado. D. Duarte Leopoldo e Silva foi o providencial patrocinador da reorganização do instituto scalabriniano feminino.

Quando, a 22 de setembro de 1907, foi decidida em São Paulo a separação das irmãs de São Carlos das apóstolas do sagrado Coração de Jesus teve início um novo capítulo na história das missionárias scalabrinianas. Efetivado o desligamento dos dois grupos as irmãs de madre Clelia Merloni ficaram sob a jurisdição do bispo de Alessandria, Itália e as irmãs de São Carlos sob a proteção do bispo de São Paulo, Brasil, então d. Duarte Leopoldo e Silva.

Em abril de 1907 d. Duarte sucedera a d. José de Camargo Barros vitimado pelo naufrágio do vapor Sírio, ocorrido em águas do Mediterrâneo a 8 de julho de 1906, quando o bispo retornava de visita *ad limina*. No ano de 1908, com a transformação da sede episcopal em arquidiocese, d. Duarte tornou-se o primeiro arcebispo de São Paulo. Junto às responsabilidades pertinentes ao seu ministério o Arcebispo assumiu rigorosa reestruturação do instituto scalabriniano feminino, tendo-lhe respeitado a finalidade da origem.

Nos seus primórdios a congregação scalabriniana feminina foi pensada por Scalabrini e padre José Marchetti como uma segunda ordem, agregada à pia sociedade dos missionários de São Carlos. Padre Faustino Consoni, diretor

do orfanato Cristóvão Colombo desde março de 1987, pensava do mesmo modo e, igual a padre Marchetti, até propunha uma ligação mais estreita com a congregação scalabriniana masculina.

Também as constituições aprovadas a 10 de junho de 1900 e só impressas em 1902, relativas à congregação que resultou da fusão das irmãs de São Carlos com as apóstolas do sagrado Coração de Jesus, estabeleciam no artigo primeiro, capítulo terceiro que o novo instituto fica dependente do fundador, João Batista Scalabrini e de seus sucessores, ou do ordinário da diocese em que se encontrava a casa mãe. A congregação teria, pois, um superior geral para a atividade apostólica e outras eventuais circunstâncias – direção externa – e uma madre geral que respondia pela disciplina do instituto feminino – direção interna¹¹².

Sobre esse assunto, em carta a padre Consoni datada de 25 de outubro de 1900 Scalabrini atribuía a si o direito de fundador e estabelecia que as irmãs dependiam da superiora geral para a destinação, mas ficavam subordinadas ao superior da casa para tudo o mais. A superiora receberia as ordens e as faria executar. Outra responsabilidade da madre geral seria a visita, a fazer no futuro.

Padre Faustino Consoni, ainda diretor do orfanato Cristóvão Colombo quando da separação dos dois grupos de religiosas em 1907, defendia a idéia de que fosse mantida, de alguma forma, a ligação entre padres e irmãs de São Carlos. A posição do Consoni divergia daquela de padre Domenico Vicentini, superior geral dos missionários de São Carlos. Padre Vicentini sempre defendeu a autonomia das duas congregações scalabrinianas. Segundo ele, as irmãs deviam ter sua independência no aspecto da disciplina interna e certa autonomia quanto às atividades externas. Do ponto de vista do Superior Geral, os missionários de São Carlos como o clero em geral deviam ajudar as irmãs, mas evitar um comprometimento maior com as mesmas.

O diretor do orfanato, padre Faustino, que acompanhava o dia a dia das irmãs mscs e que há cerca de dez anos testemunhava suas preocupações e incertezas quanto ao futuro do instituto, persistia na proposta de vitalizar a congregação scalabriniana feminina. Em fins de 1908 o Missionário justificava a razão de sua insistência e ousava persuadir seu superior, padre Vicentini:

*... caso contrário seria dar vitória à madre Merloni que da nossa congregação teria tido a vida e as nossas, a morte. Aconselhe-se também com d. Duarte que fez a divisão das irmãs e de boa mente prometeu que as teria apoiado, e procure todos os meios para continuar a obra iniciada por d. Scalabrini...*¹¹³

Apoio efetivo, que garantiu naquela circunstância a continuidade da fundação scalabriniana de 1895, veio de d. Duarte Leopoldo e Silva. Em termos quantitativos a situação do instituto era preocupante e esse aspecto depõe em

¹¹² REGOLE DELLA CONGREGAZIONE DELLE SUORE APOSTOLE DEL SACRO CUORE DI GESÙ. Piacenza, 1902, p. 7-10

¹¹³ CONSONI, Faustino. Lettera a Domenico Vicentini. São Paulo, 11-12-1908 (AGS 396/9).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

favor de d. Duarte, de padre Consoni, de outros missionários scalabrinianos e das próprias irmãs, que acreditavam na possibilidade da congregação ser ela mesma. Das quatro missionárias pioneiras restava madre Assunta Marchetti. Carolina Marchetti havia-se retirado no início de 1897. Maria Angela Larini e Maria Stella Regina Franceschini haviam falecido, respectivamente nos anos de 1899 e 1901. Em 1907, quando da separação das apóstolas, eram apenas nove as irmãs mscs. Dessas, irmã Gertrude Toloni pouco tempo depois solicitou permissão para ingressar na congregação das irmãs de são José, enquanto que irmã das Dores foi dispensada por d. Duarte na ocasião de visita canônica feita pelo arcebispo.

Uma importante determinação de d. Duarte foi a de que todas as irmãs mscs, agora sob sua jurisdição, fizesse o noviciado regular. As irmãs iniciaram esse período formativo em abril de 1910. O arcebispo nomeou irmã Fulgência Huysmans, religiosa belga da congregação das irmãs de são Vicente de Paula, da Penha, São Paulo, como superiora e mestra de noviças e o padre redentorista, Lourenço Hubbauer, capelão das irmãs de são Vicente, como diretor espiritual das irmãs de são Carlos. D. Duarte delegou o mesmo padre Lourenço como seu representante junto às irmãs scalabrinianas.

Ao concluir a etapa formativa as irmãs fizeram pública profissão perpétua em cerimônia realizada dia primeiro de janeiro de 1912 na Capela Nossa Senhora de Lourdes, seção feminina do orfanato /Cristóvão Colombo. Uma relação existente no arquivo da cúria metropolitana de São Paulo, que confere com o livro de atas das profissões perpétuas da congregação mscs, 1912-1934, registra o nome de seis irmãs admitidas à profissão perpétua por d. Duarte Leopoldo e Silva nessa data: Assunta Marchetti, Camilla Dal Ri, Carmela Tomedi, Antonietta Fontana, Angelina Meneguzzo, Lucia Gorlin. O livro de matrículas da congregação, que contém algumas imprecisões, relaciona também o nome de Irma Clarice Baraldini, o que eleva a sete o número de irmãs mscs que teriam professado a primeiro de janeiro de 1912.

Em Brevi Cenni consta que após ter ouvido parecer favorável de Irma Fulgência Huysmans e de padre Lourenço Hubbauer, d. Duarte concedeu que a 1º de janeiro de 1912 as irmãs *pronunciassem novos votos e recebessem o anel de esposas do Senhor, conforme a Regra das irmãs de são Carlos*¹¹⁴.

Em outras medidas tomadas pelo Arcebispo de São Paulo com vistas à reorganização do instituto scalabriniano feminino, três tiveram especial significado: a nomeação de madre Assunta Marchetti como superiora geral da congregação para o sexênio 1912-1918; elaboração de novas constituições para o instituto; a instituição do noviciado da congregação mscs. Das novas constituições e do sexênio de madre Assunta Marchetti trataremos em posteriores abordagem.

Quanto ao noviciado, há que se reconhecer o empenho de padre Faustino Consoni para torná-lo realidade. Instituído no dia de são Carlos, a 4 de novembro de 1912, a casa de formação acolheu como primeiras candidatas, ex-alunas do Orfanato. Instalado em uma dependência da seção feminina do

¹¹⁴ BREVI CENNI, op. cit., p. 23.

Cristóvão Colombo, o noviciado foi vital à continuidade do instituto scalabriniano. Vila Prudente tornou-se também sede do governo geral da congregação.

Antes como depois da reorganização, que foi um momento acidental mas de absoluta essencialidade na evolução histórica do instituto, 25 de outubro de 1895 foi sempre reconhecida como a data do início. O boletim eclesiástico da arquidiocese de São Paulo em edição de 1909 contém, entre outros dados relativos à congregação mscs, seu endereço como sendo o do orfanato Cristóvão Colombo, Vila Prudente; o nome da superiora, Irmã Assunta Marchetti; o ano de seu estabelecimento em São Paulo, 1895¹¹⁵. Não menos importante do que reconhecer a data do início foi manter a intenção fundacional nas constituições de 1914 e na prática pastoral, nos anos sucessivos.

2.2.2 Constituições de 1914

A importância das constituições par uma congregação religiosa é óbvia e disso se faz voz autorizada o próprio código de direito canônico. No livro segundo, terceira parte, cânones 573 a 746 que tratam dos institutos de vida consagrada e das sociedades de vida apostólica o atual código, publicado a 25 de janeiro de 1983, remete inúmeras vezes às leis próprias de cada instituto e determina rigorosa fidelidade às intenções dos fundadores, como se lê no cânone 578 que estabelece:

*A mente e os objetivos dos fundadores, aprovados pela competente autoridade eclesiástica, no que se refere à natureza, à finalidade, ao espírito e à índole do instituto, bem como suas sãs tradições, tudo isso constitui o patrimônio desse instituto e seja fielmente conservado por todos*¹¹⁶.

As constituições da congregação mscs aprovadas por d. Duarte Leopoldo e Silva a 16 de abril de 1914, conservaram os elementos essenciais do patrimônio do instituto scalabriniano feminino.

A reorganização do instituto feita sob a jurisdição de d. Duarte determinava como vimos, além de novo noviciado e novos votos, constituições novas para a congregação mscs. A compilação do novo direito próprio foi confiada a padre Lourenço Hubbauer e irmã Fulgência Huysmans, que levaram a bom termo mais essa incumbência.

Dada a situação do instituto a nova legislação fazia-se necessária o que, aliás, o código de direito canônico também contempla no cânone 587, parágrafo 4, que prevê possíveis revisões e adaptações de acordo com as exigências de tempo e lugar. Assim que na época, quando em Roma o cardeal Pedro Gasparri, renomado canonista, dirigia os trabalhos da nova codificação

¹¹⁵ BOLETIM ECCLESIASTICO, São Paulo: Orgam oficial da Archidiose de São Paulo, Mensal. Livro 14. Anno IV (7/8): 169, janeiro-fevereiro 1909.

¹¹⁶ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Promulgado por João Paulo II, papa. Tradução oficial: conferência nacional dos bispos do Brasil. São Paulo, Loyola, 1983, cânone 578, p. 272-3.

do direito canônico, em São Paulo eram elaboradas as novas constituições mscs. Somente cerca de vinte anos depois o direito próprio do instituto seria ajustado à legislação canônica então vigente na igreja, ou seja, ao código de 1917.

De acordo com o parecer do padre Ludovico Nolan datado de 5 de maio de 1913, solicitado pelo cardeal Raffaello Rossi, as constituições aprovadas em 1914 continham menos de uma décima parte da legislação do código de 1917, relativa a um instituto feminino de votos simples. Em razão disso, ao invés de modificá-las e completá-las, padre Nolan propunha compilar um novo texto.

Por sua vez frei Lazzaro d' Arbonne, na época consultor da congregação dos Religiosos, afirmava que em base à experiência, ao se reorganizar um instituto e ao adequar o texto legislativo do mesmo à nova realidade é fundamental conservar, quanto possível, os elementos já existentes.

Para averiguar se na compilação das constituições de 1914 foi tutelada a vocação e a identidade da congregação mscs, favorece retomar fatos já registrados de sua história, rever a anterior legislação e ter presente os aspectos relativos à natureza, finalidade, espírito e índole, bem como as normas fundamentais referentes ao regime do instituto, à disciplina dos membros, à sua incorporação e formação, ao objeto dos votos professados, como estabelece o atual código no cânone 587.

Um retrospecto histórico do direito próprio da congregação remonta a outubro de 1895 quando em Piacenza padre José Marchetti recebeu de João Batista Scalabrini a incumbência de compilar as regras a serem observadas pelas servas dos órfãos e dos abandonados no exterior. Por determinação do Bispo a legislação da nova congregação devia ser extraída das constituições das irmãs visitandinas, uma fundação do século XVII. Santa Joana Francisca, baronesa de Chantal e filha espiritual de São Francisco de Sales, guiada por ele, fundara em 1610 a ordem da *Visitação*, voltada para a assistência aos doentes e para a educação das jovens¹¹⁷. Scalabrini tinha em São Francisco de Sales um de seus modelos de vida.

Sabe-se que padre Marchetti escreveu de fato e em parte de próprio punho, as primeiras regras da congregação scalabriniana feminina. Já vimos na primeira parte deste escrito alguns aspectos de seu conteúdo que consideramos fundamentais. É também conhecida a carta de 28 de dezembro de 1900, enviadas pelas irmãs a Scalabrini, na qual as missionárias fazem memória de que tais Regras foram por ordem e *vontade do bispo*, inspiradas naquela de São Francisco de Sales.

João Batista Scalabrini, pois, *fonte da vocação e do espírito comum com o seu carisma pessoal*, determinou os fins da congregação mscs e, ainda que em linhas gerais, prescreveu-lhes as normas e indicou o estilo de vida que devia identificar a Irma missionária scalabriniana¹¹⁸.

¹¹⁷ BIHLMEYER, Kark & TUECHLE, Hermann. História da Igreja, op. cit., cf. p. 96.

¹¹⁸ LOZANO, Juan M. Carta a Lice Maria Signor, Chicago, 2-2-1985 (AGSS 1.4/2).

Embora não se tenha um documento explícito que comprove ter Scalabrini, no início, preparado ou de algum modo confirmado um regulamento para as irmãs mscs, há um indicador significativo em correspondência de 1897 entre padre Faustino Consoni e o bispo, a respeito. Padre Consoni, quatro dias depois de assumir a direção do orfanato Cristóvão Colombo, em carta de 9 de março desse ano propôs a Scalabrini a aprovação das Regras da nascente congregação feminina e expressou seu desejo de que contasse ser o bispo de Piacenza o fundador da mesma. Em resposta, a 12 de abril de 1897, Scalabrini escreveu a Consoni:

Quanto às irmãs havia um regulamento aprovado 'ad experimentum': se não o encontrardes, escrevei-me logo. Quisemos começar com os votos temporários: veremos o que Deus quiserá. Por enquanto recebi também as jovens, das quais me escrevestes, mas ficai atento que sejam tal qual devem ser. Padre Vicentini seria um egrégio diretor para as irmãs¹¹⁹.

As regras compiladas por Marchetti, a rigor, não chegaram a ser aprovadas. Consta em Brevi Cenni que a 24 de outubro de 1897 as *Servas dos Órfãos da Congregação de São Carlos professaram, fazendo voto perpétuo de castidade, obediência e pobreza, segundo as Regras de São Carlos...* Na oportunidade padre Faustino Consoni, por delegação obtida de João Batista Scalabrini, recebeu os votos das irmãs.

Pouco mais de três anos depois, na carta a Scalabrini de 1900, as irmãs confirmavam como primeiras Regras do instituto aquelas compiladas pelo padre José Marchetti, porém diziam que padre Faustino Consoni as fizera renovar, passando as missionárias a se chamarem desde então, irmãs da caridade da congregação de São Carlos de Piacenza. Essas regras que elas aceitaram e observaram *escrupulosamente* e esse nome do qual se honrava e gloriavam, elas queriam a todo custo preservar. Tal era o objetivo da carta a João Batista Scalabrini de 28 de dezembro de 1900.

As irmãs mscs, conforme vimos, sentiram ameaçadas a sua identidade quando da chegada a São Paulo, em setembro de 1900, das *primeiras irmãs apostolas do sagrado Coração de Jesus*, congregação que resultou da tentativa de fusão do instituto das irmãs missionárias de São Carlos com o das apostolas do sagrado Coração de Jesus e que, no tempo compreendido entre 10 de junho de 1900 e 22 de setembro de 1907, formaram um único instituto. Suas Constituições, aprovadas 'ad experimentum' por dez anos estabeleciam: *Essa instituição é posta sob a égide do divino Coração de Jesus, com o objetivo de propagar sua devoção, dedicando-se com zelo à grande obra das missões, quer externas, quer italianas...*¹²⁰

Ao que tudo indica, intenção de Scalabrini era contemplar duas finalidades, a fundação scalabriniana de 1895 e a fundação de Clélia Merloni, de 1894. Antes de se completar o período de experiência foi desfeita a fusão. A

¹¹⁹ SCALÇABRINI, Giovanni B. Lettera a Faustino Consoni. Piacenza, 12-4-1897 (AGS 3023/2).

¹²⁰ REGOLE DELLA CONGREGAZIONE DELLE SUORE APOSTOLE DEL SACRO CUORE DI GESÙ. Piacenza, 1900. p. 3.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

vitalidade dos dois carismas em questão preservou a identidade das duas congregações, que se consolidaram na igreja.

Quanto à congregação mscs, a 16 de abril de 1914 teve aprovadas as novas constituições depois de superados inúmeros desafios em uma difícil evolução histórica. Na primeira parte, capítulo primeiro, que trata do fim do instituto as constituições preservam de modo substancial a finalidade da origem. Em seu artigo n. 1 o novo texto constitucional contempla: a congregação total a Deus mediante profissão dos votos simples, mas perpétuos, de pobreza, castidade e obediência; seguimento de Jesus Cristo, imitação das virtudes do divino salvador, particularmente de sua caridade e zelo pelo bem das almas; um modo estável de vida em comunidade. O artigo n. 2 determina:

Além da santificação de seus membros a congregação com todo o ardor procura o bem do próximo pelas obras de zelo e caridade proporcionadas às condições e sexo de seus membros. N' este ponto das irmãs de S. Carlos o considerarão como sua missão particular e principal prestar todo o apoio e segundar enquanto possível e conveniente, as obras de zelo empreendidas pela Congregação dos Sacerdotes de S. Carlos, fundada pelo servo de Deus Mr. J.B. Scalabrini, como o fim de conservar a fé e piedade nos emigrantes.

Já o artigo 3 acentua a autonomia da congregação scalabriniana feminina em relação à masculina e estabelece o campo pastoral da irmã mscs:

Sem se colocar sob a jurisdição e dependência dos Superiores da dita Congregação, sem se comprometer a serviços menos convenientes à sua condição e sexo, as Religiosas de S. Carlos, sempre que lhes for possível, dedicarão seus serviços nas escolas, nos asylos, collegios e mais estabelecimentos de caridade, fundados ou a fundar a favor dos emigrantes. Não lhes fica, porem, vedado admittir aos ditos estabelecimentos outros que não são membros de emigração, quando justas razões o requererem e a autoridade competente o permitir; bem assim como, havendo motivos sufficientes e o consentimento da autoridade ecclesiastica, poderão abrir também casas de caridade a favor de outras classes de pessoas necessitadas¹²¹.

Menos de um ano depois de aprovadas as novas constituições, por d. Duarte Leopoldo e Silva, as irmãs mscs estavam atuando em nova frente missionária junto a imigrantes italianos no estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

2.2.3 Madre Marchetti, 1912-1918

A separação oficial das duas congregações, das missionárias de São Carlos e das apóstolas do sagrado Coração de Jesus, ocorrida a 22 de setembro de 1907 graças a intervenção de d. Duarte Leopoldo e Silva,

¹²¹ CONSTITUIÇÕES DAS IRMAS DE SÃO CARLOS BORROMEU. São Paulo, 1914, p. 5-6.

significou o *triumfo das justas reivindicações das irmãs de São Carlos*, mas não a imediata solução de todos os problemas que preocupavam Assunta Marchetti e sua ainda pequena família religiosa¹²². A superação das dificuldades que impediam o progresso do instituto resultou de providenciais mediações, da dinâmica fidelidade ao carisma de fundação, do espírito de fé que distinguia as irmãs mscs, como propunham Scalabrini e Marchetti. Foram esses os elementos vitais que no período de governo de madre Assunta Marchetti, 1912-1918, possibilitaram à congregação scalabriniana feminina um novo tempo. Conhecê-lo na sua contextura implica partir de fatos já abordados e chegar a uma leitura do sexênio como um todo.

Separada das apóstolas do Coração de Jesus, bastante numerosas, a única e reduzida comunidade das irmãs mscs enfrentou, além da incerteza quanto ao futuro de sua instituição, outros desafios entre os quais a falta de *proteção direta*, como se lê em Brevi Cenni, do superior geral da congregação dos missionários de São Carlos padre Domenico Vicentini que sempre defendera a autonomia da fundação scalabriniana feminina. Nesse clima, com a ajuda de padre Faustino Consoni e de alguns outros missionários scalabrinianos, obtido o apoio de d. Duarte, teve início a fase de reorganização do instituto mscs.

A 19 de dezembro de 1907 as irmãs mscs que residiam no orfanato Cristóvão Colombo do Ipiranga transferiram-se para Vila Prudente “sob a direção de Irmã Assunta Marchetti já há meses nomeada superiora”¹²³. Em abril de 1910, quase 15 anos depois da fundação do instituto, elas acolheram as determinações de d. Duarte que alternavam seu cotidiano. Assim que, entre abril de 1910 e janeiro de 1912 as irmãs intensificaram seu processo formativo sem, todavia, descuidarem dos compromissos no orfanato Cristóvão Colombo.

Dia 1º de janeiro de 1912, as missionárias scalabrinianas professaram segundo as Regras das irmãs de São Carlos e receberam o anel, símbolo de esponsal com o Senhor. A ata da profissão perpétua de cada irmã foi assinada pela professanda, pelo padre Lourenço Hubbauer na qualidade de delegado de d. Duarte Leopoldo e Silva e pelas testemunhas do ato, padre Faustino Consoni, Irma Fulgência Huysmans, Irma Lambertina e Irma Emeranda, vicentinas.

A congregação scalabriniana feminina passara a seguir a orientação que, em última análise, lhe vinha do arcebispo de São Paulo de quem agora dependia também em força das constituições aprovadas *ad experimentum* por dez anos, a 10 de junho de 1900. As mesmas estabeleciam que o instituto ficaria sujeito a João Batista Scalabrini e aos seus sucessores, ou ao ordinário da diocese na qual se localizasse a *casa mãe da congregação*.

Concluído um biênio de serviço como mestra, *superiora e visitadora* junto à congregação scalabriniana feminina, Irma Fulgência Huysmans propôs a d. Duarte o nome de irmã Assunta Marchetti, para assumir o governo do instituto. No sexênio 1912-1918, durante o qual madre Assunta exerceu o

¹²² BREVI CENNI, op. cit., cf. p. 16.

¹²³ Ibid., p. 21-2.

mandato de superiora geral, a congregação mscs viveu um tempo de afirmação e de progresso em todos os sentidos.

A 4 de novembro de 1912 em uma dependência do orfanato Cristóvão Colombo, seção feminina, foi instituído o noviciado da congregação. Além da sede generalícia o Cristóvão Colombo de Vila Prudente passou a abrigar a nova casa de formação onde ingressaram, entre as primeiras candidatas, algumas jovens ex-alunas do mesmo orfanato: Carolina Ferreira, Maria Brasilina Grazia Oricchio, Maria Rosa Oricchio e Benedita Juliana de Camargo.

Outro passo importante na consolidação do instituto scalabriniano feminino foi a elaboração de novas constituições, aquelas aprovadas por d. Duarte Leopoldo e Silva a 16 de abril de 1914. O novo direito próprio, como vimos, salvaguardou a *missão particular e principal* da congregação mscs, sem a anterior dependência dos missionários de São Carlos, que foi traduzida em colaboração com os mesmos:

Prestar todo o apoio e secundar enquanto possível e conveniente, as obras de zelo empreendidas pela congregação dos Sacerdotes de São Carlos, fundada pelo servo de Deus Mr. J. B. Scalabrini, com o fim de conservar a fé e a piedade nos emigrantes

Nesse campo apostólico o sexênio 1912-1918 tornou-se um marco histórico.

A expansão missionária do instituto teve início em 1913 quando, a 29 de junho, a pedido de padre Francesco Navarro, missionário scalabriniano, as irmãs instituíram um externato feminino em São Bernardo do Campo no atual ABC paulista. A paróquia de São Bernardo fora cedida aos missionários de São Carlos em 1904 por d. José de Camargo Barros, predecessor de d. Duarte, sendo sua população, em grande maioria, constituída de italianos. No mesmo ano as irmãs de São Carlos passaram a atuar também no asilo Nossa Senhora da Candelária de Itú e, por pouco tempo, na Santa Casa de Misericórdia de São Luís do Paraitinga, ambas no interior do estado de São Paulo.

Em 1915 a congregação mscs foi ainda mais ousada. A pedido de padre Enrico Poggi, missionário genovês que trabalhou no Brasil durante quase três décadas, madre Assunta abriu uma escola em Bento Gonçalves, área de colonização italiana no Rio Grande do Sul, vertente que alimentaria a continuidade e a expansão missionária do instituto scalabriniano feminino. O pedido de padre Poggi a madre Assunta foi feito através do scalabriniano, padre Carlo Porrini, há alguns anos missionário no Rio Grande do Sul. Obtida a autorização de d. Duarte Leopoldo e Silva e de d. João Brcker, arcebispo de Porto Alegre, no início de fevereiro de 1915 a Superiora Geral enviou a Bento Gonçalves cinco irmãs que muito contribuíram para preservar a fé na qual se fundamentava a identidade cultural dos imigrantes italianos. Foram pioneiras no Rio Grande do Sul: Irmã Lucia Gorlin, irmã Josephina Oricchio, irmã Borromea Ferraresi, irmã Joana de Camargo e irmã Maria de Lourdes Martins.

O êxito da nova missão foi imediato

*Conquistando, as irmãs de São Carlos, a estima e a simpatia geral, bem como o apoio de d. Becker que, além de autorizá-las a abrir novas casas, manifestava o desejo e insistia que também naquele Estado as irmãs de São Carlos tivessem o seu noviciado, uma vez que eram numerosas as vocações religiosas, principalmente entre jovens católicas da colônia italiana*¹²⁴.

Em meados de 1916 madre Assunta Marchetti visitou a missão de Bento Gonçalves, de onde pôde retornar a São Paulo acompanhada de cinco candidatas à vida religiosa: Caterina Lunelli, Clotildes Caldieraro, Emília Cherubini, Margherita Balsan e Santina Caldieraro. Em São Paulo, outras alunas do Orfanato haviam sido admitidas ao noviciado. Entre elas: Mario Bosio, Elisa Ugatti, Rosa Mosca, Rita Grasti, Etelvina de Mello. O aumento de vocações, mais numerosas nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, possibilitou às irmãs de São Carlos assumirem novos compromissos pastorais.

No início de 1917 madre Assunta Marchetti abriu mais duas escolas, uma em nova Vicenza, atual cidade de Farroupilha e outra em Guaporé, ambas no Rio Grande do Sul. Desse modo, passo a passo, a congregação scalabriniana feminina alargou seu espaço pastoral junto aos imigrantes italianos estabelecidos no Rio Grande do Sul.

Outra oportuna iniciativa de madre Assunta durante o sexênio 1912-1918 foi dar *personalidade jurídica* à congregação mscs. Em carta a d. Duarte, de 4 de maio de 1917, a então Superiora Geral pediu ao arcebispo autorização para encaminhar tal processo. Madre Assunta Marchetti, que atribuía à graça de Deus e à proteção de d. Duarte a possibilidade da congregação ter-se estabelecido em vários locais de São Paulo e em data mais recente no Rio Grande do Sul, entendia ser conveniente e até necessário adquirir imóveis, o que justificava o pedido. O diário oficial do estado de São Paulo, em sua edição de 7 de outubro de 1917, publicava os estatutos da *Sociedade Educadora, Instrutora e Beneficente*, como se verá.

O sexênio de madre Assunta Marchetti estendeu-se até 9 de setembro de 1918 quando d. Duarte nomeou irmã Antonietta Fontana, então superiora do colégio Scalabrini de Guaporé, como superiora geral da congregação mscs para o sexênio de 1918-1924. Madre Assunta recebeu nova destinação, sendo nomeada superiora do colégio São Carlos de Bento Gonçalves. A 18 de setembro desse ano partiu de Vila Prudente em viagem ao Rio Grande do Sul. Consta em Brevi Cenni que, chegando a Bento Gonçalves,

*Por motivo que não é o caso mencionar, não pôde assumir seu novo cargo e foi mandada como superiora local à Nova Brescia, pequena e remota localidade de montanha onde, a 1º de março de 1919, inaugurava o colégio do S. Coração para a educação daquela juventude*¹²⁵.

Sobre a destinação de madre Assunta Marchetti após o sexênio 1912-1918 e sobre a nomeação de irmã Antonietta Fontana para o sexênio 1918-

¹²⁴ Ibid., p. 25.

¹²⁵ Ibid., p. 26.

1924, perduram interrogações e controvérsias no interno da congregação mscs. As constituições aprovadas em abril de 1914 estabeleciam que a superiora geral, suas conselheiras e a econômica geral seriam eleitas em capítulo geral a ser convocado três meses antes de sua realização. O capítulo deveria tratar, outrossim, de assuntos importantes da congregação.

O ano de 1918 era, em nosso entender, tempo oportuno para a realização do primeiro capítulo geral do instituto. Teria sido esse o momento de avaliar o caminho percorrido pela congregação, sua reorganização interna e a expansão missionária em particular. Desconhecemos os motivos da não realização do capítulo geral e da nomeação por d. Duarte Leopoldo e Silva da nova superiora geral, irmã Antonietta Fontana, a 9 de setembro de 1918.

Quanto à destinação de madre Assunta Marchetti, duas fontes controversas abordam o assunto: Memorial da missão do Rio Grande do Sul, documento datado de 19 de fevereiro de 1926, assinado pelas irmãs Lucia Gorlin, Borromea Ferraresi e Vittorina Consoni. Um segundo documento, Informativo, foi escrito por irmã Afonsina Salvador e tem data de 11 de julho de 1977.

No Memorial consta que depois de ter irmã Antonietta Fontana assumido o cargo de superiora geral,

Transferiram irmã Assunta Marchetti de vila Prudente para o Rio Grande com a ordem de escolher entre Bento Gonçalves e Guaporé, ou então abrir uma casa. Tendo sido já prometida, durante o superiorado de irmã Assunta a casa de Nova Brescia, e reconfirmada por irmã Antonietta Fontana, perferiu esta¹²⁶.

Na versão de irmã Afonsina Salvador, d. Duarte Leopoldo e Silva *foi obrigado a tirar Madre Assunta do governo em razão de excessivo envolvimento com a família. Para afastá-la um pouco dos parentes, o arcebispo e madre Assunta Fontana enviaram madre Assunta à Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, com superiora da casa, porém, madre Lucia, Borromea e Faustina não a aceitaram. A ex-superiora geral foi para a cozinha e logo que puderam mandaram-na para Nova Brescia abrir um colégio sem licença de São Paulo. Afirma ainda irmã Afonsina que d. Duarte mandou irmã Antonietta, e a ela como acompanhante, à Nova Brescia para fechar a casa. Tal não aconteceu por ter madre Assunta pedido à Superiora Geral que pelo amor de Deus a deixassem lá em Nova Brescia porque tinha pavor em voltar para Bento Gonçalves em companhia das três mandantes. De retorno a São Paulo apresentaram o pedido feito por ela a d. Duarte e o arcebispo, em atenção à Madre Assunta consentiu que ficasse aberta aquela casa¹²⁷.*

¹²⁶ MEMORIALE della Missione Del Rio Grande Del Sud, 19-2-1926 (Suor M. Lucia, Suor Borromea, Suor Vittorina). (Archivio Del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti – Generali – Sezione IX – Sore Scalabriniane. Prot. 514/25).

¹²⁷ SALVADOR, Afonsina, Informativo no 61º ano sw Vida Religiosa. Jundiaí, 11-7-1977 (AGSS 1.4.4).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

2.2.4 Administração e economia

À reorganização do instituto scalabriniano feminino, ocorrida entre 1907 e 1914, seguiu-se um relativo crescimento quantitativo de seus membros e, em decorrência, uma relevante expansão missionária da congregação mscs. A abertura de novas frentes pastorais, por sua vez, implicou em outras iniciativas como a aquisição de personalidade jurídica, que deu ao instituto um modo legal de adquirir, de possuir e de administrar os bens da congregação, necessários à consecução de sua finalidade. Os bens que constituem o patrimônio material do instituto são fruto do trabalho e sobriedade das irmãs, de generosa contribuição de benfeitores e de uma administração orientada, desde o início, pelo espírito de pobreza evangélica, atenta às necessidades e à formação da irmã mscs, em vista da realização da missão própria da congregação na igreja e no mundo.

As Regras escritas por Marchetti calaram fundo no espírito das irmãs pioneiras, orientadas a economizar em tudo, a nada deixar perder ou inutilizar e a ter presente que quanto as circundava devia redundar em favor dos pobres órfãos e dos pobres abandonados. Sobre a administração dos bens do instituto as Regras estabeleciam: *a Congregação não deve nunca enriquecer, mas deve sempre conservar o caráter da pobreza, sendo assim mais fácil conservar o espírito de sacrifício e de abnegação que deve ser o sinal distintivo das servas*¹²⁸.

As regras de 1900, pelas quais a congregação devia ter-se se orientado entre meados desse ano e setembro de 1907, não contemplavam normas relativas à administração dos bens. O serviço de ecônoma, previsto para âmbito da direção interna, não continha de forma expressa atribuições correspondente. Ao tratar do voto de pobreza as Regras estabeleciam que a apóstola, ao professar, devia remeter logo todos os seus bens móveis e imóveis às mãos dos superiores de modo que tudo se tornasse propriedade comum, junto aos demais bens da congregação.

Nas duas primeiras décadas de sua história a congregação mscs nem foi rica e nem, a rigor, acumulou bens materiais. As constituições de 1914, por sua vez, estabeleciam que cabia à superiora geral a administração dos bens do instituto, sendo auxiliada nessa tarefa por uma ecônoma geral eleita pelo capítulo geral. Havia, pois no instituto, uma previsão indicadora de nova tendência no campo da administração e economia.

Em seu n. 80 as constituições determinavam que os *bens móveis e imóveis pertencente à congregação como tal* seriam administrados pela ecônoma geral, *sob a dependência e fiscalização da Superiora Geral e seu Conselho*. O n. 81 estabelecia: *Na casa em que reside a Superiora Geral, em lugar seguro deve haver um cofre com três chaves diferentes, uma das quaes fica em mão da Superiora Geral, a outra nas mãos da primeira conselheira, a terceira é guardada pela Ecônoma... Na caixa forte, especificava o n. 82,*

¹²⁸ PRIME REGOLE DELLE ANCELLE DEGLI ORFANI E DEI DERELITTI ALL' ESTERO. Parte Seconda, Capo IV, cf. p. 50 9AGSS 1.4/1 – MANOSCRITO).

serão guardados: os títulos de propriedade da congregação, actas de venda e compra, transmissão de propriedade, etc, etc.; certidões de depósitos nos bancos; checs, quer nominas, quer ao portador (apólices); certidões de aforamento ou aluguel; dinheiro não necessário para saldar as contas correntes.

De acordo com o n. 83, para a abertura do cofre deviam *estar presentes as três religiosas depositarias das chaves*. Caso uma delas estivesse impedida, devia confiar sua chave *não às duas outras, mas a uma das demais conselheiras*. A prestação de contas era feita cada seis meses pela ecônoma geral¹²⁹.

O direito próprio, no n. 86, previa a administração local dos bens. A ecônoma da comunidade devia prestar contas à superiora local e seu conselho no fim de cada mês e a *cada seis meses devia enviar à Superiora Geral a prestação de contas dos últimos seis meses*. Ao final de cada ano, ainda conforme o n. 86, depois de feito o balancete das entradas e saídas da comunidade, *a terça parte do saldo restante devia ser enviada à caixa da administração geral como contribuição de cada casa para as despesas gerais da Congregação*¹³⁰.

As constituições de 1914 entraram em vigor cerca de um ano depois da abertura de novas casas no interior do estado de São Paulo e um ano antes do início da expansão missionária do instituto no estado do Rio Grande do Sul. A mudada situação teria particulares implicações do ponto de vista da administração e economia no interno da congregação mscs. Alguns documentos de 1917 mostram aspectos da nova realidade.

Em carta de madre Assunta Marchetti ad. Duarte Leopoldo e Silva, de 4 de maio de 1917, a superiora geral expõe aos arcebispo a necessidade do instituto obter personalidade jurídica, ou outra forma de adquirir, possuir, administrar os bens da congregação. Madre Assunta justifica o pedido, dizendo que em vários locais seria conveniente adquirir imóveis e que no Rio Grande do Sul um vigário queria doar uma casa à congregação mscs. O modo indicado foi o da personalidade jurídica. A 3 de outubro de 1917 o diário oficial da estado de São Paulo publicou os *Estatutos da Sociedade Educadora. Instructora e Beneficiente*, que transcrevemos:

¹²⁹ *CONSTITUIÇÕES das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo*, São Paulo, 1914. III Parte, V Capítulo, n. 80 e 83, p. 51-3.

¹³⁰ *Ibid.*, n. 86, p. 53.

TÍTULO I

CONSTITUIÇÃO, FINS E DURAÇÃO

Artigo 1 – *Foi constituída uma sociedade sob a denominação de “Sociedade Educadora. Instructora e Beneficiente”.*

Artigo 2 – *O fim da Sociedade é educação da infância, direcção de asylos, orphanatos e casas de misericórdia.*

Artigo 3 – *A duração da Sociedade será indeterminada, e ella subsistirá enquanto puder realizar seus fins.*

Artigo 4 – *A Sociedade será dirigida e administrada por uma directoria composta de uma directora e uma secretaria com as atribuições determinadas no regimento interno.*

A directora representará a associação activa e passivamente em Juízo e fora delle em todas as relações com terceiros.

Parágrafo único – *Além das atribuições expressas no regimento interno compete à directoria o direito de transigir em Juízo ou fora delle, renunciar direitos, alienar, hipotecar ou empenhar bens da Sociedade, uma vez que a assembleia geral tenha dado para isso seu consentimento.*

Artigo 5º - *A directoria será eleita pela assembleia geral das associadas, no tempo determinado do regimento.*

Parágrafo único – *Qualquer maioria de associadas presentes na assembleia geral poderá resolver definitivamente sobre todos assumptos que dizem respeito à Sociedade, excepto o que for expresso no artigo 10, com referênciã à existência da Sociedade.*

Artigo 6º - *São sócias fundadoras as abaixo assignadas, e serão admittidos outros membros por deliberação da assembleia geral, que terá a faculdade de excluir aquelles que por ella forem julgados inconvenieentes.*

Artigo 7º - *Os membros da Sociedade não respondem subsidiariamente pelas obrigações que o representante da mesma contrahir expressa ou intencionalmente em nome della.*

Artigo 8º - *É dever das sócias contribuírem com todo o seu esforço pessoal para a consecução dos fins sociais.*

TÍTULO II

DO PATRIMONIO

Artigo 9º - *Constituirão patrimônio social todos os bens que a associação adquirir para a realização dos seus fins.*

Artigo 10º - *Em caso de dissolução, que só poderá ser resolvida por unanimidade das sociais, o patrimônio existente na associação será liquidado de acordo com o que for resolvido pela assembleia geral.*

TÍTULO III

DA SÉDE SOCIAL

Artigo 11º - A sede social, para todos os efeitos de direito, será nesta Capital de São Paulo.

Por estarem de acordo, assignam os presentes estatutos para todos os fins de direito.

São Paulo, aos 3 de outubro de 1917.

Assumpta Marchetti.

Cammilla Dal Ré (sic!).

Angelina Meneguzzo.

Lucia Tomedi.

Vicentina de Campos¹³¹.

Formatado: Italiano (Itália)

Os bens móveis e imóveis da congregação mscs, sobretudo nos primeiros tempos, foram adquiridos pelas irmãs com enormes sacrifícios, muita cautela e uma justificada, mas incômoda dependência da autoridade competente. Uma carta de 11 de novembro de 1917, assinada por irmã Antonietta Fontana então superiora do colégio Scalabrini de Guaporé e endereçada à madre Marchetti, informa a superiora geral sobre a compra da casa e as perspectivas da missão, fala da distância “que complica muito” e justifica o seu procedimento.

Obtido o consenso de d. João Becker, arcebispo de Porto Alegre, ao se estabelecerem em Guaporé no início de 1917, de comum acordo as irmãs da nova missão optaram pelo imóvel proposto por padre Enrico Pretti e *Comissão Guaporense*, até porque o valor e as condições de pagamento do mesmo eram favoráveis. O proprietário, escreve irmã Antonietta, renunciou a um ganho maior e preferiu vendê-lo às irmãs. Padre Enrico, sempre segundo a irmã, ter-se-ia empenhado em comprar ele próprio a casa, *se a senhora não estivesse*

¹³¹ DIARIO OFFICIAL Estado de São Paulo. São Paulo, 3 de outubro de 1917.

de fato contente, porém, ficaria propriedade dos padres de São Carlos, enquanto nós permaneceríamos sempre sem ter nunca espaço seguro em lugar nenhum. Irmã Antonietta fala também da aquisição de outro terreno e casa contígua àquela em que já habitavam, como fora proposto pelo Vigário Geral de Porto Alegre, a fim de dar maior amplitude à obra, oferecer novos ambientes às pensionistas, manter um oratório festivo para a juventude, possibilitar mais espaço para o recreio das crianças e até para o cultivo de um horto.

Confiando sempre em Deus, prossegue a irmã, se neste ano em que abrimos a casa consegui economizar seiscentos réis que o Padre depositou o banco e com os quais na primeira ocasião propícia compraremos piano forte, não é o caso de esperar o melhor para os anos futuros, quando teremos maior número de internas e as lições de piano forte?

Ao final da carta a irmã expressa dúvida de ter feito a coisa certa: *Todavia, se o meu modo de proceder merece castigo, submeto-me a ele e estou disposta, repito, a explicar tudo a d. Duarte*¹³².

Todo o conteúdo da carta de irmã Antonietta Fontana é uma amostra rica de elementos que comprovam as dificuldades enfrentadas pelas irmãs mscs, a fim de proporcionar à congregação os meios materiais necessários à realização de seus fins.

2.2.5 Pertença à congregação mscs

Uma retomada do caminho histórico percorrido pela congregação scalabriniana feminina até o período ora em estudo, situado entre 1907 e 1920, sugere um breve enfoque à questão da pertença ao instituto na fase heroica dos primórdios e no tempo da reorganização e da primeira expansão mscs. A pergunta que se coloca é esta: como puderam as irmãs pioneiras partir confiantes para um país a elas estranho e ali superar a falta de recursos e condições adversas, sobreviver como grupo coeso sem nada exigir e manter fidelidade ao ideal do início, viver de modo intenso o sentimento de pertença a uma pequena comunidade comprometida com órfãos e abandonados e com eles crescer, qualificando-se no espírito e maturando uma comum consciência da missão que lhes fora confiada?

A resposta faz retornar ao 25 de outubro de 1895 quando na capela privada do bispado de Piacenza integrantes de um pequeno grupo, já muito família, emitiram os votos e o fizeram movidos por autêntica vocação missionária que os congregou em torno do projeto sócio-pastoral de João Batista Scalabrini, idealizado como serviço evangélico junto aos migrantes italianos da época. Conduzidas a Piacenza pelo missionário scalabriniano, padre José Marchetti, nessa data quatro missionárias italianas receberam do Bispo daquela diocese, com o crucifixo, o envio e a promessa: *Ide confiantes*,

¹³² FONTANA, Antonietta. *Carta a madre Assunta Marchetti. Guaporé, 11-11-1917 (AGSS 1.5.4)*

*filhas, mandar-vos-ei depois outras coirmãs, e vós retornareis para formar-vos e consolidar-vos no espírito religioso*¹³³.

As palavras contidas na breve mensagem de envio, ainda que devam ser consideradas com ressalva uma vez que se trata de memórias escritas décadas mais tarde, reportam à noção de pertença que, no conceito de Pichon-Rivière

se caracteriza pelo sentimento de estar integrado a um grupo, de identificar-se com ele; incluir os demais em seu mundo interno. Através da pertença é possível estabelecer tanto a identidade do grupo quanto a própria.

É importante constatar,

Como através do processo de interação os integrantes vão se tornando habitantes do mundo interno do outro, e vão tendo o sentimento de pertença ao grupo, adquirindo identificações com sua proposta.

Resulta disso, sempre conforme Pichon-Rivière, uma união *não só afetiva, mas articulada à consecução da tarefa porque “pertença é também indicador de compromisso*¹³⁴. *O ide confiantes, filhas, mandar-vos-ei depois outras coirmãs e vós retornareis para formar-vos e consolidar-vos no espírito religioso*, é rico de elementos de pertença em que se articulam o aspecto afetivo e o compromisso pastoral.

Fazer parte de uma congregação religiosa, de modo específico pertencer à família scalabriniana significava, como significa hoje, abraçar um carisma que dá primazia à missão. Ao fundar os institutos scalabrinianos o Bispo de Piacenza propôs-se como objetivo um serviço qualificado junto aos migrantes. Scalabrini tinha convicção de que a vida religiosa era modo mais adequado para garantir uma presença pastoral eficaz e continuada no campo migratório. Em razão disso as vocações missionárias dos institutos por ele fundados radicam-se na vida religiosa. No caso da congregação mscs a urgência do serviço motivou a improvisação, aspecto que caracterizou o início do instituto e que se observa ainda hoje em determinadas circunstâncias.

A profissão religiosa de 25 de outubro de 1895. Feita em caráter privado por seis meses, não seguiu as formalidades da práxis canônica. As integrantes do minúsculo grupo, como já foi dito, não haviam feito postulante e nem noviciado, não se haviam exercitado na vida comunitária e as constituições precisavam ser elaboradas. As irmãs não tinham modelos *de família* como referências concretas. Eram as pioneiras. Scalabrini *encorajou-as à perseverança em seu santo e louvável propósito e abençoou-as*. Na ocasião *cada uma recebeu do Bispo o crucifixo que devia acompanhá-las na longa e fatigosa peregrinação, qual símbolo de fé e de espírito de abnegação que abrigavam em seus corações*. Concluída a travessia do Atlântico, que tornou

¹³³ MARTINI, Ettore. Memorie sulla fondazione della Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo-Scalabriniane 9AGSS 1.4.4)

¹³⁴ GAYOTTO, M. L. C. & DOMINGUES, I. *Escala de avaliação do processo grupal*. In: GAYOTTO, M. L. C. & DOMINGUES, I. *Liderança: aprenda a mudar em grupo*. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 87-8.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

mais solene o envio, chegaram à Ilha Grande em território brasileiro *humildes e felizes*. Ali as quatro missionárias receberam o *véu monástico bento com antecedência por João Batista Scalabrini, em substituição àquele de seda que usavam para cobrir a cabeça*¹³⁵.

Na práxis da vida religiosa em geral a pertença ao instituto resulta de um processo com admissão a sucessivas etapas formativas no decorrer das quais a pessoa em formação define sua opção de vida. Mediante esse caminho de interação lhe é possibilitada uma identificação que permite ao candidato a passagem, ou não, do *eu para o nós* de uma família religiosa.

A fundação da congregação mscs, fato marcado pela urgência da missão, determinou um processo formativo inicial *sui generis*. O previsto retorno à Itália para completar a formação não aconteceu, porém a lacuna foi suprida de alguma forma no próprio Cristóvão Colombo, instituição na qual atuavam irmãs e padres, desempenhando cada um a atividade que lhe era confiada pelo diretor do orfanato, no início padre José Marchetti e depois padre Faustino Consoni, na comum vocação-missão scalabriniana.

No início heróico de presença em São Paulo, como vimos na primeira parte deste volume, as irmãs foram orientadas pelo co-fundador padre José Marchetti. Junto a ele, no contato com a realidade paulistana de fins do século XIX, os primeiros passos de sua identidade religioso-missionária tomaram forma concreta. Irmã Maria Stella Regina Franceschini foi a primeira formadora do instituto.

A qualidade da presença no orfanato Cristóvão Colombo foi condicionada aos recursos de que dispunham, quer a nível humano-espiritual, quer cultural e econômico. As primeiras irmãs provinham de famílias humildes como, aliás, a maioria das irmãs mscs ao longo da história da congregação. Sem maior preparação intelectual, mas ricas de valores cristãos, desde cedo obrigaram-se a assumir responsabilidades no âmbito da própria família, o que lhes facilitou em alguns aspectos a passagem a uma vida de abnegação e serviço aos migrantes. Também a proximidade com os padres scalabrinianos, que comungavam do mesmo ideal missionário, ajudou a fortalecer os laços de pertença e o comprometimento com a comunidade e missão. De algum modo, como propôs Scalabrini, identificaram-se com São Francisco de Sales para quem o ser humano necessitado devia ser ajudado em razão de sua dignidade humana e sobrenatural. A consciência de pertença a um grupo comprometido com o migrante qualificou as primeiras irmãs no espírito e na ação.

A manifestação de pertença contida na carta de 1900 a Scalabrini, escrita como reação às mudanças decorrentes da fusão com as apóstolas, expressa a fidelidade vivida e uma firme disposição de continuidade, fruto de um laço profundo existente entre as irmãs mscs e o objetivo pastoral da fundação de 1895.

Durante a fase de reorganização feita sob a jurisdição de d. Duarte Leopoldo e Silva, não sem novas dificuldades, Irmã Fulgência Huysmans da

¹³⁵ BREVI CENNI, op. cit., p. 3-4.

congregação de São Vicente de Paula acumulou as funções de superiora e mestra de noviças e colaborou na elaboração das constituições de 1914. O novo direito próprio determinou o retorno às primeiras Regras e à intenção fundacional do instituto. Das quatro primeiras irmãs restava apenas madre Assunta Marchetti, o elo íntimo a unir passado e presente. Carolina Marchetti deixara a congregação no início de 1897. Irmã Angela Larini faleceu em fins de 1899 e irmã Maria Franceschini menos de um ano e meio depois, ambas muito jovens ainda.

Reorganizado o instituto, as irmãs voltaram a sentir-se *em casa*, cada uma reconhecendo ter sido chamada a fazer parte de um grupo que continuava a pertencer, em última análise, não a si mesmo, mas aos filhos da migração para quem devia crescer e consolidar-se na igreja. Como as pioneiras, outras vocacionadas abraçaram o projeto religioso-sócio-pastoral do instituto, alma da pertença, que o mantém vivo em cada membro da congregação mscs.

2.3 Expansão missionária do instituto e contribuição

pastoral da irmã mscs

2.3.1 Orfanato Cristóvão Colombo, 25º ano de fundação

Reorganizado o instituto e confirmada a pertença à família scalabriniana, a congregação mscs completou em 1920, com discrição, seu 25º ano de existência. Também o Orfanato Cristóvão Colombo, razão de sua origem, celebrou nesse ano o jubileu de prata, oportunidade em que foi alvo de justas homenagens de parte da sociedade local e da igreja. O reconhecimento do valor humano-pastoral da instituição, na verdade, foi constante ao longo dos primeiros 25 anos do Orfanato, que teve nos missionários e nas missionárias de São Carlos, bem como em numerosos benfeitores e no poder público, o suporte vital. Os nomes de padre José Marchetti que fundou o Orfanato, de padre Faustino Consoni que o consolidou e de padre Marco Simoni que lhe dedicou os anos jovens de sua vida, despontam como artífices da origem e continuidade da obra. De outro lado, seria ingratidão desconhecer o papel desempenhado desde o início pelas irmãs mscs. Sem essa presença, de maneira toda especial, de madre Assunta Marchetti, o Cristóvão Colombo teria sido menos rico de cuidados às centenas de pequenos órfãos e abandonados ali acolhidos.

A missão scalabriniana no orfanato Cristóvão Colombo fora considerada por João Batista no início de 1897 a mais importante da congregação e, segundo o bispo, devia ser mantida ainda que a custo de sacrifício. Padre Faustino Consoni, que sucedeu a padre José Marchetti na direção do Orfanato, dispensou sempre grande atenção à obra. Mesmo depois de ter sido nomeado por padre Domenico Vicentini em fins de 1908, superior da região de São Paulo, a solicitude pelos menores manteve padre Consoni muito voltado para o Cristóvão Colombo, o que suscitou descontentamento generalizado entre os missionários scalabrinianos que atuavam em território paulista. Segundo a maioria deles era importante tornar mais visível a atividade da congregação em

outros espaços pastorais junto à imigração italiana no estado de São Paulo, até para não dar a impressão de uma presença ligada apenas aos interesses dos orfanatos do Ipiranga e de Vila Prudente.

Em uma comemoração de 11 de fevereiro de 1909 em Vila Prudente o scalabriniano, padre Corrado Stefani, evocava a figura de padre José Marchetti como educador e apóstolo da infância que através de sua obra, um verdadeiro triunfo da caridade cristã, ofereceu a centenas de crianças órfãs e abandonadas, condições para crescerem nas virtudes e a possibilidade de experimentar o afeto de um pai e o aconchego de um lar.

Nesse dia, onomástico de padre Faustino Consoni, padre Stefani afirmava que a obra de Marchetti encontrara no festejado igual mente e coração de seu fundador do mesmo modo como, através do manto deixado ao discípulo Eliseu, Elias continuou a favorecer o seu povo. Padre Corrado Stefani *ousava quase poder afirmar que o espírito prodigiosamente caridoso de Marchetti fora transfundido qual herança sagrada no ânimo de seu sucessor*.¹³⁶.

Também padre Marco Simoni que dez anos depois, em 1919, sucederia a padre Faustino Consoni na direção do Orfanato, foi destacado na comemoração de 11 de fevereiro de 1909 pelo coirmão como *benemérito e humilde trabalhador* que dedicara aos órfãos e abandonados *os anos mais belos* de sua vida. Por último, padre Corrado convidou todos à admiração e ao mais entusiástico aplausos às irmãs de São Carlos, identificadas por ele como

*heroínas de caridade que em seu amor à infância sacrificaram os afetos mais puros, as alegrias de uma família, para consagrar toda a sua existência em um sacrifício desconhecido e secreto, a fim de se tornarem mães adotivas de tantas pequenas órfãs que nelas poderiam reaver o afeto e o sorriso da primavera mãe...*¹³⁷

A 31 de dezembro de 1904, ano da visita apostólica de Scalabrini ao Brasil, o orfanato Cristóvão Colombo abrigava 232 órfãos, 141 meninos e 91 meninas. Em relatório enviado pelo padre Consoni ao ministério do exterior da Itália constavam nesse ano, entre outros dados, a nacionalidade dos internos: italianos, 81 meninos e 51 meninas; brasileiros, 40 meninos e 31 meninas; portugueses, 12 meninos e 3 meninas, outras nacionalidades, 8 meninos e 6 meninas. Idade: de 1 a 5 anos, 28 meninos e 16 meninas; de 6 a 10 anos, 36 meninos e 29 meninas; de 11 a 15 anos, 38 meninos e 32 meninas; maiores de 15 anos, 39 meninos e 14 meninas.

Nos anos sucessivos o Orfanato manteve um movimento adequado à capacidade da instituição, verificando-se relativo crescimento no número de alunos. Em fins de 1918 e início de 1919, como *consequência da espanhola*, uma epidemia de gripe que abalou o mundo e atingiu também ao Paulo, à pedido de uma comissão presidida por d. Duarte Leopoldo e Silva e pelo Secretário do Interior do estado constituída para ajudar órfãos e viúvas, o

¹³⁶ STEFANI, Corrado, *Commemorando il R. Padre Giuseppe Marchetti nell' orfanotrofio Cristoforo Colombo, sezione femminile in Vila Prudente de Moraes*. São Paulo, 11 febbraio 1909. Pp 16.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 17.

Cristóvão Colombo acolheu mais uma centena de outros órfãos necessitados de proteção. No ano de 1918 o total de matrículas foi de 412 alunos, sendo 248 meninos e 164 meninas; em 1919 foram matriculados 478 alunos, 315 dos quais eram meninos e 163 meninas; já em 1920 o número de matrículas somou 389 alunos, sendo 273 os meninos e 116 meninas.

Pode-se imaginar a preocupação com o sustento diário dessas crianças e jovens e com a manutenção em geral de uma instituição desse gênero. Em anterior momento referimos o modo de sustentação seguido pelo padre José Marchetti, depois continuado por Consoni e outros missionários scalabrinianos. Além de contar com a ajuda de benfeitores Marchetti quis comprometer os próprios imigrantes no sustento e na educação dos órfãos e abandonados, bem como na construção e conservação do Cristóvão Colombo.

Da mesma forma padre Faustino Consoni, diretor do Orfanato por mais de vinte anos, identificado pela imprensa local como o *Cottolengo de São Paulo*, continuou a buscar ajuda de benfeitores e de imigrantes estabelecidos nas fazendas de café, percorridas com periodicidade possível e em meio a grandes dificuldades por ele e pelos demais missionários scalabrinianos que atuavam em território paulista. O período ora em estudo seria ainda mais duro para Consoni e toda a família scalabriniana a partir de 1908.

A oportuna criação de dioceses em várias cidades paulistas exigiu a formação de um patrimônio básico, sendo indispensável a construção de catedral e seminário diocesanos, condição estabelecida pela Sé Apostólica. A poderosa burguesia rural, até pelas vantagens decorrentes da criação de um bispado em cidades sobre as quais a classe detinha poder, contribuiu para assegurar às novas dioceses o necessário patrimônio econômico. Os bispos, por sua vez, passaram a priorizar a obtenção de recursos para suas dioceses, fator que reduziu a arrecadação de esmolas antes destinadas ao sustento da obra scalabriniana. Intenção dos prelados era obter ajuda também para a construção de capelas nas fazendas. A iniciativa viria facilitar o crescimento do número de paróquias, o que favoreceria a população das fazendas, incluídos os numerosos imigrantes italianos nelas estabelecidos. O Diretor do Cristóvão Colombo, porém viu crescer a dificuldade de manter os dois orfanatos.

Em correspondência enviada ao cardeal Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti padre Consoni evocava anterior ajuda dispensada pelo prelado ao Orfanato e implorava sua proteção porque sentia ameaçada a sobrevivência dos dois institutos, do Ipiranga e de Vila Prudente, que tinham na coleta de esmolas a sua principal fonte renda. Sem negar reais dificuldades o orfanato Cristóvão Colombo como se pode constatar em correspondência e em relatório diversos, além das esmolas recolhidas nas fazendas e da contribuição de benfeitores, contou ao longo dos anos com subsídios do governo italiano, bem como do poder público brasileiro, sobretudo do governo municipal e estadual de São Paulo.

Um episódio muito triste, rapto de criança, por largo tempo tornou-se crítica em todos os sentidos a situação do Orfanato. O sequestro de uma menina, ocorrido em Vila Prudente, abalou o Cristóvão Colombo e prejudicou de alguma forma o bom nome do orfanato. Como precedente

histórico consta que em outubro de 1905 Domingos Stamato, pai adotivo dos irmãos Idalina, 6 anos de idade e Sócrates de 8 anos confiara as duas crianças, respectivamente, à seção feminina e masculina do Cristóvão Colombo. Cerca de dois anos depois, em meados de 1907 ocorreu o rapto de Idalina, praticado por uma senhora de nome Itália Forte ou Maria Luiza, que se apresentou como mãe da menor solicitou permissão para levá-la consigo. A responsável de Vila Prudente não consentiu na saída da menina. A suposta mãe recorreu então ao padre João Capelli, diretor interino do Cristóvão Colombo, que autorizou a saída. Na ocasião o diretor, padre Consoni, encontrava-se em missão pelo interior.

No início de 1908, não encontrando a filha no Orfanato, o pai adotivo recorreu à polícia que passou a investigar o desaparecimento da menor. O fato teve forte repercussão em 1910 quando os missionários scalabrinianos, vítima da trama, passaram a sofrer dura campanha difamatória, sendo denunciados os padres Corrado Stefani e Faustino Consoni. Padre Stefani, que só chegara ao Brasil em 1908, foi acusado de abuso sexual e padre Consoni, do assassinato de Idalina e de outras alunas de Vila Prudente.

Nessa circunstância dolorosa que foi, com certeza, de muito sofrimento também para madre Assunta e coirmãs, os padres scalabrinianos contaram com inúmeras manifestações de solidariedade da parte de benfeitores, de autoridades civis e eclesiásticas, em especial de d. Duarte Leopoldo e Silva e de todos os bons católicos que acreditavam na integridade dos acusados. A divulgação das calúnias, é óbvio, deixou suas marcas. Padre Faustino Consoni continuou à frente do Cristóvão Colombo até 1919, mantendo sempre profunda afeição aos dois orfanatos, mesmo depois de sua transferência para a igreja de santo Antônio, praça Patriarca, onde viria a falecer a 12 de agosto de 1933. Ali, na noite do velório, entre tantas outras pessoas também Idalina, comovida, compareceu para prestar sua homenagem ao heroico missionário scalabriniano.

Os últimos tempos vividos no Cristóvão Colombo foram movimentados e empenhativos para Consoni. Como vimos, em razão da epidemia de gripe espanhola, no biênio 1918-1919 o Orfanato acolheu uma centena de outras crianças quase todas muito pobres, que traziam apenas a roupa do corpo. Para abrigá-las o Diretor precisou providenciar outro imóvel em Vila Prudente. A nova seção acolheria o excedente de crianças, menores de 8 anos, abrigadas no Ipiranga e confiadas depois às irmãs mscs de Vila Prudente.

Ampliado, o edifício da seção feminina tornou-se espaçoso, respondendo às exigências de então. As condições eram ótimas, seus ambientes arejados e bem iluminados proporcionavam às crianças e às jovens conforto e uma vida alegre e sadia. Em suas dependências as irmãs de são Carlos, scalabrinianas, tinham a sede geral e até 1920, o noviciado da congregação.

No ano 1920 o orfanato Cristóvão Colombo celebraria seu 25º aniversário de fundação. O evento foi preparado com antecedência pelo padre Consoni, que recebeu do secretário de sua santidade o papa Bento XV, cardeal Gasparri, uma significativa mensagem enviada do Vaticano e datada de 1º de

dezembro de 1919. O cardeal comunicava que o pontífice tomara conhecimento, com satisfação, da celebração do jubileu marcado para o dia 15 de fevereiro e que era desejo do papa que nessa ocasião fosse celebrada também a *venerada memória do piedoso fundador dos Missionários de S. Carlos, com a de um seus mais dignos discípulos, o pranteado PE, Marchetti, que se distinguiu por seu zelo fecundo e operoso no campo da caridade e do apostolado*. O cardeal Gasparri escrevia que o papa fora informado das circunstâncias que levaram o Missionário à fundação do Orfanato e que o Pontífice fazia votos de que a obra scalabriniana se propagasse *para a salvação das almas e proveito da infância desvalida*. O papa Bento XV implorava a *abundância dos favores celestiaes* para aqueles que cooperassem em sua expansão e transmitia a bênção apostólica à padre Faustino Consoni e *aos seus cooperadores, aos benfeitores e a todos os orphãosinhos*¹³⁸.

2.3.2 Expansão missionária da congregação scalabriniana feminina

O sentimento de pertença a um grupo, a capacidade de construir unidade, a solidariedade, são elementos essenciais na vida de uma instituição que quer progredir e alcançar os objetivos para os quais foi criada. Isso aconteceu com o orfanato Cristóvão Colombo e com o instituto scalabriniano feminino, ambos existentes desde 1895. A congregação mscs foi pensada e existe para uma finalidade exterior a si própria. Como toda a instituição, vive em profundidade na medida em que se orienta por um *pensamento coletivo*, capaz de gerar comunhão. *E quando uma instituição possui essa alma coletiva, na qual todos comungam, então essa instituição sobrevive e marcha através da história*¹³⁹. Em nosso entender a verdade dessa afirmação se comprova também na expansão missionária da congregação scalabriniana feminina, ocorrida após a fase de reorganização do instituto.

O movimento de expansão mscs foi tardio, tendo iniciado cerca de dezoito anos depois de fundado o instituto. Até 1913 a atividade missionária das irmãs scalabrinianas limitou-se ao âmbito dos orfanatos do Ipiranga e de Vila Prudente. A primeira obra assumida fora do Cristóvão Colombo foi a de um externato feminino em São Bernardo do Campo, destinado à instrução de meninas.

Em meados do século XIX São Bernardo era um povoado modesto, localizado entre as cidades de São Paulo e Santos. A ferrovia *São Paulo Railway* proporcionou à localidade uma crescente expansão. No ano de 1876 o governo desapropriou uma fazenda que fora doada aos beneditinos ainda no século XVII e fixou ali um núcleo de imigrantes italianos, aos quais os missionários scalabrinianos ofereceram assistência religiosa. São Bernardo tornou-se em poucos anos uma florescente vila. Em 1904, quando da visita de

¹³⁸ GASPARRI, P. Carta a padre Faustino Consoni. Secretaria de Estado de S. Santidade. Vaticano, 1º de dezembro de 1919.

¹³⁹ ELVO CLEMENTE. *O espírito de uma geração*. In: *Filosofia: diálogo de horizontes*. Heloisa Pedroso de Moraes Feltres & Urbano ZILLES, organizadores. Caixas do Sul, EDUCS – Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001. p. 420.

Scalabrini ao Brasil, sua população somava cerca de 40 mil habitantes. A paróquia era extensa e nela situavam-se os dois orfanatos, do Ipiranga e de Vila Prudente. D. José de Camargo Barros, em fins de 1904, confiou-a aos missionários de São Carlos, nomeando como pároco dessa que foi a primeira paróquia scalabriniana em São Paulo, padre Francesco Dolci.

No ano de 1913, por razões de saúde, padre Dolci passou a residir no Cristóvão Colombo. Nesse ano, a 29 de junho, encorajadas por outro zeloso scalabriniano, padre Francesco Navarro, as irmãs missionárias de São Carlos, scalabrinianas, assumiram e externato feminino de São Bernardo do Campo onde permaneceram somente até 1925.

Ainda em São Paulo, em fins de 1913, a congregação scalabriniana feminina assumiu a direção do Asilo Nossa Senhora da Candelária, de Itú. Quatro irmãs foram enviadas àquela missão, tendo como superiora Irma Camila dal Ri. Dessa época, mas pouco duradoura, seria a presença mscs na Santa Casa de Misericórdia de São Luís do Paraitinga. Quatro outras missionárias de São Carlos foram destinadas a essa missão. Irmã Lucia Gorlin foi nomeada superiora da comunidade. Divergências surgidas entre os membros do novo conselho administrativo da Santa Casa e o descumprimento de cláusulas do contrato motivaram a retirada das irmãs mscs da instituição.

Passados menos de dois anos do início da expansão em São Paulo, como vimos no governo de madre Assunta, sexênio 1912-1918, a congregação foi mais audaciosa, estabelecendo-se em Bento Gonçalves no estado do Rio Grande do Sul à convite de padre Enrico Poggi, zeloso missionário genovês que atuou no Brasil durante quase 30 anos. Foi como pároco de Bento Gonçalves que padre Poggi solicitou a colaboração das irmãs de São Carlos e o fez por intermédio de padre Carlo Porrini, missionário scalabriniano que atuava em território gaúcho desde 1907. Bento Gonçalves, laborioso e florescente núcleo de colonização italiana, abriu às irmãs mscs um novo espaço pastoral identificado com a missão do instituto. Depois de obter a necessária autorização dos arcebispos de São Paulo e de Porto Alegre, madre Assunta Marchetti enviou cinco irmãs para assumirem a nova missão. A viagem das missionárias, custeada por padre Enrico Poggi, teve início a 4 de fevereiro de 1915. Nessa data as cinco pioneiras deixaram Vila Prudente à caminho de Santos onde embarcaram no vapor Itapuhy que chegou a Porto Alegre no dia 8, sem maiores contratempos.

O desembarque das cinco missionárias em Porto Alegre foi marcado pelo primeiro imprevisto. Padre Poggi, nesse dia, encontrava-se em uma das capelas da paróquia porque não havia recebido a comunicação da chegada das irmãs. *Sem nenhuma carta de apresentação nem para o pároco, nem para o Arcebispo, cansadas da viagem, não sabendo para onde ir dirigiram-se ao hotel mais próximo cujo nome lhe inspirou confiança: Savóia¹⁴⁰.*

Obtida uma audiência com o arcebispo, d. João Becker, as irmãs ouviram dele palavras encorajadoras. O Prelado desaconselhou-as a

¹⁴⁰ RIASSUNTO STORICO della fondazione della Missione Del Rio Grande del Sud – 1915-1934. p. 1-3 (9AGSS 1.4/2).

retornarem ao Savóia sendo, por sua iniciativa, conduzidas ao Seigné, tradicional colégio das irmãs de São José, onde pernoitaram. Após breve permanência na capital gaúcha as missionárias seguiram viagem. O percurso Porto Alegre-Carlos Barbosa foi feita em trem e em carruagem. Carlos Barbosa-Bento Gonçalves. Ali, as cinco irmãs pioneiras cujos nomes merecem ser repetidos, Lucia Gorlin, Borromea Ferraresi, Josefina, Oricchio, Maria de Lourdes Martins e Joana de Camargo, começaram a viver em meio a muitas privações os primeiros momentos da nova missão.

Naquele difícil início a residência das irmãs foi uma antiga casa de madeira. Em seu interior não havia cadeiras, mas o senhor Paulo Pasquetti, que era sacristão, logo providenciou algumas na igreja. A janta no dia da chegada foi em casa da família Pasquali, que convidou as irmãs através da senhora Marieta Baldi. À noite, naquele verão, um temporal abafou o ruído dos colchões de palha de milho.

Nessa casa, onde as missionárias moraram em 1915, funcionava também a escola. No início foram matriculadas 50 crianças, número que aumentou para 60 no decorrer do ano. Padre Enrico Poggi adquiriu um terreno onde, logo em agosto, foi iniciada a construção de um prédio adequado ao funcionamento do colégio, que seria também residência das irmãs. O padre chegou a vender uma colônia de sua propriedade e fez um empréstimo no banco Pelotense para cobrir as despesas. Os tijolos utilizados na construção eram sobras de um incêndio em hotel do senhor Pedro Venturella e que amigos transportaram de graça ao local da obra.

Em janeiro de 1916 as irmãs passaram a residir no prédio novo, ainda em construção. A moradia, mesmo que inacabada, facilitou a vida das missionárias, mas não faltaram outras dificuldades e privações. Nas colônias não havia luz elétrica. O trabalho, à noite, era feito quase sempre à luz de velas porque o querosene custava muito. A fé *o espírito missionário, sempre pronto para o sacrifício*, bem como a palavra de conforto e de estímulo de padre Poggi, sustentavam as pioneiras no dia a dia¹⁴¹.

Um apoio, como que em *ponta de pé*, foi-lhes dado pelo padre Faustino Consoni. Logo no início de março de 1915 o Missionário escreveu duas cartas, uma endereçada a um coirmão missionário no Sul, outra ao Vigário. Ao coirmão pedia informações a respeito das cinco missionárias, das quais dizia saber apenas que haviam feito boa viagem. Solicitava-lhe que as recomendasse ao Vigário e que procurasse saber, até para deixar tranquila madre Assunta, se causaram boa impressão, se padre Enrico Poggi e a população de Bento Gonçalves estavam satisfeitos. Adiantava-lhe que as irmãs eram quase todas jovens, muito tímidas e que precisavam de animação, encorajamento e apoio.

Na carta ao Vigário, padre Consoni justificava seu pedido de informações, dizendo que quem é responsável deseja o quanto antes ter notícias das coirmãs. Em breve perfil das missionárias assegurava que, embora não fossem sumidades, tinham em compensação grande boa vontade

¹⁴¹ Ibid., p. 7.

e notado espírito de sacrifício, como bem haviam demonstrado junto aos órfãos e órfãs, em sua maioria filhos de colono. Escrevia ainda que sem querer aconselhar a quem tinha muito a lhe dar, de modo confidencial, conhecendo há mais tempo as irmãs, uma palavra de ânimo seria-lhes de grande ajuda. As missionárias, segundo padre Consoni, deviam ser orientadas na observância da Regra, meio para se manterem fiéis à vocação e incentivadas à vivência da compreensão e da caridade entre elas. Recomendava ao Vigário que as cultivasse no espírito com alguma instrução, que as encorajasse porque eram quase todas muito tímidas e que, como pai e mestre, fizesse o possível para favorecer o seu bem espiritual e material.

Às cinco irmãs escrevia em maio de 1916: *Lembro-as todos os dias, mesmo que não vos escreva muito, no Santo Sacrifício e na oração para que o Senhor as conserve sempre boas, fervorosas, zelosas para a Sua glória e para o bem das almas a vós confiadas*. Na carta fazia um aceno à guerra europeia de 1914-18; comunicava notícias de familiares das irmãs; perguntava delas, de Carolina, se continuava *sempre alegre*; pedia-lhes que escrevessem; falava-lhe de casa mãe: *vos escreverei desta casa mãe onde quase sempre me encontro segunda-feira*; aconselhava-as: *vós, chamadas a uma missão santa qual é a da educação da juventude, fazei todo esforço para incutir nas jovens mentes e no coração inocente das crianças o santo temor de Deus*: invocava Scalabrini e lhe assegurava que do céu o fundador intercedia também por elas¹⁴².

Nesse mesmo ano, 1916, a Superiora Geral visitou pela primeira vez a missão de Bento Gonçalves e interou-se da importância da presença mscs naquela localidade. De retorno à sede geral em São Paulo, junto à satisfação pelas constatações positivas, acompanhavam madre Assunta Marchetti cinco jovens rio-grandenses, todas da colônia italiana, candidatas à vida religiosa na congregação das irmãs de São Carlos. O êxito da missão e o aumento de vocações possibilitaram ao instituto assumir, no período ora em estudo, mais três obras no Rio Grande do Sul, duas no ano de 1917 e outra em 1919.

A segunda obra assumida pela congregação mscs em território rio-grandense foi uma escola paroquial em Nova Vicenza, hoje Farroupilha e situada, como Bento Gonçalves, na serra gaúcha em área de colonização italiana. O pedido de irmãs scalabrinianas para a escola foi feito pelo vigário da localidade, padre Luís Segale, à irmã Lucia Gorlin que era então superiora da comunidade de Bento Gonçalves. Encaminhado o pedido à autoridade competente, *a missão foi assumida mediante acordo entre a superiora geral, madre Assunta Marchetti e o Sr. Arcebispo de Porto Alegre, d. João Becker*¹⁴³.

A Escola Paroquial de Nova Vicenza, iniciou sua atividade em fevereiro de 1917 com a chegada ao Sul de mais missionárias scalabrinianas vindas de São Paulo. A primeira comunidade era constituída de cinco irmãs: Elena Lucca, Bernardes Ugatti, Josefina Oricchio, Maria de Lourdes Martins e alguns meses depois, Joana de Camargo. Como superiora foi nomeada irmã Elena Lucca.

¹⁴² CONSONI, FAUSTINO. Carta às irmãs. São Paulo, 22-5-1916 9AGSS 1.4.4).

¹⁴³ BARBIERI, Lia. *Desenvolvimento da Missão nas Américas, 1895-1975*. p. 58 9AGSS 1.4.4).

Em seus inícios a Escola Paroquial, depois Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, situava-se na chamada Vicenza Velha. Quando da transferência da igreja matriz para Nova Vicenza, a escola e a comunidade das irmãs mudaram-se para a mesma área, estabelecendo-se em dependência alugadas. Só em 1943 seria inaugurado o prédio do colégio localizado à rua Tiradentes, 240, edificado em terreno adquirido nos anos trinta com essa finalidade. A Construção foi possível graças à generosa contribuição e apoio de pais, sob a liderança de João Pergher e do então vigário cooperador, padre Adolfo Fedrizzi.

Uma nova presença scalabriniana feminina no Rio Grande do Sul, agora em Guaporé, foi quase contemporânea à de Nova Vicenza. No dia 27 de fevereiro de 1917 chegaram àquela Vila quatro irmãs missionárias de São Carlos enviadas para assumir ali um colégio que, sob o título de Scalabrini, iniciou em março a sua atividade letiva com 75 alunos matriculados. Às quatro primeiras irmãs, Antonietta Fontana, Gertrudes Mileti, Carolina Grasti e Cecília Mosca juntaram-se mais duas em setembro, Vittorina Consoni e Clara Pienaro.

Nos primeiros três meses as irmãs foram hóspedes da senhora Marina Magnanti, viúva, que vivia com uma filha e um menino adotivo. A sala maior da casa foi transformada em escola. Passado esse tempo as irmãs mudaram-se para a casa pertencente ao senhor Júlio Campos, que depois adquiriram por oito contos de réis. Durante visita feita a Guaporé em outubro de 1917, monsenhor Mariano da Rocha, vigário geral da arquidiocese de Porto Alegre, elogiou o progresso do colégio então com 90 alunos e, na sua avaliação, o Scalabrini desenvolvia um adequado programa de estudos, favorecendo toda a redondeza.

Conforme já referimos, em agosto de 1918 irmã Antonietta Fontana deixou Guaporé a fim de assumir a direção geral da congregação mscs. Em janeiro do ano seguinte irmã Pierina Caldieraro foi enviada ao Scalabrini para ajudar a comunidade, sobrecarregada de atividades após a saída de irmã. Antonietta, religiosa muito estimada pelos alunos e pela população toda. O Scalabrini continuou a progredir, ainda que ocupando modestas dependências. Do mesmo modo que o Ginásio Nossa Senhora de Lourdes de Farroupilha, somente nos anos quarenta os colégios São Carlos de Bento Gonçalves e o Scalabrini de Guaporé, passaram a funcionar em modernos prédios, construídos com sacrifício e com a colaboração de dedicados benfeitores.

O quarto colégio assumido pela congregação mscs no Rio Grande do Sul no período 1907-1920 foi o Sagrado Coração de Jesus, de Nova Brésia. Sobre a presença das irmãs scalabrinianas nessa localidade, sabe-se que a 20 de janeiro de 1919 duas irmãs, Assunta Marchetti e Borromea Ferraresi estiveram em Nova Brésia para tratar do assunto com o pároco, scalabriniano padre Giovanni Morelli, que solicitara irmãs para a paróquia criada três anos antes. Acertada a abertura da casa religiosa, as duas irmãs retornaram a Bento Gonçalves enquanto padre Morelli tomava as providências que julgava necessárias. Da chegada das irmãs à Nova Brésia, em março desse ano, o livro tomo da Paróquia registra:

Aos onze dias do mês de março do ano de mil novecentos e dezenove, às oito horas, partiram de Bento Gonçalves para Nova Bréscia, acompanhadas pelo Sr. José Zambiasi e Sr. Luiz Zanata e pelas senhoras Maria Borgioni e Ignez Daltoé, três irmãs missionárias de são Carlos, irmã Assunta Marchetti, irmã Atilia Angeli e irmã Justina Camargo, esta natural deste Estado, para abrir um colégio, com escola paroquial que este povo já há muito tempo tencionava fundar para o maior bem de seus filhos. A distância de Bento Gonçalves não permitia fazer o trajeto em um só dia até Nova Bréscia, por isso as irmãs descansaram em Santa Teresa (...). O vigário padre Negri, missionário de são Carlos as acolheu com muita bondade. No dia seguinte prosseguiram o caminho para Nova Bréscia onde eram esperadas com ânsia pela população. Distante duas horas de Nova Bréscia, encontraram um grupo de senhoras e senhoritas em número de 50, que muito alegremente vinham encontrá-las a cavalo. Neste número havia também várias pessoas do Tigrinho. Alinhadas em perfeita ordem seguiram em encantadora conversa com as amáveis senhoras. Chegados ao cume do monte Borsato, do qual avista-se perfeitamente Nova Bréscia, todo o grupo ergueu um entusiástico 'viva Nova Bréscia, viva as irmãs' e a modesta freguesia respondeu de longe a esta saudação com tiros de rojões, que continuaram até chegarem ao largo da matriz, onde homens, senhoras e crianças achavam-se reunidos. Foram oferecidas às irmãs, belas e perfumosas flores por algumas gentis meninas. Depois de se terem detido alguns instantes em amigável conversação com a população as irmãs despediram-se, agradecendo-lhes tanta bondade por tê-las recebido com tão grande festividade. E eu, subscrito padre Giovanni Morelli, ao mesmo tempo que rendo graças a Nosso Senhor por este benefício concedido a esta população, ardentemente desejo que os trabalhos destas beneméritas irmãs sejam copiosos de bons frutos¹⁴⁴.

O mesmo livro tomo registra a portaria de d. João Becker, de 21 de março de 1919, na qual o arcebispo de Porto Alegre louva o zeloso pároco, padre Moralli e as pessoas que doaram às irmãs *10 lotes de terra com casa e aulas* e diz esperar que as imãs correspondam *aos sacrifícios que os paroquianos de Nova Bréscia fazem para manter a nova escola*¹⁴⁵.

A Escola correspondeu às aspirações e aos sacrifícios da população de Nova Bréscia, porém para a comunidade das irmãs as dificuldades não faltaram, em particular para madre Assunta:

a abertura da casa, feita simplesmente com a licença acenada, custou a madre Assunta tantas contrariedades, tribulações, mortificações e humilhações, que ela soube suportar com muita calma e paciência. Mesmo com o ânimo aflito, mostrava-se sempre pronta ao dever e ao maior bem das almas¹⁴⁶.

Esse modo de ser da Co-fundadora da congregação das irmãs de são Carlos tem sido, ao longo das décadas, um exemplo e um incentivo perene para a irmã mscs.

¹⁴⁴ LIVRO TOMBO, paróquia São João Batista, Nova Bréscia, v. 1, p. 7v-8 (com modificações ortográficas).

¹⁴⁵ Ibid., Portaria de d. João Becker, de 21 de março de 1919. Reg. L. 30 fl. 71v, n. 13, p. 8.

¹⁴⁶ RIASSUNTO STORICO, op. cit., p. 39.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

2.3.3 Modelo pastoral mscs

A nova forma de vida consagrada que surgiu na primeira metade do século XIX e que foi depois definida como *congregação religiosa* permitiu à mulher consagrada contribuir na solução de problemas sócio-culturais mediante atuação no campo da educação, da saúde e do serviço social em geral. O instituto scalabriniano feminino foi um, entre os mais de cem novos institutos femininos fundados na Itália nas três últimas décadas do século XIX, que adotaram esse modo de vida religiosa, suscitado para responder às urgências sociais da época. Pela informalidade do ato de 25 de outubro de 1895 é possível que o instituto mscs nem conste em lista das fundações daquele período. Importante é que a congregação mscs foi resposta a uma real necessidade nova, própria do contexto social de então e que se mantém no tempo. O instituto, pois, com sua inserção social seguiu o modelo da *congregação religiosa* e adquiriu consistência no desenvolvimento de atividades que respondiam às necessidades concretas dos migrantes. Do modo de ser-atuar da irmã mscs nos 25 primeiros anos da congregação, pode-se identificar diretrizes seguidas e reunir elementos que a distinguiram em sua ação pastoral no período 1907-1920.

A concepção scalabriniana de pastoral das migrações, frutos de contatos com a realidade, pressupõe respostas concretas às grandes necessidades espirituais e materiais dos migrantes em terra estranha que, no tempo João Batista Scalabrini, sentiam mais que tudo a falta de sacerdotes, de mestres e de médicos. Dessas urgências, confirmadas em cartas recebidas de colonos imigrantes na América, resultaram iniciativas do Bispo em campo migratório. Erigir igrejas e capelas, abrir escolas, instituir pequenas farmácias onde era impossível contar com a presença do médico, foram passos efetivos da obra scalabriniana que visava acima de qualquer outro objetivo conservar a fé católica no coração do emigrado. Consciente de que a tarefa era imensa Scalabrini propunha a ação conjunta da igreja e do estado italiano o que, além do mais, entendia como o modo prático de reconciliação entre ambos. Em conferência sobre a emigração italiana proferida em Roma, na igreja de S. Andrea della Valle, em fevereiro de 1891, manifestava entre outras essa aspiração:

Religião e Pátria: estas duas supremas aspirações de toda alma gentil se entrelaçam e se completam nesta obra de amor e de redenção que é a proteção do fraco e se fundem em um admirável acordo. As miseráveis barreiras levantadas pelo ódio e pela ira desaparecem, os braços de todos se abrem em fraterno abraço, as mãos se estreitam com afeto, os lábios se abrem ao sorriso e ao beijo e, eliminada toda distinção de classe ou de partido, aparece embelezada de esplendor cristão a verdade: 'o homem é irmãos do homem'.

Possam estas minhas despretenciosas palavras ser sementes de obras grandiosas para a glória de Deus e de sua igreja, para o bem das almas, para a grandeza da pátria e para a promoção dos abandonados e dos pobres. Possa a Itália, sinceramente reconciliada com a Sé Apostólica, repetir suas antigas glórias e

*acrescenta-lhe outra imortal, a de orientar aos luminosos caminhos da civilização e do progresso também seus filhos distantes*¹⁴⁷.

O carisma de João Batista Scalabrini frutificou em obras, sob alguns aspectos grandiosas, voltadas à promoção dos emigrados. Como as demais fundações do Apóstolo e Pai dos migrantes, a congregação scalabriniana feminina aliou à ação pastoral uma particular sensibilidade social que aproximou a irmã mscs aos imigrantes e a seus descendentes, considerando a realidade espiritual e material vivida por eles distante da terra natal.

Desde o início, migrante com os migrantes, a irmã missionária de São Carlos fez-se *presença compreensiva*, capaz de favorecer relações vitais, proposta por Scalabrini e comparada por ele a uma continuação da encarnação de Jesus Cristo, o salvador dos homens. Elemento fundamental na metodologia pastoral de João Batista Scalabrini foi a catequese.

*...ora, para catequizar os emigrados era necessário antes de tudo restabelecer a comunicação com a sociedade civil e eclesial, que se havia interrompido pelo fato da emigração e das condições nas quais os emigrados se encontravam em concreto, ou seja, 'em países estrangeiros dos quais ignoravam a língua e os costumes em um isolamento que leva com frequência à morte do corpo e da alma'. Para romper tal isolamento e criar comunhão com a nova igreja local Scalabrini não via outro meio mais eficaz do que uma linguagem compreensível e uma presença compreensiva, que não hesitava em comparar a uma continuação da encarnação de Cristo, feito homem para salvar homens. Do mesmo modo os missionários dos migrantes deviam se fazer migrantes com os migrantes, fazer-se pobre com os pobres, 'operários evangélicos' para 'evangelizar os filhos da miséria e do trabalho (...) que em um forçado isolamento vão perdendo a fé de seus pais e com a fé todo o sentimento de cristã e civil educação' missionários que 'visam formar de todos os povos um só povo, de todas as famílias uma só família.*¹⁴⁸

A expansão missionária ocorrida no período 1907-1920 permitiu à congregação mscs um permanente contato com outras situações vividas pelos imigrantes italianos no Brasil. Esse novo modo de presença favoreceu maior irradiação da potencialidade do carisma scalabriniano. Ao que tudo indica, três critérios orientaram as opções apostólicas de então: a fidelidade ao carisma, considerado em seus dois elementos espiritualidade e missão; o direito próprio, que no capítulo I estabelecia como *fim da missão particular e principal* da congregação, conservar a fé e a piedade nos emigrados; os pedidos encaminhados por instituições e igrejas locais necessitadas de colaboração no campo pastoral e atendidos conforme as possibilidades, condicionadas ao número e à preparação dos membros do instituto.

¹⁴⁷ SCALABRINI, Giovanni B. *Prima conferenza sull' emigrazione*. Roma, S. Andrea della Valle, 8-2 1891. In: Scritti, op. cit., v. 1, p.301-2.

¹⁴⁸ FRANCESCO, Mario. *Giovanni Battista Scalabrini: vescovo di Piacenza e degli emigrati*, op. cit., p. 966-7.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

O estilo de vida da irmã mscs, quer em São Paulo, quer no Rio Grande do Sul continuou sendo aquele indicado por João Batista Scalabrini e vivido por madre Assunta Marchetti e primeiras irmãs: modo simples, humilde e despretençioso de ser e disposição de viver em casas modestas e em pequenas comunidades inseridas junto aos necessitados, mantendo-se em sintonia com a igreja local.

Na arquidiocese de São Paulo, d. Duarte Leopoldo e Silva estabeleceu diretrizes pastorais que refletiam o modelo eclesial tridentino e identificado como ultramontano. As orientações do Prelado continham dois aspectos fundamentais: o cunho ortodoxo da doutrina e a prática sacramental. D. João Becker, arcebispo de Porto Alegre, por sua vez, era um prelado de mentalidade europeia. Em suas recomendações e até ordenações buscava enquadrar as religiosas aos padrões europeus, o que fortaleceu o caráter conventual, menos evidenciado na forma de vida da irmã mscs nos primeiros tempos do instituto scalabriniano feminino. A orientação de d. Becker e do episcopado brasileiro em geral incluía a fundação de escolas católicas. Como outros institutos, também a congregação scalabriniana feminina acolheu a proposta dos bispos e assumiu, em diversas localidades, essa importante atividade pastoral que, de outra parte, favoreceu a obtenção de recursos necessários à manutenção e desenvolvimento de obras do instituto.

Em São Paulo, além da presença no Cristóvão Colombo a congregação assumiu nesse período, como vimos, uma escola, um asilo e, por breve tempo, uma santa casa. No orfanato de Vila Prudente as irmãs de São Carlos desenvolviam com entusiasmo *um programa educativo adequado aos tempos e às condições das meninas*, que eram duzentas em uma relação de irmã Vittorina Consoni, de 1915. O prédio da Vila, *um dos maiores e arquitetônicos estabelecimentos do gênero existentes em São Paulo*, era dividido em várias seções, cada uma das quais acolhia alunas de acordo com a idade, o grau de instrução e o ensinamento ministrado. Seu diferencial primeiro era a convivência alegre e harmoniosa entre as meninas, mesmo que de origem e nacionalidade diversas. Desse importante relato de 1915 pode-se deduzir que eram duas as prioridades da instituição: o ensino catequético, entendido como *um conjunto de verdades religiosas e civis que constitui a base da reta educação e forma o caráter*; o ensino profissionalizante, recomendado *quer pela condição modesta das meninas, quer pelos limitados recursos do Orfanato*¹⁴⁹.

No Rio Grande do Sul os passos pastorais da irmã missionária de São Carlos foram inovadores em alguns aspectos, na medida em que sua maneira de evangelizar adequou-se à realidade dos núcleos coloniais. Escolas, como mais tarde hospitais, não construíram um espaço pastoral fechado, exclusivo da missão scalabriniana feminina. A presença missionária ia além da instituição a que se ligava, inserindo-se na caminhada evangelizadora da igreja local. Assim que, a irmã mscs protagonizou uma oportuna abertura sócio-cultural e

¹⁴⁹ CONSONI, Vittorina. L' Orfanotrofio Cristoforo Colombo in Villa Prudente – S. Paulo – Brasile, 15 Dicembre 1915. In: L' Emigrato Italiano in America. Roma: Bollettino trimestrale, Anno X 15 Marzo 1916. p. 43-7.

eclesial, identificando-se com o imigrante, adaptando-se ao cotidiano das obreiras comunidades coloniais e participando das atividades pastorais locais.

Os registros no livro tomo das paróquias contém informações válidas, ainda que reduzidas, quanto à participação da irmã mscs no âmbito paroquial. A avaliação dos párcos e dos bispos a respeito da atuação e das iniciativas das irmãs de são Carlos, leva a pensar em profunda sintonia entre escola, paróquia e animação diocesana nos primeiros tempos de missão no Sul.

O modelo de paróquia existente na região colonial italiana do Rio Grande do Sul onde as irmãs mscs passaram a atuar a partir de 1915, tem a ver com as paróquias fundadas pelos missionários jesuítas na colônia alemã, em território do mesmo estado, na segunda metade do século XIX. O modelo, segundo Jesùs Hortal, aproxima-se do tipo paróquia rural europeia, enquanto a paróquia brasileira emerge de núcleos urbanos que têm relativa importância.

Em estudo sobre a contribuição alemã à igreja católica no Rio Grande do Sul o jesuíta, Arthur Rabuske, descreve as estruturas das paróquias jesuíticas, dizendo que as mesmas *repousavam, antes de tudo, como que num tripé principal, a saber: a construção da igreja ou capela, a escola paroquial e a organização do cemitério*. Das escolas paroquiais escreve que fizeram, longo tempo, aquilo o governo deixou de fazer: *alfabetizaram os filhos da colônia. Sem elas os descendentes dos alemães teriam vegetado, grandemente, sem instrução nenhuma*. Em sua pesquisa o Jesuíta conclui que *essas antigas paróquias foram uma contribuição real e importante à igreja católica no sul do Brasil e que as pequenas comunidades escolar-eclésiásticas eram o fundamento sobre o qual o missionário pôde construir e edificar de sua ação pastoral*. Rabuske acena ainda, sem se deter no assunto, à ajuda que de maneira direta ou indireta as paróquias jesuíticas deram à estrutura paroquial e à vida cristã das comunidades italiana em solo gaúcho. O modelo favoreceu evitar aquele *forçado isolamento* que também Scalabrini temia¹⁵⁰. Na parte conclusiva de seu estudo Arthur Rabuske afirma:

...o monumento mais belo, precioso e característico dessa estrutura comunitária e paroquial, erguido pelo zelo apostólico dos jesuítas e pela munificência da graça divina, foi o das vocações sacerdotais e religiosa. A partir delas deve enxergar-se, em determinada fase histórica, a contribuição principal, que a colonização do imigrante teuto e católico trouxe a toda a igreja católica no Rio Grande do Sul, renovando-a e conferindo-lhe outra imagem. E esta seria ainda aperfeiçoada, depois, pela ingente contribuição da colônia italiana e, em menor escala, da polonesa¹⁵¹.

2.3.4 O feminino na obra scalabriniana

Um estudo da contribuição feminina à obra scalabriniana nas primeiras décadas do século XX sugere uma tríplice abordagem: da missão da congregação das irmãs de são Carlos, identificadas com a concepção de João

¹⁵⁰ RABUSKE, Artur. *A contribuição teuta à igreja católica no Rio Grande do Sul*. In: *Missão da igreja no Brasil*, op. cit., p. 71-5.

¹⁵¹ *Ibid.*, p.76.

Batista Scalabrini de pastoral das migrações, que requer permanente disposição de fazer-se migrante com os migrantes para evangelizar irmãos em situação de mobilidade humana; das relações de gênero e de questionamento que a matéria suscita no âmbito da sociedade em geral e da família scalabriniana em particular; do processo histórico do feminismo, focalizando aspectos da mentalidade da época, da condição da mulher e da maneira de atuar da irmã mscs entre 1907 e 1920.

A obra scalabriniana ampliou-se de forma gradativa, complementou-se e manteve-se dinâmica, de modo a perdurar no tempo. Intenção inicial de Scalabrini era de instituir uma associação de padres seculares que, em caráter temporário, atuariam junto aos compatriotas, sendo concretizada na fundação da congregação dos padres missionários de São Carlos, a 28 de novembro de 1887; na fundação de associação de patronato para os emigrados, depois denominada São Rafael, decidida a 12 de abril de 1889, na qual os comitês locais podiam ser coadjuvados por um comitê de patronesse, senhoras que patrocinavam iniciativas beneficentes em favor das missões; na fundação da congregação das irmãs mscs, a 25 de outubro de 1895; na elaboração do projeto de uma congregação pontifícia para assistência religiosa aos emigrados de todas as nacionalidades, pensado desde a estada do Bispo de Piacenza em São Paulo em 1904 e enviado à Sé Apostólica a 5 de maio de 1905.

Fiel a Deus e aos compromissos assumidos como cristão, sacerdote e bispo, Scalabrini permaneceu atento às urgências sociais, mais que tudo ao êxodo italiano e ao que se fazia na época em outros contextos migratórios, nos Estados Unidos e na América Latina em especial. A partir dessas experiências e das próprias, sobretudo entre 1887 e 1905, propôs iniciativas, mobilizou forças e realizou visitas apostólicas que favoreceram os imigrantes italianos, seus descendentes e os emigrados de todas as nacionalidades.

Após a fundação da congregação dos padres missionários de São Carlos e da sociedade São Rafael, Scalabrini e os missionários scalabrinianos logo manifestaram a convicção de que a atividade apostólica de padres e leigos precisava ser complementada pela ação pastoral de religiosas imbuídas de igual espírito, atuando lado a lado junto aos migrantes italianos. Já referimos a afirmação do Bispo em discurso proferido a 19 de março de 1889 por ocasião da entrega do crucifixo a Francisca Xavier Cabrini e companheiras, de partida para os Estados Unidos: *Há empreendimentos nos quais somente vós podeis obter êxito. Deus infundiu no coração da mulher um atrativo todo particular, pelo qual exerce um poder misterioso sobre as mentes e sobre os corações*¹⁵².

O reconhecimento de Scalabrini de um *misterioso poder* feminino precedeu de mais um século a atual literatura que aborda a questão de gênero e pode constituir matéria de reflexão para mais recentes revisões antropológicas relativas ao assunto, também no interior da família scalabriniana.

¹⁵² SCALABRINI, Giovanni B. Appunti Del discorso allá madre Cabrini e alle sue sei compagne nella consegna Del Crocifisso a Codogno, 19-3-1889. In: Scritti, op. cit., v. 1, p. 235.

No século XIX o movimento feminino buscava igualdade de direitos enquanto nos dias atuais o feminino formula o *conceito de libertação que prescinde da 'igualdade' para afirmar a diferença, compreendida não como desigualdade ou complementaridade, mas como ascensão histórica da própria identidade feminina*¹⁵³. Complementaridade, termo que também utilizamos em páginas anteriores, significaria um simples arranjo, uma concessão para evidenciar que *os complementos são apenas femininos!*¹⁵⁴

A reflexão sobre relações de gênero tem levado a mais profunda compreensão da condição feminina inserida em um contexto histórico patriarcal que envolve também a vida religiosa. O tema provoca questionamentos e suscita perguntas, algumas específicas à obra scalabriniana, antes e no período imediato a 1914, a saber:

- se houve uma dinâmica integração do masculino-feminino ou se predominaram tensões entre padre e irmãs de São Carlos em missão no orfanato Cristóvão Colombo nos primeiros tempos do instituto;
- se foram evidenciadas atitudes de autoritarismo e subordinação e se tal situação persistiu depois de 1914 quando novas constituições estabeleceram maior autonomia da congregação MSCS;
- se padre e irmãs MSCS souberam traduzir o princípio da igualdade na diversidade ou se o papel da missionária scalabriniana configurou-se como auxiliar no dia-a-dia da missão;
- se a irmã MSCS, enfim, exerceu aquele *poder misterioso sobre as mentes e sobre os corações* na conjugação do diverso e se da ação pastoral conjunta de missionários e missionárias resultou um mútuo enriquecimento e uma oportuna inovação.

A afirmação de Scalabrini evidencia o ser diferente da mulher e focaliza a importância da interação e da partilha de poderes como um aspecto enriquecedor na relação entre pessoas, até porque, *todo ser necessita de alguma participação no poder para se afirmar diante dos outros seres*¹⁵⁵. Esta segunda afirmativa pode ser aplicada também à relação entre instituições. Para se chegar a esse nível de compreensão coletiva resta um caminho a ser percorrido, quer pela igreja, quer pela sociedade em geral facilitado, é verdade, por um processo em curso ainda que sujeito a avanços e recuos, não que a alguma contradição.

A condição feminina no início do século XX, sabemos, refletia a mentalidade herdada do passado que, apoiada no conhecimento *científico* de então, via diferenças físicas, psíquicas e intelectuais entre homem e mulher. Desta dizia-se que, salvo poucas exceções, era fraca, volúvel, não dada ao

¹⁵³ TELES, Maria Amélia de Almeida. *Feminismo no Brasil: trajetória e perspectivas*. In: *Gênero e Teologia*, op. cit., p. 52.

¹⁵⁴ GEBARA, Ivone. *Entre os limites da filosofia e da teologia feminista*. In: *Gênero e Teologia*, op. cit., p. 160.

¹⁵⁵ FBRI DOS ANJOS, Márcio. Relação de poder entre homens e mulheres na vida religiosa. In: *Gênero e poder na vida religiosa*. São Paulo, Loyola, 1999. P. 18 (Série Psicologia e Vivência-CRB).

estudo, limitada no aprofundar e afirmar as próprias convicções, incapaz de governar. Cabia, pois, ao homem a chefia da família e o governo da sociedade humana. A igreja por sua vez, recusava-se a confiar um papel hierárquico ou litúrgico à mulher, que era impedida também de ensinar e que, se casada, devia ser submissa ao marido¹⁵⁶.

Quanto a vida religiosa, como vimos, na primeira metade do século XIX uma nova consciência feminina suscitara outro estilo de mulher consagrada. A *congregação religiosa*, voltada para o social, conquistara espaços pastorais em uma estrutura inovada. Já em fins do século, porém, quando foi fundada a congregação scalabriniana feminina, o modelo retomara elementos próprios da estrutura religioso-conventual, até para obter o reconhecimento da autoridade eclesiástica.

Em 1900 a Sé Apostólica, através da *Conditae a Chisto* e depois mediante o código de direito canônico de 1917, concedeu o caráter *religioso* às novas congregações. As *Normas*, emanadas da então congregação dos bispos e regulares em 1901 e em 1921, reforçaram o critério do *decoro e da decência* em relação às obras, não sendo aprovados institutos femininos que propusessem, entre outras atividades: cuidar dos enfermos de ambos os sexos a domicílio e à noite; instituir casas de saúde, asilo e hospitais, para pessoas de ambos os sexos; prestar serviços domésticos em seminários ou casas eclesiásticas; ensinar em colégios mistos; atuar em maternidades. Após 1915 as congregações foram disciplinadas pelo código de 1917 que, por exemplo, exigia a presença do bispo local para a eleição da superiora geral; estabelecia uma jurisdição peculiar para confessores de religiosas; não possibilitava a um instituto feminino ter uma postuladora junto a Sé Apostólica; encarregava os bispos locais de impedirem as religiosas de saírem a sós do convento; não permitia à irmã ajudar a missa junto ao altar¹⁵⁷.

Desse modo, desde fins do século XIX a *congregação religiosa* já não era mais ela, distanciara-se da origem, aderindo ao movimento de retorno à estrutura religioso-conventual: num mesmo prédio concentravam-se a residência e o local de trabalho das irmãs. O estabelecimento dispunha de capela para as praticas de piedade das religiosas que não precisavam sair de casa. Cada comunidade passou a ter seus ambientes, prevalecendo o modelo conventual¹⁵⁸.

No caso específico da congregação mscs conhecemos a manifestação de João Batista Scalabrini contida em relatório de 10 de agosto de 1900, ano da *Conditae a Chisto*, em que afirma interessar à obra scalabriniana a contribuição de

irmãs semelhantes àquelas espalhadas nas diversas dioceses da França, as quais se adaptam a viver também quatro apenas e, sem pretensões lecionam em escolas elementares, ensinam catecismo e onde é possível, assistem os doentes com todas

¹⁵⁶ ROCCA, Giancarlo. *Donne religiose*. Estratto da Claretianum 32. Roma, Paoline, 1992. Cf. p. 62.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 205-39.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 188-9.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

*aqueles precauções que a prudência e a experiência sugerem*¹⁵⁹.

Sabe-se, por outro lado, de posição mais rígida de Scalabrini que em ocasião de sínodos diocesanos estabeleceu caminhos tradicionais, discriminatórios até, tendo fixado *clara separação do sacro e do sacerdote, do mundo feminino*. O Bispo de Piacenza.

*queria que para a preparação dos cantos as jovens fossem instruídas por uma mulher e não por um padre; que a comunhão para as mulheres fosse distribuída em local afastado do altar; no caso da comunhão fora da missa exigia que houvesse um homem para recitar o 'confiteor' e, em sua ausência, que o sacerdote respondesse a si mesmo antes que permitir a intervenção de uma mulher*¹⁶⁰.

Uma constatação pertinente é que no primeiro quarto do século da história mscs houve maior sintonia no estilo de vida das irmãs com o modelo sugerido por Scalabrini em 1900. Nesse período as missionárias demonstraram adaptabilidade, residindo em casas modestas, ensinando o catecismo, lecionando em escolas elementares, vivendo em pequenas comunidades sem maiores pretensões. De madre Assunta Marchetti em particular, sabemos que nas comunidades por onde passou, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, antepôs a caridade cristã à estrutura conventual e facilitou modos de presença junto aos doentes necessitados de ajuda, sem se afastar da observância regular.

Ao que tudo indica as irmãs de São Carlos acolheram sem maior resistência o posterior redimensionamento, sintonizado com a orientação eclesial. Outro aspecto a considerar é que o movimento feminista, então incipiente no Brasil, pode não ter influenciado o cotidiano da irmã mscs no primeiro quarto de século da história do instituto mas, como se verá, a missionária scalabriniana contribuiu para o avanço do processo histórico do feminismo, possibilitando o acesso à educação formal a meninas e jovens em área de colonização italiana.

2.3.5 Contribuição da irmã mscs na preservação da fé católica e no processo de integração do imigrante italiano no Brasil.

Para avaliar a ação pastoral da congregação das irmãs de São Carlos no orfanato Cristóvão Colombo e na fase inicial de expansão missionária do instituto e para conhecer a contribuição da irmã mscs no processo de integração do imigrante é oportuno ter presente a caminhada eclesial e a metodologia de João Batista Scalabrini que indicou aos missionários, como modo eficaz, *uma linguagem compreensível e uma presença compreensiva*. Sabemos que na prática pastoral a irmã mscs fez-se migrante com os migrantes, adaptando-se às diferentes realidades, identificando-se com a população a ser evangelizada e participando das iniciativas e atividades pastorais da igreja local. Na ação missionária em São Paulo e no Rio do Sul

¹⁵⁹ SCALABRINI, Giovanni B. Relazione dell'Opera dei Missionari di San Carlo per gli Emigrati Italiani, 10-8-1900. In: Scritti, op. cit., v. 2, p. 182.

¹⁶⁰ ROSSA, Giancarlo. Donne religiose, op. cit., p. 190.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

entre 1907 e 1920, madre Assunta Marchetti e companheiras contribuíram para facilitar ao imigrante uma vida cristã-católica e favorecer-lhe gradativa integração, demonstrando que a mulher sempre sabe se fazer presente na história, apesar dos preconceitos ainda fortes na época.

Nas primeiras décadas do século XX a igreja católica começava a tomar efetiva posição diante da realidade migratória, mas deveriam transcorrer ainda outras décadas até se chegar a documentos como a constituição apostólica *Exsul Familia* de Pio XII, 1952, que tratava de normas relativas à assistência espiritual dos imigrantes e como o decreto *Christus Dominus* emanado do concílio Vaticano II e que, em seu artigo n. 18, recomendava às conferências episcopais uma especial solicitude para com o ser humano em situação de mobilidade. A *Christus Dominus* advertia as conferências nacionais quanto à importância de providenciar e favorecer o cuidado especial do migrante através de uma pastoral específica. A posição da igreja nesse campo seria reforçada com a instituição *De Pastoralis Migratorum Cura*, de 1969, que propunha a adoção de métodos pastorais apropriados, sem alimentar a formação de guetos e nem forçar uma inserção cultural-nacional. Com o *motu proprio 'Apostolicae Caritatis'*, de 19 de março de 1970, Paulo VI reorganizaria a pastoral das migrações, instituindo a Pontifícia Comissão de Migrações e de Turismo, anexa à congregação dos bispo. Os documentos acima relacionados tratam a questão da mobilidade humana como um problema eclesial, colocado *não em termos de missão, mas de pertença*¹⁶¹.

Pertencer à igreja de Jesus Cristo que é peregrina no tempo e não conhece estrangeiros significa ligar-se a um compromisso individual e coletivo com a essência da vida eclesial: a construção da unidade da família humana, chamada à comunhão universal. Foi essa a linha seguida por Scalabrini e por ele indicada a seus missionários. O Bispo de Piacenza antecipou-se, considerou os diferentes aspectos da migração e reconheceu a importância da cultura através da qual o migrante se exprime, facilitando seu crescimento na fé. O ser igreja requer da comunidade local que acolha com abertura e respeito o imigrante sem coagi-lo a renunciar ao seu patrimônio cultural. O imigrante por sua vez, deve se manter aberto aos valores culturais da sociedade de acolhida, sem absolutizar o inegável valor da cultura de origem.

Na história das migrações, em particular da italiana, houve instituições e alguns missionários que seguiram outra linha pastoral. A *Italica Gens*, com a qual a obra scalabriniana manteve mais profunda ligação, constituía uma associação ou federação que tinha como finalidade a assistência religiosa aos emigrados transoceânicos que buscavam uma vida digna nas Américas e na África e propunha-se dar aos mesmos inclusive uma assistência material. A Federação caracterizava-se por marcada tendência nacionalista. A primeira grande guerra enfraqueceu-lhe a ação em território americano. A partir do conflito mundial a *Italica Gens* passou a atuar no Oriente.

¹⁶¹ BEYER, Jean. *Fondamento ecclesiale della pastorale dell' emigrazione*. In: *Per una pastorale dei migranti*. Contributi in occasione Del 75º della morte di mons. G. B. Scalabrini. Roma, Direzione generale dei missionari scalabriniani, 1980. p. 130.

Sabe-se que nos primeiros tempos de presença scalabriniana no Brasil houve dificuldade no relacionamento de Scalabrini e de padres missionários de São Carlos com prelados e outros membros do clero brasileiro, em razão das diferentes visões pastorais de uns e de outros. Motivo de particular tensão foi o vínculo entre fé católica e *italianidade* que caracterizou o pensamento de Scalabrini, nem sempre entendido de modo correto, até por missionários e instituições italianas. Em sua maioria os scalabrinianos seguiram a orientação pastoral do Bispo Piacenza convictos de que preservar a cultura do imigrante significava facilitar-lhe o crescimento na fé católica, suporte de sua identidade. É importante lembrar ainda, que João Batista Scalabrini considerava a mobilidade humana um fato providencial, capaz de congregar os povos e favorecer o aperfeiçoamento da família humana.

Em São Paulo, a relação dos padres scalabrinianos com o bispo local mudou quando d. Duarte Leopoldo e Silva assumiu a diocese, sucedendo a d. José de Camargo Barros. Este Prelado muito contribuíra na implantação da obra scalabriniana no Paraná, onde foi bispo entre 1894 e 1904 e depois em São Paulo até 1906, ano de seu trágico falecimento. Enquanto d. José apoiava os missionários de São Carlos, preocupando-se com o bem espiritual dos imigrantes e com uma gradual integração dos mesmos em território brasileiro, d. Duarte defendia a cultura nacional e orientava para mais rápida integração dos emigrados. A posterior criação de novas dioceses no estado de São Paulo e a formação de núcleos fixos de ação pastoral junto aos migrantes italianos diminuiu as tensões e favoreceu a incorporação dos missionários scalabrinianos à igreja local.

Já no Rio Grande do Sul, estado onde a irmã mscs passou a atuar a partir de 1915, d. João Becker antes bispo de Florianópolis e entre 1912-1946 arcebispo de Porto Alegre, defendia a preservação dos caracteres culturais europeus em áreas de imigração. O vigário geral monsenhor Mariano da Rocha, porém, manifestava alguma resistência diante da orientação seguida por missionários de nações europeias como padre Enrico Poggi, pároco de Bento Gonçalves.

Foi graças a padre Poggi que Bento Gonçalves contou com a presença temporária de padres scalabrinianos e com a contribuição pastoral das irmãs mscs, ali presentes desde 1915. O dinâmico missionário foi também o fundador do jornal *Corriere d'Italia*, regido em idioma italiano. Dois motivos o levaram à fundação do periódico: oposição à maçonaria e reação contra outro jornal editado em Caxias, *Il Colono Italiano*, que por sua tendência pró-Áustria desgostava a muitos italianos. Este periódico, antes denominado *La Libertà*, fundado pelo pároco de Caxias padre Carmine Fasulo com outra orientação, por dificuldades financeiras fora vendido a padre Faustino que era cidadão austríaco. *Il Colono Italiano* contava com a colaboração dos padres capuchinhos que depois assumiram o jornal denominando-o mais tarde *Staffetta Riograndense*, hoje, *Correio Riograndense*.

Quanto ao *Corriere d'Italia*, entre 1915-1918, contou com a colaboração do scalabriniano padre Giovanni Costanzo, homem culto que atuou como agente consular em Encantado e que, em vista da saúde abalada, procurou em Bento Gonçalves melhores condições ambientais. Em 1918 padre Carlos

Porrini, outro scalabriniano, foi nomeado coadjutor de padre Poggi e com sua competente atuação elevou de modo considerável o número de assistentes do Corriere d'Italia. Padre Porrini organizou uma biblioteca ambulante e a Sociedade Cristóvão Colombo, voltada para a promoção dos colonos e seus descendentes. Os periódicos e demais iniciativa de cunho religioso e sócio-cultural contribuíram para o desenvolvimento dos núcleos de colonização italiana.

Nesse período a prática religiosa nas colônias italianas evoluía bastante. No início da colonização oculto realizava-se em casas particulares, oportunidade em que as famílias se reuniram para rezar o terço e o faziam diante de uma estampa ou imagem trazida da Itália pelos imigrantes ou por missionários de passagem. Logo depois foram construídos capitéis que se tornaram referência e locais de oração. O passo seguinte foi a construção de modestas capelas de madeira, iniciativas dos próprios moradores que organizavam comissões ou constituíam sociedades com essa e outras finalidades. As capelas situavam-se em diferentes linhas que congregavam os lotes coloniais. Pouco a pouco, junto às capelas de maior importância desenvolveram-se povoados, alguns dos quais viriam a ser florescentes vilas. A liderança religiosa no começo foi assumida por leigos, mas os imigrantes passaram a solicitar com insistência, inclusive ao Bispo de Piacenza, a presença permanente de sacerdote. Na medida do possível foram atendidos.

Durante e depois de sua visita ao Brasil realizada em 1904, conforme referimos, Scalabrini apresentou à igreja propostas para a solução de problemas decorrentes da mobilidade humana. Como primeiras, o Bispo indicou três alternativas: uma sábia organização das atividades pastorais, iniciativa que segundo ele devia partir da Sé Apostólica, autoridade universal capaz de abranger todas as nacionalidades; a presença de um sacerdote em cada núcleo colonial, com residência no centro urbano e condições de percorrer com periodicidade o inteiro território da colônia; uma escola onde os filhos dos imigrantes pudessem aprender a ler, escrever, adquirir noções de matemática e o domínio do idioma do país que é sua nova pátria, bem como o da pátria de origem, uma vez que tal laço cultural viria favorecer a preservação da fé. Para a escola Scalabrini propunha a contribuição de religiosas. Essa orientação pastoral do Bispo visava uma criteriosa integração do emigrado. Facilitada com a conservação de sua identidade religiosa. Como a obra de Scalabrini, outras instituições que se dedicaram à causa da mobilidade humana tiveram clara consciência da importância da escola no processo de integração do migrante.

A preocupação com a educação era unânime no âmbito eclesial brasileiro da época. Em áreas de colonização estrangeira a omissão do estado nesse campo levou os imigrantes, incentivados pela igreja local, a assumirem a educação dos próprios filhos e descendentes mediante a fundação de escolas paroquiais confessionais. A portaria de d. João Becker, arcebispo de Porto Alegre, que autorizou as irmãs missionárias de São Carlos a fundarem uma escola em Bento Gonçalves, registrava *aplausos e louvores ao zeloso vigário da freguesia* pelo empenho em *promover o ensino cristão* e recomendava à família da Vila a nova escola paroquial, com a certeza de que seus filhos

receberiam em seu aconchego *uma sólida educação e uma boa instrução, segundo as normas traçadas pela Santa Igreja*¹⁶².

Nos contextos de imigração alemã e italiana, mais expressivos nas regiões sul e sudeste do País, as escolas paroquiais significaram um ganho inestimável para a igreja e para a sociedade, pela formação que proporcionaram aos fiéis e pela consciência de cidadania que suscitaram junto às populações coloniais. Desta maneira, graças às escolas *o analfabetismo foi banido de mais de mil núcleos rurais, um fato das elites e não de colonos – agricultores – como eram a maioria dos imigrantes*¹⁶³.

A irmã mscs não foi uma presença de primeira hora junto aos migrantes, tendo iniciado sua missão na cidade de São Paulo no ano 1895, em um contexto de relativo progresso. No Rio Grande do Sul, alguns núcleos coloniais onde as irmãs se estabeleceram a partir de 1915, começavam a adquirir importância como vilas obreiras em crescente desenvolvimento. Tanto em São Paulo como no Rio Grande do Sul a irmã scalabriniana assumiu um papel relevante na educação de crianças e jovens, a maioria filhos e descendente de italianos. Em Bento Gonçalves nos primeiros tempos da escola paroquial, à pedido do cônsul da Itália, as aulas eram ministradas em idioma italiano, mas é significativo um registro no livro tomo da paróquia Santo Antônio onde consta que durante a segunda visita pastoral de d. João Becker à cidade, em outubro de 1918, o arcebispo foi saudado em português por três alunas do colégio São Carlos¹⁶⁴.

No orfanato Cristóvão Colombo de Vila Prudente, nessa época, as irmãs mscs desenvolviam um programa educativo em sintonia com as exigências do tempo e as condições das órfãs. No ano letivo de 1915 eram duzentas as alunas, *divididas em várias seções de acordo com a idade, o estudo e os diversos gêneros de ensino*. Desde as menores, todas executavam-se no canto, na ginástica, na declamação de poesias em idioma português e italiano e o faziam com espontaneidade e graça. Muitas delas aos cinco anos de idade sabiam ler corretamente. As maiores da primeira seção, além de ler, escrever, compor frases, *conheciam a nomenclatura elementar do corpo humano, as primeiras noções de geografia da América, da Europa, em especial do Brasil e da Itália*. Do mesmo modo, na segunda seção as meninas obtinham notável êxito no estudo das várias matérias como *o idioma italiano e português, a aritmética, geometria, cálculo superior, geografia, ciências físicas e naturais*. Muitas ainda exercitavam-se com sucesso no *desenho geométrico e no ornamental*. A necessidade, porém, exigia que fosse oportunizada às órfãs uma profissão e esta elas adquiriam, de modo progressivo desde pequenas, em outras seções do Orfanato, como se podia constatar na exposição anual de trabalhos, admirada por números visitantes. A mostra *era sempre tão bem*

¹⁶² BECKER, João. Porto alegre, Portaria de 25 de fevereiro de 1915 – Mons. D. Luiz Mariano da Rocha. Livro tomo, paróquia Santo Antônio, Bento Gonçalves.

¹⁶³ DEIFELT, Wanda. Educação teológica para mulheres: um passo decisivo rumo à cidadania eclesial. In: Gênero e Teologia, op. cit., p. 274.

¹⁶⁴ LIVRO TOMBO, paróquia Santo Antônio, Bento Gonçalves, v. 1 p. 7.

*sucedida que para alguns parecia impossível que as pobres pequenas órfãs tivessem sido capazes de produzir tais obras*¹⁶⁵.

Nesses anos o movimento feminista no Brasil reivindicava acesso ao ensino formal. Em alguns aspectos a irmã mscs antecipou-se ao estado e teve uma reconhecida participação no processo de mudança que caracterizou as primeiras décadas do século XX. Como outras religiosas, algumas irmãs mscs qualificaram-se no campo da educação, o que permitiu avanços e renovação no ensino, em especial a posterior abertura de cursos normais que formariam sucessivas gerações de professoras. Um soneto dedicado à primeira escola da congregação no Rio Grande do sul acena à particular contribuição da irmã mscs no processo de integração do imigrante italiano no Brasil.

Ó venerada casa, que domina

Do alto da rua toda uma cidade!

Tu és a santa, a imensa claridade

Que a alma nívea da mulher fascina.

Tu és de Deus a santa austeridade

Berçário de cultura que ilumina.

Tu és a luz do lar, a oficina

Onde nasce o amor, brilha a verdade.

Se tu que dás, teu ensinamento

Tem o frescor de vivido alimento,

Qual o milagre bíblico dos pães,

É que florescem sempre as esperanças:

Por teu portal amigo entram crianças,

*Saindo mestras e futuras mães*¹⁶⁶.

¹⁶⁵ CONSONI, Vittorina. L'Orfanatrofio Cristoforo Colombo in Villa Prudente. In: L'Emigrato Italiano in America, op. cit., p. 43-7.

¹⁶⁶ FORNARI, O. H. Colégio Medianeiro. Avante, órgão do Grêmio Estudantil Medianeira. Bento Gonçalves, Edição especial, comemorativo do jubileu de prata da Escola Normal Nossa Senhora Medianeira, 1966.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

PARTE 3 – 1920-1934

CRISE DE IDENTIDADE E INTERVENÇÃO DA SÉ
APOSTÓLICA NA CONGREGAÇÃO MSCS

CONSOLIDAÇÃO E DECRETO DE RECONHECIMENTO
DO INSTITUTO SCALABRINIANO FEMININO

Crise de identidade e intervenção

Da Sé Apostólica na congregação mscs

Consolidação e decreto de reconhecimento

do instituto scalabriniano feminino

Nas quatro primeiras décadas de sua história a congregação das irmãs missionárias de São Carlos, scalabrinianas, cresceu e consolidou-se no contexto sócio-ecclesial brasileiro, atuando em campo pastoral próprio que lhe foi indicado pela autoridade competente. Desde a fundação, a 25 de outubro de 1895, até o reconhecimento como instituto de direito pontifício por decreto de Pio XI, de 13 de janeiro de 1934, a congregação superou crises internas, teve uma relativa expansão missionária e atuou sobretudo junto a imigrantes italianos e seus descendentes estabelecidos no Brasil, nos estados de São Paulo e no Rio Grande do Sul.

Como as duas partes precedentes, a terceira parte deste volume é desenvolvida em três unidades, na primeira das quais prevalece a preocupação com o enquadramento da história da congregação mscs no contexto internacional da época, pela convicção de que *um projeto sócio-pastoral se torna claro na medida em que tem presentes o terreno, a paisagem, o ambiente no qual e para qual foi ideado*.¹⁶⁷

Na sua globalidade a resposta pastoral da irmã mscs nos primeiros 40 anos de missão no Brasil caracterizou-se pela inserção na igreja local; pela capacidade de adaptação diante dos desafios próprios de ambientes heterogêneos; pela superação de condicionamentos decorrentes da mentalidade da época, da práxis eclesial e dos limitados recursos humanos e econômico-culturais disponíveis; pela interação e busca de caminhos de entendimento com a realidade circundante; pela metodologia pastoral utilizada, de empenho em harmonizar mobilidade humana e identidade cultural do imigrante. Do período em estudo são questionadas algumas opções apostólicas das quais é importante conhecer os critérios que as determinaram.

Pode-se afirmar que, de maneira geral, a expansão e consolidação do instituto mscs resultaram da fidelidade ao projeto sócio-pastoral de João Batista Scalabrini; da tutela da intenção originária, expressa no texto das constituições aprovadas em 1914 que estabeleciam, além da “santificação pessoal” a procura, com ardor missionário, do bem do próximo através de obras de zelo e

¹⁶⁷ FRANCESCONI, Mario. Prefácio. In: SIGNOR, Lice. M. João Batista Scalabrini e a migração italiana: um projeto sócio-pastoral, op. cit., p. 8.

de caridade, considerando como sua *missão particular e principal prestar todos o apoio e secundar enquanto possível e conveniente, as obras de zelo empreendidas pela congregação dos sacerdotes de são Carlos, fundada por Scalabrini em 1887, com o fim de conservar a fé e a piedade nos emigrantes,*¹⁶⁸ do nível humano-espiritual e cultural de seu ministério junto aos imigrantes; da orientação da Sé Apostólica que interveio na vida do instituto scalabriniano feminino e facilitou-lhe a estabilidade e o reconhecimento pontifício. A congregação das irmãs missionárias de são Carlos Borromeo, scalabrinianas, deve acima de tudo à potencialidade do carisma a sua continuidade no tempo.

¹⁶⁸ CONSTITUIÇÕES das irmãs missionárias de são Carlos Borromeo. São Paulo, 1914. Capítulo I, p. 5-6.

3.1 Aspectos da conjuntura

internacional no período de

consolidação e reconhecimento

pontifício da congregação mscs

3.1.1 O mundo entre duas guerras

Dois momentos históricos foram responsáveis pelas transformações ocorridas na vida social, política, econômica e cultural de inúmeras nações no período compreendido entre 1920 e 1934: a primeira grande guerra e a crise de 1929. O mundo viveu entre duas guerras mundiais um tempo caótico na esfera política e econômica, o que afetou de maneira profunda a sociedade humana. Nesse período, ideais foram ameaçados, negou-se a possibilidade da democracia sobreviver, justificaram-se formas de totalitarismo, propagaram-se presságios sinistros, inúmeras instituições sucumbiram. Fruto de uma década de inconsistente prosperidade, em outubro de 1929, abateu-se uma catástrofe econômica sobre os Estados Unidos e outros países, levando o mundo à *grande depressão* que, de muitos modos, contribuiria para deflagrar a segunda grande guerra de 1939-1945. Em meio à anarquia internacional a ciência avançou em seu caminho revolucionário, a literatura e as artes floresceram marcadas pelo pessimismo, enquanto alguns sinais de um tempo melhor, sustentaram a humanidade abalada. Também no interno da congregação mscs ocorreu na década de 1920 uma série crise de identidade, superada a qual o instituto obteve em 1934 o decreto de reconhecimento pontifício que confirmava a esperança manifestada por madre Assunta Marchetti às irmãs em circular de setembro de 1917.

A situação de instabilidade que afetou a economia mundial no período entre as duas grandes guerras foi marcada por longos anos de inflação e por uma profunda crise na produção agrícola e industrial e no comércio internacional. A realidade européia em particular caracterizou-se pelo desemprego em massa; pelo êxodo do interior aos grandes centros urbanos; pelas migrações continental e internacional; pela luta por melhores salários, menos horas de trabalho e maiores garantias contra riscos de vida; pelo fortalecimento do poder dos sindicatos e crescente importância dada aos seus líderes; pela ligação política das reivindicações dos trabalhadores; pelo novo conceito conquistado pelas mulheres; pelo número crescente dos divórcios; pelo interesse na psicanálise; pelas falsas teorias relativas à suposta superioridade da raça branca; pelo enfraquecimento de convicções religiosas. Alguns entre esses aspectos eram indícios de uma crise de dimensões mundiais que explodiria em outubro de 1929 com a quebra da bolsa de valores de New York.

Os Estados Unidos, país que mais se beneficiou com a guerra de 1914-1918, começara a ascender como potência mundial na segunda metade do século XIX, quando iniciou seu processo de expansão econômico e militar sobre a América Latina. Ao terminar a primeira grande guerra os Estados Unidos eram, entre todas as nações, a mais rica e poderosa. Enquanto os países da Europa se *digladiavam nos campos de batalhas, a grande república americana se apossava de seus mercados, penetrava-lhes nos campos de investimento expandia enormemente a sua indústria e agricultura. Assim que, devendo antes da guerra, cerca de três bilhões de dólares aos países europeus, era agora credora dos mesmos numa importância aproximada de onze bilhões. Entre 1922 e 1919 os Estados Unidos gozaram sete anos de mais fartos que já se registraram na história de qualquer nação. O padrão de vida de seu povo era o mais alto do mundo. Sempre no dizer de Burns, apesar da abundância o País tinha boa parte de seus alicerces na areia*¹⁶⁹.

No pós-guerra os Estados Unidos adotaram uma política isolacionista em relação à Europa. A conseqüente redução de empréstimos norte-americanos aos países do velho continente diminuiu seu poder de compra. Através de tarifas elevadas e controle do câmbio, o nacionalismo econômico impediu-lhes a recuperação do comércio e a manutenção dos mercados tradicionais. A Inglaterra, e a Europa em geral, decadente, individualizada e dependente de capital estrangeiro cedeu espaço à hegemonia norte-americana. Ao mesmo tempo em que antigos impérios desapareceram novas potências surgiram. Além dos Estados Unidos, o Japão, que se voltou para a Austrália, a Índia e a América Latina.

Os Estados Unidos passaram a abastecer os países europeus de alimentos, de matéria-prima e de produtos manufaturados, ampliaram sua área de influência sobre o continente asiático e asseguraram o domínio sobre a América Latina. O capital excedente, fruto desses anos de fartura, foi canalizado para nações europeias. Com tais empréstimos, que eram capitais particulares, países da Europa reativaram suas indústrias e chegaram a uma significativa recuperação individual. Em 1927 a produção europeia superava suas próprias cifras anteriores à guerra de 1914-1918, reconquistando mercado, enquanto a produção norte-americana, embora mantendo-se dinâmica, perdia espaço e revelava a inconsistência do modelo adotado.

Essa fragilidade econômica era resultado, entre outros fatores, de uma prosperidade mal distribuída; de lucros que a cobiça de milionários fez crescer em proporção bem maior do que a renda dos trabalhadores; do desordenado crescimento industrial que levou a super produção e saturação do mercado; da crise do setor agrícola no qual a mecanização aumentou a produção, mas provocou a queda dos preços; da omissão do governo que não facilitou o

¹⁶⁹ BURNS, Edward. História da civilização ocidental, op. cit., p. 904-5.

escoamento da superprodução; do conseqüente individamento de muitos fazendeiros que hipotecaram suas terras e depois as perderam para os bancos, em boa parte responsáveis pela crise; da exagerada expansão do crédito bancário; da especulação desenfreada; das desiguais condições de comércio; da simultaneidade da crise nos setores industrial, agrícola e comercial; do rígido protecionismo e da política tarifária do governo que quase anulou o comércio internacional.

A *grande depressão* iniciada a 29 de outubro de 1919 com a queda da bolsa de New York, que desfez fortunas, deixou Wall Street em pânico e o País perplexo, atingiu de maneira direta ou indireta o mundo capitalista, afetando quase toda a Europa, a América Latina e o Japão, que em fins do século XIX passaram do feudalismo ao capitalismo. A crise causou uma inflação incontrolada, falências e desemprego em massa, greves e insatisfação generalizada. Diante a situação do País o governo norte-americano adotou uma política reformista em base ao *New Deal*, novo acordo, que pôs fim ao liberalismo econômico dos republicanos e se propôs reorganizar a economia e a vida nacional, a começar pelo controle dos excessos do capitalismo.

O *New Deal* marcou, nos Estados Unidos, a passagem do capitalismo liberal para o capitalismo monopolista estatal e para um novo modelo de sociedade. O plano de recuperação econômico-social de Franklin Delano Roosevelt, eleito três vezes presidente pelo partido democrático, 1933-1945, atingiu em boa parte seus objetivos. O capitalismo monopolista expandiu-se e na economia mundial ocorreu a passagem da hegemonia da libra esterlina para a hegemonia do dólar America.

Na França e na Inglaterra as democracias liberais enfrentavam os desafios impostos pelo capitalismo monopolista que se consolidou através da concentração econômica, da racionalização da economia e da produção em série, medidas que por sua vez levaram à formação de trustes, consórcios e complexos industriais internacionalizados. Para fazer frente à intensificação do nacionalismo econômico a Liga das Nações, desacreditada, chegou a convocar a *conferência econômica mundial*, realizada em Londres em meados de 1933, mas a iniciativa não teve o êxito esperado.

A primeira guerra mundial provocou o enfraquecimento das instituições democráticas, gerando condições propícias à propagação e consolidação da revolução socialista russa e à organização de regimes totalitários que se instalavam e se afirmavam na Itália, Alemanha, Espanha e Portugal. A redução do comércio internacional, o expansionismo militar e o profundo antagonismo entre as nações tornariam inevitável a segunda guerra mundial de 1939-1945.

Na política externa, no decorrer da década de 30, os Estados Unidos assumiram o papel de *bons vizinhos não apenas em relação à América Latina*, mas com os demais países, tendo presente os interesses da nação em sua

crítica situação interna e o contexto internacional necessitado de uma postura capaz de se opor às intenções bélicas que já ameaçavam a paz mundial. A *política de boa vizinhança*, lançada pelo presidente Roosevelt, representou uma radical alteração nas relações de seu País com o mundo.

As manifestações culturais no período entre as duas grandes guerras, por sua vez, refletiram a tendência político-econômica da época. À parte o desenvolvimento das ciências, em particular da física que chegou a descobertas revolucionárias, da biologia que assinalou extraordinários avanços e da nova era de conquistas no campo da medicina, alguns ideólogos propagaram o irracionalismo e contribuíram para debilitar a democracia e justificar a afirmação de regimes totalitários. A filosofia, as artes e a literatura, apesar da originalidade, caracterizaram-se pelo cunho, pessimista da maioria das produções, tornando-se em parte responsáveis pela desorientação e pelas ameaças aos ideais mais nobres da família humana.

3.1.2 Pontificado de Pio XI

A primeira grande guerra provocou mudanças na história universal e na vida da igreja. Terminada a guerra o papa Bento XV, que procurara de tantos modos orientar os povos para os ideais cristãos de paz e fraternidade, empenhou-se com renovada energia, agora para abrandar os males causados pelo conflito mundial e contribuir para uma reconciliação duradoura. Tais esforços, como vimos, reconhecidos por muitas nações, fortaleceram o papado. Ao sucessor de Bento XV, o papa Pio XI, foi confiado o governo da igreja católica na quase totalidade do período entre as duas grandes guerras: 1922-1939. O novo Pontífice norteou-se por uma programação continuada dos propósitos de seus antecessores e que resumiu na significativa frase: *Pax Christi in regno Christi*, contida em sua primeira encíclica, *Ubi arcano*, de 23 de dezembro de 1922. Durante o seu pontificado, de inúmeras e grandes realizações, graças à intervenção da Sé Apostólica, a congregação mscs superou séria crises de identidade e foi reconhecida como instituto de direito pontifício.

Pio XI nasceu no ano de 1857 próximo a Monza, na Itália. Foi prefeito da biblioteca Ambrosiana de Milão e da biblioteca Vaticana, visitador e núncio na Polônia no imediato pós-guerra, sendo depois nomeado arcebispo e cardeal de Milão. Como papa, Pio XI distinguiu-se por edificante confiança em Deus, notada sabedoria, tenacidade e otimismo, dando ampla visibilidade à missão da igreja no mundo.

As realizações de seu pontificado que se estendeu por dezessete anos incluem a proclamação de anos jubileares em 1925, 1929, 1933; a introdução da festa de Cristo Rei; a consagração da inteira família humana ao divino Coração

de Jesus; a criação da Ação Católica; a canonização de inúmeros santos, entre eles Teresa do menino Jesus, J. B. Vianney, dom Bosco, Bernardete Soubirous; a criação de novos arcebispados, bispados, prefeituras e vicariatos apostólicos; o incremento das missões; o fortalecimento da unidade com as igrejas do oriente; a fundação da pontifícia academia de ciências; a abertura de numerosos colégios; o incentivo à fundação de universidades católicas; a reordenação dos estudos acadêmicos de filosofia e teologia, conforme a constituição *Deus scientiarum Dominus* de 24 de maio de 1931, que visava maior uniformidade de programas e métodos de ensino nesse campo em todo o mundo católico.

O papa Pio XI, estudioso de história e de outras ciências, no quadragésimo aniversário da *Rerum Novarum* de Leão XIII explicitou através de nova encíclica, a *Quadragesimo anno* de 15 de maio de 1931, os conceitos para uma reta ordem social. Além desta encíclica em que criticava o socialismo, Pio XI deixou à igreja outras nas quais estabelecia limites ao fascismo e ao comunismo e condenava o nazismo. Na *Divini illius magistri*, de 1929 e na *Casti connubii*, de 1930 o Pontífice opunha-se aos erros modernos e reivindicava a tutela da educação e do matrimônio.

Durante o pontificado de Pio XI a Sé Apostólica firmou com alguns países oportunos acordos que contribuíram para que fosse trazido em prática o código de direito canônico de 1917. Nesse campo o papa contou com a competência de seu secretário de estado, o cardeal Gasparri e do sucessor deste, Eugênio Pacelli. Pio XI, que tinha consciência da fragilidade da paz mundial, exortou os povos a evitarem novas ações bélicas e incentivou a reconstrução da Europa danificada em todos os sentidos, pela guerra de 1914-1918.

Fato político-eclesiástico da maior importância ocorrido no pontificado de Pio XI diz respeito à questão romana, cuja solução foi facilitada pelo fascismo, regime que pôs em prática a teoria do estado absoluta de Hegel. Através de Benedito Mussolini o fascismo apossou-se do poder na Itália, opondo-se à democracia, ao liberalismo e à maçonaria, mantendo em geral relações pacíficas com a igreja católica. O regime fascista restaurou o ensino religioso obrigatório nas escolas, isentou os eclesiásticos do serviço militar, restituiu igrejas e conventos confiscados, reconheceu as festas católicas, nomeou capelães militares, possibilitou a reposição de crucifixos em escolas, hospitais e tribunais.

O Pacto Lateranense de 11 de fevereiro de 1929 constou de duas partes: o trabalho e a *concordata*. O tratado restaurou a soberania do papado sobre o novo estado da cidade do Vaticano e resolveu a questão romana mediante o reconhecimento do estado italiano, tendo a cidade de Roma como capital. Em seus 27 artigos o tratado, entre outros aspectos, regula a criação

do novo estado da cidade do Vaticano e sua *natureza essencialmente neutra a extraterritorialidade e imunidade dos imóveis pertencentes à Sé Apostólica*; sanciona a inviolabilidade do papa e trata das prerrogativas jurídicas de órgãos e de pessoas ligadas à direção da igreja católica; reafirma antigo princípio que considera a religião católica como a única religião do estado italiano, reconhece a sabedoria da Sé Apostólica no campo internacional. A *concordata* contém 45 artigos e *regula as condições jurídicas da religião e da igreja católica na Itália*¹⁷⁰.

O estado do Vaticano foi *criado sobre o fundamento teológico e histórico da absoluta independência necessária do papa para o exercício do seu ministério supremo e universal*. A missão religiosa-pastoral do papado manteve-se prioritária em relação à esfera política ou a outros interesses. Dez anos depois da assinatura do Pacto Lateranense, a 10 de fevereiro de 1939, Pio XI viria a falecer. A adoção, pelo fascismo, da teoria nacional-socialista relativa à supremacia da raça branca, incompatível com a doutrina cristã, tornaria penosos os últimos meses de vida do Pontífice a quem a congregação mscs deve o reconhecimento como instituto de direito pontifício¹⁷¹.

Especial significado histórico teria outra realização de Pio XI, já citada, sugerida pelo papa em sua primeira encíclica de dezembro 1922: a criação da Ação Católica que desenvolveu primeiro na Itália populista-fascista de Benedito Mussolini e propagou-se com rapidez pelo mundo todo. Para Enrique Dussel a Ação Católica, com sua admirável organização, foi *o grande fenômeno religioso da nova cristandade*, entendida esta como um novo modelo de igreja, característico da história eclesial da América Latina entre 1930-1962, época identificada como dos *populismos latino-americano*. À *nova cristandade*, além de numerosos centros cristãos, ligaram-se as pontifícias universidades católicas fundadas a partir de 1937 em Bogotá e Medellín na Colômbia; Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Campinas no Brasil; Córdoba e Buenos Aires na Argentina; Valparaíso no Chile.

A seu tempo os estados populistas como o Brasil de Getúlio Vargas e mais tarde a Argentina de Perón permitiram à igreja *conquistar novamente as ruas e as praças das cidades, promover congressos eucarísticos, ensinar religião católica nas escolas públicas – que estava proibido desde 1880 – e influenciar em todos os setores da sociedade*¹⁷².

A igreja, por sua vez, apoiava mobilidade de leigos na Ação Católica. No Brasil, d. Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, cardeal em 1930, foi uma figura influente no âmbito sócio-religioso do país, que nesse período

¹⁷⁰ BIHLMEYER, Karl & TUECHLE, Hermann. História da igreja, op. cit., p. 614.

¹⁷¹ Ibid., p. 616.

¹⁷² DUSSEL, Enrique. *A história da igreja na América Latina*. In: *História da igreja*. Porto Alegre, Instituto de Pastoral de Juventude, 1984. p. 43.

passou a adotar o modelo da Ação Católica italiana. Instrumento eclesial católico, que orientava os eleitos, recomendando-lhes os candidatos comprometidos com os interesses da igreja. Na época, setores eclesiais contribuíram para reforçar o integralismo, opondo-se ao socialismo.

Mérito particular da Ação Católica foi a renovação intelectual, inspirada em boa parte na neo-escolástica de Jacques Maritain e seus discípulos. Maritain e seguidores retornaram à escolástica de santo Tomás de Aquino em base à qual buscaram desenvolver uma cultura cristã capaz de salvar o mundo. Inúmeros pensadores contemporâneos, inclusive na América Latina, foram atraídos pela neo-escolástica que exaltava a razão e, segundo eles, abria à plenitude de vida. No Brasil seguiram essa linha de pensamento, entre outros, Jackson de Figueiredo e mais tarde Alceu Amoroso Lima.

3.1.3 Brasil, transformações no período 1920-1934

Os anos que se seguiram à primeira grande guerra foram de transformações, algumas profundas e outras menos, em todos os continentes. Na América Latina, de modo geral, as estruturas econômicas não foram abaladas por ocasião do conflito mundial, mas, desde o início do século XX sucessivos movimentos revolucionários ali ocorridos indicavam um crescente descontentamento das populações locais diante da situação econômica-social herdada do período colonial. Apesar das revoluções e dos reflexos da guerra 1914-1918 as economias das nações latino-americanas permaneciam agrárias, mantendo-se a propriedade latifundiária que dificultava a sobrevivência de pequenos e médios produtores rurais. Aos fatores estruturais somaram-se novas preocupações de caráter conjuntural, sobretudo a política intervencionista dos Estados Unidos que, para proteger seus interesses, opunha-se a toda manifestação revolucionária, exercendo uma efetiva dominação no decorrer da década de 1920. A *grande depressão*, como vimos, levou depois a nação norte-americana a adotar a *política da boa vizinhança* em suas relações com os países latino-americanos e com as demais nações do mundo. O ano 1934 assinala tanto a revolução dos direitos especiais dos Estados Unidos em Cuba e a retirada dos fuzileiros do Haiti, como a morte de Augusto César Sandino, símbolo da resistência do povo da Nicarágua contra as agressões da república norte-americana. Dentro desse quadro conjuntural latino-americano o enfoque dentem-se no contexto brasileiro de 1920-1934, caracterizado pelo início de um processo de mudanças e onde no mesmo período a congregação mscs, reorganizada, foi recolhida como instituto religioso de direito pontifício.

A primeira guerra mundial possibilitara a alguns países latino-americanos relativo desenvolvimento industrial e a conseqüente formação de um proletariado que passou a reivindicar condições adequadas de trabalho e

melhor qualidade de vida. A propagação de ideias marxista favoreceu a fundação de partidos comunistas na Argentina, México, Brasil, Uruguai, Chile e Peru. O partido comunista Brasileiro foi fundado no ano de 1922.

A década de 1920 proporcionou ao Brasil melhores condições de mudança em alguns setores da vida nacional, porém, a classe dominante continuou a ser a aristocracia agrário-exportadora e, dada a predominância da atividade cafeeira, aquela ligada à cafeicultura. A resistência contra a opressão do latifundiário, a reação às condições degradantes da classe operária e a insatisfação da classe média traduziram-se em revoltas, greves e novas formas de organização como o BOC, bloco operário-camponês, que surgiu no final da década.

A população rural brasileira ainda vivia como no início do século, na miséria e no abandono, vítima de doenças, do analfabetismo, do paternalismo dos latifundiários submissos ao poder das oligarquias que se apoiavam nos coronéis os quais, quase sempre, eram influentes fazendeiros. A classe operária reclamava, com razão, dos péssimos ambientes e das longas jornadas de trabalho, dos baixos salários e da falta de organização sindical. A classe média urbana, constituída de profissionais liberais, comerciantes, pequenos industriais, funcionários públicos, elementos do clero e oficiais militares, entre outros, reivindicava uma ativa participação no processo político brasileiro. Nesse contexto, da crescente urbanização, o Brasil era um país rural e refletia as contradições originadas do predomínio da oligarquia cafeeira na vida política nacional. A população brasileira somava em 1930 cerca de 38 milhões de habitantes.

Na época dois elementos fundamentais caracterizam a situação econômica do Brasil: o predomínio da atividade cafeeira subordinada aos interesses da economia capitalista mundial e a crescente industrialização do país. Quanto à economia cafeeira, a crise de 1929 afetou-a de modo particular, criando um problema aos cafeicultores bem mais grave que os das anteriores crises de superprodução. A situação mundial retraiu os mercados consumidores, dificultando o escoamento da safra de 1929, o que abalou em profundidade a economia nacional e provocou o fim da primeira república, ou *república velha*, 1889-1930. Por sua vez o crescimento industrial, ocorrido em toda a América Latina, foi reflexo da primeira grande guerra e da crise de 1929.

No Brasil a crise do café desviou capitais do setor agrário para o novo setor industrial. O processo de industrialização acentuou-se nesse período no sudeste do País, região dos cafezais. O fato da crise ter atingido todo o mundo capitalista favoreceu a aquisição de máquinas de segunda mão vendidas a baixos preços pelos proprietários de indústrias falidas em maiores centros industriais de então. Nos primeiros anos a industrialização no Brasil visava a substituição de importações de bens de consumo, sobretudo tecidos e

alimentos. No decorrer da década de 1930 a produção industrial brasileira, mais diversificada, passou a conquistar importância maior. Ainda que de modo lento, o País mudava com a urbanização e a industrialização.

As estruturas sócio-econômicas do Brasil, conforme vimos acima, não haviam sido alteradas quando o país passou a adotar o regime republicano em fins do século XIX, como resultado da articulação de setores agrários com os altos oficiais do exército nacional. Proclamada a república, o federalismo institucionalizou a hegemonia política das oligarquias que se mantinham no poder, manipulando o processo eleitoral. Dada a fragilidade do poder executivo, decorrência do federalismo imposto ao País pela constituição de 1891, a política estadual continuou controlada pelas oligarquias que contavam com o apoio dos coronéis, quase sempre fazendeiros ricos e de grande influência. Até 1930 conservou-se no Brasil essa estrutura de poder conhecida como *política café com leite*, em razão do predomínio de dois estados da federação, São Paulo e Minas Gerais.

Em 1922 e 1924 essa situação foi contestada de maneira efetiva no âmbito das forças armadas. Nesses anos ocorreram as chamadas *revoltas tenentistas* que envolveram um grupo de jovens oficiais, entre eles Eduardo Gomes, Luís Carlos Prestes e Siqueira Campos, reformistas, inconformados com o quadro de corrupção existente no Brasil. O movimento tenentista, que se tornou porta-voz também das reivindicações da classe média, tinha por objetivo romper com o corrupto sistema político brasileiro.

No campo cultura o movimento modernista, a seu modo, também reagiu contra padrões obsoletos e contra a invasão cultural estrangeira, propondo maior valorização da cultura brasileira. Marco da reação modernista foi a semana de arte moderna realizada na cidade de São Paulo de 11 a 18 de fevereiro de 1922. Na programação da histórica semana constaram conferências sobre arte, exposições de pintura e de escultura, recitais de poesia e festivais de música. Essas manifestações precederam a revolução de 1930, ano em que se formou a Aliança Liberal como tentativa de modernizar as instituições nacionais, também mediante maior participação popular nas eleições.

Na campanha de sucessão do presidente Washington Luís foi lançada a candidatura de Getúlio Vargas contra a de Júlio Prestes. Este venceu as eleições, mas a revolução de 1930 entregou a Getúlio Vargas a presidência da república. Ao governo provisório, 1930-1934, seguir-se-á o governo constitucional, 1934-1937. O período de 1937-1945 constituirá o chamado "estado novo". O caráter populista da era Vargas, 1930-1945, incluirá a manipulação das massas e, ao mesmo tempo, a realização de antigas aspirações das mesmas. Tudo teve seu preço.

Em 1932 ocorreu a revolta constitucionalista de São Paulo. Algumas irmãs mscs que viveram esse momento o lembravam depois com justificada emoção. Em 1933 a assembleia nacional constituinte elaborou a constituição liberal, promulgada em 1934, que previa o pluralismo partidário e admitia a intervenção do estado na economia. Apoiada nas massas populares urbanas a revolução liberal desenvolveu uma política populista de cunho autoritário; anistiou revolucionários de 1922 e 1930; criou o ministério do trabalho, indústria e comércio; fixou o salário mínimo aos trabalhadores; decretou leis sobre aposentadoria, jornada de trabalho, estabilidade no emprego, férias remuneradas e assistência médica; inovou a vida sindical. Essas mudanças foram preparadas pelos acontecimentos que as precederam. O período 1920-1934, visto no seu todo, foi um tempo de profundas transformações nos diferentes setores da vida brasileira.

3.1.4 Mobilidade humana no pós-guerra

A importância da mobilidade humana em cada época da história universal, a identificação das principais correntes migratórias do período 1920-1934, a essencialidade da matéria na vida-missão do instituto scalabriniano feminino são motivos desta nova abordagem do fenômeno migratório.

O texto recolhe alguns elementos relativos às migrações no período em estudo, tais como, a internacionalidade do fato; a heterogeneidade ou homogeneidade dos dados; as mudanças nas políticas adotada por alguns países, favorável ou não à imigração; a realidade brasileira no campo migratório. Mesmo que parcial, fragmentado e descontínuo, o quadro permite avaliar aspectos das opções pastorais da congregação mscs no pós-guerra.

Na primeira década do século o intenso movimento migratório transoceânico atingiu cifras máximas. Os dados passaram a preocupar países de imigração, até por influência de teorias racistas que então se propagavam na Europa e no mundo. Temores e cautela resultaram em mudanças na política adotada por alguns governos nesse campo. Países antes abertos à entrada de estrangeiros, depois da primeira grande guerra emanaram mais rígida legislação a respeito. Nos Estados Unidos a partir de 1921 foi estabelecido um sistema de cotas através do qual fixava-se o número de imigrantes e sua composição por nacionalidade. A nova política excluía ou limitava a entrada de imigrantes provenientes da Ásia e da África, bem como de países da Europa meridional e oriental.

Na América Latina a *quase totalidade das constituições concedia equiparação entre nacionais e estrangeiros*. No ano de 1928, em Havana, foram votados e aceitos pela maioria dos países americanos dois textos: a *convenção sobre a condição jurídica do estrangeiro e o código de direito*

internacional privado – código Bustamente. O primeiro documento, no artigo 5º estabelece:

Os estados devem conceder aos estrangeiros domiciliados ou de passagem em seu território todas as garantias individuais que concedem aos próprios nacionais e o gozo dos direitos civis essenciais, sem prejuízo, no que concerne aos estrangeiros, das prescrições legais relativas à extensão e modalidades do exercício dos ditos direitos e garantias.

O segundo documento, em seu artigo 1º determina: *Os estrangeiros pertençam a qualquer dos estados contratantes gozam no território dos demais, dos mesmos direitos civis que se concedem aos nacionais*¹⁷³.

É importante destacar que a tutela jurídica então garantida na América Latina ao estrangeiro comprova a existência de políticas migratórias. Por outro lado, faltava às ,mesma um *conjunto harmônico de normas, sendo que estas se criaram ao sabor dos acontecimentos dentro de uma concepção liberal* ou, como afirmou Fernando Basto Avila, à maneira do *laisser-faire*. Em outras palavras, na América Latina *abrem-se as portas sem dirigir correntes, recebem-se imigrantes sem preocupar-se com suas características*¹⁷⁴.

No Brasil, dois decretos datados de 13 de agosto e 22 de outubro de 1929 promulgaram, respectivamente, o *código de direito internacional privado e a convenção sobre a condição jurídica do estrangeiro*. Antes, um decreto de 11 de fevereiro de 1928 tornara obrigatório o uso de passaporte para entrada e saída de estrangeiros. Já o código civil brasileiro promulgado no ano 1916 afirmava em seu artigo 3º: a lei não distingue entre nacionais e estrangeiros quanto à aquisição e ao gozo dos direitos civis. Na década de 1930 o País continuou a assegurar igualdade de tratamento a nacionais e estrangeiros. A constituição 1934 chegou a estabelecer percentuais de imigração, tendo como referência os últimos cinquenta anos. Na prática, porém, não houve alterações. A limitação tinha motivação racista e *não passou de uma vitória no papel em favor daqueles que queriam afastar o elemento asiático...*¹⁷⁵

A política restritiva adotada de modo efetivo pelos Estados Unidos a partir da primeira década do século XX orientou as correntes migratórias internacionais para países da América do Sul e Central e para a Austrália, mais abertos à entrada de estrangeiros. Assim que, o fluxo de europeus para os Estados Unidos na primeira metade do século passado, embora equivalente do ponto de vista quantitativo àquele da segunda metade do século XIX, em razão das duas guerras mundiais e pela política limitativa do país, foi diverso em sua composição: mais de 7 milhões era da Europa centro-oriental; cerca de 5

¹⁷³ ATTI DEL CONGRESSO EURO-BRASILIANO SULLE MIGRAZIONI. São Paulo, 19-21 agosto 1985. A cura di Gianfausto Rosili. Roma, Centro Studi Emigrazione, 1987. p. 102-3.

¹⁷⁴ Ibid., p. 95.

¹⁷⁵ Ibid., p. 95-106.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

milhões, da Europa norte-ocidental; 4 milhões e 500 mil, da Europa meridional, sendo 3 milhões e 700 mil os italianos. Ainda em território da América do Norte o Canadá, que entre 1911 e 1915 acolheu um 1 milhão e 600 mil estrangeiros, receberá em toda a primeira metade do século XX 4 milhões e 500 mil imigrantes.¹⁷⁶

A imigração na Austrália e Nova Zelândia, ainda que lenta em relação a outros países, registrou cifras mais elevadas entre 1921-1925, recebendo em média 50 mil imigrantes por ano. Na segunda metade de século XIX a imigração nesses dois países fora muito homogênea, ocorrendo ali a entrada quase exclusiva de imigrantes britânicos. Em anos mais recentes, Austrália e Nova Zelândia receberam imigrantes também de outras nacionalidades.

Na América do Sul a Argentina e o Brasil, países de mais intensa imigração, acolheram cerca de 5 milhões de europeus entre 1900-1950, um terço dos quais, italianos. Até a primeira grande guerra os dois países foram a meta preferida dos imigrantes vênnetos. No entre guerras, ante que o fascismo decretasse o fechamento das fronteiras nacionais, a emigração de italianos para a Argentina teve uma breve retomada. Quando nesse País a perspectiva era de crise econômica, a alternativa passava a ser o Brasil. As duas repúblicas sul-americanas dividiam, então, as preferências dos imigrantes de procedência italiana, em particular dos vênnetos. Entre 1916 e 1925 a Argentina recebeu 421 625 italianos enquanto, nesse mesmo decênio, entraram no Brasil apenas 66 988 imigrantes de nacionalidade italiana.

Outro aspecto a considerar na história da imigração italiana é o da multiplicação de instituições associativas nas cidades ou núcleos coloniais onde os imigrantes se estabeleciam. No Brasil a dispersão própria do interior paulista e o isolamento no sul do país, entre outros fatores, favoreceram o surgimento de associações, a maioria beneficentes e de mútuo socorro. Essas iniciativas foram bem mais numerosas nos Estados Unidos e na Argentina. Para se ter uma ideia, no ano de 1923 as associações italianas somavam 182 no Brasil, 412 na Argentina e 3 014 nos Estados Unidos¹⁷⁷.

Ainda sobre o movimento migratório no Brasil, à exceção dos japoneses, a contribuição de outras nacionalidades foi menor nas décadas de 1920 e 1930. Entre as causas da progressiva redução de fluxos migratórios estão a guerra de 1914-1918 que diminui a pressão populacional na Europa e o desinteresse do agricultor europeu pelo trabalho nos cafezais. Terminado o conflito mundial houve uma retomada, mas o fluxo migratório no País manteria depois sensível queda. No decênio 1920-1929 entraram no Brasil 846 522 estrangeiros, quase o equivalente ao período 1910-1919 quando o país

¹⁷⁶ TASSELLO, Graziano G. *Lessico Migratorio*, op. cit., p. 110-1.

¹⁷⁷ TRENTO, Angelo. *Là è La raccolta Del caffè: L'emigrazione italiana in Brasil, 1875-1940*. Università di Macerata – Pubblicazioni della Facoltà di Lettere e Filosofia. Padova, Antenore. 1984. p. 265-3.

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

recebeu 821 458 imigrantes. No decênio 1930-1939 as entradas no Brasil somariam 333 701 novos estrangeiros.

Nessa época a população brasileira aumentava e pouco a pouco as migrações internas superavam as cifras da imigração estrangeiras. Antes de 1930 predominou no Brasil o movimento migratório. Mais numerosos foram os fluxos provenientes da Itália, Espanha, Alemanha, Polônia, Portugal, Holanda. Para o Brasil, incalculável foi a contribuição dos imigrantes, dessas e demais nacionalidades, na agricultura, na indústria, no comércio, na cultura, no aspecto religioso-pastoral, sendo elevado o índice de integração sócio-cultural alcançado por eles no país.

O ano de 1930 é considerado um marco na história da mobilidade humana no Brasil. A partir de então passaram a predominar as migrações internas e com elas avançou o processo de urbanização e industrialização do País. Em 1920 apenas 10% da população brasileira vivia em área urbanas. Ao crescimento urbano e industrial somou-se um considerável aumento da classe operária.

Logo, o Brasil deixaria de ser um *território vazio*, passando a ser visto

com um mosaico regional, com espaços vazios que demandam e podem absorver população e espaços cheios, regiões que necessitam, inclusive para assegurar seu desenvolvimento, apoiar a evasão de população já em curso. Como gestão regional de excedentes populacionais – mal – localizados, as migrações são antes uma solução que um problema.

As afirmações são de Carlos B. Vainer que conclui:

A antiga hospedaria dos imigrantes de São Paulo, no Glicério, continua de pé, cumprindo seu papel de plataforma de redistribuição de forças de trabalho, só que em seus velhos cômodos, não ecoam mais os sotaques de italianos e espanhóis, mas de mineiros e nordestinos¹⁷⁸.

Nesse contexto é relevante averiguar a contribuição sócio-pastoral da congregação mscs que na época via crescer o número de seus membros e avaliar suas opções apostólicas em um País marcado por mudanças profundas, sobretudo no campo social.

¹⁷⁸ VAINER, Carlos. B. *Migrações e políticas migratórias*. Uma proposta para a discussão sobre políticas públicas em migrações internas. Instituto de pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IPPUR / UFRJ. Rio de Janeiro, 1991. p. 46.

3.2 Crise de identidade

e intervenção da Sé Apostólica

no instituto scalabriniano feminino

3.2.1 Sexênio de madre Antonieta Fontana, 1918-1924

As oportunas iniciativas jurídico-pastorais que marcaram o sexênio 1912-1918 haviam aberto caminhos e indicado à congregação das irmãs missionárias de São Carlos novos e possíveis avanços. O sexênio seguinte, de madre Antonietta Fontana, situou-se como que em uma encruzilhada de onde podia-se prosseguir na direção daquele horizonte promissor ou desviar, seguindo outro rumo, sob o impulso de mudanças circunstanciais. A segunda opção levaria o instituto scalabriniano feminino à perda gradativa da unidade interna, com o conseqüente comprometimento da própria fidelidade ao carisma de fundação.

Madre Antonieta Fontana assumiu o governo geral da congregação mscs a 9 de setembro de 1918. Nascida em Monza, na Itália, irmã Antonieta ingressou na congregação fundada por Clélia Merloni, e integrou depois o grupo de apóstolas do sagrado Coração que fizeram o noviciado em Piacenza, tendo professado em Castelnuovo Fogliani a 12 de junho de 1900. Seu nome consta na relação das missionárias enviadas por João Batista Scalabrini ao Brasil em meados de 1900. Em 1907, quando da separação das duas congregações, irmã Antonieta Fontana foi das poucas apóstolas que optaram pela congregação de São Carlos, estabelecida em Vila Prudente na seção feminina do Cristóvão Colombo. Ali, como as demais irmãs missionárias scalabrinianas, refez o noviciado e professou a 1º de janeiro de 1912. Em 1917 foi enviada a Guaporé onde a congregação abriu nesse ano o colégio Scalabrini que, em seus inícios, contou com a decisiva contribuição da diligente Missionária. Irmã Antonietta, que era também superiora da comunidade e muito estimada pela população local, permaneceu pouco tempo em Guaporé, sendo chamada a São Paulo em agosto de 1918 para suceder a madre Assunta Marchetti no governo da congregação das irmãs de São Carlos.

As constituições das irmãs mscs, de 1914, estabeleciam que a superiora geral, suas conselheiras e a econômica geral da congregação deviam ser eleitas em capítulo durante o qual trata-se-ia também de outros assuntos importantes de interesse congregacional. Em 1918, completado o sexênio de governo de madre Assunta ainda que recomendado até para avaliar a recente expansão do instituto, o capítulo geral não se realizou, tendo d. Duarte Leopoldo e Silva nomeado ele próprio nova direção geral e feito outras nomeações no interno da congregação mscs.

Em ata de reunião do governo geral, de 9 de setembro de 1918, consta que a mudança de superiores nas comunidades religiosas era exigência da lei canônica e que, nessa data, as nomeações feitas na congregação das irmãs de São Carlos pelo Arcebispo de São Paulo foram comunicadas às irmãs através de seu delegado, padre Antão Jorge, em ato realizado na sede geral do instituto, em Vila Prudente. A direção geral da congregação para o sexênio 1918-1924 ficou assim constituída: superiora geral, irmã Antonietta Fontana; conselheiras, as irmãs Angelina Meneguzzo, Carmella Tomedi, Camilla Dal Ri e Maria da Divina Providência. No mesmo dia foi decidida a transferência de madre Assunta Marchetti para Bento Gonçalves onde assumiria o cargo de superiora da comunidade local, tendo como conselheiras as irmãs Lucia Gorlin e Faustina Bosio.

A 9 de setembro de 1918 foram feitas ainda as seguintes nomeações: de irmã Borromea Ferraresi para superiora do Scalabrini de Guaporé e das conselheiras, irmãs Vittorina Consoni e Gertrudes Mileti; de irmã Carmella Tomedi para superiora do externato feminino de São Bernardo do Campo e das conselheiras, irmãs Ignez Oricchio e Maria Berckmans Grasti; de irmã Maria da Divina Providência para mestra de noviças e da assistente, irmã Afonsina Salvador. Irmã Maria da Divina Providência, agora conselheira geral e mestra de noviças, faria sua profissão perpétua cerca de três meses depois, a 17 de dezembro de 1918. Consta na mesma ata de 9 de setembro, que as nomeações foram feitas por d. Duarte Leopoldo e Silva, *por não haver ainda na congregação irmãs professoras de votos perpétuos que formassem o capítulo geral*¹⁷⁹.

A leitura das atas das reuniões do governo geral, realizadas durante a gestão de madre Antonietta Fontana, oferece elementos para um relativo conhecimento da caminhada apostólica do instituto no sexênio anterior. Foram cinco novas aberturas do período: Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Nova Bréscia, Rio Grande do Sul, a 11 de março de 1919; Asilo de Mendicância Barão do Rio Branco, em Jundiá, São Paulo, a 19 de março de 1922; Escola Santa Cruz, em Nova Milano, Farroupilha, Rio Grande do Sul, dia 1º de abril de 1923 conforme Brevi Cenni; Santa Casa de Misericórdia de Itatiba, São Paulo, a 2 de fevereiro de 1914; Santa Casa de Monte Alto, São Paulo, dia 14 de maio de 1924. Madre Assunta Marchetti foi outra vez pioneira em Nova Bréscia, como o seria em Monte Alto cinco anos depois.

Pelas desconhecidas informações que a envolveram e muito mais pela fecunda atuação pastoral ali desenvolvida pela Co-fundadora da congregação, a abertura do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Nova Bréscia tem particular importância histórica.

¹⁷⁹ LIVRO DE ATAS das reuniões do governo geral – Sexênio 1918-1924. Ata de 9-9-1918 (AGSS 1.12.1).

De acordo com Brevi Cenni, como foi visto, madre Assunta não pôde assumir em Bento Gonçalves o cargo de superiora para o qual havia sido nomeada a 9 de setembro de 1918. No ano seguinte ela passou a atuar em Nova Bréscia, núcleo de colonização italiana no Rio Grande do Sul, que há tempo solicitava a colaboração das irmãs de São Carlos. Os documentos que dispomos divergem quanto às razões da mudança de destinação de madre Assunta Marchetti.

No histórico do Colégio de Nova Bréscia consta que no momento de sua partida, de São Paulo ao Rio Grande do Sul, madre Assunta recebeu de madre Antonietta ordens nesses termos:

'que visse, que constatasse e depois, conforme achasse melhor, que escolhesse permanecer ou em Bento Gonçalves, ou em Guaporé, ou então que abrisse uma casa onde julgasse melhor'. Com esta licença, já que há tanto tempo, solicitavam com instância as irmãs para Nova Bréscia e em Guaporé haviam confirmado como superiora local irmã Geltrude Mileti, madre Assunta achou melhor abrir a casa lá, onde permaneceu de fevereiro de 1919 até julho de 1920¹⁸⁰.

De registros no livro de atas das reuniões do governo geral pode-se constatar alguma tensão relativa à missão do Sul. Duas deliberações de 26 de setembro de 1918, em resposta a cartas enviadas por padres de Bento Gonçalves à nova direção geral pouco mais de duas semanas depois da posse de madre Antonietta e conselho, chamam atenção: a primeira diz respeito que, *tendo em vista tratar-se do bem da congregação e não do bem particular de uma casa ou de uma irmã*, a superiora deve manter-se firme diante de resistências às nomeações de 9 de setembro; a segunda apoia-se no código de direito canônico que então não permitia a um instituto ter duas casas de noviciado em um mesmo país e, acrescenta, *por julgar também esta divisão prejudicial à boa união da congregação*¹⁸¹. Não nos foi possível averiguar o conteúdo das cartas acima referidas e nem sabemos se as mesmas foram conservadas.

Conforme vimos, nessa época Bento Gonçalves contava com a presença de dois missionários, padre Enrico Poggi e seu coadjutor, o scalabriniano padre Carlos Porrini. Padre Poggi, com zelo apostólico, depois de momentos críticos vividos pela paróquia, muito contribuiu para transformá-la em uma das melhores da arquidiocese de Porto Alegre. Foi ele quem convidou as irmãs mscs a se estabelecerem em Bento Gonçalves, facilitando-lhes a expansão missionária no Rio Grande do Sul.

Quanto à presença mscs em Nova Bréscia consta, em outra fonte, que no mês de janeiro de 1919 madre Assunta Marchetti e irmã Borromea Ferraresi

¹⁸⁰ Collegio S. Cuore – Nova Bréscia (AGSS 1.4.4).

¹⁸¹ LIVRO DE ATAS das reuniões do governo geral – Sexênio 1918-1924. Ata de 26-9-1918 (AGSS 1.12.1).

ali estiveram para conhecer o local de possível abertura da nova casa. Já, em ata de 9 de fevereiro desse ano, entre outras deliberações do governo geral três referem-se ao Rio Grande do Sul: em razão de dificuldades apresentadas pelas irmãs madre Antonietta viajaria ao Sul, a fim de resolver do melhor modo a situação, sendo inclusive autorizada a fazer mudanças que julgasse necessárias; em resposta ao pedido de padre João Morelli e por ser ele um missionário de São Carlos, se trataria de enviar irmãs à Nova Bréscia assim que fosse possível e mediante condições tais como, casa para a comunidade religiosa e escola perto da igreja dadas por escritura às irmãs de São Carlos, garantia de rendimento mensal para as irmãs e pagamento da viagem das missionárias; em vista da impossibilidade de enviar de São Paulo irmãs para a abertura de Nova Bréscia a única alternativa era fechar uma das casas do Sul que seria a de Bento Gonçalves mas, por ignorarem o contrato da mesma, a superiora poderia só em pessoa verificar.

A desconcertante deliberação de fechar o colégio de Bento Gonçalves não foi concretizada e a 11 de março de 1919, Nova Bréscia em festa acolhia madre Assunta Marchetti e irmãs que com ela formaram ali nova comunidade scalabriniana feminina. Em 1920 chegou a ser decidido o fechamento da casa aberta há pouco mais de um ano, em razão de dificuldades apresentada pelas irmãs. Em visita às comunidades do Sul, realizada no primeiro semestre desse ano, madre Assunta Fontana tentou retirar as missionárias scalabrinianas de Nova Bréscia, mas encontrou forte oposição tanto da parte de d. João Becker, como da parte das irmãs, pelos compromissos que haviam assumido na paróquia.

Sabe-se que foram difíceis aqueles primeiros tempos para a comunidade religiosa de Nova Bréscia. Em carta enviada a padre Faustino Consoni, de janeiro de 1921, madre Assunta diz estar contente e reconhecida a Deus, ainda que *em meio às cruzes e tribulações*. Pede que a recomende ao Senhor para obter dele *força, coragem e resignação à sua Santa vontade* e, confiante, revela uma particular e profunda aspiração: *parece-me impossível que o Senhor não atenda meus votos e não me faça morrer em meio aos órfãos*. Porém, acrescenta: *se o Senhor não me ouvir, não por isso desespero porque sei que, obedecendo, faço a vontade de Deus*¹⁸².

No ano de 1920 cogitou-se de fechar também Nova Vicenza, aberta durante o sexênio de madre Assunta Marchetti, em 1917. De acordo com algumas fontes, a expansão missionária das irmãs de São Carlos no Rio Grande do Sul não agradava a d. Duarte Leopoldo e Silva que teria, por isso, proibido madre Antonietta Fontana de enviar mais irmãs ao Rio Grande do Sul. O Arcebispo de São Paulo, de outro lado, mediante provisão datada de 23 de janeiro de 1920 autorizara a transferência do noviciado das irmãs mscs, de Vila

¹⁸² MARCHETTI, Assunta. *Carta a padre Faustino Consoni*. Nova Bréscia, 21-1-1921 (AGSS 1.3)

Prudente para Aparecida, o que se realizou no dia 2 de fevereiro desse ano. Consta em Brevi Cenni que a transferência foi aconselhada por d. Duarte e incitada por padres redentoristas de Aparecida, sobretudo Estevam Maria Heigenhauser. Em 1919 o arcebispo designara padre Estevam Maria diretor das irmãs de São Carlos, segundo alguns com a intenção de afastá-las da influência dos padres scalabrinianos.

A propósito do noviciado, encontramos no arquivo da cúria metropolitana de São Paulo o registro do contrato feito pelas irmãs missionárias de São Carlos através do qual lhes foi entregue o prédio situado à Rua Major Martiniano, construído no lugar do antigo cemitério de Aparecida, para usufruto das mesmas irmãs e por tempo indeterminado. A congregação mscs pagou na oportunidade *dez contos* destinados à construção de uma casa para acolher os romeiros, em substituição àquela entregue às irmãs e tornada agora sede do noviciado. Registra a mesma fonte que as irmãs gastaram, até maio de 1920, *vinte e três contos e tanto* com reformas realizadas na casa recebida de d. Duarte Leopoldo e Silva¹⁸³.

No decorrer do sexênio 1918-1924 a direção geral manifestou, desde o início, justificadas preocupações de ordem econômica, tais como, a manutenção do noviciado, os gastos com as viagens das missionárias e com as visitas às comunidades. Ao que tudo indica, da difícil situação vivida, de reflexão feita e de pareceres ouvidos, resultou a decisão comunicada a todas as irmãs com data de 15 de dezembro de 1920:

Considerando as condições críticas financeiras por graves empenhos e despesas que encontraremos especialmente para a manutenção da casa do noviciado e em vista da obrigação e do dever que há para todas as casas filiaes da nossa Congregação, sendo que estas despesas serão vantajosas às mesmas Irmãs, de acordo com o nosso superior geral, Exmo. Sr. Arcebispo e todo o Conselho, faço a seguinte declaração: que d'ora em diante, todas as casas filiaes devem concorrer em proporção às Irmãs de cada Comunidade à esta Casa Madre, com a importância de vinte mil reis mensaes; e no contrário, se fechará a casa que não puder concorrer, para dar preferência àquela que puder concorrer.

Somente a razão desta justa e necessitada retribuição me obriga a tomar a resolução de fazer esta declaração que será enviada indistinctamente a todas as casas.

Pode-se-ia comentar aspectos dessa *declaração*, em especial o de estabelecer determinada contribuição mensal como critério para a continuidade ou a supressão de uma comunidade ou obra. Na verdade e apesar da notória capacidade de trabalho da maioria das irmãs mscs, o instituto scalabriniano

¹⁸³ ARQUIVO da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro 8, folha 113 v., 23 de março de 1923.

feminino chegara ao 25º ano de fundação sem possuir uma sede geral própria e com poucos bens acumulados.

Curioso o fato de que na última reunião do sexênio, realizada a 25 de setembro de 1924, esteve presente padre Estevam Maria Heigenhauser que coordenou todos os trabalhos agendados para a circunstância, sendo o primeiro assunto abordado o dos bens da congregação, calculados então em 100.000\$000. Conforme registro, havia em caixa 11.686\$500 e 6.000\$000 estavam depositados na cúria metropolitana de São Paulo. Os bens imóveis de propriedade da congregação, relacionados na ata, eram os seguintes: Aparecida, casa do noviciado, terreno e edifício das escolas; Guaporé, terreno e edifício; Nova Bréscia, edifício e terreno; Nova Vicenza, alguns lotes; de Bento Gonçalves aguardava-se a chegada de irmã Lucia Gorlin para esclarecimentos.

Madre Antonietta Fontana e conselho, do qual irmã Imaculada Mileti passara a fazer parte, deixaram ao futuro governo geral da congregação o pedido de que se empenhasse em adquirir “a propriedade e os bens da casa de Vila Prudente”. A respeito desse assunto, padre Domenico Vicentini afirma em carta datada em 12 de dezembro de 191 e enviada a padre Marco Simoni que ele próprio havia sugerido, há alguns anos, a doação da casa de Vila Prudente às irmãs missionárias scalabrinianas mas, naquela oportunidade, os padres não concordaram com a proposta. A doação, feita décadas mais tarde, exigiria a superação de múltiplas dificuldades para se concretizar.

3.2.2 Primeiro Capítulo Geral da congregação mscs, 1924

A história do sexênio 1918-1924 analisada em base a registros no livro de atas das reuniões do governo geral e em correspondência diversa mostra a transição da congregação das irmãs missionárias de São Carlos, de um momento de relativo progresso para uma situação tensa, resultado da orientação seguida e ao que tudo indica inadequada ao legítimo desenvolvimento do instituto scalabriniano feminino. Após um sexênio de mais criativa fidelidade ao carisma de fundação, com abertura a um novo e promissor tempo caracterizado pela diversificação das atividades pastorais e pelo aumento do número de vocações mscs, a congregação como que se retraiu, manifestou sinais de indecisão, conteve a anterior audácia pastoral. Três meses antes da conclusão do sexênio, a 25 de junho de 1924, foi convocado o primeiro Capítulo Geral da congregação que se realizaria entre 25 e 29 de setembro desse ano. Algumas das suas deliberações confirmariam a introdução de mudanças impróprias à vida do instituto.

O Primeiro Capítulo Geral da congregação mscs foi precedido de dois momentos, o da convocação e o da preparação, ambos realizados conforme

estabeleciam as constituições de 1914, então em vigor. Em seu n. 60 o direito próprio do instituto determinava a realização do capítulo geral a cada seis anos e estabelecia que durante o mesmo devia-se proceder à eleição da superiora geral, de suas conselheiras e ecônoma geral, bem como tratar de assuntos importantes de interesse da congregação. O n. 62 tratava da convocação do capítulo a ser feita pela superiora geral mediante circular enviada a todas as comunidades da congregação três meses antes do evento, indicando também o local de sua realização.

Uma reunião do governo geral realizada a 25 de junho de 1924 sob a direção de padre Estevam Maria Heigenhauser, delegado de d. Duarte Leopoldo e Silva, tratou da convenção do capítulo geral feita nessa data e da composição dos colégios eleitorais, de acordo com o n. 65 das constituições. Para o bom êxito do capítulo foi estabelecido que cada comunidade devia oferecer uma novena de comunhões em louvor ao sagrado Coração de Jesus; duas celebrações eucarísticas, uma em louvor ao Espírito Santo e outra pela almas; orações diárias feitas após um ato comunitário a ser determinado pela superiora da comunidade; dois dias de jejum e abstinência, um antes da eleição do colégio eleitoral e outro no dia 7 de setembro, véspera da eleição da superiora geral e conselho, prevista para o dia 8 de setembro de 1924.

O n. 63 das constituições estabelecia que deviam participar do capítulo geral a superiora geral; suas conselheiras; a secretária; a ecônoma geral; todas as superiores das comunidades em que residissem 12 religiosas; de cada uma dessas comunidades participaria ainda uma irmã professora de votos perpétuos. Esta, eleita em capítulo doméstico, devia acompanhar a superiora e com ela representar a respectiva comunidade no capítulo geral. No capítulo doméstico, que devia eleger também uma suplente da irmã delegada, tinham voz ativa todas as irmãs, inclusive as de votos temporários. De acordo com o n. 65 a comunidade constituída de menos de 12 irmãs professas devia se reunir a outra para junto completar o número estabelecido pelo direito próprio. Nesse caso, capitular de direito seria a superiora que tivesse mais anos de profissão¹⁸⁴.

Na reunião de 25 de junho de 1924, início da preparação do capítulo geral da congregação, tratou-se dos colégios eleitorais que ficaram assim constituídos: o primeiro, de Vila Prudente, a *casa mãe* como era chamada a comunidade, com 12 irmãs; o segundo colégio eleitoral reunia as casas do Rio do Sul, tendo como presidente irmã Lucia Gorlin, superiora com mais anos de profissão; terceiro colégio eleitoral compreendia São Bernardo, Aparecida e Itatiba, sendo presidente irmã Maria da Divina Providência de Campos, a mais

¹⁸⁴ *CONSTITUIÇÕES das irmãs missionárias de são Carlos Borromeo*. São Paulo, 1914. III PARTE, II CAPÍTULO, n. 60-5 (AGSS 1.4.2).

antiga de profissão; as comunidades de Jundiaí, Itú e Monte Alto constituíram o quarto colégio eleitoral, tendo por presidente madre Assunta Marchetti.

Nessa mesma reunião ficou estabelecido que as eleições no âmbito dos colégios eleitorais deviam se realizar até 15 de agosto, em data e local determinados pela presidente do respectivo colégio eleitoral. Assim que, a seu tempo, foram eleitas as seguintes irmãs delegadas: na *casa mãe* de Vila Prudente, irmã Gertrudes Mileti; no colégio eleitoral de São Bernardo, Aparecida e Itatiba, irmã Ignez Oricchio; no colégio eleitoral de Jundiaí, Itú e Monte Alto, irmã Josepha Soares. Em Brevi Cenni consta que no capítulo geral de 1924 não foram observadas todas as prescrições legais e *não se providenciou para que as irmãs em missão no Rio Grande do Sul fossem regularmente representadas*¹⁸⁵. A 7 de setembro, sempre em 1924, padre Estevam Maria Heigenhauser comunicava em carta a d. Duarte Leopoldo e Silva.

*Venho respeitosamente comunicar a V. Excia. que de tudo não era possível realizar para o 8 de setembro a eleição da nova Madre Geral das Irmãs de São Carlos – Villa Prudente. Primeiro, a revolução dificultou bastante as eleições nas respectivas casas e segundo – e este era para mim o motivo principal – não me é bem possível realizar as eleições na ausência de V. Excia. Estou com receio que surja uma dificuldade que requeira o prompto recurso de V. Excia*¹⁸⁶.

O receio de padre Estevam Maria justificava-se, Superado o primeiro obstáculo, o das revoltas tenentista que na época inquietavam o Brasil que eram manifestação do descontentamento da classe média brasileira com instituições corruptas da república oligárquica, restava o segundo, de ordem interna e bem mais preocupante. Desde 1919 irmãs mscs partilhavam com o Diretor aspectos da realidade vivida no interno scalabriniano feminino onde, outras dificuldades, aflorava uma inconsistente unidade.

Na mesma carta enviada ao Arcebispo a 7 de setembro, padre Estevam Maria expressava seu parecer a respeito de duas irmãs, candidatas à sucessão de madre Antonietta Fontona: Maria da Divina Providência de Campos, então mestra de noviças, que no entender do padre era a mais apta e a única irmã mscs capaz de seguir a orientação de d. Duarte tanto *em relação à formação das irmãs noviças e neo-professas, como em relação ao Sul*; Lucia Gorlin, em missão no Rio Grande do Sul, que segundo padre Estevam teria o apoio das irmãs *da antiga formação e da orientação de alguns padres de São Carlos, mas não seria de toda confiança*. Afirmava ainda padre Estevam Maria que tinha

¹⁸⁵ BREVI CENNI, op. cit., p. 27-8.

¹⁸⁶ HEIGENHAUSER, Estevam M. Carta a Duarte Leopoldo e Silva. São Paulo, 7-9-1924 (Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo – Pasta n. 22). Das irmãs Missionárias de São Carlos.

motivos para pensar desse modo porque conhecia o propósito do Arcebispo em relação à formação e extensão da Congregação¹⁸⁷.

Nesse clima, a 25 de setembro de 1924 padre Estevam Maria Heigenhauser, delegado de d. Duarte Leopoldo e Silva, declarou aberto o Primeiro Capítulo Geral da congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas. O Religioso dirigiu os trabalhos capitulares, determinado a executar a vontade do Arcebispo e *nada fazer por conta própria*¹⁸⁸.

O capítulo geral, que fora programado para inícios de setembro, realizou-se ao final do mês, entre 25 e 29 de setembro de 1924. Na sessão de 25 de setembro foram votadas, por aclamação, como secretária do capítulo irmã Maria Affonsina Salvador e como escrutinadoras as irmãs Gertrudes Mileti e Ignez Oricchio. Na mesma sessão as dez irmãs capitulares presentes aprovaram o nome de irmã Vittorina Consoni como representante das irmãs do Sul. Conforme vimos, pelas constituições então em vigor, irmã Lucia Gorlin devia participar do capítulo junto a uma irmã delegada, eleita pelo segundo colégio eleitoral que reunia as comunidades de irmãs em missão no Rio Grande do Sul. Aguardada até a última hora pelas capitulares, também em razão de dificuldades de viagem irmã Lucia Gorlin não compareceu. Apesar de inconveniente, a ausência da irmã não invalidou os atos do Primeiro Capítulo Geral da congregação mscs.

No dia 28 de setembro de 1925, o capítulo elegeu, com oito votos, irmã Maria da Divina Providência de Campos superiora geral do instituto para o sexênio 1924-1930. Na circunstância, três das capitulares presentes votaram em madre Assunta Marchetti para superiora geral. No dia seguinte foram eleitas como conselheiras as irmãs, Angelina Meneguzzo, Imaculada Mileti, Lucia Gorlin e Mari do Divino coração e como ecônoma do instituto, irmã Carolina. Na ata de 29 de setembro não consta o sobrenome das irmãs, mas supõe-se que a eleita ecônoma geral com dez votos, era irmã Carolina Grasti.

Nesse mesmo dia, 29 de setembro, padre Estevam Maria comunicou a d. Duarte Leopoldo e Silva o resultado da eleição e pediu ao arcebispo que aprovasse os nomes das irmãs eleitas. Padre Heigenhauser, redentorista, de nacionalidade alemã, como se lê Brevi Cenni, era um

Sacerdote exemplar e zelante que no desempenho de sua missão, no ardor de fazer o bem e no interpretar as disposições superiores, entendeu como seu dever o dar uma nova orientação à congregação de São Carlos, seja reformando-lhe os Estatutos, seja alterando-lhe a denominação, preferindo e

¹⁸⁷ Ibid., nota 186.

¹⁸⁸ Ibid., nota 186.

*querendo chamá-las Irmãs Clementinas, a fim de separá-las por completo dos Missionários de São Carlos*¹⁸⁹.

Já durante a realização do capítulo, que se ocupou de aspectos disciplinares e sobretudo da vida espiritual, foi feita esta proposta: estender a toda a congregação a *prática da vida espiritual na forma e no espírito como está estabelecido no noviciado*, ou seja, a *vida religiosa no espírito de santo Afonso, a prática das virtudes recomendadas pelo mesmo santo, a leitura assídua das obras ascéticas de santo Afonso*. Em sessão de 27 de setembro o capítulo tratou dos santos protetores do instituto, acrescentando alguns. Na ata constam, entre outros, *Imaculada Conceição, são José, são Carlos como patrono da congregação e como segundo patrono e mestre da vida espiritual santo Afonso*. Um dos santos escolhidos para o noviciado foi *são Clemente*¹⁹⁰.

A 29 de setembro, logo após a eleição do conselho e da ecônoma gerais, padre Estevam Maria encerrou o Primeiro Capítulo Geral do instituto. Em ata de reunião do governo geral, de 11 de janeiro de 1925, consta que d. Duarte Leopoldo e Silva nomeou padre Estevam Maria Heigenhauser assistente eclesiástico da congregação mscs. O sexênio iniciado em setembro de 1924 seria interrompido cerca de dois anos depois em consequência de uma crise de identidade que abalou o instituto scalabriniano feminino.

3.2.3 Crise de identidade e intervenção da Sé Apostólica

Realizado seu Primeiro Capítulo Geral e apenas completado o primeiro ano do sexênio de madre Maria da Divina Providência de Campos a congregação mscs sofreu uma crise de identidade que comprometeu a unidade e ameaçou a própria vida do instituto. Em decorrência, mesmo que a maioria das irmãs se mantivesse fiel à origem, dez dias antes de completar seu 30º aniversário de fundação o instituto scalabriniano feminino começou a viver um longo período de intervenção da Sé Apostólica. Em carta de 15 de outubro de 1925 o cardeal Gaetano De Lai, secretária da congregação Consistorial, comunicava à madre Maria da divina Providência de Capos as primeiras medidas da intervenção. A então congregação Consistorial, hoje congregação dos Bispos, à qual em razão do *Motu Proprio* de 15 de agosto de 1912 o papa Pio X confiara o *cuidado espiritual dos emigrados e que, por tal título, se ocupava dos missionários de são Carlos para os emigrados italianos no exterior*, propôs-se *regularizar e disciplinar também a congregação das irmãs de são Carlos*¹⁹¹. Para compreender o fato da intervenção da Sé Apostólica no instituto, as causas e as consequências, é importante partir dos antecedentes e conhecer depois e evoluir do processo em suas três fases: a da reordenação,

¹⁸⁹ BREVI CENNI, op. cit., p. 28.

¹⁹⁰ LIVRO DE ATAS dos capítulos gerais. Atas do Primeiro Capítulo Geral de 1924 (AGSS 1.12.2).

¹⁹¹ CONFALONIERI, Carlos. Lettera a Idalina Baratter. Roma, 1º luglio 1964 (AGSS 1.5.7).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

da consolidação e da expansão, traduzidas em um tempo de progresso linear para a congregação scalabriniana feminina.

Ainda no sexênio de madre Antonietta Fontana iniciara uma sutil mudança na orientação dada à congregação das irmãs de São Carlos. O Primeiro Capítulo Geral, realizado em setembro de 1924, confirmou a tendência e elegeu madre Maria da Divina Providência de Campos, nascida em Alegrete no estado do Rio Grande do Sul, superiora geral para o sexênio 1924-1930.

Já, como mestra de noviças, madre Maria da Divina Providência introduzira na casa de formação práticas espirituais que incutiam nas formandas o espírito de santo Afonso Maria de Ligório. Como superiora geral madre da Providência quis aproximar toda a congregação scalabriniana feminina à espiritualidade de santo Afonso, fundador da congregação do santíssimo Redentor ou ordem dos redentoristas. Durante seu mandato, que seria interrompido, a congregação mscs viveu novo tempo de prova que retardou bem mais a sua consolidação.

A tentativa de desvio da congregação mscs da sua origem scalabriniana teve como precedentes: as diferentes visões pastorais de d. Duarte Leopoldo e Silva e d. João Becker; inibição e indecisões de madre Antonietta Fontana; a perplexidade causada pela oposição do Arcebispo de São Paulo à expansão missionária junto aos migrantes italianos e seus descendentes estabelecidos no Rio Grande do Sul; o afastamento dos missionários scalabrinianos da direção espiritual das irmãs mscs; a transferência do noviciado da congregação, de Vila Prudente para Aparecida, em que muito se empenhou padre Estevam Maria Heigenhauser; deliberações do Primeiro Capítulo Geral; a posição manifestada pelo redentorista, padre Estevam Maria, favorável à eleição de irmã Maria da Divina Providência de Campos como superiora geral, considerada por ele a única irmã merecedora de toda confiança; a nomeação, como mestra de noviças, de irmã Affonsina Salvador, outra líder das clementinas; as omissões de madre Maria da Divina Providência em relação à parcela do instituto em missão do Sul; a determinação de abandonar a direção da seção feminina do Cristóvão Colombo, Vila Prudente, o que não se concretizou; a deliberação efetivada, de abandonar a escola de São Bernardo do Campo, segundo Brevi Cenni uma obra bem dirigida, de grande proveito para a população e que contava com o apoio e aprovação do pároco, padre Francesco Navarro, missionário scalabriniano.

Em abril de 1925, afirmando cumprir ordem recebida de padre Estevam Maria, a Superiora Geral informou as irmãs que as constituições da congregação haviam sido renovadas e que d. Duarte as levaria a Roma para aprovação. Ao mesmo tempo madre Maria da Divina Providência comunicou, através de carta, uma decisão que deixou atônita a maioria das irmãs:

...o Revdo. Pe. Capuchinho enviado pela S. Sé para visitar a obra 'Scalabriniana' no Brasil, visitou este Estabelecimento demonstrando muita satisfação pela nossa missão.

Sahindo d'aqui foi à busca dos documentos referentes aos princípios da nossa Congregação, e tomadas todas as respectivas informações disse: que a nossa Congregação não tinha com a obra de 'Scalabrini' e por sua iniciativa disse mais que, bisogna combiare il nome' porque a Igreja conta já com uma Congregação com o mesmo nome, e assim o nome de S. Carlos foi mudado pelo de S. Clemente. Quanto a nós só nos restas obedecer às ordens superiores...¹⁹²

Desde o início da gestão de madre Maria da Divina Providência foram notórios os sinais de mudanças na vida do instituto. Em reunião da direção geral, de 25 de novembro de 1924, o primeiro assunto agendado foi o da posse de Vila Prudente. Sem explicitar o porquê, consta na ata que todas as participantes concordaram em não fazer mais nenhuma tentativa nesse sentido. A nova direção decidiu adquirir um imóvel, a fim de dar uma sede própria à casa geral. Nessa época, justo quando, as irmãs que atuavam em São Bernardo do Campo estavam para adquirir uma casa de exclusiva propriedade do instituto, foi decidida a supressão daquela comunidade. Em entrevistas realizadas no ano 1980 algumas irmãs ainda lúcidas lamentavam a supressão da comunidade de São Bernardo e lembravam o transtorno que essa decisão causara à população e ao pároco, o scalabriniano padre Navarro.

Em reunião da direção geral, de 19 de dezembro de 1925, ficou acertada a compra de um imóvel para a sede geral e cerca de um mês depois a congregação adquiriu uma antiga construção localizada no Pari onde, em fevereiro de 1926, foi aberto o externato Santa Teresinha, com expressivo número de alunas. A casa do Pari foi sede geral da congregação e reduto das clementinas até a intervenção da Sé Apostólica.

Nessa época a tendência a uma profunda mudança na congregação das irmãs de são Carlos manifestava-se no gradativo distanciamento do instituto, da sua origem scalabriniana; na aproximação à espiritualidade de santo Afonso Maria de Ligório; na elaboração de novas constituições e não em simples adaptação ao código de direito canônico de 1917; na troca do nome e da finalidade do instituto. A congregação denominar-se-ia são Clemente, em homenagem a são Clemente Maria Hofbauer, um redentorista canonizado em 1909. A congregação do santíssimo Redentor, depois da morte do seu fundador santo Afonso, recebeu forte impulso de soa Clemente Maria

¹⁹² CAMPOS, Maria da Divina Providência de. Carta a Lucia Gorlin. Vila Prudente, 18 de abril de 1925 (AGSS 1.5.3).

Hofbauer, que favoreceu a expansão da ordem redentorista na Polônia, no sul da Alemanha e na Áustria.

A reação provocada pela comunicação de madre Maria da Divina Providência, de 18 de abril de 1925 e que culminou com a intervenção da Sé Apostólica no instituto, incluiu uma carta expedida de Bento Gonçalves, sem data, escrita ao que tudo indica em maio de 1925, enviada ao cardeal Camillo Laurenti então prefeito da congregação dos Religiosos e conservada no Arquivo do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes – prot.514/25, na qual 18 irmãs missionárias no Rio Grande do Sul solicitavam, como na carta de 1900, a graça de que fossem preservados o nome e a missão própria da congregação mscs.

O próprio padre Estevam Maria Heigenhauser, que fora nomeado por d. Duarte Leopoldo e Silva assistente eclesiástico da congregação mscs, em carta de 10 de abril de 1925 enviada a padre Marco Simoni, justificava seu papel no episódio das clementinas, dizendo-se simples executor de ordens dadas por escrito pelo arcebispo de São Paulo. Padre Estevam afirmava nessa carta que as propostas apresentadas durante o capítulo de 1924 tinham tido o apoio unânime das 11 capitulares presentes e garantia que a congregação feminina não mudava na sua essência. O Redentorista explicava que nas constituições das irmãs scalabrinianas não mais se falava da obra de Scalabrini porque, segundo ele, o código de direito canônico proibia que em um regulamento se mencionasse o nome de pessoas.

O que na verdade, mais chama atenção nessa sequência de passos foi a falta de medidas capazes de favorecer a unidade interna abalada, envolvendo de modo mais acentuado membros da direção geral e irmãs em missão no Rio Grande do Sul, acusadas de irregularidades, como a de terem aberto duas casas, a de Nova Bréscia e a de Nova Milano, sem licença do Arcebispo de São Paulo. A acusação foi contestada pelas irmãs Lucia Gorlin, Borromea Ferraresi e Vittorina Consoni em *Memorial da Missão do Rio Grande do Sul*, de 19 de fevereiro de 1926 em que, entre outras afirmações, dizem que a própria madre Antonietta Fontana acompanhou as irmãs pioneiras à Nova Milano quando foi aberta essa missão¹⁹³.

Apesar dos repetidos convites feitos à Superiora Geral e também a padre Estevam Maria, ambos recusaram-se a visitar as casas do Sul, dificultando o necessário entendimento. Sabe-se, por outro lado, que havia divergência entre d. Duarte Leopoldo e Silva e de d. João Becker, resultado das diferentes visões pastorais dos dois prelados. A diferença de ideias e de métodos e a desigual orientação recebida dos ordinários das arquidioceses de São Paulo e de Porto Alegre onde atuavam as irmãs, tiveram reflexos na congregação mscs na qual interveio a Sé Apostólica em 1925.

¹⁹³ MEMORIALE della Missione Del Rio Grande do Sul – 19.2.1926, op. cit.

Conforme acenamos no início, a 15 de outubro de 1925 a congregação Consistorial, informada da crise, propôs-se *regularizar e disciplinar* a congregação scalabriniana feminina. As determinações da Sé Apostólica, visando solucionar o conflito surgido entre irmãs carlistas e clementinas, orientaram-se pela reordenação, com a preservação da fisionomia do instituto. Em base a esse propósito o cardeal Gaetano De Lai, secretário da Consistorial, ordenou a madre Maria da Divina Providência a suspensão de qualquer iniciativa que viesse introduzir mudanças na congregação das irmãs de São Carlos.

A 7 de janeiro de 1926 o Secretário da congregação Consistorial enviou a d. Duarte Leopoldo e Silva e a d. João Becker uma carta contendo algumas deliberações relativas à regulamentação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas, cuja identidade devia ser mantida. Para tanto, padre Estevam Maria Heigenhauser seria afastado da direção das irmãs mscs. De Lai propunha que essa responsabilidade do Redentorista fosse assumida pelo scalabriniano, padre Domenico Canestrini, mas deixada a liberdade de se indicar outro nome.

O Secretário da Consistorial determinou ainda que o instituto mscs se constituísse em duas regiões, uma no estado de São Paulo, outra no Rio Grande do Sul, devendo as irmãs de cada região eleger a respectiva superiora regional e conselho, este composto de duas irmãs. A eleição das duas superiores regionais e conselhos só se realizaria em agosto, sempre em 1926.

Outra determinação de 1926 foi a de uma visita apostólica a ser feita aos missionários e às missionárias de São Carlos, para a qual seria nomeado d. Amleto Giovanni Cicognani, substituto da congregação Consistorial. Da visita às irmãs mscs, realizada no segundo semestre desse ano, Cicognani deixou um relato que preserva muitos elementos históricos relacionados à crise das clementinas.

O cardeal De Lai quis ouvir ainda outros pareceres: de d. Vincenzo La Puma, então secretário da congregação dos Religiosos, de padre Giuseppe Antonio de Persiceto, ministro geral dos capuchinhos; de padre Pacifico Chenuil, scalabriniano. Antes de emitir seu parecer La Puma examinou o pró-memória de padre Faustino Consoni, carta de padre Enrico Poggi e de padre Chenuil, como também o relato de padre Giuseppe Antonio de Persiceto. Este, ao contrário do que foi escrito, opunha-se à troca de nome imposta às irmãs mscs e julgava verdadeira a narração histórica de padre Consoni, que considerava João Batista Scalabrini fundador da congregação das irmãs missionárias de São Carlos. Os originais de todos esses documentos estão conservados no Arquivo do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes – prot. 514/25.

A posição de La Puma foi pouco indulgente para com as clementinas. D. Vincenzo desaconselhou a aprovação de um novo instituto como propunham porque, segundo ele, as clementinas tiveram um desenvolvimento nada canônico, tendo-se originado de um cisma e persistindo na contradição: diziam buscar a perfeição, mas não o demonstravam na prática. O parecer de d. Vincenzo La Puma, datado de 17 de novembro de 1926, propunha: afastar as irmãs mscs da influência e poder do Arcebispo de São Paulo e manter o instituto scalabriniano feminino sob a jurisdição de um visitador apostólico de confiança da Consistorial; mostrar a clemência da Sé Apostólica para com as clementinas, convidando-as mais uma vez a retornarem ao instituto de origem; permitir o ingresso em outros institutos já aprovados ou encaminhar à secularização as clementinas que não aceitassem retornar à congregação mscs; impedir a sobrevivência das clementinas sob qualquer forma, inclusive não lhe cedendo as casas solicitadas; dispensar do postulante e do segundo ano de noviciado as candidatas que, pelas circunstâncias, há tempo aguardavam a admissão no instituto mscs; encaminhar o quanto antes a eleição de nova superiora geral, por essa vez através de cédulas secretas a serem enviadas à Consistorial, que decidiria a nomeação.

A rigorosa posição de d. Vincenzo La Puma teria importância fundamental nas posteriores decisões tomadas pela Sé Apostólica para solucionar a crise na congregação mscs. As medidas sugeridas pelo Secretário da congregação dos Religiosos e pelo visitador apostólico Amleto Giovanni Cicognani, de modo geral prevaleceriam, sendo atuadas pela congregação Consistorial na fase de reordenação do instituto scalabriniano feminino.

3.2.4 Visita apostólica de Amleto Giovanni Cicognani

Formatado: Italiano (Itália)

Ao completar seu terceiro decênio o instituto scalabriniano feminino enfrentava uma profunda crise de identidade que dividiu a congregação em dois grupos: o de uma minoria que optou por se identificar como congregação das irmãs clementinas, inspirada na espiritualidade de santo Afonso Maria de Ligório e da maioria que permaneceu fiel à origem, identificada como congregação das irmãs missionárias de São Carlos e como tal, considerando-se com os padres missionários de São Carlos, membros da única família scalabriniana. Com o objetivo de solucionar a crise foi decidida pela Sé Apostólica uma visita a ser feita aos missionários e missionárias de São Carlos, sendo para isso nomeado d. Amleto Giovanni Cicognani, substituto da congregação Consistorial e que seria mais tarde secretário de estado do papa Paulo VI. Da visita apostólica, realizada no segundo semestre de 1926. Cicognani elaborou um minucioso relato que permanece como que um raio x do instituto na década de 1920, em base ao qual seriam determinados os passos sucessivos da intervenção da Sé Apostólica na congregação mscs.

Um anterior relatório solicitado pela congregação Consistorial à madre Maria da Divina Providencia, superiora geral, mostra que a 6 de janeiro de 1926 havia em todo o instituto scalabriniano feminino 31 irmãs de votos perpétuos, 25 irmãs de votos temporários, 10 noviças e 5 postulantes. Desses 71 membros o numero maior integrava as 8 comunidades de São Paulo e 22 irmãs integravam as 5 comunidades situadas no Rio do Sul.

No estado de São Paulo as casas localizavam-se em Vila Prudente, que contava com 9 irmãs, incluídos os membros da direção geral do congregação; Aparecida do Norte com 3 irmãs, mais noviças e postulantes e onde havia também um externato para crianças da localidade; Jundiaí, Asilo de Mendicância, 5 irmãs; Itu, Asilo de Mendicância, 5 irmãs; Itatiba, na diocese de Bragança, Santa Casa de Misericórdia, 4 irmãs; Monte Alto, na diocese de São Carlos do Pinhal, Santa Casa de Misericórdia, 5 irmãs; Atibaia, diocese de Bragança, Santa Casa de Misericórdia, 5 irmãs; Santo Antônio do Pari, em fase de organização, aberta à revelia da congregação Consistorial. Madre Maria da Divina Providencia justificaria a abertura, dizendo ao Visitador que o compromisso fora assumido antes de conhecer a determinação de Roma que *proibia introduzir novidades* no instituto e que o fizera com autorização de d. Duarte Leopoldo e Silva. Cicognani observaria em seu relatório que essa abertura ocorreu de modo simultâneo ao fechamento da casa de São Bernardo do Campo.

As comunidades até então abertas no estado do Rio Grande do Sul, em número de 5, localizavam-se todas na arquidiocese de Porto Alegre em área de colonização italiana e eram as seguintes: Bento Gonçalves, externato e internato, com 6 irmãs; Guaporé, internato e externato, com 6 irmãs; Nova Vicenza, hoje, Farroupilha, externato, 4 irmãs; Nova Bréscia, externato, 4 irmãs; Nova Milano, externato, 2 irmãs.

Esse quadro apresentava-se pouco alterado quando da visita apostólica de Cicognani, realizada no segundo semestre de 1926. O total de irmãs aumentara de 56 para 60 e outra mudança fora a transferência da sede geral, de Vila Prudente para a casa de Santo Antonio do Pari, de propriedade das irmãs. Outras casas haviam contribuído na aquisição da mesma, compreendidas aquelas do Rio Grande do Sul, conforme conta no relatório do visitador apostólico, Amleto Cicognani. Anda de acordo com ele, a casa do noviciado de Aparecida do Norte fora adquirida pelas irmãs missionárias de São Carlos, tendo contribuído para a compra da mesma também os padres scalabriniano, através de padre Marco Simoni, com a importância de *10 contos*. No Rio Grande do Sul a casa de Bento Gonçalves continuava propriedade de padre Enrico Poggi, mas deixava em uso fruto gratuito às irmãs, enquanto a de Guaporé já era propriedade das irmãs mscs, para o que muito se empenhara irmã Antonietta Fontana, quando superiora e diretora da casa.

O relatório do Visitador, elaborado meses depois, repete os dados acima e acrescenta entre outros o movimento de alunos, abrigados e pacientes de cada uma das 13 casas do instituto: Vila Prudente acolhia em 1926 cerca de 120 órfãs; Santo Antônio de Pari, agora sede geral, mantinha um externato denominado Santa Teresinha do Menino Jesus com 300 alunas matriculadas; do Asilo de Jundiá não consta o número de internato; no Asilo de Itu havia 65 abrigados; no externato de Aparecida do Norte o número de alunas chegava a uma centena; na Santa Casa de Itatiba baixavam em média dois pacientes por dia; Atibaia tinha cerca de 30 internados; a capacidade de Monte Alto era de 48 leitos.

No Rio Grande do Sul o colégio São Carlos de Bento Gonçalves somava 150 alunos, sendo mais numerosas as meninas; no Scalabrini de Guaporé havia 200 alunos matriculados, compreendidas as 31 alunas internas; Nova Vicenza tinha 90 alunos, de ambos os sexos; em Nova Bréscia os alunos matriculados eram 72, enquanto em Nova Milano somavam 160. Nas 5 casas do Sul eram ministradas às jovens aulas de música, pintura, corte e costura e trabalhos manuais em geral. As irmãs ensinavam catecismo na paróquia e se ocupavam também da limpeza e da ornamentação da igreja.

O terceiro item do relatório de Cicognani trata das irmãs dissidentes a quem denomina, clementinas. Com o consentimento de d. Duarte Leopoldo e Silva e presente padre Lorenzo Lumini, beneditino do mosteiro de São Bento, São Paulo, o Visitador interrogou à parte, irmã por irmã e resumiu em poucos dados as informações colhidas e das quais mencionamos aqui a comunidade, o nome da irmã, sua nacionalidade, vínculo com o instituto, a opção da irmã e algum outro detalhe observado:

Vila Prudente

1. – *Irmã Maria do Sagrado Coração, brasileira, votos temporários. Superiora “ad ínterim”, não renovara os votos em junho temerosa de ficar entre as carlistas. Clementina.*
2. *Irmã Carolina Grasti, filha de italianos, votos perpétuos. Carlista, mas pedia autorização para se tornar irmã de clausura, visitandina ou beneditina.*
3. *Irmã Imaculada Milet, italiana, votos perpétuos. Carlista.*
4. *Irmã Maria Tarcisia Barbosa Battista, brasileira, votos temporários. Clementina.*
5. *Irmã Clarice Baraldini, italiana, votos perpétuos. Carlista.*
6. *Irmã Odila Frigeri, filha de italiano, nascida em Bento Gonçalves, RS, votos perpétuos. Carlista. Declarou-se Clementina, mas depois escreveu dizendo ter sido enganada e queria ser carlista.*
7. *Irmã M. Marta Daltoé, filha de italiano, nascida no Rio Grande do Sul, votos temporários. Clementina.*

8. *Irmã Antonia Fachini do SS. Coração, filha de italianos, nascida em Caxias do Sul, RS, votos temporários. Clementina.*
9. *Irmã Evangelista Rosseto, filha de italianos, nascida no Rio Grande do Sul, votos temporários há oito meses. Clementina.*

Santo Antonio do Parí

1. *Irmã Maria da Divina Providencia, brasileira, ex superiora geral, superiora da casa, votos perpétuos. Clementina.*
2. *Irmã Caterina dalla Vecchia, filha de italianos, nascida em Encantado, RS, votos temporários há dois anos, mas não renovados em junho. Clementina.*
3. *Irmã M. Lambertina Silva, brasileira, não renovara os votos por temor de ficar entre as carlistas. Clementina.*
4. *Irmã Maria André, nascida no Brasil de pais austríacos, votos temporários. Clementina.*
5. *Irmã Lorenza Morellii, nascida em São Paulo de pais italianos, votos temporários. Clementina.*
6. *Irmã Maria Ciani do SS. Sacramento, brasileira, nascida em Campinas, SP, de pais italianos; não renovara os votos por temor de ficar entre as carlistas. Clementina.*
7. *Irmã Dorotea asoniera, nascida em Bento Gonçalves, RS, de pais italianos, votos temporários. Clementina.*

Jundiáí

1. *Irmã Maria Raffaella Susin, nascida em Bento Gonçalves, RS, de pais vênnetos, superiora da comunidade, votos perpétuos. Carlista.*
2. *Irmã Fulgência Mello, brasileira, nascida em São Paulo, votos perpétuos. Carlista.*
3. *Irmã Paulina Toscan, nascida no Rio Grande do Sul, de pais italianos, votos temporários. Carlista.*
4. *Irmã Aparecida Suarez, brasileira, nascida em Aparecida do Norte, votos temporários. Clementina.*

Itu

1. *Irmã Antonietta Fontana, nascida em Monza, na Itália, ex superiora geral, superiora da comunidade, votos perpétuos. Carlista.*
2. *Irmã Camilla dal Ri, austríaca, nascida próximo a Trento, votos perpétuos. Carlista.*
3. *Irmã Josepha Soares, brasileira, nascida em Taubaté, SP, votos perpétuos. Carlista.*

4. *Irmã Gemma Magri, nascida em Curitiba, PR, de pais vênnetos, votos perpétuos . Carlista.*
5. *Irmã Candida Lunelli, nascida no Rio Grande do sul, de pais italianos, votos perpétuos. Carlista.*

Aparecida do Norte

1. *Irmã Afonsina Salvador, brasileira, superiora e mestra de noviças. O Visitador pergunta, "é de votos perpétuos"? Clementina.*
2. *Irmã Estefania Barbosa, brasileira, assistente, votos temporários. Declarou-se neutra. Pensava em fazer-se franciscana. Havia no noviciado 4 noviças, 2 nascidas no estado de São Paulo e 2 no Rio Grande do Sul.*

- Duas noviças do segundo ano, ambas nascida no Sul, estavam em outras comunidades, em São Paulo.

Itatiba

1. *Irmã Angelina Meneguzzi, superiora e provincial em São Paulo desde agosto de 1926, votos perpétuos. Carlista.*
2. *Irmã Nicolina Balsan, veneta, votos perpétuos. Carlista.*
3. *Irmã Clementina Zini, nascida em Nova Vicenza, RS, de pais italianos, votos temporários. Carlista.*

Atibaia

1. *Irmã Gertrudes Mileti do S. Coração, italiana da Calábria, superiora, votos perpétuos. Clementina.*
2. *Irmã Anna Facchin, nascida em Bento Gonçalves, RS, de pais italianos, votos temporários, não renovados desde junho de 1926. Clementina.*
3. *Irmã Leopoldina Muneghel, nascida em Bento Gonçalves, RS, de pais italianos, votos temporários, não renovados desde junho de 1926. Clementina.*
4. *Irmã Maria de S. José G. de Castro, brasileira, noviça do segundo ano. Clementina.*

Monte Alto

1. *Irmã Assunta Marchetti, ex superiora geral, superiora da comunidade, votos perpétuos. Carlistas.*
2. *Irmã Francesca Perotta, votos perpétuos. Arlista.*
3. *Irmã Juliana Mugnol, nascida no Rio Grande do Sul, de pais italianos, votos temporários. Clementina.*
4. *Irmã Stanislá Cherubini, filha de italianos, votos temporários. Carlista.*
5. *Irmã Marilde Martins, brasileira, nascida em São Paulo, noviça do segundo ano. Clementina.*

Bento Gonçalves

1. *Irmã Lucia Gorlin, Italiana, nascida na província de Vicenza, superiora e provincial do Rio Grande do Sul desde agosto de 1926, votos perpétuos. Carlista.*
2. *Irmã Borromea Ferraresi, italiana, votos perpétuos. Carlista.*
3. *Irmã Giovannina de Camargo, - ou Joana – brasileira, votos perpétuos. Carlista.*
4. *Irmã Teresinha Muraro, italiana, sobrinha de irmã Angelina Meneguzzi, votos perpétuos. Carlista.*
5. *Irmã Chiara Pienaro, italiana, votos perpétuos. Carlista.*
6. *Irmã Angelina Lunelli, - ou Angélica – italiana, votos perpétuos. Carlista.*

Guaporé

1. *Irmã Vittorina Consoni, nascida em Milão, Itália, sobrinha de padre Faustino Consoni, superiora da casa, votos perpétuos. Carlista.*
2. *Irmã Agnese Oricchio, - ou Ignez – filha de napolitanos, votos perpétuos. Carlista.*
3. *Irmã Bernardina Mieçe, nascida em São Bernardo do Campo, votos perpétuos. Carlista.*
4. *Irmã Pierina Caldieraro, nascida no Rio Grande do Sul, de pais vênnetos, votos temporários. Carlista.*
5. *Irmã Gonzaga Sartori, nascida em São Paulo, de pais vênnetos, votos perpétuos. Carlista.*
6. *Irmã Celestina Zancanaro, nascida no Rio Grande do Sul, de pais ventos, votos temporários. Carlista.*

Nova Bréscia

1. *Irmã Elena Lucca, italiana, superiora da casa, votos perpétuos. Carlista.*
2. *Irmã Cornelia Tomedi, - ou Carmela – votos perpétuos. Carlista.*
3. *Irmã Benedetta - ? – votos perpétuos. Carlista.*
4. *Irmã Ignazia Faveri, - ou Ignacia – votos temporários. Carlista.*

Nova Vicenza

1. *Irmã Maria de Lourdes Martins, de nacionalidade portuguesa, superiora da casa, votos perpétuos. Carlsita.*
2. *Irmã Faustina Bosto, italiana, votos perpétuos. Carlista.*
3. *Irmã Cecilia Mosca, votos perpetuos. Carlista.*
4. *Irmã Maddalena - ? – italiana, - ? – Carlista.*

Nova Milano

1. *Irmã Giuseppina Oricchio, - ou Josefina – italiana, superiora da casa, votos perpétuos. Carlista.*
2. *Irmã Enrichetta Beltrami – ou Henriqueta – italiana, votos perpétuos. Carlista.*

Observa, Amleto Cicognani, que em Nova Milano eram aguardadas outras duas irmãs de São Paulo que haviam sido prometidas, mas que nunca chegaram. Em caráter provisório ali estavam duas irmãs vindas de São Paulo e que em novembro desse ano, 1926, deviam passar ao hospital de Bento Gonçalves.

Do levantamento do Visitador resultou que as irmãs dissidentes ou clementinas eram 19, além das noviças e uma postulante de Aparecida do Norte. A maioria das irmãs optou por continuar carlista, sendo que 18 delas integravam comunidades de São Paulo e 22 atuavam no Rio Grande do Sul. Irmã Estefania Barbosa declarou-se neutra, decidida a se tornar franciscana e por isso não consta entre as clementinas, nem entre as carlistas. Cerca de 10 postulantes que aguardavam em casas do Sul autorização para iniciar a etapa do noviciado, também optaram por ser carlistas.

Uma oportuna constatação de Cicognani foi que se declararam clementinas irmãs de nacionalidade brasileira e italiana que tiveram como mesma de noviciado irmã Maria da Divina Providência ou irmã Afonsina. Ambas, mais irmãs Maria do Sagrado Coração, de nacionalidade brasileira, foram as líderes do cisma. Irmã Gertrudes Mileti, italiana e de profissão mais antigas foi exceção, declarando-se clementina.

Depois de ouvir irmãs e pessoas envolvidas o Visitador Apostólico deteve-se nas causas do dissídio, levantadas em base a quanto ouvira e observara. Alegavam as irmãs clementinas, que faltava às irmãs carlistas espírito religioso e justificavam a afirmação, dizendo que não observavam o silêncio e reduziam o tempo do retiro mensal; que as carlistas eram influenciadas pelos padres scalabrinianos; dos padres scalabrinianos recriminavam o modo como alguns, sobretudo no passado, haviam tratado as irmãs, o descuido com a formação religiosa, o exagero no ordenar e comandar, a falta de regularidade na celebração da eucaristia e nas confissões, o descumprimento do horário, comprometendo nesse aspecto a disciplina no orfanato de Vila Prudente.

Fato é que o Rio Grande do Sul, onde houve mais interação maior entre irmãs missionárias de São Carlos e padres scalabrinianos, ou entre irmãs mscs e outros missionários, a ação apostólica de uns e de outros, identificada com o carisma de João Batista Scalabrini teve, desde o início, um comprovado êxito pastoral.

Ao que tudo indica, tanto d. Duarte Leopoldo e Silva quanto padre Estevam Maria Heigenhauser visavam fortalecer o espírito religioso nas irmãs, porém, no seu modo de agir evidenciaram-se atitudes interpretadas como nacionalistas e preconceituosas, em particular contra os italianos. Para o Visitador ficou claro que as irmãs não foram bem orientadas pelo padre Estevam Maria. Sua maneira de proceder, na opinião de padre Lourenço Hubbauer, *foi um desastre*.

Justificava do cisma fomentado pela própria superiora geral, irmã Maria da Divina Providência de Campos, era elevar o nível da formação das irmãs, distanciar o instituto da influência dos padres scalabrinianos e, segundo alguns, tornar mais brasileira a congregação mscs. Ao se retirar de Vila Prudente, estabelecendo-se no Pari junto a irmã dissidentes, a Superiora Geral deixou acéfala a congregação. As irmãs carlistas, no dizer do Visitador Apostólico, sentiram-se como *ovelhas sem pastor*. O Pari se tornou a *roca forte* das irmãs clementinas. Nesse contexto interveio a Sé Apostólica, tendo o papa Pio XI determinado a visita para a qual foi nomeado d. Amleto Giovanni Cicognani.

Com a intenção de colher pareceres em base aos quais proporia o remédio adequado à situação do instituto scalabriniano feminino, Cicognani interrogou d. Duarte Leopoldo e Silva, todas as irmãs que integravam as comunidades do estado de São Paulo, algumas irmãs de comunidades do Rio Grande do Sul, o redentorista padre Lourenço Hubbauer, o Arcebispo de Porto Alegre. Em seu relatório o Visitador sintetiza as diferentes opiniões das pessoas interrogadas.

O Arcebispo de São Paulo recusou-se deixar seu parecer por escrito, mas expressou-o a viva voz, afirmado que a união entre clementinas e carlistas era impossível. Propôs que as clementinas fossem reunidas em três casas: Aparecida do Norte, Pari e Atibaia, deixando as demais para as carlistas; as carlistas de São Paulo podiam unir-se às do Rio Grande do Sul; o noviciado das mesmas, propunha que retornasse à Vila Prudente.

Padre Lourenço Hubbauer, que conhecia em parte a evolução da congregação mscs e que nessa época era capelão do noviciado de Aparecida, afirmou que padre Estevam Maria não tivera intenção de provocar uma crise, mas sabendo que o coirmão *não era reflexivo e tinha um caráter fanático*, chegara a escrever ao Superior Geral em Roma, *pedindo-lhe que interviesse, o que acabou sendo feito pela Consistorial*. Padre Lourenço achava *difícil conter a agitação*, mas não tinha ainda uma idéia formada de como proceder, se manter as clementinas unidas às carlistas, ou autorizar as primeiras a entrarem em outra congregação. Afirmou ainda que não tinha muita confiança na congregação mscs em razão da limitada formação das irmãs, a menos que houvesse entre as carlistas do Rio Grande do uma irmã competente para assumir a responsabilidade geral e outra para ser mestra de noviças.

Irmã Maria da Divina Providência de Campos sustentou que a divisão fazia-se necessária; que era uma questão de espírito o que as separava; que as carlistas observavam as constituições a seu modo e que neste ponto distinguiram-se as irmãs que haviam feito o noviciado com as carlistas e aquelas que o fizeram com as clementinas; que as clementinas queriam distância dos padres scalabrinianos e censuram, sobretudo, padre Faustino Consoni, padre Marcos Simoni e padre Francesco Navarro que as teriam tratado mal em algumas circunstâncias. Sua posição era, ou a divisão, ou a opção por outro instituto.

Ao Visitador chamou atenção a diferença de atitude entre Clementina e carlistas durante o interrogatório. As irmãs clementinas mostraram certa desconfiança, apresentaram-se como que preparadas para enfrentar uma batalha, ou foram ingênuas em suas manifestações, até repetindo as mesmas palavras ou frases, exceto irmã Afonsina que expressou com elegância o seu parecer.

D. Amleto Cicognani deu particular importância às manifestações de irmã Assunta Marchetti e irmã Antonietta Fontana, ex superiores gerais bem como às duas identificadas como provinciais. Angelina Meneguzzi, de São Paulo e Lucia Gorlin, do Rio Grande do Sul. O Visitador observou que as irmãs carlistas, ainda que expressando com clareza seu pensamento, se apresentaram com manifesta humildade, sem pretensões, descontentes com a situação, ignorada por muitas até pouco tempo. Todas asseguraram disposição de observar as constituições e de desempenhar as atividades assumidas, suplicando ajuda para a continuidade de seu instituto. As irmãs do Rio Grande do Sul, sobretudo, solicitavam que o instituto mscs fosse declarado de direito pontifício. Irmã Antonietta Fontana afirmou que d. Duarte era contrário à admissão ao noviciado de italianas e brasileiras sem distinção, que de fato queria só brasileiras e que nunca viu de bom grado as irmãs e as casas do Rio Grande do Sul.

D. João Bcker, arcebispo de Porto Alegre, afirmou estar *contente com as irmãs carlistas, que fazem muito bem onde atuam* e que não pretendia criar dificuldades ao seu colega, o Arcebispo de São Paulo. Perguntava se havia possibilidade de reunir as casas mscs do Rio Grande do Sul como uma instituição diocesana de Porto Alegre. Em sua opinião, irmã Lucia Gorlin, superiora de Bento Gonçalves, era idônea para assumir a função de superiora geral.

Após ter ouvido opiniões e sugestões, o Visitador Apostólico registrou as suas considerações conclusivas.

1. A divisão do instituto era inevitável porque profunda e irremediável e porque tinha base nacionalista da parte das líderes brasileiras apoiadas pelo Arcebispo de São Paulo e base religiosa, dada a

convicção das irmãs clementinas de que elas tinham espírito religioso, que faltava às irmãs carlistas, o que as faziam acreditar na separação como forma de glorificar a Deus.

2. As irmãs carlistas, apesar dos defeitos e dos limites em sua formação eram *boas irmãs*, não tinham aquela *instrução e cultura própria de senhorias educadas nos conventos de certa distinção*, mas estavam preparadas à sua missão de mestras para os filhos dos emigrados e de enfermeiras nos hospitais, o que faziam com persistência e fidelidade. Não mereciam, pois ver a divisão de seu instituto. Isso seria uma humilhação e soaria como uma pública admoestação. Não se deveria conceder às irmãs clementinas a licença de constituir um novo instituto, o que significaria ratificar a desleal rebelião de poucas líderes. Não restava, portanto, outra alternativa senão demitir as clementinas e deixar ao Arcebispo de São Paulo a faculdade de prover a destinação das mesmas.
3. As constituições em vigor no instituto mscs careciam de revisão, mas a *substância era boa, devendo ser mantida intacta...*
4. A determinação de reordenar o instituto em duas regiões, uma no estado de São Paulo, outra no estado do Rio Grande do Sul como se verá, devia ser atuada, sendo conveniente dominá-las províncias.
5. Já que a demissão de irmãs implicaria em necessidade de fechar algumas casas, a sugestão era de que fossem as indicadas pelo Arcebispo de São Paulo: Pari, Aparecida do Norte e Atibaia. As três poderiam ser postas à disposição de d. Duarte Leopoldo e Silva.
6. Às irmãs carlistas devia-se restituir parte das contribuições, quer aquelas destinadas à compra do imóvel de Santo Antonio do Pari, quer a soma de *10 contos* que, através de padre Marco Simoni, os scalabrinianos deram às irmãs carlistas para a compra o imóvel de Aparecida do Norte.
7. As distancias, a diversidade de clima e de cultura sugeriam, na época, a abertura de um segundo noviciado da Congregação, o que poderia favorecer maior empenho das duas províncias e das duas províncias no cultivo das vocações.
8. No Rio Grande do Sul o local mais indicado para o noviciado era Bento Gonçalves, próximo ao colégio São Carlos. Havia urgência quanto à abertura do noviciado no Sul porque algumas postulantes há tempo aguardavam essa possibilidade.
9. Em São Paulo o local sugerido para o noviciado da província era Vila Prudente, mas seria necessária ali uma adaptação, possível de ser feliz.
10. Depois de nomeadas as duas superiores provinciais era urgente nomear a superiora geral do instituto mscs, bem como a mestra

de noviças. Irmã Lucia Gorlin, sugerida pelo Arcebispo de Porto Alegre como idônea para exercer a função de superiora geral, na avaliação do Visitador tinham limitada instrução, mas era *uma mulher de senso prático e enérgica* ainda que, talvez não agradasse às irmãs de São Paulo. Caberia à superiora geral decidir o local da sede, se em São Paulo ou no Rio Grande do Sul. Para mestra de noviças no Sul, a proposta de Cicognani era irmã Borromea Ferraresi. Para mestra em São Paulo, preferiu não sugerir nome. Quanto à eleição da superiora geral propôs que fosse indicada pelas irmãs mediante voto por escrito e secreto a ser enviado à Consistorial, ou encarregar um eclesiástico do local.

11. Por último o Visitador abordou a questão de como prover para que a congregação mscs tivesse uma orientação melhor que a do passado, favorecendo seu desenvolvimento. Depois de válidas ponderações a respeito, Cicognani propôs uma dupla alternativa: declarar o instituto de direito pontifício ou mantê-lo ainda por tempo indeterminado, até caminhar melhor, sob a direção do cardeal secretario da congregação Consistorial¹⁹⁴.

Na fase de reordenação do instituto scalabriniano feminino, assunto de que trataremos a seguir, as considerações de d. Amleto Giovanni Cicognani foram levadas em contas, sendo atuadas em sua maioria, as sugestões do visitador apostólico.

3.2.5 Reordenação do instituto scalabriniano feminino

A limitada compreensão das diferentes dimensões da vocação scalabriniana e a pouca sintonia com a origem da congregação das irmãs missionárias de São Carlos da parte de uma minoria que tentou se impor às demais irmãs, incluem-se entre as causas da crise das clementinas, que danificou sobremaneira o instituto a crise das clementinas, danificou sobremaneira o instituto. A crise de identidade, em suas manifestações explícitas, cessou depois da visita apostólica de d. Amleto Giovanni Cicognani quando, a 27 de novembro de 1926, o cardeal Gaetano De Lai declarou a congregação mscs, enquanto instituição fundada para o serviço evangélico junto aos migrantes, dependente da congregação Consistorial e sob a jurisdição de d. Egidio Lari, auditor da nunciatura apostólica no Brasil. Seguiu-se um período de reordenação situado no decênio 1925-1934, que seria para a congregação scalabriniana feminina, de rigorosa dependência da Sé Apostólica e teria ressonâncias benéficas na vida do instituto.

¹⁹⁴ CICOGNANI, Amleto. G. Brasile. Suore Missionarie di S. Carlo. Relazione di Mons. Cicognani, Visitatore Apostólico, 1926 (AGSS 1.4.4).

A partir de 15 de outubro de 1925, data em que o cardeal De Lai comunicou à madre Maria da Divina Providência de Campos que a congregação Consistorial se propusera *regulamentar e disciplinar* a congregação das irmãs missionárias de São Carlos, sucessivas medidas foram tomadas pela Sé Apostólica com vistas à necessária reordenação do instituto scalabriniano feminino. Primeiro passo foi ordenar a suspensão de qualquer iniciativa que significasse mudança de relevo na vida da congregação. À Superiora Geral foi solicitado o envio à Consistorial de um exemplar das constituições em vigor no instituto, bem como uma relação completa das irmãs mscs e das casas existente nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.

Outras concretas determinações caracterizaram a fase de intervenção da Sé Apostólica desde o início de 1926, portanto, antes da visita apostólica de Cicognani. Em carta de 7 de janeiro desse ano, De Lai comunicou a d. Duarte Leopoldo e Silva e a d. João Becker algumas precisas disposições ligadas à regulamentação da congregação das irmãs de São Carlos. Como já vimos, a primeira recomendação foi de que as irmãs mscs não mudassem o nome, nem renegassem a origem e a finalidade do instituto.

Para atuar essa disposição era necessário afastar padre Estevam Maria da direção das irmãs e destinar outro sacerdote apto a desempenhar esse encargo. O cardeal De Lai sugeria o nome de padre Domenico Canestrini, sendo nisso atendido dom prontidão pelo Arcebispo de São Paulo que, em fevereiro de 1926, nomeou o scalabriniano diretor das irmãs, incumbência que anos antes confiara ao redentorista, padre Estevam Maria Heigenhauser.

Ao informar ao Cardeal sobre sua nomeação, em carta de 23 de fevereiro de 1926, padre Canestrini mostrou-se resistente em assumir o compromisso, alegando entre os motivos, *desconhecer os deveres de tal título*. O Scalabriniano afirmava que d. Duarte dizia-se preocupado com a realização de eleições, já determinadas pela Consistorial. O Prelado via sérios inconvenientes para a congregação das irmãs de São Carlos no caso de eventual vitória de uma irmã carlista, chegando a dizer que se isso acontecesse retomaria a casa de aparecida do Norte e se desinteressaria pelo instituto, *desgosto de ver frustrada dessa maneira sua obra de tantos anos*.

Na mesma carta padre Domenico referia ao cardeal De Lai os transtornos de uma viagem a São Paulo, empreendida naqueles dias por três irmãs mscs vindas do Sul. As irmãs Lucia Gorlin Borromea Ferraresi e Vittorina Consoni, ansiosas por notícias, depois de ouvir d. João Becker decidiram viajar a São Paulo com finalidade de conhecer melhor

as intenções de Maria da Divina Providência e saber dos planos acerca do futuro do instituto. É de se notar que a viagem aconteceu em um momento de maior tensão entre irmãs clementinas e irmãs carlistas, o que explica a frieza com que foram recebidas em Vila Prudente.

Foi nesse clima de animosidade que as três missionárias scalabrinianas procuraram padre Canestrini, agora diretor das irmãs. O Padre soubera de sua chegada através de telefonema que lhe fora feito por d. Duarte. Objetivo da viagem, segundo o Arcebispo, era o capítulo eletivo. A padre Domenico as irmãs declararam nada saber de eleições e nem d. João Becker recebera comunicação a respeito. Nessa circunstância entregaram a padre Canestrini o *Memorial da Missão do Rio Grande do Sul*, datado de 19 de fevereiro de 1926, elabora e assinado pelas três irmãs. No *Memorial*, que padre do Domenico Canestrini anexou à carta por ele enviada ao cardeal De Lai poucos dias depois, as missionárias afirmavam não querer a separação e que seu propósito era retorna ao Sul harmonizadas com as coirmãs de São Paulo e continuar sua missão de acordo com os princípios da congregação mscs¹⁹⁵.

Tranquilizadas pelo novo Diretor, logo retornaram ao Rio Grande do Sul, tendo-se apresentado ao Arcebispo de Porto Alegre, oportunidade em que tomaram conhecimento de uma carta de madre Maria da Divina Providência de Campos, enviada há mais tempo ao prelado. Na carta a d. João Becker a Superiora Geral dizia não mais se interessar pelas missões do Sul e que o arcebispo de Porto Alegre podia nomear uma irmã de sua confiança para ser superiora geral das irmãs que integravam as comunidades do Rio Grande do Sul.

Em matéria anterior referimos a carta de 7 de janeiro de 1926 na qual consta que a congregação Consistorial determinara a formação de duas regiões, uma no estado de São Paulo e outro no Rio Grande do Sul, das quais resultariam mais tarde as duas primeiras províncias da congregação mscs. Intenção era mesmo formar duas regiões, até porque d. Vincenzo a Puma, secretário da congregação dos Religiosos entendia que faltavam então ao instituto elementos importantes para criar províncias.

A demora dos dois arcebispos em executar essa determinação teve diferentes razões: d. Duarte preferiu temporizar, enquanto d. João Becker afirmaria não ter recebido a carta da Consistorial, desconhecendo as disposições contidas na correspondência extraviada. A temporização de um e a desinformação de outro motivaram nova

¹⁹⁵ CANESTRINI, Domenico. *Lettera a Gaetano De Lai*. São Paulo, 23-2-1926 (Archivio Del Pontificio Consiglio Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

carta de De Lai, de 15 de junho de 1926 e endereçada aos dois prelados, nas quais o cardeal justificava a insistência e ordenava a ambos que se ativessem às disposições comunicada a 7 de janeiro desse ano:

Permito-me insistir sobre tal questão não sendo possível, no atual estado de coisas, adiar ainda mais. Disto resulta grave dano ao instituto o qual, dessa maneira, vê perderem-se tantas boas vocações, tão necessárias às missões e debilitarem-se a disciplina e o espírito de obediência e de sacrifício.

Sintetizo, portanto, as prescrições por mim já dadas para que V. Revma. Se proponha executá-las sem perda de tempo, procurando vencer as dificuldades que pode encontrar:

- 1. Formar uma divisão de duas regiões, uma em São Paulo e outra no Rio Grande do Sul, para o momento dependentes dos respectivos ordinários.*
- 2. As irmãs das duas regiões deverão eleger a superiora regional com seu conselho que, por ora, deve ser constituído de duas conselheiras.*
- 3. As superiores regionais, junto às conselheiras, deverão eleger a superiora geral. Porém, a esse respeito aguardem-se as conclusões e as disposições que serão dadas após a visita apostólica, que não tardará muito a se realizar...¹⁹⁶*

A eleição das superiores regionais, orientada por madre Maria da Divina Providência, foi realizada a 7 de agosto de 1926, sendo eleitas as irmãs Angelina Meneguzzi para São Paulo e Lucia Gorlin para o Rio Grande do Sul. Irmã Angelina Meneguzzi revê como conselheiras as irmãs Immaculada Mileti e Carolina Grasti e irmã Lucia Gorlin, as irmãs Borromea Ferraresi e Elena Lucca. As superiores regionais foram confirmadas pela congregação Consistorial.

Concluída a visita de Amleto Cicognani, a Consistorial passou a ditar novas medidas indicadas em boa parte pelo visitador apostólico e pelo secretário da congregação dos Religiosos, d. Vincenzo La Puma. Como os anteriores, os novos passos visavam a reorganização do instituto scalabriniano feminino. Entre as duas alternativas propostas pelo Visitador, de declarar já a congregação mscs um instituto de direito pontifício, ou de mantê-la ainda por tempo indeterminado sob a direção do cardeal Gaetano De Lai, a Consistorial optou pela segunda, sendo a primeira adiada por cerca de oito anos.

A 27 de novembro de 1926 o cardeal De Lai declarou o instituto mscs dependente da congregação Consistorial, sob a jurisdição de d. Egidio Lari, auditor da nunciatura apostólica no Brasil. O próprio d. Egidio Lari, a 19 de janeiro de 1927, comunicou aos arcebispos de São Paulo e de Porto Alegre, bem como ao bispo da diocese de São Carlos, no estado de São Paulo e a padre Domenico Canestrini que a Sé

¹⁹⁶ DE LAI, Gaetano. *Lettera AL Arcivescovo di São Paulo – e Porto Alegre*. Roma, 15-6-1926 (Archivio Del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot 514/25).

Apostólica se dignara a nomeá-lo visitador apostólico do instituto das irmãs de São Carlos. A 18 de fevereiro padre Canestrini comunicava à irmã Lucia Gorlin que por disposição da Sé Apostólica ele concluíra seu encargo junto às irmãs mscs e que, a partir de então, dependiam em tudo de d. Egidio Lari a quem cabia facilitar a execução das decisões tomadas pela congregação Consistorial depois da visita de Amleto Cicognani, com vistas à reordenação do instituto.

Uma das primeiras deliberações da Consistorial e que fora sugerida pelo Visitador Cicognani, foi a abertura no Sul do segundo noviciado da congregação mscs. Ainda a 2 de novembro de 1926, em carta à irmã Lucia Gorlin, d. João Becker comunicava-lhe ter recebido da nunciatura apostólica do Rio de Janeiro um telegrama com a notícia de que o cardeal Gaetano De Lai permitira a instalação de um noviciado da congregação em Bento Gonçalves. O Arcebispo adiantava-lhe que, na medida do possível, iria a Bento Gonçalves para instalar ele próprio o noviciado.

A nova casa de formação iniciou sua atividade formativa a 16 de janeiro de 1927. As irmãs que atuavam no Sul junto aos imigrantes italianos e seus descendentes contavam com o apoio de d. João Becker. Como elas, também o Arcebispo de Porto Alegre insistira para que fosse aberto no Rio Grande do Sul um noviciado da congregação, iniciativa que no seu entender beneficiaria as vocacionadas ali numerosas e os pais das candidatas, preocupados com a distância que São Paulo representava na época, além de favorecer o próprio instituto que não conseguia atender as múltiplas solicitações de presença nesse estado.

Outro passo na reordenação do instituto das irmãs de São Carlos dizia respeito ao governo interno da congregação. A 25 de janeiro de 1927, por determinação da Consistorial, irmã Angelina Meneguzzi assumiu como interina e sob a dependência da mesma congregação Consistorial, a função de superiora geral até que fosse eleita e nomeada uma nova superiora para o instituto scalabriniano feminino.

Às irmãs clementinas foi feito novo apelo para que retornassem ao instituto das irmãs de São Carlos. Algumas irmãs acolheram o convite, outras ingressaram em outros institutos. As três que por primeiro responderam ao chamamento foram as irmãs: Maria Daltoé, Anna Facchin e Juliana Mugnol. Até 18 de fevereiro de 1926 três irmãs clementinas haviam solicitado permissão para ingressar na congregação das irmãs franciscanas enquanto outras, em número de oito, optaram pela congregação de São Vicente de Paulo. Entre estas, irmã Maria da Divina Providência de Campos, afastada da função de superiora geral cerca de dois anos após eleita por um sexênio, que deveria se estender até setembro de 1930.

A reordenação do instituto das irmãs mscs foi, no início, dificultada por algumas manifestações hostis de d. Duarte Leopoldo e

Silva, ao cardeal De Lai, de fevereiro de 1927, d. Egidio Lari mostrava-se perplexo e fazia sua uma frase que ouvira de Michele Kruze, abade do mosteiro de São Bento, São Paulo: *o Arcebispo queria formar uma congregação diocesana com as irmãs que abandonavam as scalabrinianas e depois deixar cair o instituto destas*. Em outra circunstância o Arcebispo declarou a Lari *que lutara com todos os institutos religiosos da arquidiocese, masculinos e femininos, mas que sempre acabara vencendo e todos se haviam submetido. 'Destá vez fui vencido pelo que tenho de pior na arquidiocese'*. Lari que estava determinado a colaborar na reorganização da congregação mscs, concluiu a carta dizendo: *Pena que o instituto tenha no Arcebispo um adversário*¹⁹⁷.

Fator que muito contribuiu para que a congregação mscs adquirisse a necessária estabilidade e retomasse o caminho do progresso na fidelidade ao carisma de fundação, foi a eleição e nomeação de madre Assunta Marchetti como superiora geral, função que desempenharia tendo-se realizado no primeiro semestre de 1927.

¹⁹⁷ LARI, Egidio. *Lettera a Gaetano De Lai*. São Paulo, 18 de fevereiro 1927 (Archivio Del Pontificio consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

3.3 Consolidação, expansão e Reconhecimento pontifício da Congregação das irmãs missionárias De são Carlos, scalabrinianas

3.3.1 Madre Assunta Marchetti, 1927-1935

No ano de 1927 a congregação das irmãs missionárias de são Carlos começou ressurgir da crítica situação a que fora levada por uma minoria de irmãs dissidentes que buscou de maneira equivocada o progresso do instituto, rompendo com sua legítima identidade. Iniciado o período de intervenção da Sé Apostólica a maioria das irmãs, fiel ao projeto scalabriniano, esperava da congregação Consistorial medidas que garantissem ao instituto religioso condições favoráveis ao seu crescimento na unidade. As deliberações da Consistorial visaram o desenvolvimento do instituto scalabriniano feminino, orientando-se por critérios essenciais, a começar pela fidelidade à origem, na atuação do carisma junto aos emigrados. As irmãs mscs, por sua vez, chamadas a votar manifestaram confiança na força carismática de madre Assunta Marchetti, que teria papel importante também nessa retomada pós-crise. Eleita e nomeada superiora geral, a Co-fundadora animou a vida do instituto no período 1927-1935, tempo em que a congregação mscs fortaleceu-se para mais sólidos avanços.

Uma das primeiras disposições da congregação Consistorial dizia respeito ao governo do instituto scalabriniano feminino. A 25 de janeiro de 1927 d. Egidio Lari, encarregado de fazer cumprir as decisões da Sé Apostólica com vistas à reordenação da congregação mscs comunicou à irmã Angelina Meneguzzi a determinação da Consistorial de encaminhar o processo de eleição da superiora geral do instituto. A votação realizou-se entre os meses de fevereiro e abril de 1927. Nesse período, sem reunir o capítulo conforme orientação recebida de Roma, 51 irmãs votaram, utilizando cédulas individuais padronizadas que foram enviadas à congregação Consistorial. Da cuidadosa apuração resultou eleita madre Assunta Marchetti com 30 votos das 51 irmãs votantes. Irmã Angelina Meneguzzi, a segunda mais votada, recebeu 16 votos, inclusive o de madre Assunta. Irmã Lucia Gorlin recebeu 4 votos e irmã Antonietta Fontana 1 voto. Madre Assunta Marchetti preencheu assim sua cédula que, como as demais, se conserva no Arquivo do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes:

*Formola da sottoscriversi dalle
R. Suore Missionarie di S. Carlo.*

Io sottoscritta entrata nella religione Il giorno 25 de outubro de 1895 e professa com voti perpétuos sin dal giorno 25 de outubro de 1897 intendo continuare a vivere fedelmente nella

Formatado: Italiano (Itália)

Congregazione delle Suore Missionarie si S. Carlo, e do Il mio voto Allá R M. Irmã Angelina Maneguzzi por essere eletta Madre Superiora Generale Suor Assunta Marchetti Data: 5 de março de 1927.

Madre Assunta Marchetti era Superiora da comunidade da Santa Casa de Misericórdia de Monte Alto, interior do estado de São Paulo quando, em meados de 1927, recebeu de d. Egidio Lari a comunicação de que fora eleita superiora geral da congregação das irmãs de São Carlos.

D. Egidio Lari escreveu ao cardeal De Lai a 17 de setembro de 1927, dizendo ter recebido dia 21 de julho a correspondência com data de 20 de junho desse ano, em que o secretário da congregação Consistorial lhe ordenava comunicar a madre Assunta Marchetti sua eleição como superiora geral. A comunicação de d. Lai a madre Assunta foi feita em carta de 30 de julho de 1927. A carta de nomeação data de 20 de junho de 1927.

A nova Superiora Geral completaria 56 anos de idade a 15 de agosto. Depois de rezar e refletir durante alguns dias madre Assunta aceitou assumir a responsabilidade que lhe foi proposta e, cumprindo disposição de d. Egidio Lari, transferiu-se para São Paulo, capital. Em carta ao visitar Apostólico, a 7 de agosto, solicitava-lhe a caridade de assegurar junto a padre Domenico Canestrini permissão para fixar a sede geral do instituto em vila Prudente, alegando que o Pari não dispunha de acomodações para essa finalidade. De Vila Prudente enviou às irmãs mscs a circular transcrita a seguir e datada de 8 de setembro de 1927, festa da natividade de Maria:

Diletíssima coirmã.

A paz de nosso Senhor esteja com a senhora.

As queridas e boas coirmãs, com seu voto, colocaram em meus pobres ombros uma enorme responsabilidade. Teria desejado subtrair-me a tanto peso, ciente da minha absoluta incapacidade, mas a insistência de nosso Exmo. Visitador, d. Egidio Lari, que me indicava nessa eleição a voz de Deus, coagiu-me a aceitar.

Desse modo, nunca em nenhuma circunstância e lugar demonstrou-se tão verdadeira como nesta a profunda máxima: Deus se serve dos instrumentos mais inadequados, mais limitados para suas obras.

Toda a minha confiança recoloquei-a em seu dulcíssimo Coração. Para ele e nele eis-me neste delicadíssimo e muito espinhoso encargo.

Nesta minha aceitação, ademais, uma grande esperança me sorri: a cooperação leal, pronta e generosa de todas as minhas boas coirmãs e, sobretudo, das superiores de cada comunidade.

V. Revma. Sabe muito bem de qual terrível luta sai a nossa dileta congregação. Uma inominável tormenta tentou abater-nos e tragar-nos. Fomos salvos por milagre e podemos dizer que nessa dura disputa, que foi a prova de fogo, o bom Deus deu-nos um sinal visível de sua admirável proteção.

Agora se trata de nos unirmos todas em um afetuoso vínculo de caridade e, esquecidas de um triste passado, retornar nosso caminho, ou melhor, recomeçar vida nova.

Nenhuma novidade quanto eu saiba será introduzida. Aquilo que dos nossos venerados superiores nos vem solicitado com brandura, sim, mas com toda energia, é a observância íntegra e fiel da santa regra e a dependência absoluta e incondicional da sua autoridade.

A experiência do passado nos aconselha a encaminhar-nos por uma senda de mais disciplina e obediência àqueles excelentíssimos superiores que, salvando-nos da ruína certa, dedicam seus admiráveis esforços para o progresso de nossa querida congregação.

Em base, portanto, a esse princípio, minha estimada coirmã, considero um dever para o bom governo meu e de V. Revma., avisá-la que nenhum compromisso de qualquer espécie, nenhuma modificação ou novidade, nada pode ser feito sem licença do Revmo. Visitador da Consistorial de quem única e diretamente nós dependemos.

Cada superiora, pois, oriente a sua comunidade com tal clareza e em conformidade com as santas regras e aos usos da congregação, como se devesse de um dia para o outro deixar seu encargo à voz da santa obediência.

Chamo humildemente e com toda caridade a atenção sobre este ponto muito essencial à boa ordem, para não incorrer em dolorosos mal-entendidos e amargas desilusões.

Canto muito minha bem-amada coirmã com sua prudência, bondade e caridade e congratulo-me com sua firmeza e santo espírito de sacrifício. Trabalhem todas para a glória do Senhor, para santificação nossa e para o verdadeiro bem da nossa congregação.

*O bom Deus nos abençoe.
A vossa humilde serva em Jesus Cristo¹⁹⁸.*

¹⁹⁸ MARCHETTI, Assunta. Carta circular. São Paulo, 8-9-1927 (AGSS 1.5.4).

Os sentimentos expressos por madre Assunta na circular de 8 de setembro são de confiança no Senhor, de reconhecimento pelo sinal visível de sua proteção, bem como de esperança na cooperação sincera de todas as irmãs, necessária para uma retomada na unidade e na paz. Consciente de seus limites, com humildade, visando a glória de Deus, a santificação das coirmãs e o progresso da congregação, a Superiora Geral exorta à observância das constituições e a uma rigorosa obediência às determinações do Visitador Apostólico de que, de modo direto, o instituto agora depende.

O secretário da congregação Consistorial, cardeal Gaetano De Lai, ao felicitar madre Assunta pela sua eleição escreveu-lhe em carta de 4 de outubro de 1927.

*A senhora, que foi uma das pioneiras a responder ao chamado dos Fundadores e a dedicar sua vida ao bem espiritual dos emigrados italianos saberá, no governo de seu instituto, transmitir aquele espírito de sólida piedade, de completo sacrifício e de obediência, para torná-lo forte e compacto*¹⁹⁹.

Para as irmãs mscs madre Assunta era de fato uma referencia e em muitas circunstâncias o expressaram. Em meados de 1927, irmãs da comunidade de Nova Milano, rio Grande do Sul, enviaram a madre Assunta Marchetti uma afetuosa carta de felicitações pelo seu onomástico, enaltecendo a co-fundadora como *primeira árvore copiosa de virtude* e pediam ao Senhor que permitisse a todas as missionárias de são Carlos, seguirem com fidelidade *o seu admirável exemplo*²⁰⁰.

Como superiora geral, madre Assunta Marchetti continuou sendo a primeira no instituto a dar o exemplo. Em seu mandato, que com a prorrogação estendeu-se até março de 1935, mediante correspondência ou de viva voz sem se constringer solicitou esclarecimentos ao Visitador Apostólico e sem restrições manteve-se dependente da sua autoridade.

Em carta de 7 de setembro de 1927, madre Assunta perguntava a d. Egidio Lari qual a dependência do instituto em relação ao ordinário local. A resposta do Visitador, com data de 12 de setembro desse ano, como em outras circunstancia foi até dura, mas precisa: *peço-lhe reler todas as cartas por mim escritas a irmã Angelina Meneguzzi que estarão no arquivo e nas quais se diz que 'todas as faculdades do ordinário local são no momento transferidas ao Visitador Apostólico'*. Em outras palavras, escreve Lari, *eu sou o ordinário de todas as casas das irmãs de são Carlos em qualquer diocese*. Por ter-se, a superiora Geral, mostrado condescendente com irmã Afonsina Salvador que pedira para retornar ao instituto, d. Egidio Lari observou: *não sei porque a senhora foi tão pronta em recebê-la. Desse modo é inútil escrever a Roma. A*

¹⁹⁹ DE LAI, Gaetano. *Lettera a Assunta Marchetti*. Roma, 4-10-1927 (Archivio del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25). (Minuta).

²⁰⁰ CAMARGO, Giovannina & MURARO, Teresina. *Lettera a Assunta Marchetti*. Nova Milano, 18-7-1927 (AGSS 1.5.4).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

senhora já recebeu. E acrescentou: *quanto se sabe em Roma, irmã Afonsina é uma das irmãs que causaram a crise da congregação de São Carlos e que ainda não terminou*²⁰¹.

O Visitador, por sua vez, com diplomacia estendeu ele mesmo a reconciliação àqueles que pouco tempo antes tentaram desviar o instituto do projeto pastoral scalabriniano. D. Egidio Lari reaproximou a congregação das irmãs de São Carlos aos padres redentoristas, confiando-lhes outra vez a orientação espiritual de formadoras e formandas, do noviciado de Aparecida. O próprio arcebispo, d. Duarte Leopoldo e Silva, voltou a ser o zeloso pastor também dos missionários e das missionárias de São Carlos, scalabrinianos, que atuavam na arquidiocese de São Paulo.

Apesar da situação atípica, logo que assumiu o cargo madre Assunta empenhou-se junto ao Visitador Apostólico para que fosse nomeado um conselho geral cujos nomes ela propôs e que ficou assim constituído: irmã Angelina Meneguzzi, irmã Lucia Gorlin, irmã Imaculada Mileti, irmã Camilla Dal Ri. Em meados de 1930 irmã Angelina Meneguzzi, que acumulava a função de superiora regional, identificada a seguir como superiora provincial, deixou o conselho do qual passou a fazer parte irmã Ignez Oricchio. A nova conselheira assumiu também a função de secretária geral da congregação, antes desempenhada por irmã Teresinha Muraro.

Nos primeiros anos de mandato, sob a jurisdição de d. Egidio Lari, madre Assunta deu continuidade à reordenação do instituto scalabriniano feminino. Particular preocupação da direção geral era a comunicação com as comunidades do Rio Grande do Sul. Em relação à província de São Paulo, a proximidade geográfica possibilitava visitas frequentes, em consequência, respostas mais rápidas às necessidades das irmãs e das comunidades.

Uma dificuldade manifestada ao Visitador por madre Assunta em novembro de 1927 foi sua relação com irmã Lucia Gorlin, provincial do Sul. Em carta à coirmã, de 15 de outubro, a Superiora Geral falava do *golpe* sofrido pelo instituto, mostrava-se reconhecida à divina Providência pelo auxílio recebido e convidava a corresponder com maior entusiasmo e abnegação, não só por gratidão, mas tendo em vista curar por completo as feridas, facilitar uma reconstrução plena e o progressivo desenvolvimento da congregação. Do passado, escrevia, importa *aprender a necessidade da união sincera e cordial*, condição para que tudo prossiga bem.

Nesse ponto a Superiora Geral abordava um assunto, ao que tudo indica, doloroso para irmã Lucia Gorlin. Madre Assunta afirmava: *razão do triste passado, persiste na mente de algumas coirmãs a ideia de que a província do Sul não deva existir e formar um todo com a província de São Paulo, como os vários membros em um só corpo, mas antes, uma coisa toda à parte e separada...* Recomendava, pois, à irmã Lucia que fosse *a mais válida ajuda e sincero apoio à Madre* – que sozinha nada podia fazer – e que encontrasse no

²⁰¹ LARI, Egidio. Lettera a Assunta Marchetti. Rio de Janeiro, 12-9-1927 (AGSS 1.5.4).

*seu amor às obras e no seu zelo pela maior glória de Deus o modo de pôr fim a essas falsas e erradas ideias*²⁰².

Na mesma carta madre Assunta solicitava à irmã Lucia uma relação detalhada do andamento geral das missões no Rio Grande do Sul, especificando em três blocos informações relativas à administração e economia; ao espírito e à observância das constituições; à formação das irmãs e das noviças em especial. A Superiora Geral concluía sua carta à Provincial com outras recomendações, como a de visitar as casas da província, a fim de inteirar-se da realidade, sobretudo para saber se havia união sincera e cordial entre as superiores e irmãs das várias comunidades.

Dez dias depois, em carta de 25 de outubro de 1927, irmã Lucia Gorlin respondeu a madre Assunta escrevendo, entre outras coisas: que teria preferido uma visita da Superiora Geral, o que aguardava o mais rápido possível; que ficara contente com a notícia de que a situação no instituto se encaminhava para o melhor; que a respeito da união sincera, *haviam trabalhado e sofrido sempre por isso*; que de sua parte faria o *possível para manter a ordem e a paz*; que visitara em abril as casas da província e encontrara todas bem. A seguir, a Provincial abordou, item por item, as demais informações solicitadas, mas o relato não agradou à madre Assunta. Nas respostas de irmã Lucia, muito mais que má vontade, prevaleciam alguns compreensíveis ressentimentos, indicadores de que a crise não fora superado por completo²⁰³.

A 12 de novembro de 1927 Madre Assunta Marchetti comunicava a d. Egidio Lari o envio de relatório por ele solicitado em carta de 26 de outubro e que recebera de irmã Lucia Gorlin, provincial do Rio Grande do Sul. A Superiora Geral escrevia que solicitara à Provincial o relatório com duplo objetivo: ter uma ideia clara da situação das várias casas do Sul e, ao mesmo tempo, saber o que pensava irmã Lucia Gorlin, de quem ouvira dizer que preferia agir de modo independente, atitude que madre Assunta via confirmada no *persistente silêncio* da coirmã em relação à realidade das casas do Rio Grande do Sul. Na carta ao Visitador Apostólico a Superiora Geral citava aspectos do relatório enviado por irmã Lucia e, na avaliação do mesmo, dizia que o relato era incompleto; que a provincial se mostrara contraditória; que perguntada sobre a relação entre as irmãs afirmara estar bastante contente, mas em carta reservada, assinada também por irmã Borromea Ferraresi, falava de desacordo e fazia comentários pouco edificantes.

Na mesma carta madre Assunta propunha ao Visitador Apostólico a nomeação de irmã Raffaella Susin como superiora provincial do Rio Grande do Sul e de irmã Lucia Gorlin como superiora local da casa do Pari, São Paulo. A superiora Geral adiantava a d. Lari que a irmã poderia resistir à transferência, até porque atuava em Bento Gonçalves desde 1915 e fora ali pioneira, mas

²⁰² MARCHETTI, Assunta. *Lettera a Gorlin*. Villa Prudente, SP, 15-10-1927 9AGSS 1.5.4).

²⁰³ GORLIN, Lucia. *Lettera a Assunta Marchetti*. Bento Gonçalves, 25-10-1927 9AGSS 1.5.4).

afirmava que essa mudança lhe parecia necessária à verdadeira união entre as duas províncias da congregação.

Em segunda carta ao Visitador, escrita na mesma data, 12 de novembro de 1927, madre Assunta expressava contentamento com a previsão otimista quanto à aquisição do imóvel do Pari, mas afirmava que nada podia dizer de positivo a respeito da situação financeira das casas do Rio Grande do Sul porque a provincial, a um seu pedido, respondera de forma evasiva, propondo-se enviar uma relação somente no final do ano letivo. Nesta carta a Superiora Geral tecia elogios as casas todas de São Paulo, pontuais em cumprir seu dever, enquanto que as casas do Rio Grande Sul há três anos em nada contribuíam à caixa da casa geral. Desta, dependia também a manutenção do noviciado. Madre Assunta dizia ter perguntado à irmã Lucia onde fora parar o dinheiro, porém a provincial *não soube ou não quis responder*²⁰⁴.

Durante seu mandato madre Assunta Marchetti realizou quatro visitas ao Sul, duas em 1928, a terceira entre junho de 1929 e março de 1930 e a última em meados de 1933, elaborando a seu tempo um relatório de cada uma. A segunda visita, realizada em agosto de 1928, teve por objetivo primeiro dar posse à nova superiora provincial, irmã Elena Lucca, que sucedeu à irmã Lucia Gorlin, afastada por problemas pessoais e transferida para São Paulo. Além de continuar como conselheira geral, irmã Lucia foi nomeada superiora do externato Santa Teresinha.

Irmã Elena Lucca permaneceu pouco tempo no cargo de superiora provincial do Rio Grande do Sul. Renunciou em fins de 1929. A função foi assumida em caráter provisório por irmã Borromea Ferraresi. Em março de 1931 foi nomeada a nova superiora provincial, irmã Faustina Bosio. A província de São Paulo, ao contrario, durante todo o mandato de madre Assunta Marchetti teve como única superiora provincial, irmã Angelina Maneguzzi.

Múltiplos fatores preocuparam madre Assunta no período 1927-1935 e contribuíram para abalar sua saúde: a dependência da congregação Consistorial; as viagens desconfortáveis; as comunicações difíceis; os desacertos no Sul, que inclusive obrigaram a Superiora Geral a se deter ali por nove meses consecutivos, entre junho de 1929 e março de 1930; problemas de saúde de irmãs, como a epidemia de tifo que em 1934 acometeu 11 irmãs em Bento Gonçalves; dificuldade de ordem econômica, até pela situação de crise generalizada que na época atingiu todo o mundo, com reflexos também no número de matrículas em escolas da congregação.

Em abril de 1933, três meses antes de concluído o sexênio, madre Assunta Marchetti encaminhara seu pedido de demissão do cargo de superiora geral da congregação das irmãs de São Carlos. Solicitadas instruções a respeito, consultadas pessoas confiáveis, ouvidos pareceres do núncio apostólico no Brasil, d. Benedetto Aloisi Masella e do superior regional dos padres missionários scalabrinianos, a congregação Consistorial reconfirmou

²⁰⁴ MARCHETTI, Assunta. Lettera a Egidio Lari. Villa Prudente, São Paulo, 12-11-1927 9AGSS 1.5.4).

madre Assunta Marchetti como superiora geral do instituto scalabriniano feminino até a realização de eleições em capítulo geral, a ser celebrado conforme estabeleciam as novas constituições já em estudo junto à Sé Apostólica. Como veremos, na conclusão do mandato de madre Assunta Marchetti em 1935, a congregação das irmãs missionárias de São Carlos havia adquirido maior solidez, estando melhor preparada para necessários avanços.

3.3.2 Estabilidade e expansão missionária mscs

Decorridos poucos anos do início da intervenção da Sé Apostólica na congregação das irmãs missionárias de São Carlos os sinais da consolidação já eram visíveis. Favorecido pela firme orientação da congregação Consistorial, pelo desempenho de d. Egidio Lari e d. Benedetto Aloisi Masella, pela presença carismática de madre Assunta Marchetti e colaboração das irmãs mscs, o instituto scalabriniano feminino adquiriu estabilidade e melhores condições de progresso não, porém, sem dificuldades. A própria dependência da Consistorial em determinados aspectos tornava-se incômoda. Quando, em meados de 1930, d. Egidio Lari deixou o Brasil a congregação permaneceu sob regime de visita apostólica. O aumento do número de membros, a formação sistemática da irmã mscs aliada a uma relativa preparação profissional deram à congregação maior consistência e lhe indicaram um horizonte mais amplo, de possíveis avanços pastorais.

Um relatório de d. Egidio Lari de 24 de outubro de 1928 elaborado em base a informações recebidas de madre Assunta Marchetti e enviado ao prosecretário da Consistorial, cardeal Carlo Perosi, mostra o instituto ainda em fase de reordenação e revela, entre outras questões, a situação pessoal de irmã Lucia Gorlin, superiora provincial do Rio Grande do Sul. Nesse ano de 1928 por duas vezes, em maio e agosto, a Superiora Geral Visitou o Sul, a fim de constatar in loco a realidade, ouvir as irmãs e propor ao Visitador soluções adequadas às necessidades da província sulina.

Em seu relato d. Egidio Lari concluía que a provincial, irmã Lucia Gorlin, não podia permanecer no cargo sobretudo porque se tornara dependente alcoólatra, sendo desse parecer além de irmã Borromea Ferraresi que antes defendera a coirmã, outras irmãs e o scalabriniano padre Giuseppe Foscallo. Para d. Lari, irmã Lucia Gorlin podia suceder irmã Elena Lucca, que por vários anos fora missionária no Sul e que, em outra ocasião, chegara a ser eleita para desempenhar ali a função de superiora provincial.

À delicada questão que envolvia a Provincial do Rio Grande do Sul e sua transferência para São Paulo, o Visitador Apostólico dedicou boa parte do relatório ao cardeal Perosi, informando-o das providências tomadas, de imprevistos ocorridos e da destinação dada à irmã Lucia em São Paulo. Uma iniciativa de d. Egidio Lari foi solicitar à irmã Borromea Ferraresi que assumisse a direção da Província após a partida de irmã Lucia, medida que visava evitar

nessa oportunidade um encontro da ex-provincial com irmã Elena Lucca o que, segundo ele, podia causar humilhação àquela e embaraço a esta.

Irmã Lucia Gorlin, num primeiro momento resistiu à transferência, mas acabou aceitando ainda que um problema de saúde a obrigasse a adiar a viagem, tendo a ex-provincial chegado a São Paulo dia 22 de setembro de 1928. Madre Assunta, de comum acordo com as irmãs de São Paulo, propusera destinar irmã Lucia à comunidade de Atibaia, confiando-lhe o encargo de superiora local. D. Egidio Lari, ao invés, propôs a comunidade do Pari como destinação de irmã Lucia Gorlin, até porque ficaria mais próxima à Superiora Geral para um acompanhamento, ao mesmo tempo que a irmã continuaria a desempenhar a função de conselheira geral do instituto.

A proposta do Visitador Apostólico, com a qual madre Assunta concordou, teve dupla motivação: salvaguardar o prestígio da autoridade uma vez que irmã Lucia fora superiora provincial no Sul e dar a entender à mesma que não havia nenhuma intenção de humilhá-la, tanto que se lhe propunha a função de conselheira geral. Quanto à nomeação de irmã Elena Lucca como superiora provincial do Rio Grande do Sul a expectativa do Visitador, expressa no relatório de 24 de outubro de 1928, era de que a mudança contribuísse para fortalecer a harmonia entre as duas províncias da congregação mscs.

Durante sua permanência no Sul madre Assunta resolveu ainda, entre outras, duas urgências, a de contar com a colaboração dos padres capuchinhos de Garibaldi na formação das noviças de Bento Gonçalves e de pôr fim à pendência relativa às contribuições que as casas do Sul deviam à casa geral. A dívida foi reduzida e mantida em parte, por duas razões: não esvaziar a caixa provincial e *demonstrar a dependência da Província da casa geral*²⁰⁵.

Antes de concluir seu relatório d. Lari registrou novos dados sobre o instituto que manifestavam sinais de crescimento também do ponto de vista quantitativo: a província de São Paulo era constituída de 7 casas com 32 irmãs, 2 noviças e 7 postulantes; a província do Rio Grande do Sul constituía-se de 6 casas com 28 irmãs, 4 noviças e 16 postulantes.

O visitador Apostólico, atento ao aspecto formativo, dizia que de um modo geral os dois noviciados estavam bem, mas observava que enquanto no de Aparecida que visitara há pouco mais de um mês as noviças tinham duas conferências semanais, às noviças de Bento Gonçalves só eram dadas duas conferências mensais, o que deixava a desejar.

Em fins de 1930 o cardeal Raffaello Carlo Rossi, novo secretário da congregação Consistorial desde julho desse ano e figura de relevo na história da igreja na primeira metade do século XX, foi informado por d. Egidio Lari da situação do instituto scalabriniano feminino agora *animado de espírito de*

²⁰⁵ LARI, Egidio. Lettera a Carlo Perosi – com 10 allegati – Rio de Janeiro, 24 ottobre 1928 (Archivio Del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

*piiedade, de obediência e de sacrifício, o que levava a esperar do mesmo um futuro próspero*²⁰⁶.

Pouco mais de um ano depois de endereçar ao cardeal Perosi o detalhado relatório acima referido, o Visitador elaborou novo relatório enviado ao cardeal Rossi e que permitia, de fato, acompanhar a positiva evolução do instituto que tinha, em setembro de 1930, 43 irmãs de votos perpétuos, 37 irmãs de votos temporários, 12 noviças e 12 postulantes, somando pela primeira vez mais de cem membros.

Mais que referir os novos dados quantitativos, d. Lari dizia ao cardeal Rossi que tinha observado de perto *o andamento espiritual da congregação* por ocasião de duas visitas feitas à província de São Paulo nos meses de janeiro e julho de 1930; que em janeiro lá estivera durante o retiro anual das irmãs e que falara mais vezes com todas, obtendo informações e dando-lhe oportunos conselhos; que fora informado também pelos padres scalabrinianos que frequentavam as casas de São Paulo, pelos franciscanos do Pari e pela Superiora Geral; que notara bom espírito e muita harmonia entre irmãs e superiores; que visitara o noviciado de Aparecida onde tudo estava em ordem.

Da província do Rio Grande do Sul dizia ter obtido informações de frei Cândido de Caxias, provincial dos capuchinhos. O padre fizera visita canônica às irmãs de São Carlos, tendo constatado ali também o bom espírito das irmãs da comunidade de Bento Gonçalves, que encontrara unidas pelos vínculos de fraterna caridade. D. Egidio Lari referia a permanência prolongada de madre Assunta Marchetti no Rio Grande do Sul no decorrer de 1929 e falava de *notícias consoladoras* transmitidas pela superiora geral.

Sobre o modo de presença eclesial das irmãs mscs d. Lari informava apenas que os ordinários em cujas dioceses as irmãs scalabrinianas desenvolviam sua obra estavam satisfeitos com as missionárias, como o Arcebispo de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, o Bispo de São Carlos e o de Bragança, interior paulista. Ao invés, o Arcebispo de São Paulo, afirmava o Visitador Apostólico, *continua a não mostrar muita simpatia pelo nosso instituto, mesmo que nada faça contra ele*.

O assunto a seguir abordado por d. Egidio Lari no relatório ao cardeal Rossi foi o do patrimônio do instituto. Após especificar aspectos de cada uma das duas províncias escreveu: *É mesmo necessário agradecer à divina Providência pela forma visível com que tem ajudado e assistido as boas irmãs de São Carlos na situação financeira que tempo atrás, não era muito próspera*. Do relato que fez das novas fundações e da referência relativa à revisão das constituições à mais adiante.

Sob o título, *renovação de cargos*, o Visitador informou quanto ao desempenho de irmãs nos diversos encargos, propôs nomes para necessárias mudanças, sobretudo da superiora provincial do Rio Grande do Sul. D. Lari

²⁰⁶ ROSSI, Raffaello C. Lettera a Egidio Lari. Roma 22-12-1930. In: LARI, Egidio. Lettera a Assunta Marchetti. Rio de Janeiro, 14-1-1931 (AGSS 1.5.4).

lamentava não ter irmã Elena Lucca correspondido ao que se esperava dela. Do imprevisto, que entre 1929 e 1930 motivara a longa permanência da Superiora Geral no Sul, escreveu: *essa boa irmã não correspondeu àquilo que se havia esperado quando foi nomeada, seja por caráter, seja pela saúde. Pouco tempo após sua chegada a Bento Gonçalves a irmã começou a dar mostras de não estar à altura de sua função.*

Para suceder irmã Elena Lucca foram propostos à congregação Consistorial três nomes: irmã Faustina Bosio, irmã Vittorina Consoni, irmã Bernardina Niele. De cada uma o Visitador apresentou uma síntese biográfica. A nova superiora provincial do Rio Grande do Sul seria irmã Faustina Bosio, ex aluna do orfanato de Vila Prudente, professora de língua portuguesa e de música, que atuara em Bento Gonçalves e em Nova Vicenza, *dotada de inteligência viva e de certa instrução, ativa, enérgica e séria. Ao ser nomeada superiora provincial irmã Faustina tinha cerca de 35 anos de idade.*

Da superiora provincial de São Paulo, irmã Angelina Meneguzzi, D. Egidio Lari afirmava ser uma ótima irmã, de bom espírito, muito dócil e trabalhadora e que agia em perfeita união e reta intenção com a Superiora Geral. De madre Assunta Marchetti o Visitador Apostólico dizia que estava *muito bem e era amada pelas irmãs.*

Antes de concluir seu relatório ao cardeal Rossi, d. Egidio Lari acenou à *possibilidade futura de dividir também administrativamente os dois orfanatos de São Paulo, no sentido de dar às irmãs a livre direção daquele feminino de Vila Prudente, ficando os padres scalabrinianos com o do Ipiranga*²⁰⁷.

D. Egidio Lari foi visitador apostólico da congregação mscs até meados de 1931 quando deixou o Brasil. Na circunstância a congregação Consistorial nomeou visitador o núncio apostólico no Brasil d. Benedetto Aloisi Masella. Em carta de 16 de junho desse ano, que acompanhava o decreto de nomeação, o cardeal Rossi pedia ao novo Visitador Apostólico que transmitisse a d. Egidio Lari o reconhecimento da Consistorial por tudo quanto fizera para o *renascimento do instituto. Na mesma carta o Cardeal dizia a d. Aloisi Masella que a situação do instituto scalabriniano feminino exigia a continuidade do regime de visita apostólica, a fim de facilitar a sua consolidação*²⁰⁸.

Em várias ocasiões a congregação Consistorial teceu elogios à atuação de d. Egidio Lari, como visitador apostólico do instituto scalabriniano feminino. A 31 de agosto de 1931 o cardeal Rossi endereçou-lhe uma carta em que agradecia os vigilantes cuidados dispensados às irmãs no desempenho de sua missão e afirmava:

V. Ema. Revma., com sábia prudência, unida a uma exemplar fortaleza, soube reconduzir o instituto à finalidade ditada pelo venerável Fundador, imprimindo-lhe uma rígida disciplina e um espírito de profunda piedade. Interessou-se, de modo

²⁰⁷ LARI, Egidio. *Relazione a Raffaello Carlo Rossi*. Rio de Janeiro, 29-9-1930 (Archivio del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

²⁰⁸ ROSSI, Raffaello C. *Lettera a Benedetto Aloisi Masella*. Roma, 16-6-1931 (AGSS 1.4.4 – COPIA).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

particular, pela formação espiritual das postulantes e noviças, dando um novo impulso ao noviciado de Aparecida e fundando outro, agora bem encaminhado, no Rio Grande do Sul²⁰⁹.

Por ocasião da visita de d. Egidio Lari à Aparecida o redentorista, padre Antonio Lisboa, o fizera observar que em razão da proveniência rural da maioria, as formadas eram pouco instruídas e algumas nem sabiam ler e escrever. No relatório de 24 de outubro de 1928, enviado ao cardeal Perosi, o Visitador escreveu: *se não pensarmos²¹⁰.*

Mesmo depois de ter deixado o Brasil e antes de assumir seu novo encargo na Pérsia, desde Roma onde se encontrava, d. Egidio Lari interessou-se pela formação das irmãs mscs e pelas novas constituições do instituto, propondo que fossem mais breve, mais simples e práticas. Em carta a madre Assunta Marchetti comunicava-lhe ter expedido, como recondução, livros para as casas e para o noviciado das duas províncias, recomendando em especial a leitura do martirologio, *que todas as casas deviam ter e ler antes de terminar o almoço, também no noviciado²¹¹.*

Nos primeiros anos da década de 1930, mais do que antes, a congregação começou sentir a urgência de encaminhar irmã ao curso normal, habitando-as ao magistério primário. Em carta de madre Assunta Marchetti à irmã Faustina Bosio, de 23 de abril de 1932, a superiora geral referia à provincial do Sul a visita feita por d. Aloisi Masella e comunicava que, no dizer do nuncio apostólico, o santo Padre estava contentíssimo com a congregação das irmãs missionárias de São Carlos. O Visitador, porém, recomendava suspender por enquanto novas aberturas e exigia maior preparação das irmãs, propondo-lhes o curso normal. A fim de facilitar a frequência de irmã mscs em Caxias do Sul um pensionato para moças e senhoras, estudante ou veranistas. Algumas irmãs que necessitavam de aulas de reforço contaram com a colaboração de dona Geni Salvaterra, professora rigorosa mais competente, mestra de renome em Bento Gonçalves. Dessa maneira, o instituto fortalecia-se também no aspecto da habilitação profissional, compositivos reflexos na ação pastoral da irmã mscs.

Em 1934 os sinais de estabilidade do instituto scalabriniano feminino eram manifestos: as irmãs, em geral, testemunhavam bom espírito e demonstravam mais elevado grau de satisfação; a congregação somava 22 casas, 9 na província de São Paulo com mais de 50 irmãs e 13 na província do Sul, onde atuavam cerca de 60 irmãs; o noviciado de Aparecida tinha 5 noviças e 2 postulantes e o de Bento Gonçalves, 26 noviças e 16 postulantes; os pedidos de novas aberturas multiplicavam-se e alimentavam aspirações de maior expansão que madre Assunta queria apressar; no aspecto econômico,

²⁰⁹ ROSSI, Raffaello C. *Lettera a Egidio Lari*. Roma, 31-8-1931 (AGSS 1.4.4 – copia).

²¹⁰ LARI, Egidio. *Lettera a Carlo Perosi*. Rio de Janeiro, 24 ottobre 1928 (Archivio del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

²¹¹ LARI, Egidio. *Lettera a Assunta Marchetti*. Roma, 31-10-1931 (AGSS 1.4.4).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

apesar de algumas dívidas, o patrimônio do instituto aumentava, porém a Superiora Geral e irmãs almejavam ainda mais progresso para a congregação.

No relatório de final de mandato, junto às realizações do período 1927-1934, madre Assunta Marchetti e conselho registraram um duplo desapontamento: um dizia respeito à sede geral e outro à província do Rio Grande do Sul. Esta, só contribuíra *com cinco cantos de reis para a caixa geral a fim de auxiliar a província de São Paulo na amortização de uma das quotas devidas pela aquisição dos imóveis onde actualmente funciona o collegio S. Theresinha do Menino Jesus no Pary, sem mais concorrer com um ceitel para a caixa geral da congregação.*

No mesmo relatório a direção geral mencionava as urgências da província do Sul, entre as quais as necessárias reformas nas escolas, a construção de um mausoléu para as irmãs falecidas e a ampliação do imóvel de Bento Gonçalves para a casa do noviciado. Cogitava-se então, adquirir um terreno nessa cidade na área do *Planalto*, saudável e própria para veraneio e onde se pretendia construir o novo prédio da casa de formação.

Motivo de particular desgosto era o fato da congregação mscs não possuir *uma casa própria para servir de Casa Matriz e de residência à madre geral e conselheiras, conforme o desejo expresso das coirmãs e servir ao mesmo tempo de agasalho e de residência para as irmãs doentes ou inválidas.* Resignada, a direção geral admitia que os tempos difíceis e a falta de condições econômica-financeiras tornavam, no momento, *irrealizável aquela justa aspiração*²¹². A despeito disso, em março de 1935, madre Assunta Marchetti passaria à sua sucessora, irmã Borromea Ferraresi, uma realidade estável e a perspectiva de promissora expansão missionária da congregação mscs.

3.3.3 Opções pastorais da congregação mscs

A ação apostólica desenvolvida pelo instituto scalabriniano feminino desde sua fundação e o estilo de vida que distinguia a irmã missionária de São Carlos deram visibilidade ao carisma da congregação, ampliando pouco a pouco seu espaço pastoral. Nas primeiras quatro décadas de presença no Brasil o instituto, que se afirmou em meio a múltiplas dificuldades, acolheu algumas das solicitações de serviço pastoral, sendo-lhe impossível atender a todos os pedidos. Sem pôr em discussão a importância da ação pastoral da irmã mscs no período entre as duas guerras, fase de mudanças no campo da mobilidade humana em contexto mundial, questiona-se o porque de determinadas opções e não de outras. Entendemos que um discernimento em base a critérios orientativos teria favorecido sempre a opção pastoral identificada com a missão do instituto.

A gradual consolidação da congregação mscs favoreceu sobremaneira seu crescimento quantitativo. Entre os anos de 1927 e 1934 o número de

²¹² MARCHETTI, Assunta. *Relatório de 1927-1934*. p. 27 (AGSS 1.5.4).

membros do instituto scalabriniano feminino mais que duplicou. Mesmo que nesse período, sobretudo nos primeiros anos da década de 1930, a recomendação da congregação Consistorial tenha sido a de favorecer melhor preparação das irmãs, novas casas foram abertas em São Paulo e no Rio Grande do Sul. O próprio d. Egidio Lari em relatório ao cardeal Rossi, de 29 de setembro de 1930 comunicava ao secretário da Consistorial que o aumento do número de irmãs permitia reforçar as fundações já existentes e abrir novas casas nas duas províncias da congregação. Da missão desenvolvida pela irmã de São Carlos e de seu modo de ser transcrevemos matéria publicada no jornal *La Fiamma* em edição de 28 de março de 1935:

Sublime, útil, santo o fim desta Congregação. O estatuto é igual àqueles de todas as outras congregações que conciliam a oração com o trabalho.

A irmã de São Carlos ocupa-se de escolas, colégios, jardins de infância, hospitais, asilos.

Anjo de caridade, derrama o tesouro de sua bondade e piedade sobre todas as misérias humanas, da criança órfã ao idoso debilitado.

Cheias de bondade e de espírito de sacrifício, sem pretensão alguma, sem exibicionismos importunos nada pedindo nem para si, nem para a congregação, nas paróquias onde abrem escolas são as fecundadas promotoras e as valiosas cooperadoras do movimento religioso. O pároco que tem a sorte de contar com sua presença constata em breve tempo o bem imenso de seu apostolado silencioso, mas eficaz.

O hospital, o asilo de idosos dirigidos por estas religiosas transformam-se em oásis de paz, de conforto e de santa resignação, tanto a bondade, a doçura que se irradiam de cada um dos seus atos.

Falai um pouco com essas religiosas. Se não encontrardes as 'grandes cabeças', as professoras famosas, as inteligências raras, descobrireis em compensação uma encantadora simplicidade unida àquela suave modéstia que é o mais belo adorno de uma alma consagrada a Deus²¹³.

Padre Carlo Porrini, zeloso sacerdote scalabriniano, autor da matéria, constatara em Bento Gonçalves e em São Paulo a missão do instituto e o estilo de vida que caracterizava a irmã missionária de São Carlos. A partir da chegada das quatro pioneiras a São Paulo em novembro de 1895 algumas instituições, conforme foi observado pelo Missionário, passaram a contar com a

²¹³ PORRINI, Carlo. *Il Capitolo Generale delle Missionarie di S. Carlo Borromeo*. La Fiamma, São Paulo, 28-3-1935. p.2 Settimanale Cattolico Italo-Brasiliano, Ano IV, n. 173.

válida presença pastoral da irmã mscs. Quarenta anos depois de sua fundação o instituto scalabriniano feminino somava 23 casas, 9 no estado de São Paulo e 14 no estado do Rio Grande do Sul. Em janeiro de 1935 a direção geral cessante elaborou o quadro *das casas e comunidades religiosas* que integravam, então, as duas províncias da congregação. Transcrevemos a seguir em ordem cronológica e como consta no original, as fundações da província de São Paulo:

Secção feminina do Orphanato Chistovam Colombo em Villa Prudente – São Paulo – que transferida do Ypiranga começou a funcionar naquele prédio aos 4 dias do mez de Agosto de 1904. É superiora a madre Assunta Marchetti. Auxiliares as Irmãs: Immacolata Miletì, Camilla Dal Rì, Clarice Baraldini, Joannina de Camargo, Helena Lucca, Nazarena Machado, Carolina Valgoi, Dolores Pupo e Evangelina Rossetto.

Media das alunmnas internas: 80

Irmãs avulsas: Anna Facchin e Maria Cesarina Lenzini. Asylo de Mendicidade Nossa Senhora da Candelaria em Itú, 9 de Dezembro de 1913. Superiora: a Irmã Angelina Meneguzzo, Superiora Provincial. Auxiliares as Irmãs: Margarida Pianaro, Theresa Fagundes, Martha Daltoé, Gonçalina Vasconcellos.

Media dos asylados inválidos: 70.

Noviciado São Calos em Aparecida do Norte, fundado aos 2 dias do mez de Fevereiro de 1920. Superiora a Irmã Josephina Oricchio. Auxiliares as Irmãs: Juliana Mugnol, assistente e Carmela Tomedi.

Noviças: 5.

Postulantes: 2.

Santa Casa de Misericordia de Itatiba. 2 de Fevereiro de 1924. Superiora local, Irmã Theresa Muraro. Auxiliares as Irmãs: Virginia Zini, Rosalina Scorciapino, Rita Grechi.

Doentes: leitos 24.

Santa Casa de Misericordia de Monte Alto. 14 de Maio de 1924. Superiora a Irmã Fulgencia de Mello. Auxiliares as Irmãs: Carolina Grastì, Celina Barana, Catharina Vianna, Felicita Canale.

Doentes: leitos 20.

Santa Casa de Misericordia de Atibaia. 14 de Junho de 1925. Superiora local a Irmã Gemma Magrin, Auxiliares ad Irmãs: Cecilia Mosca, Eufrosina Techio, Angelina Lunelli.

Media doentes: leitos 20.

*Collegio Santa Theresinha do Menino Jesus em São Paulo – Pary, 26 de Fevereiro de 1926. Superiora local a Irmã Ignez Oricchio. Auxiliares as Irmãs: Filomena Parisi, Maria Ciani, Egydia Montalbano, Odila Frigeri, Annunciata Cunha, Dyonisia De Favero, GERALDINA BRANDÃO, Maria José Vasconcellos, Conceição André, Xavier Giacomet, Maria Filippina Rocha.
Média das alumnas externas: 250*

*Asylo de Mendicidade em Jaboticabal, 20 de Julho de 1930. Com anexo Asylo Infantil frequentado por 35 crianças de 6 a 12 annos de idade – Escola mixta. Além da assistência aos velhos inválidos dispensa auxílios e sustento a 6 famílias pobres formadas de 14 membros. É superiora a Irmã Mathilde Martins. Auxiliares as Irmãs: Paulina Toscan, Affonsina Salvador, Seraphina Canale.
Velhos inválidos: media, 20.*

*SantaCasa de Misericordia de Socorro. 1º de Fevereiro de 1932. Superiora local a irmã Raphaella Susin. Auxiliares as Irmãs: Josepha Soares, Carmelita Borghi, São Luiz Valentini.
Media doentes: leitos 20²¹⁴.*

As fundações do instituto no estado do Rio Grande do Sul ocorreram a partir de 1915 e com elas multiplicaram-se as vocações scalabrinianas femininas. No início de 1935 a congregação completava ali 20 anos de presença apostólico-missionária. A grandeza de um serviço pastoral *sem pretensões*, como propusera João Batista Scalabrini, vinha do bem realizado junto aos imigrantes e seus descendentes. Os pedidos de novas aberturas eram insistentes. Entre eles o de padre Erminio Catelli que esperou durante anos, com a casa pronta, a chegada das irmãs de São Carlos em Anta Gorda, florescente núcleo de colonização italiana:

Esse Sacerdote insistiu muito para ter as irmãs e abrir um colégio que está situado em terreno pertencente ao Arcebispo de Porto Alegre. No tempo em que a Madre Geral se encontrava no Rio Grande do Sul foi visitar os locais e estabeleceu as condições, que são boas.

A casa, portanto, foi aberta e parece que foi abençoada de modo especial pelo Senhor. A Madre Superiora escreve-me: ‘estamos contentes porque aqui se pode fazer muito bem às almas. Temos 109 alunos, compreendidas dez internas, dez semi-internas e uma

²¹⁴ MARCHETTI, Assunta. Relatório de 1927-1934, p. 8-9 (AGSS 1.5.4).

*aspirante. Ao catecismo, no domingo, temos 180 alunos. As crianças são boas, o Revdo. Padre nos ajuda muito e o povo é bom e desse modo, se Deus nos ajudar, poderemos fazer tanto bem*²¹⁵.

O exemplo repete aspectos comuns à história da abertura e dos primeiros tempos das demais fundações da congregação no Rio Grande do Sul, já em número de 14 em março de 1935.

Collegio São Carlos em Bento Gonçalves, fundado no ano de 1915. Actual Superiora. Irmã Irene Rizzi. Auxiliares as Irmãs: Isabel Mioni, Ambile Nervis. Amelia Maldonado. Alumnas: internas 4; externas 100 média).

Collegio Scalabrini em Guaporé, fundado no ano de 1917. É Superiora a Irmã Bernardina Miele. Auxiliares as Irmãs: Aparecida do Rosario, Gesuina Peroni, Edwiges Borgheto, Benedicta Zorzi. Média das alumnas: internas...; externas 140.

Collegio Nossa Senhora de Lourdes em Nova Vicenza, fundado no ano de 1917. É Superiora a Madre Provincial, Irmã Faustina Bosio. Auxiliares as Irmãs: Vittorina Consoni, Gonzaga Sartori, Elídia Fanti, Josephina Cracco, Ambrosina Pegoraro. Média das alumnas: internas: 6; externas 170.

Collegio Sagrado Coração de Jesus em Nova Brescia, fundado no ano de 1919. É Superiora a Irmã Clara Pienaro. Auxiliares as Irmãs: Scalabrina Bacchi, Isaura Bombassaro, Ignacia De Faveri. Média das alumnas: externas, 180.

Juvenato São Carlos em Nova Milano, fundado no ano de 1924. É Superiora a Irmã Caetano Borsatto. Auxiliares as Irmãs: Paulina Miotto, Noemia Soldatelli, Gertrudes Cracco. Médias das alumnas: externas 100.

Hospital B. Tacchini em Bento Gonçalves, comunidade fundada no ano de 1927. É Superiora a Irmã Estanista Cherubini. Auxiliares as Irmãs: Assumpta Nardini. Ofelia Basso, Agostinha Peroni, Alexandra Tafarel. Média dos doentes; 40.

²¹⁵ LARI, Egidio. *Relazione a Raffaello Carlo Rossi*. Rio de Janeiro, 29-9-1930 (Archivio del Pontificio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25)

Noviciado São Carlos em Bento Gonçalves, fundado no ano de 1927. É Superiora, Irmã Borromea Ferraresi. Auxiliares as Irmãs: Maria de Lourdes Martins, Albertina Vazzaro, Antonietta Scaopel. Noviça: 26. Postulante: 16.

Collegio Santa Theresinha em Anta Gorda, fundado no ano de 1930. É Superiora, Irmã Brigida Frigo. Auxiliares as Irmãs: Theresinha Crocco, Albina Crippa, Luiza Zanella, Eugenia Pozzer. Média das alumnas: externas 130.

Collegio São José em Roca Salles, fundado no ano de 1931. É Superiora a Irmã Nicolina Balsan. Auxiliares as Irmãs: Celestina Zancanaro, Verônica Mezzomo. Média das alumnas: internas 3; externas 50.

Casa de Saúde Roca Sallense – Hospital S. Camillo de Lellis – em Roca Salles, fundado no ano de 1932. É Superiora a Irmã Francisca Mugnol. Auxiliares as Irmãs: Clementina Zini, Candida Lunelli, Henriqueta Beltrami, Pasqualina Zini. Média de doentes: 24.

Collegio Pio X em Mussum, fundado no ano de 1933. É Superiora a Irmã Bernardete Ugatti. Auxiliares as Irmãs: Benigna Bertolini, Emma Gualdi, Marcellina Broetto, Ignez Nicola. Média das alumnas: internas 3, externas 120.

Pensionato s. João Bosco em Caxias, fundado no ano de 1933. É Superiora a Irmã Antonia Facchin. Auxiliares as Irmãs: Rosa Gorlin, Idalina Baratter. Ursolina Scopel, Jacomina Veronese, Serafina Gasparin.

Sanatório S. José em Porto Alegre, fundado no ano de 1934. É Superiora a Irmã Pierina Caldieraro. Auxiliares as Irmãs: Esther Basso, Rosalina Zapello, Emilia De Lzzari, Adalgisa Ghizzi, Genoveva Scola, Nazarena Vicenzi. Média dos doentes: 46²¹⁶.

A 14ª fundação foi o Sanatório Nova Vicenza, em Nova Vicenza, que iniciou sua atividade no dia 6 de março de 1935, sob a direção das irmãs de São Carlos. À nova Casa, que ainda não tinha superiora quando foi concluído o

²¹⁶ MARCHETTI, Assunta. Relatório de 1927-1934, p. 7-8 (AGSS 1.5.4).

relatório da direção geral, 1927-1935, foram destinadas as irmãs: Antonia Facchin, Theresinha Cracco, Ersilia Mattiello.

Nos núcleos de colonização italiana no Rio Grande do Sul, quase sempre, à abertura da escola seguiu-se a do hospital. Essa tendência mostra a importância dada à educação e a preocupação com a saúde, de parte de imigrantes italianos e de seus descendentes estabelecidos no Sul do Brasil. Em um campo como no outro, a irmã mscs tem dado sua valiosa contribuição sócio-pastoral.

Sobre a presença da congregação scalabriniana feminina em território gaúcho, escreveu Ettore Martini que o Fundador *a havia ali precedido com suas viagens fecundas de bem, de sacrifícios, de abnegação sem igual e de tão preciosa semente a congregação veria germinar e robustecer gigantesca árvore, da qual colheria em abundância prodigiosa frutos. Na verdade, de Bento Gonçalves, como centro irradiador, o instituto difundiu-se e afirmou-se junto a imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. A florescente Missão pode ser chamada o coração do programa de d. Scalabrini*²¹⁷.

Mesmo que tardia a expansão do instituto scalabriniano feminino, como está relacionada acima, ocorreu em São Paulo e no Rio Grande do Sul. As irmãs missionárias de São Carlos que então atuavam na província do Sul mantinham contato quase exclusivo com imigrantes e seus descendentes necessitados de instrução, de educação, de saúde, de ajuda enfim. Na província de São Paulo algumas opções pastorais, ainda que relevantes, tinham menos expressão como missão própria do instituto.

No estado de São Paulo diversas aberturas resultaram de propostas apresentadas à congregação por d. Duarte Leopoldo e Silva, como a Santa Casa de Itatiba, a Santa Casa de Monte Alto, o Asilo de Mendicidade de Jundiá. Um pedido de padre Faustino Consoni, de abertura de uma casa em Vila Prudente para meninos menores de 7 anos não foi aceito em razão das condições propostas pelo diretor do Orfanato. As condições apresentadas pelas irmãs eram de que o Padre assegurasse assistência religiosa à nova casa e contribuísse com a mensalidade de 50\$000 para cada irmã destinada àquela obra.

No Rio Grande do Sul a congregação propagou-se contra a vontade de d. Duarte Leopoldo e Silva. A atividade pastoral que a irmã mscs ali realizava, no dizer de d. Amleto Cicognani, deve-se à sua tenacidade e à ajuda de alguns zelosos párocos. No relatório da visita feita em 1926, Cicognani afirmava que as irmãs de São Carlos estavam preparadas para o desempenho da missão de mestras junto a filhos de imigrantes, bem como de enfermeiras nos hospitais; que era esse o trabalho pastoral prescrito nas constituições; que desse modo

²¹⁷ MARTINI, Ettore. *Memorie sulla fondazione della Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo – Scalabriniane* (AGSS 1.4.4).

as missionárias realizavam a própria vocação e o faziam com fidelidade e constância²¹⁸.

Em Brevi Cenni consta que o número de irmãs mscs era sempre insuficiente para atender a tantos pedidos, comprovando o quanto as missionárias eram estimadas no Rio Grande do Sul. Para citar um, entre outros, registramos o pedido feito em outubro de 1919 por d. Antonio Reis, na ocasião cônego em Canoas. D. Antonio solicitava, através de padre Enrico Poggi, irmãs de São Carlos para um colégio-internato a ser aberto naquela cidade e afirmava: *Seria uma pena se as irmãs de São Carlos não pudessem aceitar. Canoas é de um futuro único, preferido em todos os sentidos. Quem viver, verá*²¹⁹. Situada na Grande Porto Alegre e hoje única em alguns aspectos, Canoas contaria com a presença de irmãs mscs somente cerca de setenta anos depois.

Abertura e supressão de casa, então como hoje, eram atribuições da superiora geral e conselho. Na fase de intervenção da Sé Apostólica a direção geral dependia da congregação Consistorial também quanto a isso. Nos primeiros quarenta anos de história do instituto, três casas da congregação foram supressas: a Santa Casa de Misericórdia de São Luís do Paraitinga e o Colégio de São Bernardo do Campo, pelos motivos já referidos; o Asilo de Mendicância Barão do Rio Branco, de Jundiá, em consequência da crise das clementinas. A saída de irmãs dissidentes tornara inevitável o fechamento da Casa, mas a previsão de outras supressões não se concretizou. Superadas apreensões e hesitação, o próprio externato Santa Teresinha do Pari foi salvo graças aos sacrifícios de irmãs e à contribuição de outras casas da congregação.

Em quatro décadas de inserção na sociedade brasileira o campo opcional da congregação mscs compreendeu orfanatos, asilos, paróquias, escolas, santas casas e hospitais onde a missionária scalabriniana, identificada como irmã de São Carlos, desenvolveu um serviço pastoral, assistencial e promocional, de reconhecido significado humano-cristão.

À parte as constituições, não encontramos explícitos os critérios das opções apostólicas da congregação. Da leitura do livro de atas das reuniões da direção geral e de correspondência relativa à fundação de novas casas no período 1913-1934 deduzimos que três critérios, entre outros, determinavam então as opções pastorais do instituto: disponibilidade de recursos humanos; solicitação insistente de presença mscs junto a conacionais italianos e outros imigrantes necessitados de ajuda; condições econômicas favoráveis, oferecidas à congregação pelos interessados.

Na orientação da Sé Apostólica havia uma expressa preocupação com o elemento comunitário. Ainda nos primeiros anos da intervenção o cardeal De Lari, através de d. Egidio Lari, lembrava às irmãs que o bom andamento da

²¹⁸ CICOGNANI, Amleto. G. Brasile. *Suore Missionarie di S. Carlo. Relazione*, op. cit, p. 33.

²¹⁹ REIS, Antonio. *Carta a Enrico Poggi*. Canoas, outubro de 1919 (AGSS 1.3).

congregação e o sucesso de sua atividade pastoral devia ter base na vida de comunidade. Para favorecer a retomada do instituto após a crise das clementinas, entre outras recomendações, insistia em dois aspectos: que as comunidades fossem constituídas de pelo menos três irmãs; que não se abrissem novas casas sem ter os membros necessários que as integrassem²²⁰.

Importa considerar também que na época posterior à crise, com acerto, as irmãs mscs almejavam uma preparação melhor e pretendiam para isso encaminhar mais irmãs ao curso normal. Intenção era contar com irmãs qualificadas e no futuro abrir escolas e cursos secundários, visando formar em estabelecimentos de ensino da congregação, quer alunas externas, quer as jovens irmãs, habilitando-se ao exercício do magistério.

Neste ponto a orientação da Consistorial coincidia com a aspiração das irmãs a uma específica qualificação profissional. Em carta a d. Benedetto Aloisi Masella, de 8 de fevereiro de 1935, o cardeal Raffaello Carlo Rossi escrevia: *Aprovo plenamente quanto V. Excia. dispôs, isto é, que para o momento não se aceitem novas fundações, mas se cuide de modo particular da formação religiosa e cultural das irmãs*²²¹.

A ideia de conter por algum tempo a expansão apostólica, a fim de favorecer a vida de comunidade e a formação religioso-profissional da irmã mscs era louvável, porém frustrou expectativas, inclusive de madre Assunta Marchetti. A Superiora Geral acalentava essa e outras aspirações, como a de assumir um asilo em Ribeirão Pires onde era pároco o scalabriniano padre Marco Simoni e uma casa em São Bernardo de onde as irmãs se haviam retirado em 1926. Uma troca de correspondência entre madre Assunta, conselheiras e irmã Lucia Gorlin, de outubro de 1933, revela vontade de agilizar o progresso da congregação:

...vendo como vão as coisas de nossa congregação, queremos dizer, muito devagar e quase paralisadas, para ser clara, perde-se a coragem. Como a senhora sabe, não se pode decidir, nem fazer nada: nem a casa em São Bernardo, nem o Colégio em Nova Vicenza, nem a Casa Mãe; vê-se, sente-se a necessidade de fazer alguma coisa e não se pode; já estamos cansadas; se insistimos com os superiores maiores, é sempre a mesma resposta: paciência! Roma vai devagar!... É verdade que Roma vai devagar, mas o Senhor disse 'ajuda-te que eu te ajudo'. Explicamo-nos: como irmã Carmela insiste que quer ir à Itália, pensou-se em atendê-la e com a desculpa de acompanhar irmã Carmela, em vez de ir qualquer irmã, que fosse a Madre Geral e a senhora; assim poderiam se entender com padre Poggi e com d. Massimo e depois, quem sabe se poderão também beijar o pé do Santo Padre e entender-se de uma vez... Que nos diz? Seria uma boa saída, não é verdade? Nós o pensamos, a execução está no querer de Deus. Gostaríamos de ver algum progresso em nossa amada congregação antes de morrer, não é verdade? Por

²²⁰ LARI, Egidio. *Lettera a Assunta Marchetti*. Rio de Janeiro, 5-12-1927 (AGSS 1.5.4).

²²¹ ROSSI, Raffaello C. *Lettera a Benedetto Aloisi Masella*. Roma, 8-2-1935 (Archivio del Pontificio Consiglio della Pastorale per I Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

*enquanto conservemo-nos sempre dispostas a aceitar aquilo que o Senhor quiser de nós todas...*²²²

Em data de 27 de outubro de 1933, irmã Lucia Gorlin enviava de Bento Gonçalves onde se encontrava, a resposta à *consoladora* carta de madre Assunta e demais conselheiras. Escrevia a irmã: *digo-lhes a verdade, melhor do que assim não podiam ter passado. Estou de pleno acordo com as senhoras e como sabem, este foi sempre o meu desejo. É bem verdade, se não nos movermos um pouco não se fará nunca nada. Bem a seu modo acrescentava: Coloquemos o medo de lado e armemo-nos de coragem; façamos tudo para a maior glória de Deus e pelo bem da nossa querida congregação. Por mim, asseguro-lhes que quando se trata do progresso da congregação não há sacrifícios que me assustem...*²²³

O verdadeiro progresso da congregação está na fidelidade ao carisma, quer na dimensão da espiritualidade quer da missão. Em nosso entender no período entre as duas guerras, época de mudanças no campo da mobilidade humana e, ao mesmo tempo, de florescimento de novas vocações, faltou ao instituto scalabriniano feminino estabelecer critérios que norteassem as opções pastorais e a expansão missionária da congregação.

É pertinente em certo sentido a orientação expressa em carta de Raffaello Carlo Rossi a padre Enrico Poggi, de fins de 1930, na qual o cardeal comunicava que naquele momento que naquele momento a congregação Consistorial não podia levar em consideração a proposta de fundar na Itália uma casa para as irmãs scalabrinianas; que antes era necessária uma sistematização definitiva do instituto no Brasil onde o mesmo nascera e onde havia um notável campo de trabalho; que nesse ano, 1930, a Superiora Geral deixara de atender inúmeros pedidos por falta de pessoal e que, portanto, não era o caso de fundar uma casa na Itália; que mais tarde, se isso fosse do agrado de Deus, estando o instituto consolidado e mais desenvolvido, a congregação Consistorial reexaminaria a proposta, como de fato o fez alguns anos depois²²⁴.

3.3.4 Compilação e aprovação de novas constituições, 1934

Uma sistematização mais completa e maior desenvolvimento do instituto scalabriniano feminino, fatores que condicionavam a autorização de abrir uma casa na Itália nos primeiros anos da década de 1930 dependiam de outro passo, decisivo no processo de consolidação da congregação mscs: o da compilação e aprovação de novas constituições. A medida fazia-se necessária há mais tempo e três motivos a determinavam: a adequação do

²²² MARCHETTI, Assunta. *Lettera a Lucia Gorlin*. Villa Prudente, 17-10-1933 (AGSS 1.5.4).

²²³ GORLIN, Lucia. *Lettera a Assunta Marchetti e consigliere*. Bento Gonçalves, 27-10-1933 (AGSS 1.5.4).

²²⁴ ROSSI, Raffaello C. *Lettera a Enrico Poggi*. Roma, 16-12-1930 (Archivio del Pontificio della Pastorale per i Migranti e dli Itineranti. Prot. 596/18).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

direito próprio, de 1914, ao código de direito canônico de 1917; a mudada realidade da congregação, que se expandira em dois estados brasileiros e a partir da intervenção da Sé Apostólica fora reorganizada em duas províncias, com dois noviciados e com perspectivas de progressivo crescimento; as novas situações de mobilidade humana no contexto mundial, alvo da missão do instituto. O trabalho de compilação de novas constituições estender-se-ai por alguns anos. A aprovação do novo texto *ad experimentum* por sete anos ocorreu a 13 de janeiro de 1934 em audiência concedida pelo papa Pio XI ao cardeal Raffaello Carlo Rossi. As novas constituições seriam entregues às irmãs por d. Aloisi Masella em cerimônia realizada no orfanato Cristóvão Colombo de Vila Prudente a 26 de agosto de 1934.

Uma das preocupações manifestadas por madre Assunta Marchetti e que foi especial objeto de suas expectativas desde que assumira a direção geral da congregação mscs em meados de 1927, dizia respeito à revisão das constituições do instituto. No relatório enviado por d. Egidio Lari ao cardeal Rossi, datado de 29 de setembro de 1930, o visitador apostólico afirmava que diversas vezes a Superiora Geral lhe perguntara se o trabalho de compilação do novo texto das constituições estava concluído. É significativo o fato de que, mais uma vez, a reelaboração das constituições do instituto tenha ocorrido durante mandato da Co-fundadora, madre Assunta Marchetti.

O processo de adequação das constituições da congregação mscs ao código de direito canônico e aos mudados contextos levou algum tempo durante o qual o cardeal Rossi ouviu pareceres, tomou iniciativas e manteve-se informado sobre a situação do instituto. Entre os consultores ouvidos chama atenção o parecer de padre Ludovico Nolan, de 5 de junho de 1931. Em carta endereçada ao cardeal Rossi nessa data Nolan comunicava que, conforme desejo do secretário da Consistorial, examinara as constituições das irmãs de São Carlos então impressas há 17 anos e que as julgava demais imperfeitas e tão incompletas que não continham sequer uma décima parte da legislação do código para instituto feminino, assim que, entendia oportuna uma nova compilação ao invés da modificação e complementação do texto de 1914. Nolan propunha elaborar ele próprio um novo texto em base ao código dos religiosos, às constituições das irmãs mscs aprovadas em 1914 e às informações fornecidas pela congregação Consistorial sobre a natureza e a situação do instituto, na época.

Já, frei Lazzaro d'Arbonne, outro nome consultado e que foi encarregado de compilar as novas constituições das irmãs missionárias de São Carlos, em carta de 19 de março de 1932 endereçada a Vincenzo Santoro, assessor da congregação Consistorial, solicitava documentos e informações de que dizia precisar para a elaboração do texto. Observa d'Arbonne que embora entendesse oportuno inserir nas constituições de modo abundante a legislação vigente, a experiência lhe ensinara que era também importante

conservar em sua quase totalidade os elementos existentes e no caso, no texto aprovado a 16 de abril de 1914.

Em posterior correspondência do cardeal Rossi a d'Arbonne, de 24 de abril de 1933, o secretário da Consistorial comunicava ao consulto a preocupação de d. Benedetto Aloisi Masella com a formação das jovens irmãs do instituto scalabriniano feminino do qual era visitador apostólico. De fato, em carta ao cardeal Rossi de março desse ano, d. Aloisi Masella questionara quanto à conveniência de estabelecer no direito próprio da congregação mscs que as jovens professoras se dedicassem a dois anos de estudo em uma casa a ser determinada, antes de iniciarem suas atividades docentes nas escolas ou antes de prestarem serviço em hospitais²²⁵.

Na mesma carta de 24 de abril de 1933 enviada a frei Lazzaro d'Arbonne, o cardeal Rossi solicitava informações sobre o andamento do trabalho de compilação e uma previsão de quando poderia ver a redação definitiva das constituições. Em dezembro do mesmo ano o Secretário da Consistorial remetia-lhe um cheque no valor de 676,30 liras para cobrir os gastos, que somaram 176,30 liras e como reconhecimento pela compilação-redação *tão bem feita* das constituições. Também padre Fernandez Garcia, consultou da congregação dos Religiosos, participou da tarefa de revisão das constituições. Ambos sugeriam a aprovação *ad experimentum* como seria feito.

Em audiência concedida ao cardeal Raffaello Carlo Rossi a 13 de janeiro de 1934, o papa Pio XI aprovou *ad experimentum* por sete anos as constituições das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo. Transcorreu algum tempo de espera antes que a Superiora Geral fosse chamada por d. Aloisi Masella ao mosteiro de São Bento em São Paulo, fato ocorrido a 18 de março de 1934, oportunidade em que o núncio apostólico e visitador da congregação mscs lhe comunicou ter recebido de Roma, as constituições do instituto, aprovadas pelo Papa. A notícia foi recebida com alegria e manifestações de gratidão pelas irmãs, tendo sido comunicada por d. Aloisi Masella em documento que transcrevemos, datado de 19 de março de 1934;

É-me grato notificara Va. Revia. Que o Santo Padre Pio XI, gloriosamente reinante, em audiência concedida no dia 13 de Janeiro do corrente anno à Sua Eminência Revdma. O Senhor Cardeal Raffaello Carlo Rossi, Secretário da Sagrada Congregação Consistorial, houve por bem approvar 'ad experimentum ad septannium' as constituições das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, conformadas com as novas disposições do Código do direito Canônico.

Ao congratular-me com a Revdma. Madre Geral por essa nova prova da assistência do Senhor para com esse pio Instrumento faço votos de que

²²⁵ ALOISI MASSELLA, Benedetto. *Lettera a Raffaello Carlo Rossi*. Rio de Janeiro, 28-3-1933. In: ROSSI, Raffaello C. *Lettera a Lazzaro d'Arbonne*. Roma, 24-4-1933 (Archivio del Pontificio consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

tão insigne benefício confirme as Irmãs no propósito de adquirir uma perfeição sempre maior nas virtudes cristãs.

*Abençôo a Va. Revia com todas as irmãs e subscrevo-me O mui dedicado em Cristo...*²²⁶

Formalidades usuais e a tradução do texto para o idioma português fizeram com que o novo diretor próprio só chegasse às mãos das irmãs no dia 26 de agosto de 1934, *feira do sagrado Coração de Maria*. Nessa data d. Aloisi Masella entregou, ele próprio, original e cópia das novas constituições do instituto às irmãs missionárias de São Carlos. A cerimônia de entrega oficial foi precedida de um retiro espiritual extraordinário em preparação, iniciado a 11 de julho desse ano e prolongado até o dia 16, consagrado a Nossa Senhora do Carmo. Do retiro, aconselhado por d. Aloisi Masella e pregado pelo scalabriniano padre Carlo Porrini designado pelo visitador apostólico, participaram a direção geral e as superiores das comunidades da província de São Paulo.

Em fins de 1934 o Núcleo Apostólico enviou ao cardeal Rossi informações sobre a cerimônia de 26 de agosto, segundo ele *comovente*, realizada no *salão principal do Orfanato de Vila Prudente* e que resumiu a Superiora Geral e conselho, as duas superiores provinciais, todas as irmãs mscs então residente na cidade de São Paulo e as superiores das comunidades da congregação localizadas no estado de São Paulo. Estavam presentes ainda, padre Francesco Navarro, provincial dos missionários de São Carlos, outros padres scalabrinianos e a abade do mosteiro de São Bento, de São Paulo. Escreveu d. Aloisi Masella:

Em tal ocasião eu, depois de ter exortado as religiosas a renderem ao Senhor as mais vivas ações de graças pelos benefícios recebidos, reascendi em sua memória a grande figura do fundador do instituto, d. João Batista Scalabrini e os serviços que prestara à Igreja; evidenciei muito bem o ato de especial benignidade do Santo Padre, submetendo-as à S. Congregação Consistorial e em seguida entreguei-lhe as novas Regras exortando-as, em nome de Vossa Eminência, 'a demonstrar em cada obra de caridade que serão chamadas a realizar, de estarem plenamente imbuídas do espírito do instituto de São Carlos, que é de renúncia completa às coisas do mundo e de perfeita adesão ao querer de Deus'.

As religiosas receberam com santa satisfação e beijaram com verdadeira emoção as Regras que a cada uma delas eram

²²⁶ ALOISI MASELLA, Benedetto. Lettera a Assunta Marchetti. Rio de Janeiro, 19 de março de 1934. N. 11929 (AGSS 1.5.4).

apresentadas pela Madre Geral e pediram-me para transmitir seu mais profundo reconhecimento à Vossa eminência pelos cuidados que prodigaliza a seu instituto.

Após a reunião as religiosas dirigiram-se à capela para cantar o 'Te Deum' e receberam a bênção do Santíssimo dada pelo padre Navarro, provincial dos padres scalabrinianos, função que também eu assisti.

No dia seguinte, 27 de agosto, retornei ao Orfanato de Vila Prudente para celebrar a S. Missa e dar a Comunhão às irmãs e em seguida falei em particular com cada uma delas, notando com satisfação que todas, encorajadas pela nova prova de assistência do Senhor para com seu pio instituto, estavam animadas das melhores disposições, desejos de uma sempre maior perfeição nas virtudes cristãs²²⁷.

Consta no livro de atas das reuniões da direção geral que as novas constituições foram recebidas de joelhos por madre Assunta Marchetti, que as beijo e depois passou-as a cada irmã presente. Estas por sua vez, ao recebê-las, repetiram a mesma atitude respeitosa expressa pela Superiora Geral.

Um elemento essencial a ser destacado no texto das constituições aprovadas a 13 de janeiro de 1934 é o da preservação da identidade original da congregação das irmãs missionárias de São Carlos. O cardeal Rossi, que reconhecia a importância da missão scalabriniana, desempenhou relevante papel na salvaguarda de um carisma suscitado na igreja para o serviço evangélico junto aos emigrados. O novo direito próprio da congregação mscs estabelecia no capítulo primeiro, número dois:

...a Congregação tem por fim especial a instrução e a educação cristã da juventude recolhida nos asylos, jardins de infância, nas escolas primárias e nos collegios; assistência e educação das orphãs em collegios e além disso, a assistência dos enfermos nos hospitaes e em outros estabelecimentos, outrossim a assistência dos pobres velhos nos hospícios e asylos principalmente para conservar e despertar a fé e a piedade nos emigrados²²⁸.

Em outros momentos o cardeal Rossi abordou o significado da aprovação das constituições das irmãs mscs por Pio XI na audiência que lhe foi concedida pelo papa a 13 de janeiro de 1934. Em documento de 23 de julho de 1939 o Secretário da Consistorial observava que a congregação scalabriniana tivera uma evolução histórica involgar e questionava, entre outros aspectos, se o instituto devia ser considerado de direito diocesano ou de direito pontifício.

²²⁷ ALOISI MASELLA, Benedetto. *Lettera a Raffaello Carlo Rossi*. Rio de Janeiro, 29-12-1934 (Archivio del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

²²⁸ CONSTITUIÇÕES das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas, 1934 (AGSS 1.4.2).

Na oportunidade o Cardeal afirmava que se fosse necessário comprovar, mediante documento, a condição do instituto como sendo de direito pontifício não seria possível fazê-lo. Dois dias depois, a 25 de julho, o mesmo cardeal Rossi assinava a seguinte declaração:

Esta Sagrada Congregação Consistorial, da qual depende o Instituto das Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas, declara que o referido Instituto é de direito pontifício desde o dia 13 de janeiro de 1934, quando o sumo Pontífice Pio XI, de v.m., dignou-se aprovar as Constituições do mesmo Instituto.

Roma, da Sagrada Congregação Consistorial, no dia 25 de julho de 1930²²⁹.

O Cardeal Rossi retomaria o assunto em janeiro de 1947 em resposta ao cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, arcebispo de São Paulo, que solicitara ao secretário da congregação Consistorial informações sobre a congregação das irmãs de São Carlos e sobre a superiora geral de então, madre Borromea Ferraresi. O Arcebispo perguntava, entre outras coisas, se o instituto era de direito diocesano ou de direito pontifício. Quanto a este aspecto o cardeal Rossi esclareceu:

O Santo Padre, na realidade não aprova nunca constituições de congregações religiosas de direito diocesano; a aprovação 'ad experimentum ad septennium' é concedida só às constituições de Irmãs que se entende elevar a regime de 'direito pontifício'. Nem impedia o fato de que as Constituições das nossas Irmãs eram compiladas segundo o regime de 'direito diocesano'. A aprovação do Santo Padre as eleva 'ipso facto', diria, ao regime pontifício.

Dois dias depois o cardeal Rossi acrescentou à minuta de 16 de janeiro de 1947:

O Santo Padre dignou-se declarar que o Instituto das Irmãs Scalabrinianas com a aprovação das constituições feita pela Sagrada Congregação Consistorial tornou-se de direito pontifício e tal, portanto, é de fato, como de direito²³⁰.

No ano de 1964, em breve histórico sobre a dependência do instituto scalabriniano feminino, da Consistorial, o então secretário desta congregação pontifícia cardeal Carlo Confalonieri, afirmaria que tal dependência *tornou-se completa quando, a 13 de janeiro de 1934, a mesma Sagrada Congregação aprovou 'ad experimentum ad septennium' as novas regras e constituições do instituto, que se tornou assim de direito pontifício²³¹.*

²²⁹ ROSSI, Raffaello C. Declaração. Roma, 25-7-1939 (AGSS 1.4.1).

²³⁰ ROSSI, Raffaello C. Declaração. Roma, 16 e 18 de janeiro de 1947 (Archivio del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25). (Minuta).

²³¹ CONFALONIERI, Carlo. Lettera a Idalina Barratter. Roma, 1-7-1964 (AGSS 1.4.4).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

3.3.4 Reconhecimento pontifício do instituto scalabriniano feminino

Três fatos de singular importância na história do instituto scalabriniano feminino assinalaram o último ano do mandato de madre Assunta Marchetti como superiora geral da congregação: a aprovação das constituições *ad experimentum*, como vimos, ocorrida em circunstância incomum a 13 de janeiro de 1934; a obtenção do decreto de reconhecimento do instituto sob o título de *Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo*, datado de 19 de maio de 1934; a preparação e realização do Segundo Capítulo Geral do instituto que, em março de 1935, elegeu irmã Borromea Ferraresi superiora geral da congregação mscs para o sexênio de 1935-1941. Passar à sucessora, madre Borromea, a congregação posta em ordem significou para madre Assunta a culminância de um serviço bem sucedido, realizado entre 1927 e 1935, época de intervenção da Sé Apostólica durante a qual a congregação Consistorial reorganizou o instituto, favorecendo a sua consolidação.

A compilação das novas constituições da congregação das irmãs missionária de São Carlos, aprovadas em janeiro de 1934, trouxe à tona aspectos ligados à origem do instituto scalabriniano feminino que mostram a particularidade de seu processo fundacional. A profissão religiosa das quatro irmãs pioneiras, realizadas a 25 de outubro de 1895 após celebração eucarística na capela privada episcopal de Piacenza e que constituiu o ato de fundação do instituto, foi feita sem as formalidades prescritas.

Quando frei Lazzaro d'Arbonne assumiu o encargo de compilar o novo texto das constituições das irmãs missionárias de São Carlos o consultor da congregação dos Religiosos solicitou, entre outros documentos, cópia do decreto de ereção do instituto scalabriniano feminino. Madre Assunta Marchetti, a quem o pedido foi depois encaminhado através de Benedetto Aloisi Masella, não encontrou *no arquivo da Casa e nem mesmo transcrito no livro tomo* o decreto solicitado. A 7 de maio de 1932, ao informar o Visitador Apostólico sobre o resultado de sua pesquisa a Superiora Geral acrescentou:

A título de informação permito-me comunicar a V. Excia. que este Instituto Religioso foi materialmente fundado por meu falecido irmão, padre José Marchetti, em 1895 e pode ser considerado juridicamente ereto como prescrever o direito canônico, com a intervenção da autoridade eclesiástica que o elevava a congregação diocesana e formalmente constituído quando d. João Batista Scalabrini, bispo de Piacenza, a 25 de outubro de 1895 recebia na capela de seu palácio episcopal daquela cidade os votos semestrais pronunciados pela humilde abaixo assinada e de sua mãe, Irmã Carolina Marchetti, bem como das Irmãs Maria Franceschini e Angela Larini, na presença de padre José Marchetti fundador do orfanato Cristóvão Colombo que... foi autorizado por S. Excia. Revma. d. Scalabrini a compilar as nossas constituições e receber a renovação dos nosso votos por mais seis meses e

completados esses, por um período de um ano, antes de serem admitidas aos votos perpétuos²³².

O relatório de madre Assunta Marchetti chegou às mãos do cardeal Rossi, secretário da congregação Consistorial, que em carta a d. Aloisi Masella de 19 de janeiro de 1934, poucos dias da aprovação das constituições das irmãs missionárias de São Carlos, deu ao visitador instruções a respeito:

E já que, quanto a seu tempo referia a Madre Geral, não foi possível encontrar um formal decreto de ereção do Pio Instituto, com o objetivo de evitar dificuldades no futuro, esta S. Congregação dá a V. Excia. a faculdade de emitir tal decreto e, com mais precisão, um decreto de reconhecimento da Congregação religiosa das Missionárias de São Carlos Borromeo, em obediência à Instituição 'Quod jam' NN II e III da S. Congregação dos Religiosos em data de 30 de novembro de 1922. (1)

Os elementos que poderão servir a V. Excia. para acenar, na parte dispositiva do referido decreto, à aprovação 'equivalente' da Congregação religiosa, são expostos de modo suficiente no relatório anexo da Superiora Geral, em data de 7 de maio de 1932 às páginas 1,3.

Confio que tal nova prova da assistência do Senhor sobre o Pio Instituto virá confirmar as boas Irmãs nos propósitos de bem para uma sempre maior perfeição nas virtudes cristãs, de modo que, em cada obra de caridade que serão chamadas a realizar, possam demonstrar que estão plenamente imbuídas do espírito do Instituto de São Carlos que é de renúncia completa às coisas do mundo e de perfeita adesão aos desígnios divinos...²³³

Para evitar, pois, dificuldades futuras já que não foi encontrado documento formal de ereção do instituto a 19 de maio de 1934, quase 40 anos depois da fundação, cumprindo determinação do cardeal Rossi, secretário da congregação Consistorial d. Benedetto Aloisi Masella emitiu o seguinte decreto de reconhecimento da congregação das irmãs de São Carlos Borromeo:

Benedetto Aloisi Masella, por graça de Deus e da Sé Apostólica, Arcebispo de Cesaréia, Núncio Apostólico na República dos Estados Unidos do Brasil.

Decreto de reconhecimento da Congregação religiosa das Missionárias de São Carlos Borromeo.

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo foi fundada há cerca de 40 anos por d. João Batista Scalabrini, bispo de Piacenza, a pedido do sacerdote José Marchetti, da Sociedade dos Missionários de São Carlos.

As Irmãs deste Instituto não só se aplicam à própria santificação, mas também à educação cristã das jovens, atendem aos enfermos nos hospitais e procuram,

²³² Marchetti, Assunta. *Lettera a Benedetto Aloisi Masella*. São Paulo, 7-5-1932 (Archivio del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

Formatado: Italiano (Itália)

²³³ ROSSI, Raffaello C. *Lettera a Benedetto Aloisi Masella*, Roma, 19 de janeiro de 1934 (Archivio del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

Formatado: Italiano (Itália)

com todas as forças, conservar e promover a fé e os bons costumes entre os emigrados da Itália no Brasil.

Emitem os votos simples, primeiros temporários anuais, a serem renovados quatro vezes e perpétuos após um quinquênio.

Por vontade do mesmo Bispo Fundador, em 1895 as Irmãs vieram para a arquidiocese de São Paulo no Brasil onde, com o consenso do Ordinário, têm a casa geral.

Com a ajuda de Deus pouco a pouco fundaram novas casas, não apenas na arquidiocese de São Paulo, mas também em outras dioceses do Brasil, dedicando-se ou ao cuidado dos doentes ou dos anciãos, ou à educação da juventude nas escolas, nos orfanatos e nos colégios.

Não tendo sido possível encontrar o decreto da primeira ereção, considerando bem tudo, em força das especiais facultades a nós concedidas pela Sagrada Congregação Consistorial, com este decreto declaramos canonicamente ereto e como tal ordenamos que seja reconhecido o Instituto das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, cujas constituições foram aprovadas pela Santa Sé como conforme ao novo direito dos religiosos, sanado em relação ao passado enquanto se fizer necessário, a falta da ereção canônica.

Confiamos que as Irmãs Missionárias de São Carlos, reconhecidas por esse novo benefício divino, empenhar-se-ão com ainda maior zelo no progresso em todas as virtudes, para procurar deveras e somente a Deus nas obras de caridade, na renúncia completa ao mundo e na obediência perfeita aos mandamentos, procurando só e verdadeiramente a glória de Deus na salvação das almas.

Dado no Rio de Janeiro, a 19 de maio, véspera de Pentecostes, do ano do Senhor de 1934.²³⁴

No relatório de fim de mandato, 1927-1935, foi abordada a paternidade da fundação que o documento de d. Aloisi Masella atribui a João Batista Scalabrini. Na parte conclusiva do relato consta a observação de que o decreto de 19 de maio de 1934 reconhece Scalabrini como fundador mesmo que o instituto tenha sido fundado pelo bispo de Piacenza a pedido de padre José Marchetti.

À observação segue-se um apelo de madre Assunta Marchetti às irmãs: *depois das declarações do referido decreto devemos abandonar, eu vos peço com insistência e interromper, se alguém o tem feito, qualquer investigação, que só pode suscitar discórdia, sobre o verdadeiro fundador de nossa congregação.* O pedido é acompanhado de breve histórico do início do instituto, destacando que as irmãs pioneiras foram recrutadas pelo padre José Marchetti. Por fim, a Superiora Geral pede às irmãs que considerem *encerrado o incidente.* O relatório conclui com um agradecimento a d. Aloisi Masella *pela*

²³⁴ ALOISI MASELLA, Benedetto. Decreto de reconhecimento da congregação sob o título de Missionária de São Carlos Borromeo (AGSS 1.4.4).

sua sábia e feliz atuação, que favoreceu a congregação das irmãs missionárias de São Carlos, sobretudo pelo reconhecimento e a aprovação do instituto e de suas constituições²³⁵.

O decreto de reconhecimento da congregação foi lido às irmãs quando da cerimônia de entrega oficial das constituições, a 26 de agosto de 1934. A ata de número 63 do livro de reuniões da direção geral registra que, em meio à *comoção geral*, d. Aloisi Masella procedeu à leitura do decreto e disse que o mesmo *fora por elle firmado na vigília de Pentecostes para implorar as bênçams do Divino Espírito Santo, de sua especial devoção*. Na circunstância o Visitador Apostólico recomendou às irmãs mscs que também cultivassem a devoção ao Espírito Santo²³⁶.

O mandato de madre Assunta Marchetti inclui entre tantas iniciativas a realização do Segundo Capítulo Geral do instituto, que começou a ser preparado no decorrer de 1934. A 7 de julho desse ano o cardeal Rossi escreveu a d. Aloisi Masella uma carta, autorizando-o a convocar o capítulo:

Examinando sua carta de 30 de maio próximo passado n. 12230 e enquanto manifesto a V. E. Revma. os sentimentos de minha profunda gratidão pelo bem que com tanta bondade prodigaliza ao Instituto das Irmãs Missionárias de São Carlos, comunico-lhe que nada impede da parte desta S. Congregação que convoque o Capítulo, conforme as novas Constituições, para a renovação dos vários encargos.

Seria, porém, meu desejo que o senhor mesmo, na qualidade de Visitador Apostólico, presidisse o Capítulo; é o primeiro após as reformas das Constituições e, com certeza será de capital importância para a vida e o desenvolvimento do Instituto. De qualquer modo desejo dizer-lhe, em caráter reservado, que esta S. Congregação não veria de bom grado, em razão dos precedentes entre Beneditinos e o Instituto e que não podem ser ignorado por V. E., que o Abade de São Bento em São Paulo presida o Capítulo, ainda que ele, chegado há pouco da Europa, seja novo ao ambiente.

V.E. queira levar às Irmãs quando estiverem reunidas em Capítulo, minha larga e fraterna bênção, com os votos de que o Senhor faça prosperar sempre mais a vida religiosos e ativa do Instituto, à exemplo da Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos que obteve, nestes últimos tempos, o particular privilégio do Senhor, dos votos religiosos, capazes de dar nova vida e incremento ao Pio Instituto. Entende-se que depois do Capítulo V. E. deverá continuar em sua função de Visitador Apostólico, passando essa informação ao mesmo Capítulo e se V. E. julgar necessário, também aos Revmos. Ordinários dos locais onde as irmãs possuem as suas casas...²³⁷

²³⁵ MARCHETTI, Assunta. *Relatório de 1934*, p. 30 (AGSS 1.5.4).

²³⁶ *LIVRO DE ATAS das reuniões do governo geral: 1929-1934*. Ara n. 63, 1934 9AGSS 1.12.1).

²³⁷ ROSSI, Raffaello C. *Lettera a Benedetto Aloisi Masella*. Roma, 7-7-1934 (Archivio del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

Formatado: Italiano (Itália)

Formatado: Italiano (Itália)

De acordo com a orientação recebida de d. Aloisi Masella, madre Assunta Marchetti enviou cartas às irmãs, pedindo-lhes muita oração, jejuns e sacrifícios para que o segundo Capítulo Geral, que devia ser realizado em janeiro de 1935, tivesse bom êxito:

Estamos num tempo em que necessitamos de muitas orações para o êxito feliz do Capítulo Geral. Por isso venho indicar-vos as orações seguintes:

- 1º - uma novena ao Espírito Santo.*
- 2º - Uma novena ao Sagrado Coração de Jesus.*
- 3º - Uma novena à Imaculada Conceição.*
- 4º - Uma novena a São Carlos.*
- 5º - Uma novena a São José.*

Em cada uma das novenas vos peço fazer um dia de jejum, três pequenas mortificações e sacrifícios para atraídes as bênçãos de Nosso Senhor.

Abusando ainda de vossa grande bondade em me atender, peço-vos mais.

Mandar celebrar algumas Santas Missas.

Uma em louvor ao Divino Espírito Santo.

Outra pelas nossas Irmãs falecidas, para que nos mande, do céu as graças de que necessitamos e as luzes necessárias.

Peço-vos, também junto ao meu conselho, a mais terna caridade entre vós para obtermos de Deus a graça de cumprir sua SS. Vontade.

Como deveis fazer o capítulo eleitoral não vos explicarei aqui, Irá a Revma. Madre Provincial em cada uma das casas e explicará como deveis fazer.

Desde já, porém, vos digo que o Capítulo Geral se reunirá para o final das eleições na primeira quinzena de janeiro.

Mais uma vez confiando na vossa grande bondade e satisfação em atenderdes aos pedidos que aqui vos faço, vos agradeço com profusão de alma.

Peço ao bom Deus que abençoe a cada uma de vós em particular...²³⁸

Apesar das providências tomadas surgiram contratemplos que impediram a realização do capítulo em janeiro de 1935. O relatório da direção geral cessante registra a propósito:

Quando estava prestes a se realizar aquele certame com a presença de todas as delegadas eleitas e representantes da província do Rio Grande do Sul, S.E. Revma. o Sr. Núncio Apostólico, não concordando com a interpretação que o Exmo. E Revmo. D. Abade de São Bento,

²³⁸ MARCHETTI, Assunta. Carta às Irmãs. Vila Prudente, São Paulo, 11-10-1934 (AGSS 1.5.4).

*nomeado seu Delegado, dera às Constituições no item que se refere a eleição das Irmãs delegadas a intervir no Capítulo e exigindo S. E. o Sr.Núncio apostólico a máxima observância daquelas disposições e o comparecimento do maior número de vogais, desprezando qualquer consideração de índole econômica, ordenou e mandamos proceder a novas eleições, retardando assim a reunião do Capítulo Geral*²³⁹.

O segundo Capítulo Geral realizou-se a 16 de março de 1935, um sábado, no orfanato ristóvão Colombo de Vila Prudente, em São Paulo, sendo presidido por d. Benedetto Aloisi Masella. O Capítulo reuniu 21 irmãs capitulares: madre Assunta Marchetti, superiora geral; irmã Angelina Meneguzzi, superiora provincial de São Paulo; irmãs Faustina Bosio, superiora provincial do Rio Grande do Sul; irmã Immaculada Mileti, irmã Camilla Dal Ri, irmã Lucia Gorlin, irmã Iгнеz Oricchio, conselheiras gerais; irmã Borromea Ferraresi, irmã Josephina Oricchio, irmã Bernardete Ugatti, irmã Gemma Magrin, irmã Affonsina Salvador, irmã Josepha Soares, irmã Nicolina Bolsan, irmã Clementina Zini, irmã Joaquina de Camargo, irmã Maria de ourdes Martins, irmã Vittorina Consoni, irmã Maria José Vasconcelos, irmã Elidia Fanti, irmã Scalabrina Bacchi.

O Capítulo iniciou com a celebração eucarística na capela do orfanato. Após o Veni Creator seguiu-se o momento eletivo. Depois de eleitas as escrutinadoras, irmãs Faustina Bosio e Josephina Oricchio e a secretária do Capítulo, irmã Maria José Vasconcelos, procedeu-se a eleição da superiora geral para o sexênio 1935-1941. No primeiro escrutínio obtiveram maior número de votos as irmãs Borromea Ferraresi e Lucia Gorlin. Em segundo escrutínio ambas receberam dez votos. Realizado o terceiro escrutínio irmã Borromea Ferraresi obteve 11 votos e Irmã Lucia Gorlin dez votos. Com esse resultado irmã Borromea Ferraresi foi proclamada superiora geral da congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo.

Em posterior votação o Segundo Capítulo Geral elegeu as quatro conselheiras gerais: vigária e primeira conselheira, irmã Lucia gorlin; segunda conselheira e secretária geral, irmã Josephina Oricchio; terceira conselheira e ecônoma geral, irmã Josephina Soares; quarta conselheira e superiora da comunidade de Vila Prudente, irmã Gemma Magrin. Irmã Angelina Meneguzzi, superiora provincial de São Paulo, foi confirmada na função dias depois da realização do Segundo Capítulo Geral, pela nova direção geral. Outros encargos foram renovados, como segue: superiora provincial do Rio Grande do Sul, irmã Immaculada Mileti; mestra de noviças, noviciado de Aparecida, Iгнеz Oricchio; mestra de noviças, noviciado de Bento Gonçalves, irmã Maria de Lourdes Martins.

O periódico La Fiamma, de São Paulo, em sua edição de 28 de março de 1935, ao informar sobre a realização do segundo Capítulo Geral, resume 40 anos de história da congregação das irmãs de São Carlos Borromeo, destaca a

²³⁹ MARCHETTI, Assunta. *Relatório de 1934*, p. 30 (AGSS 1.5.4).

*alegria de todas as irmãs pela feliz escolha do novo governo do instituto e traça breve perfil de madre Assunta Marchetti, a querida *mamma buona*, bem como das demais irmãs que assumiram as funções acima referidas. De madre Borromea Ferraresi, diz que a irmã nascera em Mantova, Itália, há 48 anos e fora educada no orfanato Cristóvão Colombo pelas primeiras irmãs mscs. Prosegue o articulista:*

A neo eleita Superiora Geral entrou no Instituto em 1911 e professou em 1913. Dirigiu a Escola de São Bernardo. Em 1914 foi destinada à nova casa de Bento Gonçalves, aberta em 1915.

Durante 20 anos Irmã Borromea espargiu naquela ridente cidadezinha todos os tesouros de bondade do seu grande coração. Professora, também de canto e de bordado – desde 1927 mestra de noviças, esta incansável Irmã escreveu seu nome de modo indelével nos anais civis e religiosos daquela florescente região. De uam energia e atividade incomuns, não conhece obstáculo nem temores quando se trata da glória de Deus e bem das almas. Inteligência vivaz, coração magnânimo.

Enérgica e ativa, amantíssima da Congregação e do Orfanato onde foi educada, saberá governar bem a sua família religiosa²⁴⁰.

Pelos seus resultados e desde sua preparação o Segundo Capítulo Geral foi, como predisse o cardeal Rossi, *de capital importância*, significando um novo e vigoroso impulso *para a vida e o desenvolvimento do Instituto*.

Durante o mandato de madre Borromea Ferraresi, época de hegemonia dos Estados Unidos sobre a América Latina, que passava por mudanças profundas enquanto a Europa deixava de ser o centro do mundo, a congregação foi audaciosa em sua expansão missionária. Além de inúmeras novas fundações no Brasil, em 1936 o instituto estabeleceu-se na Itália e em 1914 nos Estados Unidos, resultando com o início da internacionalização duas outras províncias, uma com sede em Piacenza e outra em Chicago.

A missão proposta por João Batista Scalabrini é universal. Ele próprio, impelido pelo zelo apostólico ultrapassou os limites da diocese de Piacenza, como reconheceu o papa Bento XV por ocasião do 10º aniversário de morte do Bispo. Ao evocar as virtudes de Scalabrini o Papa afirmou qua a caridade sobretudo, *moveu de tal maneira que tornou-lhe estreitos os confins de vasta diocese e impeliu-o a procurar nova grei junto aos distantes emigrados italianos...*²⁴¹

Chamada a desenvolver sua missão ao modo scalabriniano a congregação mscs, agora consolidada, com persuasão ampliava seu espaço pastoral. Aliás, essa firme vontade de expansão fora mais vezes manifestada, inclusive em carta de padre Francesco tirondola ao cardeal Rossi, datada de 5 de agosto de 1935. Na carta o Missionaria scalabriniano e grande benfeitor da congregação scalabriniana feminina, expressava sua

²⁴⁰ PORRINI, Carlo. *Il Capitolo Generale delle Missionarie di S. Carlo Borromeo*, op. cit., p. 2.

²⁴¹ BENEDETTO XV. *Lettera a d. Vicentini*. Vaticano, 30-6-1915 (AGSS 3019/4).

viva satisfação pela *calorosa insistência e o sério propósito das boas Religiosas Scalabrinianas de querer fixar suas tendas também na Itália*²⁴².

Apenas concretizando o propósito, com data de 3 de novembro de 1936, temos este outro registro no Livro 1º da história da província São José com sede em Piacenza, Itália, datada em 3 de novembro de 1936: *Após anos transcorrido nas missões retornaram do Brasil e se estabeleceram no local de onde partiram, um grupo de Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas.* Observa-se que desde o início de sua presença na Itália, nesse e em outros escritos as irmãs identificaram-se como *scalabrinianas* e a *missão que desenvolvem é reconhecida como obra scalabriniana das missionárias de São Carlos Borromeo.* Esses novos passos e outros que se seguiram serão matéria de aprofundamento e de posteriores pesquisas. O estudo da evolução histórica da congregação MSCS até aqui realizado evidencia, mais do que irregularidades e imprevistos, a potencialidade do carisma que sustenta a sua continuidade no tempo.

²⁴² TIRONDOLA, Francesco. Lettera a Raffaello Carlo Rossi. Bassano del Grappa, 5 Agosto 1935 (Archivio del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Prot. 514/25).

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O êxodo italiano que caracterizou o tempo de João Batista Scalabrini motivou o bispo a uma ampla e profunda análise da mobilidade humana, quer do ponto de vista individual e coletivo, quer nas suas implicações políticas e sócio-culturais, em especial o aspecto religioso-pastoral que estabeleceu a essencialidade da missão dos institutos que fundou em fins do século XIX como resposta à urgência de então e que se mantém até os nossos dias.

No contexto oitocentista três fatores tornaram importante a obra de Scalabrini: ter contribuído para aproximar igreja e realidade migratória; ter alertado sobre o persistir do fenômeno da mobilidade no tempo; ter indicado à família scalabriniana a dimensão universal de sua intransferível missão na igreja e na sociedade humana.

O ministério proposto pelo Bispo de Piacenza às instituições por ele fundadas abraçava três níveis: o humano, o cultural e o religioso. Ao assumir a atividade apostólica proposta os missionários scalabrinianos posicionaram de modo criativo diante dos desafios da migração, instituíram obras no campo educativo-cultural, sanitário e religioso, desenvolvendo uma ação criativa, pastoral e espiritual voltada ao novo quadro produzido pelo êxodo italiano.

A fidelidade ao carisma levou os scalabrinianos, a integrarem nas atividades pastorais, fé e compromisso social, o que favoreceu a transformação da sociedade na qual se inseriram apesar dos entraves políticos e das dificuldades criadas pela diferente visão pastoral de igrejas locais em determinadas terras de missão. Os missionários e as missionárias de São Carlos, scalabrinianos, vivendo eles próprios a experiência de êxodo contribuíram de maneira efetiva na promoção do imigrante e na modernização das sociedades com as quais entraram em contato.

Esta pesquisa mostra aspectos de como, na complementaridade própria da ação evangelizadora, o instituto scalabriniano feminino contribuiu para tornar fecundo o profetismo contido no projeto sócio-pastoral de João Batista Scalabrini. Salvo poucas exceções, nos quarenta primeiros anos de sua existência a congregação das irmãs missionárias de São Carlos foi resposta profética ao plano apostólico do Bispo de Piacenza.

A fisionomia religiosa e sócio-cultural da irmã mscs tomou forma na interação da missionária com o contexto onde atuou a partir de 1895. No orfanato Cristóvão Colombo em São Paulo e depois no interior paulista e no estado do Rio Grande do Sul a irmã missionária scalabriniana desenvolveu uma ação pastoral diferenciada, atenta à promoção integral do ser humano.

Ainda que o Cristóvão Colombo não tenha sido o primeiro estabelecimento na Paulicéia a abrigar órfãos, a instituição ideada pelo missionário scalabriniano padre José Marchetti foi inovadora no campo da educação, distinguindo-se pela aprimorada formação profissionalizante e pelo

ambiente de família, saudável e humanizado que madre Assunta Marchetti e irmãs pioneiras ajudaram a concretizar.

Religiosas de vida ativa por vocação, inserida no meio social paulista e depois em núcleos de colonização italiana no Rio Grande do Sul as irmãs missionárias de são Carlos, scalabrinianas, adquiriram uma identidade religiosa-apostólica formalizada nos diversos textos normativos que orientaram a vida do instituto nas primeiras quatro décadas de sua história.

Desde outubro de 1895 quando padre José Marchetti reuniu as primeiras irmãs e as acompanhou a Piacenza onde ocorreu a fundação do instituto, até janeiro de 1934 quando o Papa Pio XI aprovou *ad experimentum* as novas constituições da congregação, a instituição teve um relativo progresso, mas precisou superar sucessivos contratemplos. O pontificado de Pio XI, rico de significado para a igreja, foi também para a fundação scalabriniana feminina favorecida pelo decreto papal que a legitimou como instituto religioso de direito pontifício.

De modo geral, no exercício de seu ministério as irmãs missionárias de são Carlos, scalabrinianas, demonstraram capacidade de adaptação e interagiram junto à sociedade brasileira, constituindo-se presença incisiva, apta a enfrentar condicionamentos e manter-se em diálogo capaz de provocar mudanças orientadas à vivência da fé e à promoção integral de imigrantes e seus descendentes estabelecidos no Brasil. Por outro lado, em algumas circunstâncias, a improvisação, uma insuficiente formação e crises internas travaram o desenvolvimento do instituto.

Essas e outras constatações positivas e negativas enquadram-se na conclusão: a eficácia da ação pastoral da congregação das irmãs missionárias de são Carlos realizada entre 1895 e 1934 em meio a limitados recursos e a inúmeros desafios, evidência a incontestável força do carisma scalabriniano.

**Irmãs Missionarias de
São Carlos Borromeo – Scalabrinianas**

[Via Monte del Gallo, 68](#)

00165 – Roma Itália

www.scalabriniane.org

Formatado: Italiano (Itália)

